

Universidade de Lisboa  
Faculdade de Letras



**A gruta artificial das Lapas (Torres Novas).  
Contributo para o conhecimento das práticas  
funerárias dos 4º e 3º milénios a.n.e. na  
Estremadura Portuguesa.**

Cátia Saque Delicado Olivares Vagueiro

Tese orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Catarina de Freitas  
Alves Bravo de Sousa, especialmente elaborada para a  
obtenção do grau de mestre em Arqueologia.

*(Dissertação)*

Volume I

2016



«O passado é um imenso pedregal que muitos gostariam de percorrer como se de uma autoestrada se tratasse, enquanto outros, pacientemente, vão de pedra em pedra, e as levantam, porque precisam de saber o que há por baixo delas»

José Saramago em *A Viagem do Elefante*



## **I. Agradecimentos**

Durante o percurso percorrido até ao resultado final, aqui presente, várias pessoas surgiram no meu caminho. Todas elas com algum tipo de contribuição intelectual ou simplesmente amigável.

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Catarina Sousa, minha orientadora. Alguém que considero mais que uma professora, uma amiga. Amiga com quem sei que posso sempre contar, nos melhores e piores momentos. Obrigada por toda a sua ajuda, conselhos e conhecimentos.

Ao Prof. Doutor Victor S. Gonçalves pelas ideias prestadas. Por incutir nos seus alunos rigor na investigação e por partilhar o seu gosto pelo conhecimento connosco.

Ao Dr. Rui Boaventura pela companhia nos longos meses de inverno passados na sala de investigadores externos. Mesmo que em cantos extremos da mesma sala, tornou a investigação menos solitária. À Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Silva e Dr.<sup>a</sup> Teresa Ferreira pela importante ajuda no estudo antropológico. Um especial obrigada também a Raquel Granja pelo esclarecimento de questões e sugestões.

Aos amigos de longa data e aos mais recentes.

Ao Dr. Fernando Real, a quem agradeço o sincero interesse pelo meu trabalho e todas as ajudas. As análises aos materiais, informações de campo inéditas, ideias e soluções. Sem dúvida um dos meus maiores apoios durante este percurso. Alguém a quem, com alegria e muito orgulho, chamo de amigo.

Em especial à Paula Bivar, pelos desenhos desta tese. Pela companhia nos museus. Pelas ajudas informáticas. Pela nossa verdadeira amizade, já de 10 anos. Muitos ficaram pelo caminho, mas tu percorreste-o ao meu lado. Ao Coronel Bivar de Sousa pelo seu interesse em ajudar, pelo seu conhecimento e pela sua boa disposição.

À Xana, por me acompanhares nas aventuras de férias. Por me receberes sempre de braços abertos e sorriso sincero.

À Beatriz e ao Álvaro, pelos nossos momentos bem passados. À Beatriz pela companhia nas consultas dos infindáveis processos e eterna companheira nas horas de almoço. Ao Álvaro, pela companhia e por acreditar em mim. Pela vossa amizade.

À Andreia Lima por me deixar lavar a vista noutros materiais. Pela companhia e horas de conversa no MNA, com a D. Helena.

À D. Helena pela sua bondade e amizade sincera, mesmo que se engane sempre no meu nome.

Importa agradecer às Instituições e pessoas que as constituem. Todos acabaram por ter um papel nesta caminhada.

Ao Museu Nacional de Arqueologia, na pessoa do Sr. Prof. Doutor António Carvalho, director desta Instituição. A quem agradeço a confiança depositada em mim e a facilidade de acesso aos materiais. Sei que fui mais do que uma investigadora externa. À Dr.<sup>a</sup> Luísa Guerreiro, do inventário, pelas vezes interrompeu o seu trabalho para responder às minhas questões. À Dr.<sup>a</sup> Ana Melo pela companhia nas horas de procura das fotografias de Manuel Heleno. Ao Carlos Alves, pelos conselhos, ajudas e companhia no Museu. À D. Carmo da biblioteca, a quem tantas vezes pedi a nossa “bíblia” para consulta.

Ao Museu Municipal Carlos Reis, em Torres Novas, na pessoa da Dr.<sup>a</sup> Margarida Moleiro, directora desta Instituição. Todo o seu apoio, interesse e carinho sincero. À Dr.<sup>a</sup> Catarina Nascimento, que sempre me recebeu e esclareceu as minhas questões.

À Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC), em especial à Biblioteca de Arqueologia. À Dina, pela companhia nos meses ali passados. Pela ajuda na procura de monografias fantasma. Pelas dicas, conversas, desabafos e amizade. À Fernanda, pela companhia até às 20h00. Por se prontificar a tentar arranjar monografias Sardenhas e por todo o seu trabalho. Ao Fernando, que, embora reservado, sempre me fazia rir e arrumou durante meses as “minhas” pilhas de livros. Aos três, muito obrigada pelo vosso trabalho, amizade, companheirismo e compreensão.

À Filipa Neto e ao Sr. Victor, pelas autorizações aos muitos processos consultados durante meses. Em especial ao Sr. Victor por procurar comigo outros locais com hipogeus.

Ao Dr. João Marreiros (Universidade do Algarve), pela ajuda na análise traceológica. Pelo seu interesse, paciência e pela transmissão de conhecimentos.

À Cleia, que de Professora passou a amiga. Por toda a tua ajuda, conhecimento, contactos, bondade e humildade.

Por fim à minha família. À minha mãe, por tudo. Por não me ensinar a desistir, mas a lutar, dentro dos valores que me incutiu. Ao meu pai, pelas ajudas, especialmente em trabalho de campo. Ao meu irmão, pelo carinho. Pelo trabalho de fotografia e edição de cada uma das fotos dos artefactos das Lapas. À minha irmã, pelas ideias e pelos livros que me enviou do outro lado do Atlântico. À Sara, que também faz parte da família, por todas as horas de companhia e alegria.

## II. Resumo

O presente trabalho tem como objectivo a análise dos materiais recolhidos durante as escavações do hipogeu das Lapas, enquadrando o local no panorama das práticas funerárias do 4º e 3º milénio a.n.e.

Procurou-se ainda reconstituir a estrutura funerária de onde provieram restos osteológicos humanos e diversos artefactos. No caso de escavações antigas, como é o caso do hipogeu das Lapas, o recurso aos cadernos de campo e fotografias do arquivo pessoal de Manuel Heleno, tornaram-se essenciais.

O hipogeu das Lapas foi escavado entre Junho e Setembro de 1935, em Torres Novas, na pequena freguesia de Lapas. Primeiro pelo Padre E. Jalhay e depois por Manuel Heleno. Do sepulcro foram exumados seis indivíduos, determinados pelo estudo antropológico realizado. O conjunto artefactual conta com cerca de 400 elementos. Estão assim presentes na indústria de pedra lascada, lâminas (elaboradas sobre as técnicas de pressão e percussão), lamelas, geométricos, uma alabarda e punhais em sílex. Em pedra polida surge a presença de enxós, machados, um formão, um escopro e uma goiva de pequenas dimensões. Relativamente aos elementos de adorno, este é um conjunto vasto, constituído por mais de 200 contas. Existem no conjunto contas de colar elaboradas sobre concha, azeviche, calcite e calcário detrítico, que demonstram a existência de contactos com áreas costeiras e conhecimento do ambiente regional onde a necrópole se insere. Os artefactos votivos representados por placas de xisto e grés, enxó encabada em calcário e figuras de lagomorfos testemunham contactos com o Alentejo e Estremadura. Estão presentes dois vasos hemisféricos e dois elípticos. A fraca ocorrência cerâmica encontra paralelos com os hipogeus Alentejanos. O motivo desta ausência ainda necessita de ser compreendido.

**Palavras-chave:** Neolítico-final; Calcolítico inicial; Maciço Calcário Estremenho; Hipogeu; Práticas funerárias;

## III. Abstract

This study analyzes the materials collected during the excavations of the hypogeum of Lapas, within the context of the funerary practices of the 4th and 3rd millennium B.C.E. Efforts were also made to reconstruct the funerary structure in which the human osteological remains and many artifacts were found. In the case of old excavations, such as the Hypogeum of Lapas, the use of field notes and photographs from the personal archives of Manuel Heleno become essential.

The Hypogeum of Lapas was excavated between June and September of 1935, in Torres Novas, in the small town of Lapas. First by Father E. Jalhay and later by Manuel Heleno. Six individuals were exhumed from the grave, as determined by the anthropological study done at the time. The artefactual group has about 400 elements, attesting the presence of the chipped stone industry such as, blades (produced by pressure and percussion

techniques), geometric, a halberd and daggers in flint. Among the findings were also artifacts in polished stone, such as, adzes, axes, chisels and a small gouge. In addition to stone artifacts, the collection includes a vast array of ornamental elements, consisting of more than 200 beads. Among them, there are necklace beads made out of shell, jet, calcite and detrital limestone, which demonstrate the existence of contacts with coastal areas and knowledge of the regional environment where the necropolis is located.

The votive artifacts represented by shale and sandstone plates, adze encased in limestone and lagomorphs figures testify to contacts with the Alentejo and Estremadura.

Two hemispheric vessels and two elliptic ones are also present in the array. The scarcity of ceramic artifacts finds parallels with the hypogeums in Alentejo. The reason for this absence is still unknown.

**Keywords:** Late Neolithic; Early Chalcolithic; Limestone Massif Estremenho; Hypogeum; Funerary practices;

# Índice

## PARTE 1

### AS LAPAS

1. Introdução	10
2. Metodologia	11
3. Historia das investigações	12
3.1. O hipogeísmo em Portugal	12
3.2. O sítio da necrópole das Lapas	17
3.2.1. A descoberta e as recolhas de E. Jalhay	17
3.2.2. As escavações de Manuel Heleno	20
3.2.3. Estudos e revisões dos trabalhos	23
4. Lapas no Maciço Calcário Estremenho	25
4.1. Enquadramento geográfico	25
4.2. Contexto arqueológico	26
5. Uma aproximação à arquitectura sepulcral das Lapas	30
6. Deposições funerárias	31
6.1. A única interpretação possível?	31
6.2. Análise Antropológica: Inumações primárias ou secundárias?	32
7. Espólio funerário	33
7.1. Pedra Lascada	33
7.1.1. Lâminas e lamelas	33
7.1.2. Geométricos	34
7.1.3. Pontas de seta	40
7.1.4. Grandes pontas foliáceas	44
7.1.5. Matéria-prima: utilização e proveniência	47
7.2. Pedra Polida	53
7.2.1. Machados	55
7.2.2. Enxós	56
7.2.3. Goivas	58
7.2.4. Escopro e formão	60
7.2.5. Matéria-prima: utilização e proveniência	61
7.3. Cerâmicas	62
7.3.1. Vasos em calote	64
7.3.2. Vasos de boca elíptica	65
7.4. Indústria óssea utilitária	66
7.4.1. Furador	68
7.5. Elementos de adorno	68
7.5.1. Contas de colar	69
7.5.2. Alfinetes de cabelo e cabos de instrumento	72

7.5.3. Pendente	73
7.5.4. Matéria-prima: utilização e proveniência	74
7.6. Artefactos e objectos votivos	76
7.6.1. Placas de xisto e grés	76
7.6.2. Enxó de calcário	82
7.6.3. Esfera calcária	84
7.6.4. Lagomorfos	86

## PARTE 2

### AS LAPAS E O HIPOGEÍSMO NO CENTRO SUL DE PORTUGAL

8. Práticas funerárias hipogeicas do 4º e 3º milénio a.n.e.	90
8.1. Os hipogeus no actual território português: tipologia sepulcral	90
8.1.1. Estremadura	92
8.1.2. Alentejo	98
8.1.3. Algarve	101
8.2. Deposições funerárias	105
8.2.1. Estremadura	105
8.2.2. Alentejo	108
8.2.3. Algarve	112
8.3. Espólio funerário	114
8.3.1. Estremadura	114
8.3.2. Alentejo	117
8.3.3. Algarve	119
9. Regresso ao passado: Conclusões sobre o hipogeu das Lapas	121
10. Referências Bibliográficas	124
11. Anexos	Volume II

# PARTE 1

## AS LAPAS

### 1. Introdução

A escolha do presente tema de dissertação de mestrado resultou do meu percurso académico durante a licenciatura onde desenvolvi um especial interesse na temática das práticas funerárias das antigas sociedades camponesas do 4º e 3º milénios. O estudo que efectuei aquando do meu Seminário de Arqueologia (Os Lagomorfos nas necrópoles de Torres Vedras) foi especialmente importante para a escolha do tema (sepulcros e Megalitismo) e área geográfica (Estremadura).

Sendo evidente que existem ainda muitos sítios e contextos esquecidos e não publicados, procurei seleccionar uma necrópole pouco estudada na Estremadura, tendo escolhido as Lapas (Torres Novas) após tomar conhecimento deste sítio através de Marco António Andrade (a quem se agradece). Partindo das Lapas procurei fazer uma revisão sobre as grutas artificiais no território português. Assim, a presente tese estrutura-se em duas partes. A primeira centra-se no estudo exaustivo das Lapas. A segunda parte aborda e compara estruturas, deposições e espólio funerário, entre as três áreas regionais onde surgem hipogeus: Estremadura (Alta e Baixa), Alentejo (Alto e Baixo) e Algarve.

A primeira parte contém sete capítulos. O primeiro, destinado à apresentação sumária do conteúdo de cada um dos restantes. O capítulo 2, explana as metodologias e critérios descritivos adoptados para a análise dos materiais recuperados do sepulcro, por Jalhay e Manuel Heleno. O capítulo 3, subdividido em dois, destina-se à História das Investigações. Primeiro sobre o hipogeísmo em Portugal (capítulo 3.1) e o segundo sobre as investigações no hipogeu das Lapas (capítulo 3.2). Este último aborda ainda as descobertas e recolhas de Jalhay (capítulo 3.2.1), escavações de Manuel Heleno (capítulo 3.2.2), e estudos de outros investigadores, já efectuados sobre o hipogeu (capítulo 3.2.3). Sobre o hipogeísmo em Portugal, procurou-se fugir um pouco à tradicional abordagem: origem e difusão do hipogeísmo. Optou-se por reconstruir a história das descobertas destas estruturas em Portugal, ao longo do tempo. Relativamente às investigações sobre o sepulcro, analisaram-se e descreveram-se os trabalhos de E. Jalhay e de Manuel Heleno. Analisam-se ainda os cadernos de campo de Manuel Heleno, detectando algumas discrepâncias entre o que é descrito, e o que efectivamente existe. O capítulo 3.2.3, analisa todas as investigações e abordagens feitas ao sepulcro, desde a sua identificação até ao mais recentemente efectuado estudo sobre as pedras verdes.

O capítulo 4, enquadra o hipogeu na área do Maciço Calcário Estremenho geológica (ponto 4.1.) e arqueologicamente (ponto 4.2). Na vertente arqueológica é feita uma análise das ocupações do 4º e 3º milénios a.n.e. no Maciço.

Com base nas fotografias de Manuel Heleno e registos escritos nos seus cadernos de campo, tentou-se uma aproximação àquela que seria a estrutura sepulcral das Lapas (capítulo 5).

O capítulo 6, encontra bases num estudo antropológico com o apoio da Prof.<sup>a</sup> Ana Maria Silva e em fotografias de Manuel Heleno. Este capítulo (pontos 6.1 e 6.2) resulta do confronto de fotografias e registos escritos, com aquilo que foi possível aferir no estudo antropológico.

Capítulo 7 aborda os materiais recuperados. Estão presentes indústrias de pedra lascada, polida, cerâmica, elementos de adorno e artefactos do sagrado.

A segunda parte da tese, intitula-se *As Lapas e o hipogeísmo no Centro e Sul em Portugal*. O capítulo 8, aborda as tipologias sepulcrais, deposições funerárias e espólio funerário das três áreas regionais detectoras de hipogeus: Estremadura, Alentejo e Algarve. Trata-se de uma análise global que procura comparar as diversas realidades estabelecendo ligações entre regiões e possíveis influências.

O último capítulo, o 9, interpreta o que foi o hipogeu das Lapas. Trata-se de uma reflexão sobre tudo o que foi escrito sobre esta estrutura e a sua possível relação com outras.

## **2. Metodologia**

Para a análise das diversas tipologias artefactuais, foram seguidas metodologias de outros autores, de referência para esta temática.

Para o estudo das lâminas, lamelas, pontas de seta e grandes pontas foliáceas bifaciais foram seguidos os parâmetros utilizados por Ana Catarina Sousa utilizados na sua tese de Doutoramento (Sousa, 2009). No caso das grandes pontas foliáceas bifaciais os critérios utilizados por Ana Catarina Sousa derivam das bases de análise propostas por Forenbaier (1999). Os micrólitos geométricos foram analisados segundo os critérios estabelecidos e utilizados por Victor S. Gonçalves na monografia sobre a gruta natural do Poço Velho (Gonçalves, 2008).

Para a categoria de pedra polida, em que foram analisados machados, enxós, formões, goivas e escopros foram também utilizados os critérios de Ana Catarina Sousa para o Penedo do Lexim (Sousa, 2009). No entanto, na análise das enxós, foram contemplados os parâmetros de análise, específicos da geometria do gume (traçado superior e inferior), estabelecidos por Victor S. Gonçalves na análise das enxós de Porto Covo (Gonçalves, 2008b).

Os elementos de adorno pessoal foram agrupados em contas de colar, pendente, alfinetes de cabelo e cabos. As contas de colar seguiram os parâmetros de análise de Ana Catarina Sousa (Sousa, 2009). Por existirem várias peças com o mesmo número de inventário, geralmente agrupadas por semelhança de material, foram atribuídos códigos alfanuméricos, como forma de individualização. Em relação ao colar de contas em xisto, este, foi agrupado artificialmente. No entanto, todas as contas que o compunham foram analisadas na sua individualidade. O pendente de dente de *canis* perfurado, furador em osso, alfinetes e cabos foram observados segundo os critérios também usados para Poço Velho (Gonçalves, 2008).

As placas de xisto seguiram a metodologia descritiva utilizada no projecto *Placa Nostra*, descritos na monografia sobre *As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a.n.e.)* (Gonçalves, 2005). A esfera calcária e os lagomorfos, os parâmetros estabelecidos em Poço Velho (2008).

Em todas as listagens foi adicionado o parâmetro referente ao número de registo antigo. A maioria das peças possui dois códigos. A numeração mais antiga, adoptada pelo Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), utiliza 40.325 (sendo certo que 40. é a variante estável e 325 a variante móvel, que altera de peça para peça). A mais recente empregue pelo mesmo museu utiliza os numerais 2003.168.75. As duas primeiras ordens, estáveis e invariáveis, correspondem ao sítio arqueológico. O exemplo dado, 75, restringe-se ao artefacto. Em Torres Novas, os artefactos foram inicialmente marcados com o código “Lapas nº...”. A nova inventariação pode ser identificada através da legenda “MMTN” seguida do número referente à peça.

### **3. Historia das investigações**

#### **3.1. O hipogeísmo em Portugal**

O fenómeno do hipogeísmo deve ser analisado à escala do mundo mediterrâneo. Estas grutas escavadas na rocha, que muitas vezes apresentam corredor, clarabóia, ou até mesmo câmara dupla, ingressam uma corrente megalítica com proveniência e influências da área mediterrânica. Estes monumentos abarcam características arquitectónicas comuns, apesar da existência espectável de regionalismos, bem como práticas funerárias igualmente comuns desde a região do Levante até ao ocidente peninsular. A partir do Neolítico, os espaços de morte começaram a ser idealizados, pensados e realizados com o intuito de serem monumentalizados.

Numa perspectiva de leitura holística, o estudo do hipogeísmo tem de ser articulado com o estudo do megalitismo ortostático peninsular (Gonçalves, 2009, p. 239). Contudo por vezes, surgem-nos monumentos mistos, que utilizam a escavação da base da sepultura em rocha branda e a cobertura da mesma como é passível de se verificar em Arles (França), ou até mesmo no Sul português, de lajes para cobertura da cripta, possivelmente em forma de mamoa, como o caso do hipogeu da Barrada (Aljezur), Monge (Sintra) (Ribeiro, 1880), Praia das Maças (Sintra) e o hipogeu (estrutura 5) do Outeiro Alto 2 (Borges, 2009, p. 22; Leisner *et al*, 1969; Silvério *et al*, 201, p. 59). Na costa norte espanhola destaca-se a grande diversidade tipológica de estruturas funerárias que de certo modo, utilizam características das grutas artificiais como “ (...) cuevas-dolmen y los paradólmens ou abrigos sepulcrales com câmaras megalíticas(...)” (Mercadal *et al*, 2005, p. 672).

Estima-se que os hipogeus sejam um fenómeno que eclodiu simultaneamente, com dois principais focos no Mediterrâneo Oriental e Central. As estruturas mais antigas parecem ser as do Levante, com inícios no 5º milénio a.n.e., destinando-se ao sepultamento de relativamente poucos indivíduos, passando rapidamente a enterramentos colectivos já no 4º milénio.

Em Portugal, França e Espanha, este tipo de monumentos partilha o final do 4º milénio enquanto momento inicial da sua construção e utilização. Pode-se afirmar que não só a nível arquitectónico como a nível estrutural, as construções encontradas em Portugal são relativamente simples, não atingindo o nível de complexificação verificado na Sardenha, onde existem hipogeus que se assemelham a habitações (sendo visíveis portas, colunas, pilares e janelas). Em Barcelona, o hipogeu de Costa de can Martorell, escavado em rocha granítica junto de cursos de água, apresenta uma entrada com pilares com características que remetem para monumentos ortostáticos, de forma semelhante ao hipogeu 5 da Sobreira de Cima (Mercadal *et al*, 2005, p. 672-673; Valera, 2013).

Estruturalmente, sabemos que os hipogeus se dispõem isoladamente ou em grupos. No nosso país encontramos o máximo de 13 estruturas da mesma tipologia (Monrinhos 6) (Baptista e Gomes, 2011), enquanto em Cucurru S'Arriu (Sardenha) existem necrópoles com mais de cinquenta estruturas da mesma tipologia associadas (Contu, 2000, p. 341).

A primeira estrutura hipogeica identificada em Portugal e na Península Ibérica refere-se ao complexo funerário das grutas artificiais da Quinta do Anjo (Palmela), em 1876 por António Mendes e José Agostinho da Silva (Soares, 2003; Ribeiro, 1880). A primeira menção à sua existência é feita por Carlos Ribeiro (1880), ao descrever o monumento funerário do Monge e Folha das Barradas (Sintra), onde revela similitudes a nível artefactual e arquitectónico.

O hipogeísmo foi sempre envolto em discussões, incertezas e questões. Em 1880, Carlos Ribeiro publica, *Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*, onde descreve uma estrutura de câmara circular (*tholos* do Monge), associada a um vestíbulo de grandes dimensões (cerca de 6 metros) (Ribeiro, 1880, p. 74). Certo é que, Carlos Ribeiro afirma que tanto quanto à tipologia do monumento quanto aos materiais lá encontrados, este lhe lembrava aos hipogeus de Palmela, contudo, nunca afirmou, que, achava igualmente que este se tratava de um.

Enquanto descreve o *tholos* do Monge, Carlos Ribeiro menciona a existência de um sítio que “tanto pela sua forma como pelo seu modo de ser, pareceu-nos novidade como monumento (...).É uma caixa aberta no solo natural formado de calcário branco e marnes verdoengos, com cerca de dezanove metros de comprimento (...)” (Ribeiro, 1880, p. 78), referindo-se à gruta artificial de Folha de Barradas (Sintra). Estudos posteriores de 1921 (Nils Aberg) interpretam Monge como resultado de uma estrutura intermédia entre grutas artificiais e *tholos*, e em 1988, Rivero Galan classifica este monumento como gruta artificial. Felizmente com o conhecimento disponível hoje, podemos afirmar que a gruta artificial do Monge, na verdade é um *tholos*, e se assemelha ao de Paimogo e Alcalar.

O primeiro inventário geral sobre as grutas artificiais da Península Ibérica foi efectuado por Berdichewsky (1964). O autor tentou sistematizar arquitecturas e

cronologias, de acordo com um padrão evolutivo. O estudo serviu indiscutivelmente de base ao trabalho de Rivero Galan (1988) também sobre as grutas artificiais peninsulares (Berdichewsky, 1964, p. 16). Como referido, no início das identificações deste tipo de estruturas, surgiram diversas teorias, nomeadamente a dos irmãos Siret, que associava estas a estruturas a áreas habitacionais (silos) (Idem, 1964, p. 14). Berdichewsky menciona os achados de Acebuchal e Campo Real (Espanha), comparando-os aos de Aljezur, Torre de Frades e Arrife, como sendo realidades semelhantes e que se associam a silos, mas que estes, na realidade, se poderiam tratar de sepulcros e ossários (Berdichewsky, 1964, p. 14-15). A confirmação desta teoria, veio pouco depois ser certificada através da descoberta das grutas artificiais de La Marne, que se faziam acompanhar de silos com enterramentos. Situação que, aliás, se conhece em Portugal, como seria o caso das Lapas, e Outeiro Alto 2 (Serpa) (Valera e Filipe, 2012) e Redinha (Pombal) (Rocha, 1908).

Os primórdios das investigações das grutas artificiais centraram-se em Portugal, principalmente porque grande parte destas estruturas aparecia sucessivamente junto do estuário do Tejo. Constituindo novidades arqueológicas à época, as grutas de Palmela, Alapraia e Carenque deixaram em êxtase os investigadores que julgavam ser um tipo de construção característica da Estremadura Portuguesa, dado as escassas presenças na região espanhola.

A partir dos anos 30, período entre guerras, despoleta-se a identificação destas estruturas em Espanha, demonstrando que este se tratava de um fenómeno mais vasto do que inicialmente se pensava. O aparecimento da necrópole de Alcaide e Loma de los Peregrinos (Múrcia) (desviou a atenção de Portugal, trazendo novas questões e hipóteses. É em 1958 que, surge pela primeira vez a ideia de que as grutas artificiais possam não ter origem na Estremadura Portuguesa, mas no mediterrâneo oriental, sendo este o seu foco principal com dispersão marítima para a zona da Andaluzia, Algarve e zona do Tejo. Esta teoria de Almagro foi bem aceite, chegando rapidamente outros investigadores à mesma conclusão (Berdichewsky, 1964, p. 15-16).

Nils Aberg (1921, p. 23-24) inseriu as grutas artificiais como sendo uma variante do fenómeno megalítico, aproximando-se da linha de pensamento evolutivo em que hoje se acredita. Contudo autores como Nieto e Pellicer negavam qualquer vinculação das mesmas com o megalitismo (Galan, 1988, p. 17).

Durante muito tempo se aplicou a ideia de que os *tholoi* eram anteriores às grutas artificiais e que monumentos como o *tholos* do Monge e gruta semiartificial de Los Millares, se tratavam de arquitecturas mistas que retratavam a transição das estruturas de base pétreas e conseqüente adopção de estruturas escavadas na rocha, indicando que estas, ao contrário dos *tholoi*, não representavam divisões sociais estando ao alcance de todos (Galan, 1988, p. 18). Berdichewsky propõe que durante a sua expansão marítima, na zona do Guadalquivir, a corrente de grutas artificiais se haveria cruzado com a dos enterramentos em silos, dando origem a monumentos com corredor de entrada tipo silo (como os verificados em Alventus e Rota, em Espanha, Outeiro Alto 2 ou Sobreira de Cima, em Portugal) (Berdichewsky, 1964, p. 77; Galan, 1988, p. 20; Valera e Filipe,

2012; Valera, 2013), e posteriormente a estruturas ditas mistas como o Monge e Los Millares.

Durante o período compreendido entre 1960 e 1990, a investigação sobre as grutas artificiais abre-se em diversas linhas de pensamento. Autores que, anteriormente negavam uma relação entre hipogeus e o megalitismo (entendido à época pela manifestação de monumentos ortostáticos, enterramentos em grutas naturais e *tholoi*), como Pellicer, passam a aceitar a hipótese de contemporaneidade entre os dois (Berdichewsky, 1964, p. 17).

A diversidade cronológica dos sepulcros encontrados em Portugal, que recuavam até ao Neolítico final local, a associação de uma gruta artificial a um *tholos* (Praia das Maçãs), e a presença de uma gruta do Neolítico e outra do Calcolítico em São Pedro do Estoril, levaram os investigadores a aceitar progressivamente uma origem construtiva patente nos finais do 4º milénio a.n.e. (Galan, 1988, p. 24-26). Se em alguns pontos os diversos investigadores cessaram (ou pelo menos entorpeceram) discussões, noutros temas, como o da associação de silos a grutas artificiais, essas mantiveram-se. Também em temas como a origem intencional ou não, e funcionalidade das clarabóias presentes nas grutas tipo «coelheira», as discussões se mantiveram acesas durante algum tempo. Se alguns entendiam estas aberturas como erros decorrentes da elaboração do sepulcro, outros interpretavam-nas como um regionalismo característico da Estremadura Portuguesa.

A discussão manteve-se, afirmando alguns, que as estruturas detentoras de clarabóia eram mais antigas que as sem qualquer abertura, e que imitavam os *tholoi*, ignorando a cronologia do material arqueológico ali encontrado, como se a arquitectura e o espólio pudessem na totalidade ser dissociáveis (Galan, 1988, p. 20-23).

Na história das investigações destas estruturas a primeira a ser identificava na Península Ibérica, como havia sido mencionado, foi o complexo de grutas da Quinta do Anjo (Pamela, 1876), seguindo-se Torre de Frades (Algarve, 1876), Folha das Barradas (Sintra, 1878), Aljezur, Torre e Arrife (Algarve, 1880) Alapraia (Cascais, 1889), monumento da Praia das Maçãs (Sintra, 1927), Baútas (Amadora, 1934), Carenque (Amadora, 1932), Lapas (Torres Novas, 1935), Ermegeira e Quinta das Lapas (Torres Vedras, 1939), Ribeira Branca e Ribeira de Crastos (Torres Novas e Caldas da Rainha, 1940), Casal da Lapa (Torres Vedras, 1941), S. Pedro do Estoril (Cascais, 1944) Capuchos II (Setúbal, 1951) Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras, 1951), Samarra (Sintra, 1958), Monte do Castelo (Oeiras, 1969), Bolores (Torres Vedras, 1986) S. Paulo 2 (Almada, 1988) (Heleno, 1935a, 1935b; Heleno, 1939; Leisner e Leisner, 1951, p. 145, Berdichewsky, 1964, p. 23-25, 64; Gonçalves *et al*, 2004; Jordão e Mendes, 2006/2007; Barros e Espírito Santo, 1997, p. 217).

Distinguem-se dois momentos na investigação em Portugal sobre esta temática. Os monumentos escavados no despertar da arqueologia portuguesa, de onde resultou escassa ou nula informação sobre algumas grutas, como é o caso da de Aljezur, Torre dos

Frades, Samarra ou até mesmo as Lapas. A grande sede de conhecimento e cobiça pela posse de antiguidades destruiu muito do conhecimento que actualmente poderíamos vir a possuir sobre estes locais, acabando muitos materiais por ficar esquecidos em museus ou mesmo na posse de particulares, principalmente na primeira metade do século XX. Alguns deles como é o caso do possível hipogeu de Pêra, no Algarve, cuja quase totalidade do espólio se desconhece, sendo apenas conhecidos ídolos betilos, foram completamente destruídos sem que nenhuma memória (ou muito pouca) deles restasse. Deste modo, a primeira fase de descoberta deste tipo de estruturas destaca-se por perdas significativas de informação e na maior parte dos casos desconhecimento sobre o paradeiro dos materiais. A mudança de mentalidades é algo que ocorre progressivamente e com o tempo. No caso das Baútas, lamentavelmente, a informação é praticamente inexistente (tirando os cadernos de campo de Manuel Heleno que pouco revelam). No entanto destacam-se os exemplos de Carenque, Quinta do Anjo, Alapraia, São Pedro do Estoril e Praia das Maçãs, que, apesar de escavados nos inícios da arqueologia portuguesa, foram estudados num momento imediato.

O segundo momento da investigação portuguesa refere-se à escavação de grutas artificiais a partir dos anos 90 do século XX. Este novo tipo de conhecimento foi despoletado maioritariamente no contexto de arqueologia de salvamento, decorrente de grandes obras de empreendedorismo, realizadas principalmente na área alentejana.

A construção da infra-estrutura da Barragem do Alqueva, veio proporcionar ao meio arqueológico uma segunda perspectiva da ocupação humana em área alentejana, principalmente no que concerne a estruturas funerárias de extrema importância (Rocha, 2016, p. 168-169).

Até ao ano de 2006 eram desconhecidas na área Alentejana estruturas tipo hipogeu do Neolítico e Calcolítico (Valera *et al*, 2014, p. 70). A construção da Barragem modificou em larga escala a percepção da realidade arqueológica Alentejana, principalmente no Distrito de Beja. A execução de empreendimentos de grande envergadura, apesar de permitirem a realização de uma arqueologia de salvamento, continuam a ser os maiores impulsionadores e geradores de conhecimento sobre as realidades, permitindo aprofundar problemáticas contextuais de forma mais abrangente, apesar dos condicionalismos ambientais e humanísticos a que estão sujeitos (Valera *et al*, 2014, p. 56).

A área a sul da Serra de Portel era considerada um deserto arqueológico, principalmente no território de Brinches. O Alqueva permitiu aprofundar o conhecimento sobre as práticas e tradições funerárias, maioritariamente fossa/ hipogeu, e a associação simbólica de espaços de socialização com espaços de necrópole, no Alentejo (Valera *et al*, 2014, p. 57).

O primeiro hipogeu a ser descoberto, o complexo hipogeico da Sobreira de Cima, demonstrou não só uma realidade exógena na região, mas também um tipo de arquitectura inexistente em Portugal (Valera, 2013). O complexo hipogeico da Sobreira de Cima marca a zona de limite de contacto entre realidades dolménicas (a norte) e fossa/ hipogeu (a sul) (Valera *et al*, 2014). A identificação de outras estruturas hipogeicas no Alentejo, até hoje,

veio permitir a identificação de características diferenciadoras das áreas da Estremadura, Algarve e Alentejo.

O conhecimento não é um dado adquirido imutável. As realidades alteram-se consoante o meio em que actuam. É notável a variação entre arquitecturas e material arqueológico, podendo agrupar-se a área da Península de Lisboa e Setúbal com a região Algarvia, principalmente a nível da similitude artefactual. As grandes variações surgem de facto na área Alentejana, onde a existência de cerâmica é praticamente nula ou muito escassa, oferecendo espólio considerado arcaizante (onde se conta com a presença de geométricos e pulseiras esculpidas de *glycimeris*). As placas de xisto parecem ser exclusivas de hipogeus da área da Estremadura e Algarve, não marcando presença até à data neste tipo de sepulcro Alentejano. De facto, tendo em conta que é a área alentejana que provém o foco de maior incidência de placas de xisto, será necessário compreender qual o mecanismo impeditivo da presença das mesmas em sepulcros hipogeicos. Certo é que um maior esforço despendido na construção de uma estrutura geralmente se traduz num menor empreendimento a nível artefactual (Sousa, 2004, p. 100). Contudo, existem excepções, como é o caso das necrópoles de Alapraia, Carenque e Quinta do Anjo, em que, se verifica que tal não acontece.

Questiona-se a hipótese de haver um foco com influência residual periférica. As grutas tipo “coelheira” aparentavam fazer parte apenas da área da Estremadura. No entanto, novos dados revelaram que as mesmas podem ser encontradas no Alto Alentejo (em Vale de Barrancas 1 (Fernandes, 2013). As grutas com entrada em poço, recentemente identificadas na Sobreira de Cima, igualmente presentes em Outeiro Alto 2 (Valera e Coelho, 2013; Valera e Filipe, 2012), manifestaram-se igualmente nos sepulcros Algarvios (esquecidos durante algum tempo). Talvez esta teoria só possa ser aplicada a nível arquitectónico, já que, as diferenças artefactuais entre regiões próximas são grandes.

### **3.2. O sítio da necrópole das Lapas**

#### **3.2.1. A descoberta e as recolhas de E. Jalhay**

“ No logar das Lapas, nuns caboucos que estão abrindo os Srs. Manuel Vieira & Irmãos foram encontrados, junto de alguns esqueletos, alguns objectos pré-históricos como facas e machados de sílex, de vários tamanhos e formas, uma placa, um vaso de cerâmica e vários pedaços de lâminas, que foram trasidos para o nosso museu” (O Almonda, 25 de Maio de 1935).

Foi com esta notícia que foi dada a conhecer a existência de um sítio arqueológico de carácter funerário na freguesia das Lapas em Torres Novas “ (...) no sítio onde a estrada é mais apertada como defronte das escavações que agora aqui se andam a fazer, até ao fim da fábrica do Alcool. ” (O Almonda, 25 de Maio de 1935).

Perante o aparecimento de tais achados, Gustavo de Bivar Pinto Lopes (1864-1944), criador do primeiro núcleo museológico de Torres Novas e seu curador, pediu aos Vieiras que as obras e escavações fossem suspensas pela necessidade dos achados serem observados por um arqueólogo, requerendo a sua presença.

Uma semana depois, o semanário de 1 de Junho, *O Almonda*, publicou uma breve nota datada de 30 de Maio, notando a presença do “ (...) distinto arqueólogo Sr. Padre Eugénio Jalhay (...) ” que ali escavou e encontrou utensílios associados a ossadas, tal como lhe havia sido indicado anteriormente (*O Almonda*, 1 de Junho de 1935). Numa entrevista promovida por Gustavo de Bivar Pinto Lopes publicada no mesmo semanário de 1 de Junho, Jalhay evidencia que o grande “ (...) aglomerado de pessoas curiosas (...) ” no local prejudicou o sítio arqueológico e os seus trabalhos no mesmo. Inseriu cronologicamente o sítio no “ (...) eNeolítico ou Calcolítico (período de transição da época da pedra polida para a dos metais). Pelo espólio encontrado até hoje, parecem pertencer à primeira fase deste período, anterior portanto à cultura de Palmela) ” (*O Almonda*, 1 de Junho de 1935).

O percurso de Eugénio Jalhay (1891-1951) no mundo da arqueologia iniciou-se precocemente (desde os seus 18 anos) quando ainda estudava para o Noviciado da Companhia de Jesus no Barro (Torres Vedras). Em inícios de 1909 a construção de uma estrada pôs a descoberto vários vestígios arqueológicos daquele que viria a ser identificado como o *tholos* do Barro, tendo Jalhay feito parte dos trabalhos de escavação dirigidos por Félix Pereira, a mando de Leite Vasconcelos. Mais tarde Jalhay foi apresentado a Leite Vasconcelos, tendo L. Vasconcelos valorizado o seu apreço pela Arqueologia incentivando-o a continuar. Abandonando Portugal para seguir a sua carreira religiosa, Jalhay foi aprendendo arqueologia em Espanha de forma casual, ganhando bases para grandes escavações que viria a realizar no nosso país. Pode afirmar-se que, a participação nas escavações no *tholos* do Barro, marcaram a seu gosto pela arqueologia, tendo sempre mantido contacto de alguma forma com o mundo arqueológico até ao seu regresso definitivo em 1928, a Portugal (Paço, 1954, p. 32-35).

Em 21 de Novembro do mesmo ano, foi eleito vice-presidente da Secção de Pré-história e vice-presidente da direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) (Paço, 1954, p. 32-43). O achado do tesouro do Álamo (Moura), mencionado nas reuniões da AAP secretariadas por Jalhay, é considerado o seu primeiro trabalho arqueológico a nível nacional.

Membro do quadro directivo da Juventude Escolar Católica (J.E.C.) foi levado a leccionar num colégio em Torres Novas (1934), onde aproveitava para levar os seus alunos a realizar investigações por sua conta junto das margens do rio Almonda (Paço, 1954, p. 46-48). Conclui-se portanto que E. Jalhay era uma personalidade conhecida em Torres Novas, não apenas pelo exercer da sua função religiosa e de professor, mas também como curioso pelos vestígios do passado.

Em 1932, a convite de um membro da AAP, visitou Alapraia onde viria a realizar escavações arqueológicas com A. Paço (Paço, 1954, p. 48). A actividade arqueológica no concelho de Cascais iniciou-se nas últimas décadas do século XIX com excursões

arqueológicas por Leite Vasconcelos e as primeiras escavações de Carlos Ribeiro nas grutas de Poço Velho e Porto Covo. Rapidamente os trabalhos arqueológicos se multiplicaram até à segunda metade do século XX (Carvalho, 2005, p. 201). A partir desta data, a maior parte dos trabalhos do concelho centrou-se em torno de sítios do Neolítico e Calcolítico, desenvolvendo-se essencialmente entre os anos 30 e 60. É justamente neste período que E. Jalhay acompanha Afonso do Paço em escavações no complexo hipogeico de Alapraia, tendo iniciado as mesmas em 1934 e acompanhado o decurso dos trabalhos até 1942 (Carvalho, 2005, p. 200). Em 1935, lança em conjunto com Afonso do Paço, na *Revista Brotéria* um balanço das escavações efectuadas no sítio arqueológico entre 1931 e 1934, comparando o local com as congéneres de Carenque e Quinta do Anjo, considerando este tipo de sepulcro como o resultado final da evolução dos monumentos ortostáticos: "Uma das formas transitórias é o monumento aberto em parte na mesma rocha e em parte concluído com esteios ou pedras, como na sepultura do Monge em Sintra. Só depois vêm as grutas sepulcrais inteiramente abertas na rocha, como as de Palmela, Carenque e Alapraia(...)" (Paço e Jalhay, 1935, p. 25). Nesse mesmo ano efectuaram escavações em Alapraia (de Agosto a Setembro) (Jalhay e Paço, 1941, p. 110) e no ano seguinte, Eugene Jalhay, publica um artigo sobre a cerâmica encontrada em Alapraia e a incidência da cultura do vaso campaniforme no sepulcro. Em 1941, Jalhay e A. Paço publicam sobre os materiais encontrados na gruta II de Alapraia (Carvalho, 2005, p. 201).

Como referido anteriormente, E. Jalhay era conhecido em Torres Novas, tendo sido remetida uma carta pelo director do Museu Municipal Gustavo Pinto Lopes, à AAP, dando conhecimento do tipo de achados arqueológicos, que tinham surgido recentemente na área das Lapas, junto do curso do Almonda. Certamente que o seu interesse pela área fez com que o próprio se deslocasse à região para observar e efectuar escavações no local. O tipo de arquitectura sepulcral das Lapas não era do desconhecimento de E. Jalhay. No artigo sobre a gruta II de Alapraia, realizado já após os trabalhos de Jalhay, no sítio da necrópole das Lapas, é feita uma listagem geral dos hipogeus conhecidos. Nesse artigo são mencionados os sepulcros da Quinta do Anjo, Carenque, Ermegeira, Ribeira Branca e Folha de Barradas (Jalhay e Paço, 1941, p. 110-111), mas não o das Lapas.

Tendo aproveitado o interesse de Manuel Heleno no sítio arqueológico, Jalhay numa entrevista ao jornal regional, *O Almonda*, menciona a importância do sítio arqueológico e que "Estas escavações têm que ser feitas com grande cuidado (...)" com "(...) toda a conveniência que se fizessem (...) com método, dirigidas por um especialista na matéria (...)" (*O Almonda*, 1 de Junho de 1935), afastando-se voluntariamente e aparentemente sem grande contrariedade. Dedicou-se incessantemente, a partir de 1937, à obtenção de fundos monetários para a escavação do povoado de Vila Nova de São Pedro (1937-1967), entre outras diversas actividades, nas quais também participou durante cerca de treze anos, até 1950, um ano antes do seu falecimento (Paço, 1954, p. 50).

### 3.2.2. As escavações de Manuel Heleno

O relatório da primeira visita à necrópole das Lapas, de Manuel Heleno, data de Maio de 1935. Contudo, uma notícia de 5 de Junho (*O Almonda*, 8 de Junho de 1935), nota a sua presença, enunciando que a sua ida ao lugar das Lapas já era esperada. Ainda assim, não é especificado o motivo da visita. Nos cadernos de campo redigidos por Manuel Heleno, é indicado que no dia 17 de Setembro se iniciaram os trabalhos de escavação, tendo sido a crivagem das terras remexidas, o ponto de partida (Heleno, 1935a, p. 4).

As escavações findaram e não parecem ter sido muito satisfatórias para Manuel Heleno, principalmente no que respeita ao tipo de arquitectura.

No relatório da primeira visita ao local (escavações do Padre Jalhay, a que M. Heleno assiste), Manuel Heleno aponta para a existência de uma sepultura, mais ou menos circular, escavada na rocha, semelhante à das Baútas. Salienta, ainda, que lhe haviam dito ter um corredor de um metro de comprimento e meio metro de largo (Heleno, 1935b, p. 5).

No início dos trabalhos arqueológicos por si efectuados, em Setembro de 1935, recolhe junto da população, a informação de que existiriam silos abertos no tufo. Não é manifestado por Manuel Heleno numa primeira observação local, a presença dessas estruturas negativas. Contudo, o próprio menciona ter posteriormente identificado a parte inferior de um silo, com um objecto em ferro, no decorrer das suas escavações (Heleno, 1935a, p. 3, 9).

É indicado pelo mesmo que os trabalhos cessaram a 29 de Setembro de 1935 (Heleno, 1935a, p. 19), contudo Saavedra Machado indica que no ano de 1936, Manuel Heleno, ainda ali executou escavações, apesar do jornal regional não mencionar o seu reaparecimento nas Lapas em anos seguintes (Machado, 1964, p. 115).

A região da Alta Estremadura foi alvo de grande interesse arqueológico nos finais do século XIX, inícios do século XX, principalmente em três áreas distintas: a zona do Carvalhal de Aljubarrota, Rio Maior e Senhora da Luz, e por fim, os terraços quaternários do rio Liz, prospectados intensamente nos anos 30 e 50 por pessoal do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (Araújo e Zilhão, 1991, p. 5). O pioneiro foi sem dúvida Vieira Natividade com a identificação e escavação das inúmeras cavidades cársicas localizadas no vale de Aljubarrota (Natividade, 1899/1903). As grutas revelaram, maioritariamente, utilizações sepulcrais do Neolítico e Calcolítico, mas, também vestígios da Idade do Ferro e época Romana. Vieira Natividade publica na *Revista Portugália*, uma compilação organizada dos dados recolhidos sobre as grutas, por si escavadas. A esta compilação, que divide as grutas por tipo de material ali recolhido, junta-se a sua interpretação. Interroga-se acerca da inexistência de determinadas tipologias de artefactos, em contextos onde a sua presença se deveria fazer notar, descrevendo as cavidades e momento dos achados (Natividade, 1899/1903).

No início do século XX, a actividade arqueológica despoletou e novos sítios surgiam de uma forma muito rápida. Em 1908, deram-se as escavações na gruta dos Carrascos (Alcanena), tendo ficado inédita, até aos estudos de V. S. Gonçalves e F. A. Pereira em 1987 (Gonçalves e Pereira, 1987). No concelho de Porto de Mós, também Francisco Tavares Proença Júnior, entre 1903 e 1910, desenvolveu as suas pesquisas de carácter arqueológico, assumindo como objectivo, a realização de um estudo regional (Sousa, 2004, p. 91).

Nas décadas de 1930 e 1940, as investigações debruçaram-se sobre a área de Rio Maior e Torres Novas (Carvalho, 2008, p. 47). A partir de 1933, também os interesses arqueológicos de Manuel Heleno incidiram na área do Maciço Estremenho. Nesse ano iniciou escavações nas grutas I, II e III da Senhora da Luz (Rio Maior), tendo escavado nos anos seguintes, o hipogeu das Lapas, Anta das Alcobertas, Forno da Telha, Abrigo das Bocas, povoado do Alto das Bocas e vales da Senhora da Luz. São inúmeros os trabalhos efectuados por Manuel Heleno, dentro desta área geográfica e que se arrastaram durante pelo menos mais de uma década. São, aqui, apenas mencionados alguns, relembrando que muitos dos materiais recuperados dos sítios arqueológicos, se mantiveram inéditos até quase aos finais do século XX (Borges *et al*, 2013). As estruturas arquitectónicas hipogeicas não eram desconhecidas para Manuel Heleno. Até ao momento de identificação e escavação das Lapas já eram conhecidas dez estruturas, tendo sido as Lapas a décima primeira a ser escavada (ver capítulo 3.1). Para Manuel Heleno, esta era a terceira estrutura hipogeica que escavava, tendo-lhe sido suficiente, para ser capaz de identificar a tipologia ali presente. Contudo, Jalhay, que anteriormente já havia escavado um hipogeu em Alapraia, não foi capaz de determinar a tipologia do sepulcro. Da sua [Manuel Heleno] primeira escavação nesta tipologia de monumento, pouco se sabe. Lamentavelmente pouca ou nenhuma informação restou, e mesmo, esta, não é explícita. Se Heleno se apercebeu do erro que cometera com as escavações da necrópole das Baútas, rapidamente adoptou um maior cuidado, pelo menos esse, é confirmável nos seus cadernos de campo que passaram a ser bem mais minuciosos do que à época, incluindo fotografias durante o decurso das escavações.

Mais uma vez, das Baútas não existe informação explícita. Mas da necrópole de Carenque, são múltiplas as fotografias dos contextos internos dos hipogeus. Também sobre as escavações das Lapas, chegam até nós dois cadernos de campo, e múltiplas fotografias (36). No primeiro caderno de campo, referente ao momento da sua primeira visita às Lapas, datado de Maio de 1935, relata o que observou assim que chegou ao local das escavações de E. Jalhay.

Neste caderno, é perceptível o seu interesse e o da população no achado, mencionando diversas vezes, que populares lhe haviam indicado a existência de silos e um corredor. Manuel Heleno faz uma descrição de materiais das Lapas, o que leva a supor já terem sido encontrados por Jalhay. No entanto não o refere explicitamente. Constan no caderno de campo duas alabardas, placas de xisto, algumas lâminas, machados e cerâmica (dois elípticos e um circular). M. Heleno menciona ainda que, algumas pontas de seta se associavam a crânios, manifestando de certa forma interesse na simbologia

ritualística: “As lanças estavam junto a craneos” (Heleno, 1935a, p. 6). O caderno da primeira visita ao sítio arqueológico não é muito extenso, composto apenas, por seis páginas e mais algumas com poesia escrita pelo mesmo, dedicado à povoação das Lapas (Heleno, 1935, p. 2-6).

O segundo caderno, já relativo às escavações por si efectuadas é razoavelmente detalhado.

Relativamente ao acervo fotográfico de Manuel Heleno apesar de não ser muito vasto, como desejável, fornece algumas noções sobre a área de escavação e tipo de realidade, principalmente relativamente aos restos osteológicos. Contudo, algumas questões permanecem e necessitariam de mais fotografias para se complementarem, nomeadamente a questão do corredor e dos silos (M. Heleno menciona pelo menos dois, mas só existe registo fotográfico de um).

Como referido na análise antropológica, as fotografias sobre os restos osteológicos humanos são, na minha opinião, as mais esclarecedoras. A união das fotografias com o espólio humano que chegou até nós permite algumas hipóteses. A primeira é a de existência de reduções, e a segunda, é a da presença de inumações, em deposição primária (conexões anatómicas). Ainda assim, as fotografias revelam que as reduções não eram totais, mas sim parciais. De forma geral a zona torácica mantinha-se relativamente intacta, sendo o crânio e os ossos longos os principais alvos de remeximento e arrumações. Como disse, esta é apenas uma hipótese pelo que nos é permitido aferir por algumas das fotografias, não representando certamente, a técnica utilizada em todos os inumados. Existe no conjunto uma brecha calcária que contém a provável conexão anatómica de dois fémures e duas tíbias híper flectidas (ver capítulos 6.1 e 6.2).

Existem igualmente fotografias das estruturas escavadas (hipogeu e silo). As fotografias que ilustram o decorrer da escavação, acabam por não ser explícitas no que toda à tipologia do sepulcro. Da observação das mesmas apenas é possível aferir, que, este detém uma forma arredondada e que seria de dimensões consideráveis “ (...) trata-se pois de um arco feito pelas ossadas que deveria ter mais de 2 metros (...) a corda do arco dos ossos era de 3 metros, a distancia ao meio da corda 1,80m” (Heleno, 1935b, p. 12). Existe outro grupo de fotografias que retrata alguns dos artefactos provenientes das Lapas.

Os materiais recuperados por E. Jalhay permaneceram no Museu Municipal Carlos Reis e os por Manuel Heleno, depositados no Museu Nacional de Arqueologia. Curiosamente as fotografias de M. Heleno relativas aos artefactos incidem sobre os materiais recuperados por Jalhay, provavelmente como forma de “agrupar” todos os materiais do sítio das Lapas. Ainda assim, os dois vasos elípticos, um vaso circular, e a placa de xisto gravada com motivos oculados, foram trazidos para o Museu Nacional de Arqueologia. As referidas peças são indicadas nos cadernos de campo de M. Heleno como tendo sido encontrados por Jalhay.

Não existindo cadernos de campo de Jalhay, dificilmente se conhece o que foi recuperado pelo mesmo. No entanto, seria muito provável que estes materiais presentes nas

fotografias de M. Heleno correspondessem aos achados de Jalhay, ou neste caso, da população, como se verá adiante. Na primeira notícia sobre o sítio das Lapas, consta justamente que “ (...) foram encontrados, junto de alguns esqueletos, alguns objectos pre-historicos como facas e machados de sílex, de vários tamanhos e formas, uma placa, um vaso de cerâmica e vários pedaços de lâminas, que foram trazidos para o nosso museu [MMCR]” (O Almonda, 25 de Maio de 1935). O restante do material presente nas fotografias ainda hoje permanece no museu em Torres Novas.

Importa destacar a presença de um artefacto em calcário (ver ponto 7.6.2.) presente em Torres Novas, do qual não existe informação sobre o seu descobridor, se E. Jalhay ou Manuel Heleno. Este artefacto consta no inventário do MNA mas está depositada no MMCR. As fotografias assinalam a presença de três artefactos de pedra polida, número que na realidade ascende a mais de uma dezena de instrumentos. Importa lembrar que não é conhecida a altura exacta em que estas fotografias foram tiradas, se durante as escavações de Jalhay, ou no final destas, após a exigência de Heleno de uma escavação mais demorada. Porém, tudo leva a crer que provavelmente os restantes materiais hoje depositados no MMCR, com as excepções mencionadas, tenham sido de facto recuperados por E. Jalhay.

Quanto ao segundo caderno de campo, Manuel Heleno, relata que a sua primeira medida foi mandar crivar as terras da parte remexida, de onde provieram os dois coelhos em pedra verde geminados (Heleno, 1935b, p. 5). Reforçando o seu interesse pela associação de espólio a restos antropológicos, menciona a presença de uma grande conta ornamentada (inventário 2003.168.143/40.297) “ (...) juntamente com um fragmento de crânio, maxilar e outros ossos sem ordem” (Heleno, 1935b, p. 6). Manuel Heleno indica que tirou fotografia a esta conta ornamentada. Contudo, ou a mesma não é facilmente perceptível nas fotos existentes ou a fotografia que Heleno menciona não consta nas que me foram fornecidas. Poderá a mesma estar na posse de outra entidade que não o MNA. Depois das terras crivadas, o que vai sendo descoberto nas escavações é inventariado por dia até ao final das actividades.

Constam ainda algumas notas sobre a realidade em escavação e inevitável comparação com Alapraia, reforçando a minha interpretação de que se trata de uma estrutura tipo hipogeu (Heleno, 1935b). No entanto salienta-se a indignação do mesmo para a desumanidade e erro científico inerente à destruição de “todo ou quasi todo o monumento” (Heleno, 1935b, p. 14), sendo “estranho que o Sr. Jalhay o não tivesse impedido!” (Heleno, 1935b, p. 10).

### **3.3.3. Estudos complementares**

Os materiais arqueológicos recuperados na necrópole foram repartidos pelo Museu Municipal Carlos Reis (MMCR) (Torres Novas) e Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), ficando alguns, também na mão de particulares (Heleno, 1935b, p. 3).

Certo é, que o conjunto recolhido por Manuel Heleno acabou por se manter inacessível. Quanto aos materiais depositados no MMCR, por Jalhay, acabaram por ser estudados por D. Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira (1959a), tendo sido alvo de especial interesse, os vasos de boca elíptica apresentados no I Congresso Nacional de Arqueologia (1959b). Posteriormente, já em 1970, O. Da Veiga Ferreira, ao efectuar o estudo do conjunto artefactual das grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras), adiciona alguns dos materiais das Lapas de Torres Novas (Ferreira, 1970a). O anexamento terá sido evidenciado por J. Ludgero Marques Gonçalves (Gonçalves, 1992) ao reestudar o espólio dos hipogeus da Quinta das Lapas, em Torres Vedras.

Na elaboração notícia explicativa referente à Carta Geológica de Vila Nova de Ourém, folha 27-A, onde se insere a freguesia das Lapas, elaborada por Zbyszewski, Manupella e O. Da Veiga Ferreira, aparece uma menção à inserção das grutas artificiais da Ribeira Branca e Lapas nos tufos calcários (Zbyszewski *et al*, 1974, p. 7)

Também Júlio Roque Carreira (1996) faz um estudo do espólio da necrópole das Lapas, agregando os materiais de ambos os museus depositários, incluindo nesse estudo fotografias inéditas das escavações e espólio recolhido por Manuel Heleno. É nesta sequência, que, Júlio Carreira menciona e apresenta uma fotografia com duas alabardas, cujo paradeiro não é conhecido (Carreira, 1996, p. 77, 85). Também os cadernos de campo de Manuel Heleno descrevem duas alabardas. Salienta-se que, a descrição das mesmas parece corresponder aos exemplares presentes nas fotografias publicadas por Júlio Carreira (1996). Justamente as duas que não ingressam o conjunto (Heleno, 1935a, p. 2).

Mais recentemente foi efectuado um estudo petrográfico sobre artefactos de pedra polida, balizado entre a área do Almonda e Zêzere, que incluiu a necrópole das Lapas. Dentro deste estudo, foi analisado um fragmento de machado (Pereira, 2012, p. 24). As placas de xisto depositadas no MMCR e MNA foram igualmente estudadas e publicadas (Andrade, 2015).

É de salientar a existência de um trabalho ainda não publicado, de extrema importância, sobre lapas e abrigos escavados nos tufos calcários associados a terraços quaternários do Almonda (Fernandes, 2014). Este trabalho enquadra e descreve geologicamente a zona da freguesia das Lapas, estudando a origem do tufo calcário, e fazendo ainda uma listagem de áreas de extracção de tufo e todo o tipo de cavidades existentes na área.

Por último, associadas ao projecto – *Nuevas tecnologias aplicadas al estudio de la movilidad e intercambio: Cuentas verdes y ceramica decorada con relleos blancos del VI al II Milenio A.n.e. en La Peninsula Iberica* – com a participação de Carlos Odriozola (Universidade de Sevilla), Ana Catarina Sousa e Rui Boaventura (UNUARQ), estão algumas contas líticas e os dois lagomorfos em pedra verde, que foram analisados por estes investigadores e cujo projecto ainda se encontra a decorrer.

No seguimento da evolução de conhecimentos, dados e novas abordagens, a presente tese de mestrado pretende demonstrar um novo olhar sobre os materiais recuperados do sítio arqueológico das Lapas, dentro das possibilidades e meios disponíveis. Não só sobre os materiais, mas também sobre a tipologia do sítio em si que

durante muito tempo permaneceu desconhecido tipologicamente e escassamente citado nos estudos de síntese.

#### **4. Lapas no Maciço Calcário Estremenho**

##### **4.1. Enquadramento geográfico**

O hipogeu das Lapas (com as coordenadas 39°29'42.23"N e -8°33'17.17"W) localiza-se no limite Norte da Estremadura, no distrito de Santarém, concelho de Torres Novas, na antiga freguesia das Lapas (denominada desde 2014 como União das Freguesias de São Pedro, Lapas e Ribeira Branca). Com fraca densidade populacional, apresenta solos de aptidão agrícola, designadamente aluviões quaternárias, próximas do sítio arqueológico.

Com uma forma irregular, a área em estudo é complexa. Limitada a Norte pelos calcários da serra de Aire e pela serra de Santo António, estruturas naturais inseridas no Maciço Calcário Estremenho (MCE) e a Sul, nascente e poente, por formações argiloarenosas, por vezes carbonatadas do Miocénico. O Maciço Calcário, unidade bem individualizada, inserida no sector central da Bacia Lusitaniana, formada no Jurássico médio, é composto essencialmente por calcários e por falhas, que, na longa evolução de centenas de milhões de anos da história da Terra, originaram depressões, vales, colinas e áreas de planura (Zilhão e Carvalho, 1996, p. 659).

Além de calcários do Jurássico médio, que predominam na área em estudo, existem zonas de depósitos arenosos e férteis, favoráveis à prática agrícola, no vale da Serra, zona do Arrife.

Inserida numa área de tufos calcários mais ou menos concrecionados, que se sobrepõem às cascalheiras fluviais, designados como os Calcários de Santarém e Almoster, a gruta artificial das Lapas estaria localizada a escassos metros do rio Almonda (Zbyszewski *et al.*, 1974, p. 7).

O tufo calcário onde foi escavada a gruta artificial das Lapas, assim como outras Lapas e abrigos, está associado a terraços fluviais de idade quaternária (1.9 Ma), sendo este o resultado de um processo de sedimentação fluvial no leito e margens do rio Almonda (Fernandes, 2014, p. 13). O Maciço Calcário Estremenho (MCE) representa uma barreira para chuvas e cursos de água, que são obrigadas a transpô-la forçosamente através das suas falhas e fracturas, formando redes hidrográficas subterrâneas. Assim, pela nascente do rio Almonda, saem as águas aprisionadas pelo sinclinal do Vale da Serra, que desembocam na importante rede de galerias subterrâneas da gruta do Almonda, levando consigo carbonato de cálcio, adquirido, aquando a introdução das águas das chuvas no MCE, que, acaba por se dissolver na água de rios e ribeiras. As águas supersaturadas de carbonato de cálcio ocorrem em precipitação sobre restos orgânicos (restos de caules, troncos e plantas), formando deste modo os tufos ao longo das margens dos rios (Fernandes, 2014, p. 6; 14).

Apesar de semelhantes, os tufos calcários e travertinos, demonstram processos de litificação e ambientes deposicionais diferentes. Os tufos travertinos, frequentemente

encontrados em ambientes cavernícolas sob a forma de espeleotemas, representam uma superfície muito mais compacta, enquanto o tufo, é mais poroso, podendo nele ser encontrados restos de fauna e flora, sobre os quais estes se edificaram (Idem, 2014, p. 5).

O tufo das lapas demonstra transições sedimentares feitas gradualmente, com camadas bem marcadas. Isto indica que outrora este local fora um paleoambiente de águas calmas, tipo lagunar. Ainda assim, existem acumulações de macrorestos vegetais, que embora se associem a ambientes lagunares, também se associam à existência de sistemas de barragem, criando zonas lagunares em patamares, que deram origem a sistemas de cascatas.

Tudo indica que seria este o paleoambiente existente à época de formação do tufo calcário. A sul das Lapas, é possível ainda verificar uma estrutura fóssil representativa de uma cascata existente (Idem, 2014, p. 46).

O facto da gruta artificial se localizar praticamente à cota da aluvião, na bordadura do terraço fluvial de Lapas, indica que anteriormente à ocupação humana, o terraço tenha sido erodido pelo encaixe fluvial provocado pelo rejuvenescimento do mesmo, ocorrido pela última glaciação (Idem, 2014, p. 52).

Ainda assim, existe a possibilidade do tufo calcário das Lapas ser na verdade resultado de erosão por parte do rio, perante a subdivisão do leito do mesmo em duas partes, o que explicaria os terrenos de cascalheira localizados a nascente, na zona sul de Lapas. Já que de facto o terreno mostra áreas de cascalheira, terrenos aluvionares (poente) e depósitos aluvionares (nascente).

As aluviões correspondem a acumulações sedimentares arenosas e argilosas, marcando leitos de cheia ocorridos ao longo do vale do rio (Holoceno – 10Ma). Como se pode ver na carta geológica (folha 27-A), a aluvião do rio Almonda comunica com as aluviões associadas à ribeira de Vale Peral. Desta forma, surge igualmente a possibilidade de Lapas ter sido uma Ilha fluvial há cerca de 6MA, aquando a transgressão flandriana (Idem, 2014, p. 85-86).

## **4.2. Contextos arqueológicos**

A área do Maciço Calcário é muito rica arqueologicamente. A maior parte dos são ocupações do Mesolítico, Neolítico antigo e final, e Calcolítico. A presente análise arqueográfica centrar-se-á nos contextos do final do 4º e inícios do 3º milénios a.n.e.

O termo “megalitismo de gruta” foi pela primeira vez usado por Victor S. Gonçalves (1978), designando a adopção de rituais funerários (entenda-se principalmente vestígios arqueológicos) por parte das comunidades estremenhas, semelhantes aos usados e conhecidos nos monumentos ortostáticos da área alentejana (Alentejo central). É deste modo, que as placas de xisto gravadas representam e constituem o melhor elo entre ambas as comunidades dos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e. de áreas geograficamente tão distintas. Desta forma, a caracterização do megalitismo, não se refere ao monumento onde se praticam rituais fúnebres, seja ele natural (grutas naturais) ou artificial (antas, *tholos* ou grutas artificiais), mas sim ao tipo de vestígios arqueológicos materiais que ali

se recuperaram, identificadores de sepultamentos das comunidades dos finais do 4º, inícios do 3º milénio.

No Maciço são inúmeras as cavidades conhecidas que apresentam utilizações funerárias referentes aos finais do Neolítico e inícios do Calcolítico, tendo o mesmo sido atestado na elaboração da Carta Arqueológica do Parque natural das Serras de Aire e Candeeiros (Araújo e Zilhão, 1991, p. 9).

Destacam-se algumas cavidades funerárias pela importância do material arqueológico delas exumado, como é o caso da Lapa da Galinha, identificada e escavada nos inícios do século. No entanto, no Maciço, a presença de antas é também conhecida, embora em reduzidíssimo número, comparativamente às cavidades. Existindo na área um elevado número de cavidades naturais, que implicava um esforço reduzido, é perceptível que o número de monumentos ortostáticos seja diminuto. Além de que, o tipo de matéria-prima pétreo, não se assemelha às típicas lajes usadas para a construção dos mesmos, ou pelo menos estas não abundam.

A Lapa da Galinha foi estudada pela primeira vez em 1959, por Sá (1959), e mais recentemente por Victor S. Gonçalves *et al* (2014). Certo é que, o material arqueológico ali recolhido apresenta uma grande diversidade e semelhanças com os monumentos ortostáticos alentejanos. Relativamente próximas desta, encontram-se outras importantes necrópoles com espólio igualmente diversificado e até mesmo “especial”, com é o caso da Buraca da Moura da Rexaldia (Andrade *et al*, 2010). O facto de existir uma placa de xisto gravada com motivo ocular, que, detém o maior número de paralelos na área da Estremadura (uma delas nas Lapas) e de dois deles estarem geograficamente próximos, é significativo, mas a interpretação está ainda por efectivar.

De certa forma, os artefactos que constituem as necrópoles do Maciço calcário podem ser considerados como conjuntos bem individualizados, capazes por si só de datar os sepulcros. São de forma geral os “pacotes artefactuais” que nos permitem datar de forma relativa. Desta forma e em termos gerais, contextos onde se encontrem presentes geométricos, pequenas lâminas, furadores em osso, braceletes esculpidas em concha de *Glycimeris*, artefactos de pedra polida e escassa cerâmica (quando existente apresenta formas simples não decoradas), parecem constituir contextos do Neolítico médio.

Já nos contextos transitórios do Neolítico final para o Calcolítico inicial, frequentemente ocorrem lâminas retocadas, pontas bifaciais (pontas de seta, pontas de dardo e grandes pontas foliáceas), cerâmica e placas de xisto gravadas. Parecem registar-se, no entanto, dois momentos funerários contemporâneos, mas culturalmente distintos na área do Maciço Estremenho.

O primeiro representado nas grutas do Cabeço dos Mosqueiros, Lapa da Modeira, Lapa dos Namorados, Algar do Barrão, Carrascos, Lugar do Canto e Entrada superior 2 do Almonda. Universo também registado na camada 3 da gruta da Feteira (Lourinhã) e gruta do Escoural (Alentejo).

O segundo, representado pela Lapa da Galinha, Lapa da Bugalheira, Buraca da Moura da Rexaldia, Gruta da Marmota, Cova das Lapas, Redondas IX, Cabeço da

Ministra, Vale do Touro VI ou Calatras IV e Pragais (Sousa, 2004; Zilhão *et al*, 1991, p. 115-117; Zilhão e Carvalho, 1996, p. 666).

O Algar do Barrão, facilmente inserível no Neolítico médio com base no arcaísmo artefactual, forneceu uma datação do Neolítico final, que veio propor a coexistência de práticas funerárias com mobiliário votivo distinto, quando comparada com a Cova das Lapas, inserida no segundo momento (ICEN -740: 3631-3122 cal BC  $2\sigma$  e ICEN-463: 3496-3039 cal BC  $2\sigma$ , Algar do Barrão e Cova das Lapas respectivamente (Zilhão e Carvalho, 1996, p. 661 – Quadro 1)). Estes dados propõem uma hipótese que tem vindo a ser cada vez plausível: a da existência de uma subdivisão cronológica dentro do Neolítico final.

Na povoação de Ribeira Branca foram identificadas outras duas grutas artificiais também escavadas no calcário brando, numa posição similar à do hipogeu das Lapas, ou seja, perto do curso do rio Almonda (Jordão e Mendes, 2006-2007, p. 52-53). A gruta artificial das Lapas não se encontra isolada tipologicamente, já que, para além das grutas de Ribeira Branca, foi identificado em 2012, por António Faustino Carvalho na sequência de trabalhos arqueológicos, um hipogeu no Convento do Carmo (Torres Novas) (Carvalho, 2014).

Dos dois hipogeus de Ribeira Branca, um já se encontrava destruído, tal como aconteceu com o das Lapas. Artigo de Jalhay e Afonso do Paço (1941) dá a conhecer a descoberta das duas grutas em Outubro de 1940, pelos signatários e na companhia de Maxime Vaultier e Zbyszewski. Sabe-se que actualmente a considerada gruta 2 se encontra destruída e aparentemente também em 1940, já estava, tendo em conta a observação dos autores: “Numa delas nota-se ainda a parte abobadada, aberta no tufo calcáreo”. (Jalhay e Paço, 1941, p. 111-112).

Contudo, o hipogeu remanescente forneceu uma arquitectura distinta das existentes em Portugal para os hipogeus. A primeira descrição do sepulcro, por Jalhay e Paço conota-as como “ (...) mais ou menos do mesmo género, sem contudo possuírem o orifício superior.” (Idem, 1941, p. 112), negligenciando de certa forma o sítio arqueológico em causa, não apenas pelo fraco conhecimento pessoal sobre estas estruturas, mas também pelo reduzido número de hipogeus conhecidos à época. Vera Leisner descreve pela primeira vez a arquitectura, mencionando sumariamente que o hipogeu possuía duas câmaras, uma delas quadrangular (Leisner, 1965, p. 140). A primeira planta do sepulcro foi apresentada por P. Jordão e P. Mendes, num artigo que reúne descritivamente as grutas artificiais da Estremadura Portuguesa (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 52).

O outro hipogeu, localizado sob o Convento do Carmo, também em Torres Novas, é o único que poderá oferecer uma leitura deposicional segundo observações modernas, indicativas da tipologia quando a publicação ficar disponível. Embora se tratem de arquitecturas hipogeicas, as cronologias diferem de Ribeira Branca e Lapas, sendo o suficiente para a obtenção de significados e leituras distintas.

Os hipogeus das Lapas e Ribeira Branca indicam através do espólio, possíveis cronologias de construção e uso do momento de transição do Neolítico final para o Calcolítico inicial. Já o hipogeu do Convento do Carmo, poderá ser cronologicamente inserível no Calcolítico pleno/final, com presença de objectos em ouro e vasos campaniformes. Existe ainda um outro sítio arqueológico que tem levantado dúvidas ao longo dos tempos, nomeadamente a Lapa do Saldanha, também conhecida por Pernes. Veiga Ferreira interpreta-a como sendo artificial, classificando-a como a mais parecida com as grutas da Quinta das Lapas (Torres Vedras) (Ferreira, 1966, p. 64; Ferreira, 1970a, p. 4). Contudo, um estudo mais recente que se debruçou sobre o material arqueológico deste mesmo sítio, concluiu que o local na realidade não passa de um abrigo sob rocha que se prolonga para o interior do maciço rochoso em que se insere, alegando os autores que “ (...) não se evidenciam, nem nas paredes do abrigo, nem nas cavidades da aludida vestígios de afeiçoamento que sugiram a escavação artificial; mesmo admitindo a não conservação de tais vestígios (...)”, e ainda que a arquitectura desta, não se aparenta com as conhecidas para estes monumentos (Carreira e Cardoso, 1990, p. 163-164). Deste modo, pelas discrepâncias acima mencionadas, a dúvida manteve-se e mantém-se, quando chega o momento de classificar tipologicamente a gruta de Pernes.

O MCE apresenta abundantes vestígios arqueológicos, bem como as áreas imediatamente adjacentes. São passíveis de serem identificados do Neolítico antigo/médio, cerca de 17 sítios de habitat/povoamento e 33 de necrópole do Neolítico/Calcolítico, dos quais 24 em gruta natural, duas em anta, três em gruta artificial e duas de tipologia indefinida (Andrade, 2015, p. 308; Araújo e Zilhão, 1991). Até à data da execução do projecto da Carta Arqueológica do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (Araújo e Zilhão, 1991) eram desconhecidos povoados na área do Maciço.

Foi a partir dos anos 90 que com este projecto se ficaram a conhecer muitos sítios de habitat do Neolítico, embora a identificação dos mesmos não resultasse de uma pesquisa orientada para esse resultado, mas sim de uma identificação de sítios arqueológicos dentro de uma determinada área (Carvalho, 2003, p. 136). Ainda assim, a existência de povoados do Neolítico pleno na área em abordagem, é praticamente desconhecida. Este desconhecimento deve-se, como referido, à falta de prospecção direccionada, à actividade agrícola (tendo em conta que a maior parte das manchas interpretadas como podendo pertencer a povoados, se encontram na zona fértil do Arrife) e erosão (Araújo e Zilhão, 1991, p. 10). O mesmo fenómeno se aplica a povoados do Calcolítico, constituindo estes os únicos vestígios arqueológicos deste período, à excepção do castro de Fungalvaz (Idem, 1991, p. 11,65). Mais recentemente Marco Andrade reportou a existência de materiais Neo-Calcolíticos na extremidade Oeste do cemitério de Torres Novas, e provável ocupação Calcolítica na área do Castelo (Andrade, 2015), mas nenhum dos sítios se encontra referenciado no Sistema de Informação Endovélico.

O Arrife é a região com maior variedade de fauna e flora, apta para a pastorícia, sendo a mais fértil e com melhor irrigação, mais propícia para a agricultura em terras baixas. É também aqui que estão localizadas muitas das áreas habitacionais pré-históricas do Maciço, como o Abrigo da Pena d'Água e Laranjal do Cabeço das Pias (Carvalho, 2003, p. 137; Sousa, 2004, p. 95). Como acima referido, os contextos funerários correspondem na sua maioria a grutas naturais.

As semelhanças funerárias praticadas em cavidades cársticas, antas e *tholoi*, tanto na área de península de Lisboa e Setúbal como MCE, evidenciam a capacidade de contacto destas populações com os demais da área Alto-Alentejana, manifestando-se artefactualmente este convívio extra-regional, na adução de placas de xisto gravadas, placas de grés, e em especial na taça bi-mamilada da Lapa da Bugalheira (Andrade, 2010, p. 252-253).

Integravam o Maciço Calcário Estremenho comunidades com diferentes práticas funerárias, pelo menos a nível artefactual, já que as informações que se poderiam obter a partir das deposições funerárias foram perdidas nas escavações antigas. Também a nível arquitectónico, as semelhanças repetem-se, estando presentes no Maciço grutas naturais e artificiais, antas e possivelmente necrópoles em fossa (Pragais?) (Sousa, 2004).

## **5. Uma aproximação à arquitectura sepulcral das Lapas**

A estrutura arquitectónica sepulcral das Lapas não sobreviveu até aos nossos dias para que melhor pudesse ser interpretada. Ainda assim, com base em fotografias antigas de por Manuel Heleno e seus registos em caderno de campo, é possível afirmar que existe grande possibilidade desta estrutura se tratar de um hipogeu.

Com base na observação da figura nº5 (Anexo 2, Estampa 2) é possível determinar a existência de uma estrutura de tendência circular, comprovada pela observação de Manuel Heleno, que menciona a disposição as ossadas num arco de mais de dois metros (Heleno, 1935b, p. 12), sendo que o mesmo assume tratar-se de uma gruta artificial, comparando este hipogeu com o das Baútas (Heleno, 1935a, p. 5). Com base nos cadernos de campo relativos à escavação das Baútas, apenas é possível desenhar uma planta hipotética, que ainda assim oferece algumas incoerências.

Numa das figuras é possível vislumbrar o que parece ser um corredor de pequenas dimensões, executado com uma laje pétreia, que daria acesso à câmara funerária. Manuel Heleno refere apenas que lhe haviam dito que existia um corredor de cerca de um metro por cinquenta centímetros de largo (Heleno, 1935a, p. 5), sem mais referir. Apesar do próprio ter registado em fotografia esta estrutura não identificada, que se assemelha a um corredor, não se refere à mesma. Apenas conclui que a gruta se abriria para poente (Heleno, 1935b, p. 12). A corresponder esta abertura a poente à estrutura tipo corredor e de acordo com a interpretação das fotografias, existe grande possibilidade de ambos os argumentos se referirem ao mesmo objecto. Na figura nº 5, é notória uma quebra na estrutura de tendência circular, do lado direito. De acordo com a orientação, essa mesma

abertura está localizada a Oeste do sepulcro, correspondendo à menção de Manuel Heleno (Anexo 2 – Estampa 2, figura 10).

Nos cadernos de campo aparecem também mencionadas estruturas tipo silo, sendo possível que tenham sido identificados mais que um. Pelo menos um deles (silo 1), presente nas figuras nº 7,8 e 10, aparece descrito como tendo uma forma afunilada de cerca de um metro de altura, e 0,45 e 0,95 de abertura e base, respectivamente (Heleno, 1935b, p. 4). A proximidade deste silo à estrutura sepulcral é diminuta, no entanto não é possível aferir a existência de alguma relação entre ambos. Os cadernos de campo sugerem que a estrutura já se encontrava despejada de qualquer conteúdo, tendo sido escavada por Eugene Jalhay (Heleno, 1935b, p. 3-4). A figura nº11 parece conter um silo, contudo não é possível aferir com exactidão de que tipo de elemento se trata.

Manuel Heleno menciona um segundo silo (silo 2), ou a base de um, que parece ter aparecido na área de escavação do sepulcro, onde se encontrou um objecto de ferro que não consta no conjunto de peças observado. Segundo a descrição, o silo 2 apresentava uma forma semelhante ao silo 1, ou seja, a abertura (com cerca de cinquenta centímetros) era mais estreita que o fundo (Heleno, 1935b, p. 9). A existência de mais silos é passível de ser confirmada através da afirmação “Havia outros com a forma das grutas, isto é com a parte mais larga na base (...)” (Heleno, 1935b, p. 9) mas não quantitativamente, nem através de registos fotográficos.

Desta forma propõe-se que o sepulcro das Lapas seria um hipogeu, fazendo-se acompanhar de várias estruturas tipo silo, cujo conteúdo não é conhecido, podendo estes ser contemporâneos ou posteriores ao sepulcro. Este tipo de realidades, é conhecida no nosso país principalmente no Alentejo, como no hipogeu da Barrada (Aljezur) e Outeiro Alto (Valera e Filipe, 2012).

Outro autor propõe, ainda, que perto do hipogeu das Lapas existiriam mais duas estruturas da mesma categoria (Andrade, 2015, p. 296). De facto, no local, pelo menos uma, a Lapa do Carreiro, encontra-se ainda presente. Contudo não é possível aferir se a mesma seria de origem pré-histórica, sendo utilizada actualmente para depósito de armazenamento de lenha (Pereira, 2012, p. 65). Se a hipótese de terem existido vários hipogeus pudesse ser confirmada demonstraria uma realidade também conhecida no nosso país, como é o caso das grutas de Alapraia (Cascais), Carenque (Amadora), Sobreira de Cima (Vidigueira) e Monte Canelas 1 (Moran, 2002), onde se regista a ocorrência deste tipo de arquitectura funerária em grupos de mais do que uma estrutura.

## **6. Deposições funerárias**

### **6.1. A única interpretação possível?**

A documentação fotográfica é uma importante fonte para a compreensão da posição original das deposições funerárias do hipogeu das Lapas. Contudo, este tipo de informação, nunca pode ser considerada como única, principalmente no que toca a escavações antigas. Aparentemente as fotografias representam maioritariamente

deposições em posição de conexão anatómica, informação que, quando confrontada com as ossadas analisadas no MNA apenas corresponde a uma parte da realidade.

É possível verificar na figura 3 (nexo 2 – Estampa 2) pelo menos dois crânios no solo, arrastados com a remoção das terras para a execução dos trabalhos, mas que em nada se relacionavam com a escavação do sítio arqueológico. Para além destes dois crânios, existem ainda diversas fotografias de outros três *in situ*, aparentemente em conexão anatómica. Um destes três crânios (figura 11 e 12, Anexo 2 – Estampa 2) apresenta características suficientes e específicas que o torna facilmente identificável, no conjunto osteológico estudado. O crânio presente na Figura 13 (Anexo 2 – Estampa 2) apesar de se assemelhar a três existentes no conjunto (inventário nº 64, nº 65 e nº 67), não pode ser identificado com certeza com qual se relaciona.

Curiosamente um destes (figura 12, Anexo 2 – Estampa 2) apresenta duas linhas a lápis, bem como outros dois ossos no conjunto (nº 9, Anexo 6). Esta técnica foi usada para marcar o osso antes da sua remoção do local, já que a fotografia existente remete para um crânio completo, talvez por já se encontrarem fragmentados ou em condição delicada. Apesar disso o crânio acabou por se fragmentar em várias peças de menores dimensões, que conteriam as linhas a lápis, mas que não se encontram no conjunto presente no MNA. Salienta-se ainda, que o número de crânios presentes nas fotografias, ou seja, cinco, é o mesmo número de crânios presentes e estudados no conjunto.

## **6.2. Análise Antropológica: Inumações primárias ou secundárias?**

A leitura da documentação fotográfica sugere claramente que os ossos se encontravam em deposições primárias, contudo, a análise particular dos ossos indica que, provavelmente nas fotografias não estavam representadas posições primárias na sua totalidade. Não é possível afirmar com certeza que esta acção redutora aconteceu nos três inumados representados nas fotografias. Em apenas um deles, (figura 12, Anexo 2 – Estampa 2), é possível afirmar que, apesar de na fotografia este aparentar encontrar-se em deposição primária a observação do respectivo crânio e ossos agregados, confirma a notícia de *O Almonda*. Esta refere a existência de reduções nas inumações: “ pelo modo que aparecem as ossadas, parece que as sepulturas foram já, pelo menos, remexidas” (*O Almonda* de 1 de Junho de 1935). O crânio assenta sobre um aglomerado concrecionado, que contém identificáveis, um rádio, fragmento de tíbia, falanges e um canino.

Através da análise dos ossos foi possível perceber a coexistência de ambas as inumações (ver Anexo 6 – Relatório Antropológico).

Existe um conjunto de ossos inseridos numa brecha calcinada pela concreção, típica de locais próximos aos rios, que se reporta a uma possível deposição primária. A presença de dois fémures e duas tíbias, esquerdos e direitos, indica a presença de um indivíduo jovem, colocado possivelmente em posição primária. Contudo, esta situação não pode ser verificada com certeza tendo em conta que, apesar dos membros inferiores se encontrarem em posição híper flexionada, esta pode ser resultado de uma ligeira redução na área do sepulcro. Esta segunda hipótese ganha mais consistência pela

existência de um terceiro fémur no aglomerado. Existe a hipótese de se tratar realmente de uma inumação em posição primária. Contudo, por não poderem ter sido comprovados estes dados em campo, à época da escavação, os mesmos devem ser interpretados com precaução.

Existe, ainda, um segundo aglomerado de ossos com uma escápula, rádio, falanges, costelas, entre outros, no qual foi descoberta uma pequena conta de colar em xisto, semelhante às restantes presentes no conjunto, que ingressam o colar artificialmente criado. O facto de a conta se encontrar colada pela concreção, bem como no colar artificial existirem contas unidas entre si pela concreção, sustenta a hipótese destas se terem realmente tratado de um colar completo.

Relativamente ao Número Mínimo de Indivíduos (NMI) é possível afirmar que no hipogeu das Lapas se encontravam pelo menos seis indivíduos. Este número mínimo foi sugerido por duas mandíbulas inteiras e fragmentos de outras quatro. Quanto aos restantes ossos, o número mínimo nunca ultrapassa os três a quatro indivíduos. Das mandíbulas existentes é destacável a existência de um indivíduo do sexo masculino (nº 1) e a robustez da mandíbula nº 2, podendo esta ter pertencido a um indivíduo do sexo masculino. No conjunto, exceptuando a mandíbula nº 1, mesmo sendo praticamente impossível aferir o sexo dos inumados, é possível observar a robustez *vs* gracilidade das mandíbulas tentando desta forma uma aproximação ao sexo dos mesmos. São destacáveis, pelo menos, um fragmento de mandíbula e um fragmento de queixo, que podem ser considerados como gráceis (nº 5 e nº 6). O nº 4, é menos robusto que os nº 1 e 2, contudo nunca mais grácil que os nº 5 e 6.

Relativamente à mandíbula nº 7 é possível afirmar que se trata de um indivíduo de sexo indeterminável, mas de idade jovem, até aos 18 anos. Este facto é passível de ser observado pela inexistência do 3º molar, que nasce geralmente entre os 18 e os 25 anos de idade e pelo desgaste do 1º molar, praticamente inexistente (dados transmitidos por Ana Maria Silva, a quem se agradece). Existe forte possibilidade desta mandíbula se fazer corresponder com os fémures e tíbias, em suposta conexão anatómica (nº 54 e 55 e nº 57 e 58). Existe, ainda, um fragmento mandibular que apresenta uma dentição (m<sub>1</sub> e m<sub>2</sub>) pouco ou nada desgastada. A presença do alvéolo para alojar a coroa do terceiro molar (dente do ciso) indica que este estava em formação. Assim sendo, mesmo não perceptível o sexo, é possível determinar que o indivíduo tinha mais de 12 e menos de 18 anos.

## **7. Espólio funerário**

### **7.1. Pedra Lascada**

O conjunto artefactual formado por pedra lascada do sítio arqueológico das Lapas é vasto, e constitui a maior parte do material recolhido. Como mencionado, o espólio encontra-se repartido entre o Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa) e o Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas). A maior parte do material foi recuperada por

Manuel Heleno. Não constitui surpresa que, o volume depositado no Museu Nacional de Arqueologia seja superior ao do museu em Torres Novas. A tabela abaixo, apresenta a quantidade de material em pedra lascada presente em cada instituição.

Pedra lascada	MNA	MMCR
Lâminas	78	19
Lamelas	2	
Geométricos	7	
Pontas foliáceas	3	
Pontas de seta	32	
Lâmina bifacial	1	
Lascas	1	
Restos de talhe	5	

**Tabela 1** – Valores quantitativos dos artefactos em pedra lascada das Lapas, por instituição.

### 7.1.1. Lâminas e lamelas

A quantidade de produtos alongados, presente no hipogeu das Lapas sobrepõem-se em larga escala ao restante material. Foram contabilizadas cerca de 97 lâminas (seriam 98) e duas lamelas. No entanto, uma lâmina encontra-se perdida no Museu de Torres Novas. Este tipo de suporte constitui o mais importante e dominante suporte de utensilagem Neolítica e Calcolítica, por permitir um aproveitamento e normalização das suas dimensões, capazes de darem origem a outros produtos, como lamelas, lascas e pontas de seta (Sousa, 2010, p. 166). Foi referido que, na área do Maciço Calcário Estremenho, o número de lâminas e lamelas, nunca ultrapassa o número de lascas no contexto habitacional bem como também em contexto sepulcral (Natividade, 1898-1903). Embora, no caso das Lapas a existência de lamelas seja praticamente nula comparativamente à das lâminas, importa salientar que a divisão entre estas, (para além de neste contexto ser óbvia, já que as lamelas são reduzidíssimas dimensionalmente) constitui uma divisão artificial baseada no valor estabelecido para largura da peça de 12 mm. A utilização deste mesmo critério por outros e vários investigadores permite a comparação das colecções, embora no caso do hipogeu das Lapas esta não seja expressiva. O mesmo critério de divisão apresenta ainda algumas problemáticas, como neste caso, a inserção cronológica do sítio arqueológico. Tem-se como exemplo claro o Maciço Estremenho, cujo espólio considerado arcaico de influências do Neolítico médio, apresenta datações do Neolítico final (Sousa, 2009, p. 167 e Zilhão e Carvalho, 1996).

A nível dos contextos habitacionais a variação da predominância entre lâminas/lamelas é conhecida. Se no Neolítico antigo é reconhecida a predominância lamelar em contextos de habitat e necrópole, já no Neolítico final e Calcolítico a situação reverte-se, passando as lâminas a predominar perante a escassa presença lamelar. Contudo, apesar de ser uma questão generalista, não testemunha um parâmetro fixo, já que no Penedo do Lexim, as lamelas predominam evidentemente (Sousa, 2009, p. 169). Em Leceia, Outeiro Redondo, Moita da Ladra e Zambujal, também o número de lâminas se sobrepõe ao de lamelas (Cardoso, 2013, p. 362, 391-392). No que toca a necrópoles do

Maciço Calcário Estremenho encontramos o predomínio de lâminas sobre lamelas em contextos do Neolítico final/Calcolítico inicial. No Algar do Barrão, apenas uma lâmina e uma lasca (Carvalho *et al*, 2003, p. 110), Lugar do Canto (Cardoso e Carvalho, 2008, p. 271), grutas da Sr<sup>a</sup> da Luz (Cardoso e Carreira, 1996, p. 224), Lapa da Galinha (Sá, 1958) e Pragais (Sousa, 2004, p. 95).

Fora do Maciço Estremenho, Península de Lisboa e Setúbal, a situação repete-se na Lapa do Bugio (Cunha Serrão e Marques, 1970, p. 131), Poço Velho (Gonçalves, 2008) e Casa da Moura (Carreira e Cardoso, 2002).

Do conjunto laminar das Lapas é possível aferir a presença de debitação de produtos alongados, maioritariamente para a elaboração de lâminas com retoque marginal. A debitação de lascas está apenas presente nos casos dos punhais e alabarda (presentes neste conjunto) e igualmente para as duas alabardas de proveniência desconhecida, cuja problemática foi anteriormente mencionada. A lâmina foliácea (assim determinada mas comumente conhecida como lâmina ovóide) foi elaborada a partir de suporte laminar. Deste modo e sabendo que existe a possibilidade das grandes pontas bifaciais foliáceas não terem sido realizadas no local (provavelmente numa oficina de talhe especializado ou numa área habitacional Neo-Calcolítica, cuja localização se desconhece), depreende-se que a técnica de debitação se centra efectivamente na extracção laminar, pelo menos aqui registada. A existência de talhe local (na necrópole) afasta-se do panorama, apesar de, estarem presentes no conjunto cinco restos de talhe, que, constituindo um número tão reduzido não é de ter em grande consideração e análise.

A nível da matéria-prima, o sílex predomina evidentemente. Todas as lâminas são efectuadas sobre sílex de diferentes colorações, geralmente sem córtex. A presença do mesmo, em menor ou maior quantidade, indica a extracção do sílex de nódulos siliciosos muito provavelmente capturados em posição secundária. Em apenas um dos casos (1%) a superfície da peça apresenta mais de 95% de córtex e os restantes casos, 9% e 12%, córtex parcial e vestigial, respectivamente. Não são teoricamente dados muito expressivos pois 78% das lâminas está livre de qualquer registo cortical. De qualquer maneira, as que o possuem fornecem informações bastante úteis acerca da origem da formação siliciosa, como adiante de verá.

Embora a presença de núcleos siliciosos não marque este contexto funerário, existem alguns dados que se podem extrair pela observação laminar. Existem no conjunto materiais de reavivamento, nomeadamente representados pela existência de oito flancos de núcleo e pelo menos uma lâmina de sub-crista (2003.168.26). Curiosamente e reforçando a questão de reavivamento dos núcleos, um dos flancos de núcleo apresenta córtex embora apenas vestigial. Na maior parte dos produtos encontra-se em plena fase de debitação (68%), constituindo apenas uma peça um caso de ultrapassagem.

É verificável que a maioria das fracturas existentes nas peças sejam antigas, tendo sido assim colocadas no sepulcro. Contudo, existem fracturas recentes muito provavelmente efectuadas no momento de escavação do local. Ainda assim, observa-se que a maior parte das fracturas ocorre por flexão, indicando assim uma possível utilização

das mesmas em tarefas diversas. Aliás, das 37 peças fracturadas por flexão, 17 apresentam vestígios de utilização. Nas fracturadas acidentalmente, seis têm vestígios de uso e 13 nas fracturadas por percussão. Apesar de serem números muito próximos e possivelmente pouco expressivos, não existem vestígios de utilização presentes em 50 dos casos. Por vestígios de utilização refiro-me às marcas estriadas existentes, aos retoques escamosos (Urquijo e Estévez, 1994, p. 39) e à existência de novos filamentos activos junto da linha de bordo, compatíveis com a utilização da peça, num ângulo diferente daquele que se encontra o bordo da peça (Anexo 3 – Estampa 5).

No conjunto destaca-se a existência de apenas três peças, onde é observável o brilho de cereal (2003.168.5, 2003.168.26 e 2003.168.71).

A maioria das peças parece ter sido obtida por percussão indirecta (65%) e apenas 34% por pressão. Segundo A. F. Carvalho (1998) peças obtidas através de percussão indirecta, apresentam talões maioritariamente lisos e côncavos (Carvalho, 1998, p. 79). Nas Lapas, apenas 52 dos casos possuíam talão, e desses, 21 constituem-se lineares. Outro dado é a existência de talões muito reduzidos, possivelmente esquirolados, com cone e bolbo pequeno embora nítido. Relativamente à análise dos bolbos, mais uma vez estes corroboram os dados relativos aos talões. Apenas 47 dos casos detém bolbo. Desses, 21 são reduzidos e nove apresentam esquirolamento. Os bolbos quando nítidos (apenas 17 dos casos) podem ainda ser reduzidos (três dos casos) ou apresentarem-se esquirolados (seis casos). A variação da largura das peças é outro indicador possível para aferir talhe por percussão indirecta, igualmente assinalável no conjunto.

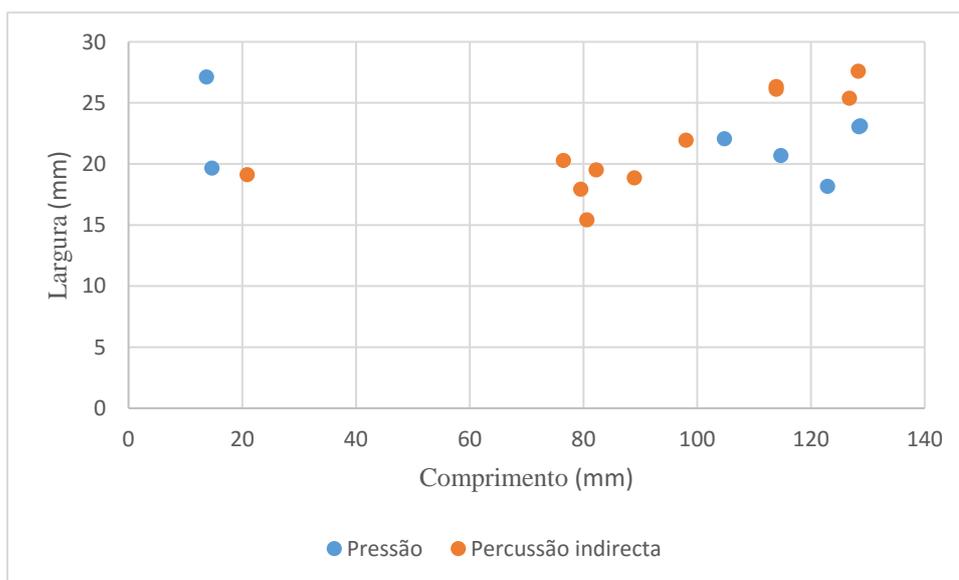
Relativamente às lâminas obtidas por pressão, também estas estão presentes no conjunto. As mesmas podem ser identificadas pela presença de bordos e nervuras muito paralelos; espessamento constante ao longo do comprimento da peça (diminuindo na extremidade distal); talão mais estreito que a largura da peça; bolbo reduzido; talões facetados; As peças sofrem frequentemente fracturas por acidentes de ultrapassagem e tendem a possuir um ligeiro arqueamento na extremidade distal (Carvalho, 1998, p. 80). Segundo isto, o conjunto detém 20 peças cujas nervuras são direitas. Neste caso é feita a diferenciação entre direitas e paralelas, nem sempre constituindo as nervuras paralelas, linhas direitas. No caso dos bordos (82 são paralelos) creio que este parâmetro é contornável, constituindo um elemento variável, já que, também, peças por percussão podem apresentar bordos paralelos. Contudo, são paralelos distinguíveis. Veja-se o caso da lâmina MMTN 262 debitada por pressão e da 2003.168.43 por percussão directa (Anexo 3, Estampa 5).

Peças com a extremidade distal ligeiramente arqueada, muitas vezes designadas como lâminas de crista, como a 2003.168.77, constituem geralmente elementos por pressão. Relativamente aos talões ditos facetados (sete), apenas dois constituem peças com características integráveis em talhe sob pressão, apresentando talão facetado, facetado convexo (MMTN 257 e 2003.168.67), e diédricos (quatro por pressão) (2003.168.43, 2003.168.70, MMTN 270 e MMTN 263). Havia sido referido por Morgado e Pelegrin que “(...) these blades show a variety of butt subtypes (plain, plain faceted, convex) until butts with a sharp dihedron become the standard. (...) A number of enlarged

blades with trapezoidal sections ad sharp dihedral butts have been found from this period Neolítico final].” (2012, p. 225).

Um outro parâmetro de análise e identificação de lâminas sob pressão parecem ser as medidas de largura e espessura máxima de 22 mm e 8 mm, respectivamente (Sousa, 2009, p. 205). Analisando os dados existentes para o Maciço Calcário, efectuados por A.F. Carvalho, para a gruta do Almonda e Cabeço das Pias, sobressaem dois núcleos de talhe bem diferenciáveis. Os produtos obtidos por pressão apresentam medidas de espessura e largura bastante mais inferiores, que os debitados por percussão indirecta (Carvalho e Gibaja, 2005, p. 376). De qualquer modo há que ter em consideração que são dados aplicados a morfometrias lamelares, não sendo possível transpor e comparar dados.

Segundo Pelegrin, lamelas obtidas por pressão, têm cerca de três a quatro centímetros de longo e entre sete e oito centímetros de largura, dados compatíveis com os obtidos por A. F. Carvalho (1988, p. 41). Quanto às lâminas, segundo o mesmo autor, estas tendem a atingir cerca de/mais de 25 cm de comprimento e pelo menos dois centímetros de largura (Pelegrin, 1988, p. 48), dados que se enquadram perfeitamente nos resultados obtidos para as Lapas.



**Figura 1** – Gráfico de dispersão das larguras e comprimentos obtidos para as lâminas inteiras segundo técnica de debitação.

Como é possível de observar no gráfico existe um claro cavalcamento entre ambas as técnicas, que, neste caso, só podem ser diferenciadas através da observação individual de cada peça e critério descritivo. Neste sentido destaca-se a existência de lâminas debitadas por pressão entre os 1,5 cm e os 2,9 cm de largura, intervalo enquadrável dimensionalmente nos produtos debitados sobre percussão directa. Neste sentido, vários autores mencionam que lâminas entre os 20 cm de comprimento e 20 mm de largura são

tendencialmente executadas em pé, com recurso a muleta peitoral ou abdominal. Lâminas com 22-23 mm de largura e talão diédrico são potencialmente executadas com ponta de cobre, enquanto as maiores são obtidas com recurso a alavanca (Morgado e Pelegrin, 2012, p. 228). No caso das Lapas, mantenho alguma reserva quanto à possível utilização de alavancas no sentido em que, apesar de dimensionalmente maiores, não apresentam mais de 18 cm de comprimento, não ingressando nos parâmetros estipulados.

Não existem dúvidas que foram executadas sobre pressão, podendo indiciar pressão executada à mão. Contudo, os maiores exemplares nas Lapas correspondem exactamente a artefactos obtidos sobre pressão, como comprova o gráfico relativo às dimensões de comprimento/largura. Pelegrin e Tixier atribuem ao período Neolítico a execução de pressão à mão, e no Neolítico final transição para o Calcolítico, talhe por pressão com recurso a alavanca (Pelegrin e Tixier, 2004, p. 33)

O Algar do Bom Santo apresenta uma única peça que poderá induzir à nova evolução tecnológica. O número de lâminas não é elevado (apenas 37), contudo, a peça em questão apresenta características de ter sido realizada sobre pressão sugerindo que “Given the (...) evidence, Bom Santo may possibly represent a first stage in the technological development of long blade production (...). The fact that we are dealing with only one piece prevents further comparisons and sound, well established conclusions on the techniques used for the production of these longer blades.” (Carvalho e Gibaja, 2014, p. 176).

O estudo para a indústria de pedra lascada do hipogeu da Sobreira de Cima, efectuado por A. F. Carvalho foi executado nos mesmos moldes do estudo da gruta do Lugar do Canto e Algar do Bom Santo. Os dados obtidos em ambos os estudos (Lugar do Canto e Sobreira de Cima) parecem estar em concordância quanto ao talhe por percussão indirecta. Contudo, parecem existir dois procedimentos distintos: “1. a produção, por percussão indirecta e com recurso a tratamento térmico do sílex, de lamelas e lâminas de pequenas dimensões; 2. a produção de lâminas notoriamente mais robustas, talvez por percussão indirecta, mas sem tratamento térmico (possibilidade que se deverá testar no prosseguimento da investigação)” (Carvalho, 2013, p. 76).

No caso específico das Lapas, é observável o mesmo tipo de situação. Existem várias lâminas robustas que poderiam ser indicadoras de um talhe por pressão, pela existência de uma maior largura, que são, no entanto, fruto de talhe por percussão indirecta.

No gráfico de dispersão relativo ao tamanho das lâminas [inteiras] da Sobreira de Cima, Lugar do Canto e Bom Santo (Anexo 7, figura 1) apresentadas na monografia sobre o Algar do Bom Santo, observa-se uma área vazia entre Sobreira de Cima (dimensionalmente superior) e os restantes dois (dimensionalmente inferiores). Apesar de não ter acesso aos valores analíticos de cada lâmina, foi possível comparar os dados com os das Lapas, aferindo que, os exemplares inteiros se tendem a distribuir pela área vazia, apesar de partilharem as dimensões máximas do Bom Santo e mínimas da Sobreira de Cima. As medidas referentes à largura laminar das Lapas e da Sobreira ingressam as

mesmas dimensões. Apesar do maior exemplar inteiro da Sobreira de Cima rondar os 17 cm de comprimento, existe nas Lapas um fragmento proximal com 16,35 cm (inventário MMTN 270), sugerindo que na realidade, apesar de ser um conjunto bastante fragmentado, as lâminas das Lapas poderiam ser similares às da Sobreira de Cima (Carvalho e Gibaja, 2014, p. 177).

As peças de secção trapezoidal predominam (76%) em prol das triangulares (24%), bem como a existência de duas nervuras (76 dos casos). Contudo, a existência de apenas uma nervura faz-se igualmente sentir em 18 dos casos.

O retoque marginal surge em 54% dos casos, maioritariamente, em ambos os bordos (64%). A diferença entre os retoques localizados apenas no bordo esquerdo ou apenas bordo direito é diminuta. Contudo, existe um número relativo aos retoques no bordo esquerdo (14 casos). Os retoques tendem a ser maioritariamente unifaciais de curta extensão. A sequência dos mesmos, contínua ou descontínua, é numeralmente similar, embora mais presente em ambos os bordos. No entanto, salienta-se que, no conjunto, lâminas sem retoque ou com retoque, apresentam vestígios de utilização. Enquanto nas peças sem retoque é mais visível um padrão de estriamento, nas retocadas, este centra-se mais no já referido retoque escamoso e não tanto através do estriamento, podendo induzir a dois significados e utilizações diferentes.

Relativamente à existência de lamelas no hipogeu das Lapas não se apresenta grande expressividade. No conjunto apenas surgem duas, de reduzidíssimas dimensões, em quartzo hialino. A inexpressividade da inexistência de lamelas em contextos funerários não deve ser tomada em grande conta. Na gruta de Porto Covo (Cascais) a indústria lítica é praticamente inexistente, composta apenas por duas lâminas, duas lascas e dois geométricos (Gonçalves, 2008b). Nas furnas pré-históricas do Poço Velho (Cascais), apenas duas, e na sepultura da Samarra, três, em quartzo hialino (França *et al*, 1958, p. 99, Gonçalves, 2008a, p. 174). Na Lapa do Bugio estão igualmente presentes, também em número reduzido. No Alentejo existem outros contextos como os das antas 1, 2 e 3 da Herdade do Piornal, onde o número de lamelas é de dois na primeira e nulo nas seguintes (Gonçalves, 2013, p. 71-72, 116, 154). Na anta 1 da Herdade do Xarez, foram recuperadas dez lamelas, cinco delas em quartzo hialino. Das sete lamelas localizadas na câmara, três delas eram de quartzo hialino, bem como as outras duas localizadas no *tumulus*. (Gonçalves, 2013, p. 189,197,199).

No que respeita às marcas de uso identificadas nas lâminas, estas podem verificar-se a nível do gume nos retoques escamosos ou pela existência de estrias localizadas ao longo dos bordos e nervuras. Estudos efectuados sobre os vestígios traceológicos indicam, que, através da observação directa dos retoques das lâminas é possível determinar o tipo de uso a que estiveram sujeitas. Aliás, para os autores Urquijo e Estévez (1994) a forma dos retoques e a relação entre eles, é indicadora ou não, de vestígios de uso e da força com que estes foram usados (1994, p. 39).

Assim sendo, é verificável que no hipogeu das Lapas existem de facto retoques a que os autores chamam de sobrepostos, consistindo estes na formação de novos retoques causados pelo uso, que se formam posteriormente e acima dos retoques iniciais. Quanto aos retoques ditos escamosos e irregulares que, se relacionam directamente com retoques trapezoidais e rectangulares, igualmente existentes nas Lapas, parecem estar directamente associados à actividade de serragem. Estes, muito possivelmente são coerentes com as estrias existentes em algumas das lâminas e geométricos indicadores da sua provável utilização para corte de matérias vegetais lenhosas, cerealíferas ou mesmo para raspar osso (Gibaja, 2009, p. 25; Gibaja e Terradas, 2008, p. 180-181; Urquijo e Estévez, 1994, p. 38-40).

Foi realizada uma análise traceológica preliminar, com o apoio do Dr. João Marreiros (ICArEHB – Universidade do Algarve). Esta análise debruçou-se sobre duas lâminas (inventário 2003.168.63 e 2003.168.75). Foi possível determinar através da observação microscópica, que, a lâmina 2003.168.63 apresentava um polimento compacto, característico de marcas compatíveis com o corte de osso ou haste. A marca foi identificada cingida apenas a uma zona da peça.

A lâmina 2003.168.75 demonstrou um polimento menos compacto, com características correspondentes ao corte de matéria vegetal macia. Grande parte da superfície da peça apresentava-se mal conservada, por causas pós deposicionais. No entanto, foi possível ainda assim interpretar e obter correspondências para estes vestígios.

### **7.1.2. Geométricos**

Tendo os geométricos um longo período de uso, desde o Paleolítico superior, a sua utilização, já vestigial, mantém-se até ao Neolítico final, desaparecendo em época Calcolítica. Certo é que, existem diferenças entre os geométricos característicos do Neolítico antigo-médio e os do Neolítico final, sendo que estes últimos são tendencialmente elaborados sobre lâmina e anteriormente sobre lamela. A presença de geométricos em contextos do Neolítico final não deve ser tomada como forte indicador ou elemento único datante do contexto arqueológico, principalmente se for uma necrópole. No entanto, devem sim ser encarados como remanescências ritualísticas de épocas anteriores, cujo simbólico se manteve. Devem ser encarados como meros símbolos rituais, geralmente concordantes numericamente com número de defuntos (Gonçalves, 2008, p. 495). Este é quase o caso das Lapas. Existem sete geométricos, tendo sido identificados segundo a análise antropológica, seis indivíduos.

Havia sido apontado por Rui Boaventura a dominância de trapézios assimétricos em contextos do final do Neolítico médio e final na área alentejana, Estremadura (Mataloto *et al*, 2015, p. 63), e mais recentemente também no Baixo Alentejo, em contextos funerários de gruta artificial e fossas (Valera, 2013 e Valera e Filipe, 2012). Até ao aparecimento destes em regiões do Baixo Alentejo, sugeria-se a hipótese de estes

integrarem exclusivamente uma área de dispersão, que, apenas engloba o Sul e a Estremadura em época do Neolítico final (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 260).

Tal como havia sugerido anteriormente, também estes autores (Mataloto *et al*, 2015) sugerem uma cronologia mais fina dentro do Neolítico final. Esta afirmação é feita com base em três tradições votivas distintas identificadas: uma fase anterior à introdução da cerâmica, igualmente com materiais arcaicos onde se encaixam os sepulcros 1 e 3 da Sobreira de Cima, Rabuje 5 e Cabeço da Areia, sem qualquer vestígio cerâmico associado; uma segunda fase, de espólios também “arcaicos”, com machados de secção redonda e quadrangular, geométricos e escassa cerâmica; uma última, com a presença de placas de xisto e pontas de seta (Mataloto *et al*, 2015, p. 64-65). Também a quase totalidade de geométricos do hipogeu das Lapas se refere a trapézios assimétricos, respeitando a tradição identificada na Estremadura. Este tipo de artefacto encontra-se igualmente presente, sobretudo em cavidades naturais ou outros sítios do Neolítico final, como as grutas artificiais do Casal do Pardo (hipogeu 3, provavelmente relacionado com o nível de fundação deste monumento), onde a sua diversidade permitiu uma classificação tipológica. Foram os geométricos presentes na câmara ocidental da Praia das Maças, que dataram o nível de fundação do monumento, associadas a outros elementos datantes de cronologias do Neolítico final, como alfinetes de cabeça postiça (Cardoso e Soares, 1996), placas de xisto, entre outros (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 260). Em contextos funerários estremenhos (Maciço Calcário propriamente dito), é possível encontrar igual presença de geométricos nas grutas da Senhora da Luz (Cardoso *et al*, 1996), Carrascos (Gonçalves e Pereira, 1974/77), Lugar do Canto (Leitão *et al*, 1987) e Lapa da Galinha (Sá, 1959).

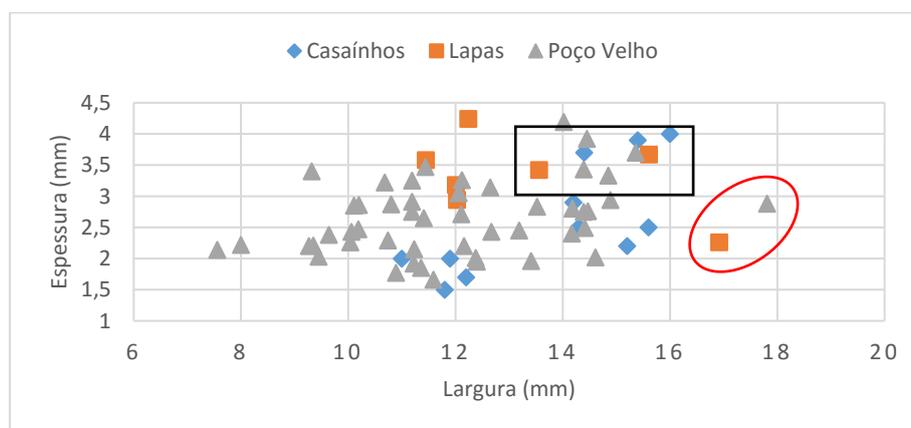
Nota-se, contudo, a coexistência de contextos do mesmo âmbito cronológico onde não se regista a presença de geométricos como no Algar do Barrão (Carvalho *et al*, 2003), entrada superior da Gruta do Almonda (Zilhão *et al*, 1991), Algar de João Ramos (Natividade, 1899/1903), Lapa da Bugalheira (Paço *et al*, 1971) e Marmota (Gonçalves e Pereira, 1974/77).

Na área do Alentejo e Algarve, destaca-se a presença de geométricos, embora em pequena quantidade, na anta 1, 2 e 3 da Herdade do Piornal (Gonçalves, 2013, p. 71-72, 116, 154), seis no hipogeu da Barrada (Barradas *et al*, 2013, p. 410) e 33 na Sobreira de Cima (Carvalho, 2013).

Nas Lapas, a totalidade dos geométricos encontra-se retocada, maioritariamente na truncatura superior, estando representado o retoque lateral apenas num dos casos, que apresenta igualmente marcas de utilização (inventário 2003.168.98). Salienta-se a existência de apenas um exemplar com largura inferior aos 12 mm (inventário 2003.168.93 – 11,45 mm) (largura estabelecida para as lamelas), ou seja, um exemplar considerado como tendo sido elaborado sobre suporte lamelar. Dos restantes seis casos acima dos 12 mm, apenas um atinge 16,92 mm de largura, elaborado sobre suporte laminar. Destaca-se a existência de marcas de utilização em três dos geométricos que formam um padrão estriado disposto diagonalmente nos bordos, mais notório próximo das nervuras.

Segundo estudos de J. F. Gibaja (2008) na necrópole de Can Gambús 1 (Barcelona), alguns artefactos apresentam o mesmo tipo de marcas. Para o autor, as fracturas e estrias, bem como a sua direcção, permitem identificar o seu uso concreto. No caso de Can Gambús 1 este tipo de marca estriada encontra-se em lâminas, sugerindo o autor que segundo as marcas de “ (...) fuerte arredondamiento del filo, micropulido de trama semicerrada, fuerte grado de abrasión en forma de estrias,(...)”, pode ter origem em actividades de corte de talos cerealíferos, ou corte de pele seca (Gibaja e Terradas, 2008, p. 180-181). As marcas deixadas pelo corte de carne ou pele fresca ou seca, sendo consideradas matérias mais brandas e menos abrasivas, são de difícil identificação, muitas vezes apenas detectáveis microscopicamente e não a olho nu como é o caso dos geométricos do hipogeu das Lapas. Além disso, este tipo de marcas pode facilmente desaparecer consoante as condições pós-deposicionais a que os artefactos ficam sujeitos. (Carvalho e Gibaja, 2005, p. 378-379).

Neste sentido também Rui Boaventura observou marcas de uso nos geométricos da região de Lisboa, que julgou corresponderem a uma utilização dos mesmos enquanto instrumentos de corte ou armas de arremesso, alegando a necessidade óbvia de estudos traceológicos para a confirmação ou não destas hipóteses (Boaventura, 2009a, p. 231). A questão da reutilização/reaproveitamento de lâminas (com ou sem vestígios de uso) para a elaboração de geométricos é uma hipótese discutível, e a meu ver necessária.



**Figura 2** – Largura e espessura (em mm) de geométricos provenientes de três contextos funerários distintos: (anta de Casaínhos (11x) (Boaventura,2009:fig.7), gruta natural do Poço Velho (50x) (Gonçalves,2008,p.181-182) e gruta artificial das Lapas (7x).

Dos geométricos analisados provenientes das Lapas, existe um exemplar que oferece dúvidas quanto à sua utilização primária, precisamente pelas suas dimensões (13,56 mm largura por 3,42 mm espessura). Comparativamente às lâminas existentes no conjunto, entre os 13 mm e os 16 mm de largura, apenas seis abaixo de 16 mm apresentam espessuras mínimas com valores equiparáveis ao geométrico em questão (inventário 2003.168.23 – 3,82 mm; inventário 2003.168.27 – 3,71 mm; inventário 2003.168.24 – 3,50 mm; inventário 2003.168.41 – 3,75 mm; inventário 2003.168.59 – 3,63 mm e inventário 2003.168.71 – 3,65 mm).

Relativamente às espessuras laminares acima dos 16 mm de largura, os valores divergem, ligeiramente, do geométrico em questão, não invalidando no entanto, que este não possa ser interpretado como tendo possuído uma utilização laminar anterior à sua possível transformação (valores relativos a espessura mínima: inventário 2003.168.51 – 4,32 mm; inventário 2003.168.17 – 5,57 mm; inventário 2003.168.29 – 5,03 mm; inventário 2003.168.6 – 4,05 mm; inventário 2003.168.50 – 4,66 mm; inventário 2003.168.60 – 3,75 mm).

Na figura 2, o rectângulo assinala nos sítios de Casaínhos e Poço Velho, casos possivelmente semelhantes ao das Lapas. Só uma análise sobre os respectivos geométricos em questão poderia ou não aferir esta hipótese. Mesmo que esta questão não se aplique especificamente a estes geométricos, não significa que não se possa aplicar a geométricos de outros contextos. Contudo, seguindo este raciocínio, os artefactos dentro do rectângulo apresentam medidas (apesar de maioritariamente serem inferiores, onde se destaca apenas um superior, não apresentando grande expressividade), que se podem colocar dentro do mesmo padrão. Para além de serem indubitavelmente realizados sobre suporte laminar (superior a 12 mm de largura), estes apresentam espessuras semelhantes.

Embora a largura possa ser uma variável nesta abordagem específica, já que este se trata de um valor pré-estabelecido, entre os 3 mm e os 4 mm, de forma a poder criar elementos comparativos com o geométrico das Lapas em questão. Apenas para o Poço Velho foi possível verificar a existência de marcas de uso em dois geométricos (CCG-74; CCG-23), sendo passível de se suspeitar também da possível utilização dos mesmos e dos geométricos CCG-40 e CCG-56, anteriormente como lâmina (Gonçalves, 2008: 229,232,233). Nos casos específicos dos CCG-74, CCG-23 e CCG-40 esta possibilidade parece mais óbvia. Salienta-se, ainda, apesar de não ingressar nas medidas estabelecidas de espessura (inferior a 3 mm), que, existe um geométrico (CCG-38) em Poço Velho o qual reúne pelo menos a largura e marcas de uso, para que possa igualmente ser interpretado como um possível reaproveitamento (Gonçalves, 2008, p. 228).

Relativamente aos dois geométricos inseridos na área definida pelo círculo a vermelho, um das Lapas (2003.168.100) e um do Poço Velho (CCG-36), também estes, apesar de oferecerem uma espessura entre os 2 mm e os 3 mm, podem eventualmente sugerir uma potencial utilização primária enquanto lâminas.

O aumento da dimensão nos geométricos, cronologicamente mais recentes, é conhecido de vários autores e faz-se igualmente sentir na área de Lisboa (Boaventura, 2009a, p. 230). Este aumento é notório quando comparado com o sítio habitacional de transição do 6º para o 5º milénio a.n.e. da Valada do Mato (Évora) (Diniz, 2007, p. 94). Na figura 6 (Anexo 7) a existência de geométricos trapézios e triângulos de maior dimensão é bem visível. No entanto, como Rui Boaventura bem apontou, esta evolução dimensional associa-se ao aumento dos suportes alongados (Boaventura, 2009a, p. 230).

Contudo, importa reforçar a ideia da necessidade de um estudo aplicado a esta questão, que possa ser auxiliado através de estudos traceológicos. Caso existam vestígios de utilização, este pode aferir a frequência da reutilização ou aproveitamento de lâminas para a elaboração de geométricos. No entanto, sem dúvida que esta questão se interliga

com a da utilização remanescente de micrólitos geométricos, em contextos sepulcrais de transição do Neolítico final para o Calcolítico final.

### 7.1.3. Pontas de seta

Os estudos sobre a pedra lascada são maioritariamente orientados para artefactos considerados “fósseis directores”, como é o caso das pontas de seta (Sousa, 2010, p. 154). Actualmente a tipologia criada por Staso Forenbaheer (1999) é a mais aceite, tendo também o estudo das pontas de seta das Lapas sido realizado segundo os parâmetros estabelecidos por este autor. O conjunto das Lapas integra 32 pontas de seta, das quais apenas oito se encontram fragmentadas, correspondendo as inteiras a 75% do conjunto.

A sistematização de Forenbaheer baseia-se na análise individual de indicadores distintos: a forma dos bordos (de 1 a 3 - convexos, rectilíneos e côncavos) e forma das bases (de A a F, segundo características específicas como a bases em ogiva, triangular, recta, convexa ou pedunculada). Estas classificações específicas agrupam-se ainda em cinco tipos de pontas de seta. Existem por vezes dificuldades na classificação, já que às vezes são detectados uma espécie de híbridos entre duas categorias próximas.

A existência de oficinas de talhe especializado de pontas de seta não é muito conhecida no registo arqueológico do actual território português, possivelmente, porque nos primórdios da arqueologia a recolha e registo eram deficientes, ou mesmo por falta de conhecimento. Com o evoluir do conhecimento arqueológico sobre povoados, necrópoles e técnicas, ficou claro que no Neolítico final e Calcolítico existe uma especialização ligada a diversos aspectos. Um deles, justamente relativo à indústria de pedra lascada destinada ao uso comum ou ritualístico. Foi nos estudos do Penedo do Lexim, que foram pela primeira vez identificadas pré-formas de pontas de seta, que numa primeira análise haviam sido classificadas como lascas ou restos de talhe (Sousa, 2009, p. 194). Tal identificação só foi possível de ser efectuada perante a cuidadosa recolha e metodologia de escavação, corroborando mais uma vez, que existe forte possibilidade de existirem outros locais com as mesmas características, mas que pelos motivos anteriormente mencionados, acabaram por ficar incógnitos no registo arqueológico.

Mais recentemente, foi identificada por M. Andrade, G. Lopes e C. Vilela, uma oficina de talhe de pontas de seta em Arruda dos Pisões, com indicadores explícitos de todas as fases da cadeia operatória (Andrade *et al*, 2014). A interpretação possível efectuada sobre o sítio (destruído pelo proprietário) levou à rápida conclusão da existência de um fraco potencial estratigráfico, apresentando o sítio apenas uma vasta área de dispersão de material lítico. Cerca de 53,3% dos líticos correspondia a restos de talhe e 15,25% a elementos de preparação e reavivamento de núcleos, indicando logo à partida um tipo de actividade sobre pedra. Cerca de 90% das peças apresentava alterações térmicas (*crazing e potlid*), confirmando ainda mais a suspeita sobre a natureza do sítio, que contudo, poderá ter sido abandonado justamente por causas relacionadas com a lascagem e fracturação indesejada provocada pelas excessivas alterações térmicas (Andrade *et al*, 2014, p. 116-117).

Neste sentido, e de acordo com a evolução da especialização anteriormente mencionada, destaca-se a existência de locais de exploração sazonal, mais próximos das fontes de matéria-prima. Estes locais estariam directamente relacionados com o aparecimento das sociedades camponesas. A evolução para comunidades calcolíticas usufrutuárias de locais fixos para exploração especializada instalavam-se muitas vezes próximos ou junto de povoados de maiores dimensões, os quais visavam estas oficinas servir. Também na área de Arruda dos Pisões existem outros dois núcleos especializados direccionados para o talhe de grandes pontas bifaciais, que, serão abordados no capítulo referente às mesmas (Andrade *et al*, 2014, p. 118-119).

No conjunto das Lapas não se verificaram pré-formas de pontas de seta, mas peças em estágio final, possuidoras de retoque cobridor bastante oblíquo.

A indústria de pontas de seta estudada oferece uma problemática já várias vezes referida para este conjunto (a grande ocorrência de concreções calcárias). As lâminas e as pontas de seta são as categorias mais afectadas, tendo mesmo as concreções influenciado o registo gráfico em desenho. Algumas zonas do desenho acabam por ser propositadamente deixadas em branco, maioritariamente a área central, justamente pela incapacidade de observação gerada por estas.

A matéria-prima base é recorrentemente o sílex, contudo curiosamente as duas únicas pontas de base côncava foram elaboradas sobre osso e uma terceira também em osso de base indeterminada. Nas Lapas, como é possível observar na tabela abaixo, predominam as pontas de seta tipo 1 de base arredondada (2.0 C0), de base triangular (2.0 D0) e base triangular com aletas incipientes (2.0 D1). O número de pontas de base triangular e triangular com aletas é o mesmo, e constitui o maior número de exemplares.

#### Tipologia segundo Forenbaher:

	Poço Velho	Lapas	Casaínhos	Cabeço Arruda 1	Bugalheira	Buraca da Moura da Rexaldia	
<b>Tipo 1</b>	1.0		3				
	1.0 C0		2	2			
	1.0 C1	1		3			1
	1.0 D0	2	2	2	1	1	2
	1.0 D1			3		1	1
	1.0 E0				2	1	
	2.0	2	1				
	2.0 C0	1	4			2	1
	2.0 C1		1	1	1	1	
	2.0 D0	2	6	4	4		2
	2.0 D1	3	6	2			
	2.0 E0	1	3	5	2	3	4
	2.0 E1	2					1
	2.0 F0		1	3			
<b>Tipo 2</b>	1.0 A0					2	
	1.0 B0	1		2		2	8
	2.0 A0					1	3
	2.0 B0	2	2	1		2	9
<b>Tipo 3</b>	10 B1					1	
	1.1 A0						1
	1.1 B0					1	1
	1.1 B1					1	
	TOTAL	17	32	28	8	19	34*

**Tabela 2** – Categorização das pontas de seta dos sítios arqueológicos de Poço Velho (Gonçalves, 2008), Lapas, Casaínhos, Cabeço da Arruda 1, Lapa da Bugalheira e Buraca da Moura da Rexaldia (Boaventura, 2009).

Já havia sido apontado por Rui Boaventura que nas antas de Lisboa (Boaventura, 2009a, p. 233) predominam as pontas de seta de tipo 1 (base convexa), situação que aliás, também se repete na área do Maciço Calcário, através da análise das pontas de seta da Lapa da Bugalheira e Buraca da Moura da Rexaldia (estudo efectuado por Forenbaher, 1999). De forma geral os sepulcros construídos ainda no 4º milénio que apresentem pontas de seta, tendem a oferecer maior número de peças de tipo 1 e 2. Poderá ser possível afirmar que as peças tipo 1 e 2 (base recta ou côncava), principalmente as tipo 1, 2.0 D0 e D1 marquem maior presença em necrópoles do que propriamente em contextos habitacionais, de qualquer forma, nem no Penedo do Lexim nem em Leceia, as pontas tipo 1 aparecem em elevado número (Cardoso, 2013, p. 448, 455). Também em Poço Velho as pontas de base triangular com aletas incipientes, representam 50% do conjunto (Gonçalves, 2008, p. 298). Ainda que, nas Lapas não corresponda a metade do conjunto, corresponde a grande parte, e neste caso em número igual de base triangular, com ou sem aletas.

As pontas tipo 3 (mitriforme) são apontadas como sendo mais características da zona setentrional, presentes na Lapa da Bugalheira, Senhora da Luz 2, Buraca da Moura, Casa da Moura, Cova da Moura e Ermegeira, embora em número bastante reduzido (Boaventura, 2009a, p. 233). Contudo, a sua presença nas Lapas é desconhecida. Peças referentes ao tipo 4 (Eiffel) e 5 (Alcalarienses) parecem associar-se a cronologias calcolíticas, estando maioritariamente presentes em contextos do Calcolítico inicial como nas grutas da Quinta do Anjo, Pico Agudo Furadouro da Rocha Forte, *tholos* do Barro, Zambujal, Outeiro de São Mamede e Leceia (Boaventura, 2009a, p. 234).

Relativamente ao tipo de suporte utilizado, a identificação do mesmo é de difícil tarefa. Contudo as pontas de seta das Lapas parecem ter sido realizadas sobre lasca.

Existe em Leceia uma tipologia de possíveis pontas de seta executadas sobre osso.

Contudo, estas peças não se assemelham a projecteis, apresentado um corpo alongado com um volume cónico na extremidade superior, denominado de espigão (Cardoso, 1995, p. 235). Os exemplares das Lapas, em osso, constituem os únicos exemplares até hoje conhecidos de pontas de seta em osso. Salienta-se que uma das pontas (inventário 2003.168.115) não se encontra integralmente retocada, aliás, percebem-se os retoques mas a superfície sofreu muitas alterações pós-depositivas.

No entanto é possível perceber a intencionalidade votiva atribuída às mesmas. A segunda ponta em osso (inventário 2003.168.116) não parece ter sofrido tantas alterações físicas.

O osso trabalhado apresenta características específicas, respectivas ao seu lascamento. A superfície trabalhada forma padrões direccionados para o talhe do mesmo, que não sendo polidos, se tornam difíceis de esconder, como é o caso específico desta ponta de seta, que apresenta uma ligeira fractura na extremidade distal. Em alguns casos a existência de utilização das pontas de projectil pode levantar dúvidas quanto a uma possível utilização, no caso das Lapas, nenhuma das pontas parece apresentar vestígios de uso ou fracturas por choque. No caso das pontas em osso, constituindo um material

frágil, sendo elas de fraca espessura, mais fácil seria a sua inutilização, acreditando-se que constituem integralmente ofertas votivas.

O exemplar de base pedunculada (inventário 2003.168.123) apresenta-se num ótimo estado de conservação e excelentemente acabado, constituindo por inteiro uma oferta votiva de boa qualidade.

Destacam-se no conjunto duas pontas de seta de base arredondada (inventário 2003.168.127 e 2003.168.128) que apresentam dimensões muito reduzidas, decerto, apenas com função votiva, já que as suas dimensões invalidavam à partida qualquer utilização. Qualquer uma das duas apresenta apenas retoques em tordo do bordo e base, tendo sido deixado a área do meio não retocada, tal como acontece com algumas pontas de seta em Poço Velho (Gonçalves, 2008).

Relativamente às pontas de base inclassificável constam apenas quatro exemplares. Um dos exemplares foi elaborado igualmente em osso (inventário 2003.168.117), podendo na realidade ter correspondido a uma ponta de base côncava, já que os dois únicos exemplares se encontram presentes nessa categoria.

Contudo, não passa de uma suposição. A sua superfície encontra-se muito pouco retocada, podendo a fractura ter ocorrido numa fase inicial da sua retocagem, mas ainda assim, ter sido ofertada. Um outro exemplar, em rocha siliciosa (inventário 2003.168.107), apresenta inclusões de quartzo hialino e outras impurezas agregadas à formação geológica da rocha. Da mesma forma do exemplar anterior, não se apresenta muito retocada, sendo notórios levantamentos na diagonal.

Os retoques tendem a ser cobridores, no entanto, em cerca de cinco exemplares a parte central é deixada sem retoques, concentrando-se os mesmos apenas nos bordos da peça e base.

As pontas de seta encontradas no hipogeu das Lapas direccionem-no para uma utilização do Neolítico final/ Calcolítico inicial, já que segundo Rui Boaventura, as pontas tipo 2, tendem a acompanhar artefactos votivos de calcário, lâminas foliáceas e grandes pontas foliáceas bifaciais (2009a, p. 238). No caso dos hipogeus da Sobreira de Cima (Valera, 2013), Monte Canelas 1 e Barrada, o conjunto não abarca pontas de seta (Barradas, 2013). A convivência de dois sepulcros bastante próximos, em Aljezur, o hipogeu da Barrada e Igreja Nova apresentam diferenças bastante significativas que, não reflectem necessariamente diferenças cronológicas, mas sim diferenças de preferência ritualística.

#### **7.1.4. Grandes pontas foliáceas**

O surgimento de oficinas de talhe de pedra especializadas tem vindo a surgir no contexto arqueológico português. Não se encontram evidências claras da actividade de exploração de sílex, tal como acontece em Múrcia, Casa Montero e La Venta. Contudo, o tipo de evidências não deixa de sugerir a existência de redes especializadas no talhe do

sílex, de modo a responder a necessidades imediatas ou ritualísticas (Andrade e Matias, 2013, p. 107-108).

O complexo de oficinas de talhe de Arruda dos Pisões é constituído por cerca de seis oficinas individualizadas, pelo menos identificadas até ao momento. Distingue-se o núcleo do Passal, constituído pelo Passal e Olival do Passal, o núcleo do Arneiro, constituído pelo Arneiro, Arneiro C e D e o núcleo do Cabeço dos Mouros (Forenbaher, 1999).

Os dois primeiros núcleos, Passal e Arneiro, distinguem-se do terceiro por apresentarem uma oficina de talhe direccionada para a produção de grandes foliáceos, alabardas e punhais. O Cabeço dos Mouros indicia, apenas, a indústria de produção de pontas de seta (Andrade *et al*, 2014). Também Casas de Baixo (Caxarias) (Zilhão, 1992), se refere a uma oficina de talhe de grandes pontas bifaciais, lâminas e lamelas.

Salienta-se o surgimento destes complexos “industriais” junto de áreas de exploração de sílex como é de esperar. A existência destas oficinas faz-se sentir principalmente na área da Estremadura, de onde provêm veios siliciosos. A produção de grandes foliáceos como as lâminas ovóides e alabardas ou punhais implica um grande investimento de tempo/trabalho. Como tal, o primeiro requisito para o estabelecimento de uma oficina com esta produção em determinado local, parece ser a proximidade ou fácil obtenção da matéria-prima sem grande esforço, como demonstram as oficinas de talhe de Olival de Passal e Arneiro, localizadas numa parte baixa da área de Arruda dos Pisões.

As comunidades que frequentaram aquela oficina teriam fácil acesso à rocha siliciosa, através da recolha destes nódulos, em posição secundária, na bacia onde predominam depósitos miocénicos (entre Amieira e Arruda dos Pisões), ou através do transporte fluvial, transportados pelos cursos de água, após se desagregarem de afloramentos cenomanianos localizados na faixa Alcanena-Rio Maior (Andrade, 2014, p. 119).

O registo arqueológico parece indicar que quanto maior for o esforço aplicado na obtenção da matéria-prima e transporte da mesma para as áreas de talhe, primárias ou secundárias, maior é o aproveitamento da matéria-prima, conseqüentemente são efectuados artefactos mais pequenos, como acontece no Cabeço dos Mouros (Arruda dos Pisões) (Andrade, 2014). Contrariamente ao que acontece com as oficinas de Arneiro e Passal, como referido anteriormente, localizadas numa zona baixa e de fácil acesso, a do Cabeço dos Mouros fixou-se no cimo de uma escarpa a 154 metros acima do nível médio das águas do mar. Já Arneiro e Passal, com fácil acesso à matéria-prima, apresentam uma especialização de peças de maior porte.

Efectivamente a realização de grandes pontas foliáceas, implica a obtenção de um suporte cuja forma e dimensões correspondam ao pretendido (de forma a facilitar o produto final), que, após ligeiro desbaste inicial adquira formalmente a configuração oval ou triangular (Carvalho, 1996, p. 46). A oficina de Casas de Baixo, também em Rio Maior, destinava-se à produção de lâminas, lamelas e pontas foliáceas. Tanto nesta como

nas outras (da especialidade) não foi recolhido o produto final, ou seja, as alabardas tal como as conhecemos provenientes de contexto funerário (Zilhão, 1994, p. 38-40).

Tanto Casas de Baixo, Arneiro ou Passal, devem ser interpretadas como locais de desbaste e conformação inicial das mesmas, já que no registo arqueológico apenas foram detectados esboços de foliáceos ou foliáceos fracturados por acidente de talhe e lascas de adelgaçamento, produzidas pelo afeiçãoamento do artefacto (Zilhão, 1994, p. 39). Sabendo portanto de oficinas de talhe especializado de alabardas e onde estas foram “geradas”, pelo menos nos seus estádios de talhe inicial e onde estas acabaram, maioritariamente em contextos funerários, certamente seriam em contexto habitacional, que, se dariam as restantes etapas do processo, neste caso o tratamento térmico, polimento e retoque em «peladas» (Carvalho, 1996, p. 51). No povoado de Vila Nova de São Pedro foi evidenciado, que os foliáceos ali usados e abandonados teriam tido proveniência e fabrico noutra lugar já que não foram recuperados do registo arqueológico lascamentos térmicos (como no Cabeço dos Mouros) e esquirolas provocadas pelos levantamentos e retoques (Andrade, 2014, p. 113-114; Zilhão, 1994, p. 39). As escavações no Penedo do Lexim confirmaram a mesma realidade (Sousa, 2009). Segundo Carvalho (1996), para o Neolítico antigo está atestada a circulação de núcleos de sílex, em grande quantidade, que apresentam as diversas fases de debitagem. A matéria-prima seria adquirida conforme a área de influência (Rio Maior, Leceia, Serra do Cercal, Sagres, etc.) e os produtos trabalhados sobre esses núcleos, são geralmente de pequenas dimensões. Já no Neolítico final e Calcolítico a situação sofreria grandes alterações. O único produto de circulação seriam os grandes suportes laminares. O mesmo defende esta teoria, com base na presença fortemente comum de produtos ainda em fase de debitagem, sem qualquer vestígio cortical e secção triangular ou trapezoidal, afirmando ainda, que esta situação ocorre no Nordeste e no médio e alto Mondego (Carvalho, 1996, p. 51-53).

Relativamente à produção de pontas foliáceas, o mesmo autor admite que ingressam claramente no registo de talhe Neolítico, mas por não se assemelharem a formas de talhe do Neolítico antigo, representariam a existência de contactos com outras populações, não indígenas (Carvalho, 1996, p. 54). Esta não é uma questão fácil de debater, tendo em conta o fraco registo arqueológico, ainda conhecido, no que respeita à ligação entre áreas de exploração de sílex/oficinas de talhe, a ligação destas com áreas habitacionais e ainda a ligação de oficinas de talhe entre si. Até ao momento apenas é possível, aferir que existem três oficinas, onde se destacam em larga escala a produção de pontas bifaciais, (também conotado o seu fabrico através da existência de lascas de adelgaçamento, pré-formas), contando no Arneiro novecentas e treze pré-formas correspondentes a foliáceos (Forenbaher, 1999, p. 119).

As alabardas estão presentes em mais de oitenta e oito sítios arqueológicos (Forenbaher, 1999, p. 152-155) e na área do Maciço Calcário Estremenho são conhecidas em cerca de oito sítios arqueológicos (Buraca da moura da Rexaldia, Lapa da Galinha, Lagoa do Cão, Cabeço da Ministra, Vale do Touro, Senhora da Luz, Pragaes, etc.), num total de sessenta e duas peças (Sousa, 2004, p. 99). No hipogeu das Lapas, teriam sido encontradas cinco alabardas. Contudo, apenas três se encontram em depósito no MNA.

Como anteriormente referido, nas fotografias do arquivo de Manuel Heleno, existem duas fotografias das alabardas recuperadas das escavações por si efectuadas. Contudo, os artefactos fotografados não correspondem de forma alguma às três peças em depósito no mesmo museu. Estranhamente, também Staso Forenbaher (1999) quando enumera e analisa as pontas bifaciais, apenas se refere a duas peças, remetendo para o artigo de D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira (1959), que analisa justamente as peças que não se encontram presentes neste conjunto. Júlio Roque Carreira (1996) apresenta uma fotografia do arquivo de Manuel Heleno onde estas aparecem representadas, as mesmas que também M. Heleno descreve. Resta-me portanto, ainda em dúvida, concluir que, talvez as alabardas que me foram disponibilizadas possam não pertencer ao hipogeu das Lapas, ou se realmente pertencem, permanecem em falta as duas representadas nas fotografias de Manuel Heleno. Saliento que nos cadernos de campo elaborados por Manuel Heleno referentes à sua primeira visita às Lapas ou nos cadernos de campo das escavações por si efectuadas (1935a e 1935b), as duas alabardas, por si mencionadas, correspondem às características presentes nos artefactos representados nas fotografias por si tiradas, mencionando apenas duas.

Posto isto, cabe-me apenas analisar as peças às quais tive acesso.

Antes de uma análise formal às peças, existe a necessidade de reforçar o que já se sabe, ou tecnicamente o que não se sabe: diferenciar alabardas de punhais, já que como dizia Jalhay, “Não se vê bem a que obedece esta diferença” (Jalhay, 1947, p. 53). A diferenciação tem sido feita com base nos critérios individuais particulares e nem a análise das diversas grandes pontas bifaciais efectuada por Staso Forenbaher (1999) foi capaz de diferenciar ambas (Sousa, 2004, p. 98). Contudo, foi proposta pelo mesmo autor, uma classificação destas pontas foliáceas bifaciais segundo as características do bordo e base. Sendo feita a diferenciação entre os tipos de bordo (larga, intermédia ou alongada), morfologicamente entende-se que os punhais corresponderão a peças de bordo alongado (Forenbaher, 1999; Sousa, 2004, p. 98). E Jalhay interpreta ainda as grandes pontas foliáceas detentoras de entalhes laterais na base, como punhais (Jalhay, 1947, p. 42), algo que, para outros investigadores não parece ser uma característica restritiva, já que, por exemplo, na necrópole de Pragais, as alabardas apresentam um ligeiro pedúnculo na base ausente nos punhais (Sousa, 2004, p. 108-110).

Para além de dar conta desta necessidade de diferenciação, salienta-se que a análise efectuada teve em conta as propostas de Forenbaher (1999, p. 87).

A alabarda com o número de inventário 40.292/2003.168.80 apresenta-se completa, registando evidentes retoques cobridores tanto na face como no verso, sobretudo os retoques paralelos junto dos bordos. Na face, é ainda notória a existência de córtex de textura fina junto da base. Esta corresponde ao estágio 5, proposto por Forenbaher (1999, p. 84) ao nível do estágio de produção. A face encontra-se parcialmente coberta por retoques invasores, enquanto o verso da peça, apenas apresenta alguns apontamentos de retoques no bordo, não invasivos.

As alterações térmicas podem ser facilmente identificadas, principalmente através da pátina lustrosa que o artefacto adquire, quando submetido a altas temperaturas. O

chamado lustro térmico, característica de melhor e mais fácil identificação, não é a única resultante do contacto com o fogo (Forenbaher, 1999, p. 83). A alabarda em análise é a mais pequena do conjunto, sendo morfológica e tipologicamente diferente das restantes, que se apresentam lineares de extremidade aguçada, correspondendo na realidade a punhais (inventário nº 40.294/2003.168.82 e 40.293/2003.168.81).

O punhal nº 40.294/2003.168.82 corresponde ao estágio 5 de distribuição dos retoques (Forenbaher, 1999, p. 89). Assim, os retoques são bifaciais e efectuados de forma invasora parcial. A parte mesial da peça é deixada sem qualquer tipo de atributo, ou seja, lisa. Esta característica é mais facilmente visível no verso da peça, bem como a alteração térmica, cujo lustre não deixa margem para dúvidas. Contudo, encontra-se ligeiramente fracturada na base, talvez como consequência da tentativa de adelgaçamento da peça com o percutor errado.

Nota-se, no entanto, remodelação da mesma, corrigindo o erro. O contrário acontece com o punhal nº 40.293/2003.168.81 cuja base se fracturou. Esta fractura permaneceu intacta, ou seja, não remodelada ou disfarçada. Também esta peça apresenta uma distribuição dos retoques igual à da peça anterior, ou seja, estágio 5 de Forenbaher, com os retoques localizados essencialmente nos bordos de forma invasiva e a parte central deixada lisa.

Como referido anteriormente, a maior parte deste tipo de artefacto ocorre sobretudo em contexto de necrópole, contudo, são conhecidos iguais casos em povoados Estremenhos (Leceia, Zambujal e Vila Nova de São Pedro), embora a sua representação numérica seja diminuta e pouco expressiva. Como referido acerca de assentamentos de oficinas de talhe localizadas perto de contextos habitacionais, geralmente correspondentes a cronologias calcolíticas, este tipo de ocorrência em contextos habitacionais pode ser exactamente a confirmação desta hipótese. As pontas foliáceas encontradas nestes povoados poderiam corresponder a artefactos trazidos dessas mesmas oficinas para dentro dos contextos habitacionais, servindo de “reserva” para futuras oferendas.

De Norte a Sul, contabilizam-se mais de cento e setenta e quatro foliáceos, em cerca de cinquenta e um sítios arqueológicos, estando entre as áreas de maior influência o Maciço Estremenho e a Estremadura. O facto de nestas duas áreas se encontrarem as principais fontes de matéria-prima, o sílex, não pode ser coincidência.

A ideia de que de facto estes artefactos poderiam ser executados num único centro produtor já havia sido sugerida por Jalhay após a identificação de nove alabardas, provenientes de locais distintos (Estremadura e Alentejo), elaboradas sobre o mesmo suporte, detectado através da coloração do sílex, e com a mesma técnica de talhe (Jalhay, 1947, p. 53). Uma das alabardas encontrada na Buraca da Moura da Rexaldia apresenta o mesmo tipo de sílex usado na oficina de talhe de Casas de Baixo (Caxarias), provando mais uma vez a teoria do centro produtor ligado a redes de troca (Andrade *et al*, 2014, p. 107).

Importava, deste modo, elaborar um estudo exaustivo sobre a proveniência do sílex das grandes pontas foliáceas e técnicas de talhe das mesmas, bem como o tipo de talhe executado nas oficinas, ainda que, correndo o risco de não obter informação através desta comparação, já que apenas as pré-formas seriam elaboradas nestas oficinas. A elaboração do trabalho final estaria reservada e seria efectuada junto das áreas habitacionais.

No caso da alabarda e punhais das Lapas, a uniformidade do talhe parece indicar que os três foram elaborados em conjunto.

Importa salientar a questão da coloração do material utilizado para a elaboração destes artefactos de prestígio. Um estudo antigo de Jalhay, acerca da alabarda do Casal da Barba Pouca (Jalhay, 1947), reúne a descrição de alguns exemplares, salientando a diferença de colorações usadas entre alabardas e lâminas. Confere a estas colorações, rosadas e avermelhadas, de várias tonalidades e ao uso de calcedónia, um reforço do carácter simbólico, atribuído a estes artefactos (Jalhay, 1947, p. 38-44). Também da anta da Cabeceira (Mora), provém uma alabarda bicôncava com pequeno pedúnculo num tom de rosa lindíssimo, onde são extremamente bem visíveis os estádios de produção da mesma (aquecimento térmico, retoques e polimento), encontrando-se também esta num estádio final da sua produção.

Existe ainda, no conjunto, uma peça foliácea rectângular de secção oval, segundo os critérios de Forenbaher (inventário 2003.168.37). A primeira etapa de definição da tipologia da peça seria um problema, já que, também não concordo com a definição generalista de “lâmina ovóide”. Neste caso específico será determinada pela sua morfologia, por se assemelhar à de lâmina, como lâmina foliácea (designação utilizada por J. L. Cardoso e Filipe Martins, 2013, p. 423). Contudo, muitos dos casos de lâminas ovóides conhecidas, como em Leceia ou Poço Velho, por exibirem bordos arredondados e largura superior ao comprimento, não deviam ser classificados de lâminas, tendo em conta que nem o suporte sobre a qual são elaboradas é laminar. Neste sentido Forenbaher propõe a designação das mesmas como bifaces ovóides (1999, p. 81). Genericamente esta tipologia de artefacto é denominada de lâminas ovóides, facas ovóides, lâminas de foice ou foicinhas (Boaventura, 2009a, p. 238), constituindo os suportes base essencialmente lâminas ou lascas. Assim, pessoalmente e segundo a morfologia das mesmas, opto por categorizar e denominar as que mais se assemelham a lâminas pelo termo usado de lâminas foliáceas.

Efectivamente, a lâmina foliácea existente nas Lapas confirma a estatística verificada por Forenbaher, de que a maioria destas peças de morfologia ovóide é elaborada sobre lâmina, exceptuando dois dos casos observados pelo autor.

De forma geral estes artefactos são mais frequentes em contextos habitacionais. Contudo a sua existência em contextos funerários não constitui surpresa. A sua presença em necrópoles estremenhas está atestada na anta do Casal do Penedo, Trigache 3, Carcavelos, grutas naturais da Pedra Furada (Vila Franca de Xira), Correio-Mor, Poço Velho, Casa da Moura, grutas artificiais de Alapraia (II), Casal do Pardo e Samarra (?), e

*tholoi* da Praia das Maças, São Martinho, Monge, Agualva, Cabeço da Arruda 2 (Torres Vedras) e Paimogo 1 (Lourinhã) (Boaventura, 2009a, p. 240).

Cronologicamente são artefactos que são usualmente inseridos no Calcolítico inicial e pleno a partir de dados adquiridos pela escavação de povoados. Relativamente à sua função, a mesma parece ainda não estar estabelecida. Aparentemente, são-lhes atribuídas funções diversas enquanto lâminas cortantes ou para raspar. Um estudo traceológico sobre cinco lâminas ovóides da anta de Carcavelos, demonstrou uma alteração de superfície em três dos casos, compatível com uma possível utilização. Contudo, não foram observados os ditos vestígios. Apenas nos dois casos restantes que ostentavam superfícies bem preservadas, foram observados traços longitudinais de uso compatíveis ao trabalho com matéria vegetal e vegetal macia (Boaventura, 2009a, p. 239). Em Leceia determinou-se o reavivamento de quatro lâminas ovóides e uma lâmina foliácea (Cardoso e Martins, 2013, p. 434). Alguns exemplares em Leceia ostentam brilho de cereal (Cardoso e Martins, 2013, Fig. 72, nº1, e 5 e 6; Fig. 73, nº 3,5,11; Fig. 74, nº 3,6,10 e Fig. 75, nº 2,6,8).

A peça das Lapas com número de inventário 2003.168.37 refere-se a uma peça inteira de secção oval, possuidora de retoques cobridores em ambas as faces. A superfície da mesma apresenta os anteriormente referidos retoques escamosos, aparentemente compatíveis com o uso das peças para cortar. É perceptível ainda através da observação da mesma, que esta foi polida, confirmando a tendência de manufacturação deste tipo de peças.

Segundo os critérios formais de Forenbaher, são mais frequentes apenas duas variações formais, neste caso, semelhantes ao das Lapas, de estrutura sub-rectangular e ovais e menos frequentes, as lâminas ovóides irregulares. Os artefactos ditos sub-rectangulares apresentam no geral uma configuração alongada de bordos paralelos ou sub-paralelos, exibindo cantos arredondados (Forenbaher, 1999, p. 85), exactamente como o exemplar em questão. Existem exemplares em Leceia que se assemelham bastante ao artefacto das Lapas, nomeadamente o nº 14 ou 17, presente na Fig. 76 (Cardoso e Martins, 2013, p. 517).

#### **7.1.5. Matéria-prima: utilização e proveniência**

A maior parte do conjunto (lâminas e lamelas), foi efectivamente elaborada sobre sílex. Existem apenas dois casos de matérias diferentes, quartzo hialino e osso.

O sílex trata-se de uma rocha sedimentar siliciosa, muito coesa, essencialmente constituída por quartzo microcristalino (calcedonite). Com sílica quase a 100 %, o sílex é uma rocha muito compacta, homogénea, dura, mas frágil e de fractura conchoidal. Estas características fizeram do sílex a primeira e principal matéria-prima dos nossos antepassados na pré-história, no fabrico de múltiplos utensílios, como se verifica no presente caso de estudo (lâminas, geométricos, pontas de seta, grandes pontas bifaciais foliáceas, entre outros). Ocorre quer em leitos estratificados, quer em nódulos no seio de calcários, como são os do cré de França ou de Inglaterra, onde foi inicialmente

identificada, e designada *chert*. (Carvalho, 2011). As formações geológicas de calcário que envolvem a necrópole das Lapas, seja as do arrife da serra de Aire, seja as da serra de Santo António, a nordeste e da serra de Aire, a norte, são em boa parte do Jurássico médio, onde é possível identificar leitos estratificados e nódulos de sílex. Da área do arrife provêm os sílex em que predomina a cor castanha, castanho acinzentado, castanho avermelhado, cinza com veios esbranquiçados. Já os níveis estratigráficos com sílex branco, um branco leitoso, só identificamos na serra de Santo António, próximo da povoação de Casais Martanes.

A área do Vale da Serra, uma depressão natural localizada entre o arrife, a serra de Aire e a serra de Santo António, terá funcionado como fonte de aprovisionamento de matérias-primas, por ser uma área de depósitos em cascalheira. É observável em depósitos dispersos nas encostas do vale e numa área contígua ao Casal João Dias identificada na cartografia pelo lugar – cascalheira. Esta, actualmente, está em parte coberta por uma espessa camada de *terra rossa* (60 a 100 cm), um solo de cor avermelhada, composto essencialmente por argila e óxido de ferro, resultante do processo de dissolução das rochas carbonatadas, pelas águas pluviais carregadas de dióxido de carbono.

Próximo do Casal João Dias, existem tanto seixos arredondados de quartzito como sílex. Em trabalho de campo de prospecção tivemos a oportunidade de recolher amostras. Os nódulos, que correspondem a crescimentos concêntricos, ocorrem frequentemente na natureza, principalmente os nódulos de carbonato de cálcio e sílica (Carvalho, 2005, p. 91). Muitos destes nódulos podem exibir inclusões ferruginosas e de micas, como acontece no sílex utilizado nas Lapas.

Foi realizada uma análise macroscópica do sílex das lâminas, punhais e alabarda das Lapas (apenas materiais do Museu Nacional de Arqueologia), com o apoio do Dr. Fernando Real. Foi possível estabelecer três tipos de colorações do sílex: esbranquiçado, cinzento e castanho (engloba castanhos com manchas avermelhadas, castanhos rosados, castanho amarelado, castanhos acinzentados e castanhos escuros). A maior parte do conjunto corresponde a lâminas de coloração castanha (48 casos).

A análise contemplou os parâmetros de existência ou não de córtex, percentagem das inclusões, textura e observações.

Nas lâminas de coloração castanha, a maior parte delas, apresenta menos de 25% de inclusões (36 casos) e textura opalina (43 casos). As cinzentas (22 casos), menos de 25% de inclusões na totalidade dos casos e para as esbranquiçadas, a mesma situação (oito casos). As lâminas de coloração cinzenta são maioritariamente de textura opalina e as esbranquiçadas, a totalidade.

No parâmetro da observação o tipo de informação refere-se principalmente ao tipo de inclusões presentes. Foi notada a presença de inclusões ferruginosas, areias, algas cianofíceas (presentes em ambientes de águas paradas), microfósseis de orbitulinas, ostracodos e espículas de ouriços.

Em algumas lâminas é possível observar inclusões de micas. As moscovites (uma das vertentes das micas) aparecem sob a forma de palhetas, que exibem características que lhes são próprias, com uma coloração de branco a prateado (Carvalho, 2005, p. 49).

As duas únicas lamelas são em quartzo, que, ocorre mais frequentemente sob a forma de clastos de grandes dimensões, próximo de cascalheiras fluviais e litorais em conglomerados de todas as eras. O aspecto leitoso é o mais característico. Contudo, o transparente ocorre aquando uma maior acumulação de sílica, em estado puro. (Carvalho, 2005, p. 46-47).

Quanto às pontas de seta em osso, a matéria-prima será abordada no capítulo 7.5.4, relativo à matéria-prima dos elementos de adorno, onde se aborda a utilização do osso.

## **7.2. Pedra Polida**

Os artefactos de pedra polida foram utilizados nos povoados para corte e abate de árvores. Os mesmos surgem também em monumentos sepulcrais, onde ganham uma leitura mágico-religiosa, sendo interpretadas como ofertas votivas, e não como instrumentos de trabalho (Gonçalves, 2008b, p. 177).

A quase inexistência de elementos de pedra polida nos sepulcros dos finais do 4º mas sobretudo 3º milénio, como o caso da anta 3 da Herdade de Santa Margarida, de onde provém apenas uma enxó, do *tholos* do Oliva da Pega- 2b, apenas com um elemento de pedra polida, ou até mesmo na Cova das Lapas (cuja existência remonta apenas a um instrumento ainda em fase de lascagem inicial), ainda se encontra por descodificar.

Deparamo-nos ainda com outro tipo de situação e associação: a existência do mesmo número de machados e enxós. Esta situação está documentada no Poço da Gateira 1, em Porto Covo (quase pois existem cinco enxós, e seis machados se excluirmos o machadinho), e em São Pedro do Estoril 2 (Gonçalves, 2008b, p. 88-89, 177). O mesmo acontece no hipogeu 1 da Sobreira de Cima, onde imediatamente à entrada da câmara, do lado direito, estavam depositados sete machados e três enxós acompanhados de três geométricos, uma lâmina e uma lamela. Do lado esquerdo, sete enxós e dois machados, um núcleo de lamelas, cinco lamelas, quatro lâminas, quatro geométricos e três punções em osso (Valera, 2013, p. 51)

A matéria-prima será analisada adiante. Contudo, é possível adiantar segundo um estudo petrográfico, que a maior parte das peças em pedra polida parece ter sido realizada em anfíbolito.

O conjunto de pedra polida das Lapas está representado por 23 elementos, constituído por catorze machados (dez no MMCR e quatro no MNA), seis enxós (quatro no MMCR e duas no MNA), uma goiva depositada no MNA, um escopro e um formão depositados no MMCR.

### 7.2.1. Machados

Os machados das Lapas apresentam secções sub-rectangulares (dois casos), rectangulares (dois casos), sub-quadrangulares (dois casos), quadrangulares (sete casos) e trapezoidal (um caso). Um estudo realizado sobre os artefactos de pedra polida do Povoado de Leceia localiza a maior parte dos artefactos, com estas secções, no período entre o Neolítico final e o Calcolítico inicial (Cardoso, 1999/2000). A maior incidência de machados de secção sub-quadrangular, ocorre no Calcolítico pleno, com quatro exemplares e apenas um no Calcolítico inicial, sendo nulos no Neolítico final. Já os de secção sub-rectangular, ocorrem com maior incidência no Calcolítico pleno com vinte e um exemplares, seguindo-se onze do Calcolítico inicial e apenas seis em cronologias do Neolítico final. Neste sentido, a maior parte dos machados de secção sub-quadrangular ocorre totalmente sobre anfiboloxisto (Calcolítico inicial e pleno) e os de secção sub-rectangular em anfiboloxisto (desde Neolítico final até Calcolítico pleno). Basalto (apenas um – Neolítico final), cherte (apenas um – Neolítico final) e anfibolito (apenas um – Neolítico final) (Cardoso, 1999/2000, p. 249-257). Contudo, salienta-se, que também as peças com escasso polimento ou polimento restrito apenas ao gume representam características arcaicas, pelo menos em contexto de povoado, que apresenta maiores percentagens de polimento integral no Calcolítico inicial e pleno (Cardoso, 1999/2000, p. 259).

Para contextos funerários, refira-se, que na Gruta do Caldeirão foi encontrado numa camada datada da primeira metade do 5º milénio, um machado de secção quadrangular, um sub-circular e outro circular. Este machado quadrangular apresenta um polimento dito arcaico, ou seja, picotado no talão e faces laterais e apenas polido nas faces que formam o gume (Zilhão, 1992, p. 103). Na mesma gruta, mas em camadas calcolíticas, os machados apresentam secções rectangulares e um polimento superficial integral (Zilhão, 1992, p. 112). Em Porto Covo, o número de machados de secção rectangular é quase predominante (embora em número pouco expressivo) com cronologias do 4º milénio. Em Porto Covo e Caldeirão, a totalidade dos machados foi elaborada sobre anfibolito (Gonçalves, 2008b, p. 93; Zilhão, 1992, p. 103-112). Com ocupações do Neolítico final e Calcolítico pleno, certamente corresponderão estes machados à última utilização (Gonçalves, 2008, p. 161). Da gruta II da Senhora da Luz, foram apenas recuperados dois machados, de secção quadrangular e rectangular achatada, respectivamente (Cardoso *et al*, 1996, p. 201-202).

Estes são contextos com largos períodos de ocupações. É importante analisar contextos selados como os do hipogeu da Sobreira de Cima ou em Poço da Gateira. Efectivamente, a secção rectangular e quadrangular parecem corresponder a exemplares Calcolíticos, contrastando com as secções circulares e ovais do Neolítico antigo e médio, respectivamente (Gonçalves, 2001, p. 165).

A necessidade de rochas duras e resistentes, justifica a escolha de anfibolitos e rochas anfibolíticas (anfiboloxistos), com grau de dureza ainda mais acentuado que o

anterior. Os anfiboloxistos, de fácil obtenção junto do Maciço Hespérico, apresentam uma qualidade superior, requerida pelas populações na complexificação das suas actividades e produções agrícolas. Também os machados do Neolítico antigo da gruta do Caldeirão (Tomar) demonstram preferência por este tipo de rocha (Cardoso, 1999/2000, p. 263). A obtenção desta rocha, apenas poderia ser feita através de permutas (agrícolas ou geológicas). Sendo a área do Maciço Estremenho rica em jazidas de sílex, bem como a área de Leceia, seria fácil de entender as redes de trocas. Estas redes de trocas estão igualmente constatadas através das placas de xisto e xisto jaspóide. Tratam-se, portanto, de trocas estratégicas e programadas para obtenção de produtos necessários, seja para o quotidiano, ou para ofertas funerárias (Cardoso, 1999/2000, p. 265-265).

Em Santa Margarida 2, existe um machado de secção sub-quadrangular e outro sub-rectangular, a extremidade de outro bem cuidada, e um quase sub-rectangular com sinais de uso (Gonçalves, 2001, p.1 47-148).

Das Lapas, provêm catorze machados, dos quais apenas cinco inteiros. De forma geral, os machados não apresentam grandes dimensões (geralmente em torno dos 12 cm), embora estas sejam superiores às das goivas do conjunto. Cerca de cinco peças conservam o gume e área mesial, uma apenas o gume e outra em muito mau estado, completamente fragmentada. Nesta peça (MMTN 888) percebe-se um pouco do gume, contudo é muito reduzido. Dos cinco machados que conservam talão, quatro são maioritariamente arredondados. Os bordos apresentam-se convergentes (oito casos) e rectilíneos (oito casos). Embora a maioria seja rectilínea, também existem dois convexos e um caso em que o lado esquerdo é recto e o lado direito convexo. A maioria das faces são convexas (oito casos), seguindo-se as plano-convexas (dois casos) e um caso em que uma face é côncava e outra convexa. As secções maioritariamente sub-rectangulares, como anteriormente referidas, direccionam para cronologias do Neolítico/Calcolítico.

Relativamente ao bisel, em nove dos casos é convexo simétrico e em quatro convexo assimétrico, apresentando uma forma pontiaguda (oito casos) ou arredondada (um caso). Duas das peças apresentam-se muito fragmentadas no gume, nomeadamente a peça MMTN 888. Quatro biseis estão intactos sem qualquer vestígio de utilização e outros quatro apresentam alguns vestígios ligeiros. Apenas dois apresentam vestígios mais marcados, estando um deles boleado.

Quanto ao polimento da superfície das peças, em quase todas é possível observar algum tipo de tratamento. Em cinco dos casos o polimento é total, incluindo gume e faces. Contudo, a superfície encontra-se irregular como consequência da conformação do machado, sendo visíveis os levantamentos, que se encontram ligeiramente polidos. Em quatro casos, apenas o gume se encontra polido, tendo em conta que num dos casos, apenas apresenta o gume (Lapas 71). Os restantes casos apresentam polimento no gume e apenas numa das faces, pelo menos de forma mais notória. A maior peça ascende aos 22 cm e a mais pequena inteira, aos 11 cm, não constituindo efectivamente peças de grande comprimento. Sendo um contexto funerário seria expectável uma menor quantidade de peças utilizadas. Contudo, seis delas apresentam vestígios de terem sido

utilizados, possivelmente, para a sua função original. Mesmo não sendo um conjunto extenso, o grupo de pedra polida encontra-se bastante fragmentado. Um deles (Lapas 71) foi ainda alvo de estudos petrográficos, que serão abordados no capítulo relativo à utilização e proveniência da matéria-prima (ver capítulo 7.3.5).

### 7.2.2. Enxós

A enxó encontra a sua representação funcional, bem demonstrada, através da reprodução formal das mesmas enquanto artefacto votivo em calcário. Estas indicam a presença de um cabo, possivelmente de madeira, com uma superfície aplanada no topo representativa do artefacto em pedra polida. O artefacto de pedra polida, com a face superior para cima (geralmente convexa mas também pode ser aplanada), e a inferior (detentora do «golpe de enxó», convexa ou aplanada), que estaria em contacto directo com a superfície superior plana do cabo, ligada a este através de uma corda (para que pudesse exercer a sua funcionalidade) (Gonçalves, 2008, p. 508).

A face inferior da enxó, côncava ou aplanada, apresenta o «golpe de enxó». A este golpe atribui-se a funcionalidade típica inerente a este artefacto: descascar troncos, cortar ramos e preparar madeira. O conceito de *geometria do gume* usado por Victor S. Gonçalves, refere-se à geometria do traçado inferior do «golpe de enxó», podendo ser entendido como sendo convexo, côncavo, rectilíneo, simétrico ou assimétrico. Por vezes, estes parâmetros não são assinaláveis, seja pela matéria-prima usada ou por outras causas (Gonçalves, 2001; Gonçalves, 2008, p. 508). Se no caso dos machados podemos associar a secção redonda ou rectangular a períodos cronológicos específicos, seríamos facilmente tentados a propor o mesmo para as enxós, tanto relativamente à sua secção, como à geometria do gume (traçados superior e inferior). No caso da secção esta não varia muito, portanto, por aqui, não obteríamos muita informação. Resta-nos a geometria do gume inferior. Victor S. Gonçalves propõe que os traçados inferiores rectilíneos se parecem associar a contextos do 3º milénio, e os restantes para o 4º milénio. Contudo, pelas dúvidas que esta ilação levanta e pelo ainda fraco desenvolvimento e adopção das mesmas normas descritivas em relação a esta característica, não é considerado um forte indicador cronológico. É um tipo de característica que, ainda assim, deve ser analisada, para que no futuro se consigam retirar algumas ilações sobre a sua verdadeira natureza, já que este «golpe de enxó» é interpretado como sendo da responsabilidade do artesão (Gonçalves, 2008, p. 510).

De forma geral as enxós do Neolítico médio e final, provenientes de contextos funerários, encontram-se bem polidas em toda a sua extensão, sendo pouco visíveis os levantamentos relacionados com a conformação do artefacto. As enxós que tenham menos de 5 cm são geralmente consideradas votivas, o que no caso das Lapas não acontece.

Existem enxós presentes em contextos funerários, como o Lugar do Canto, elaboradas sobre outro tipo de rochas, de menor dureza quando comparadas com o

anfíbolito, e que não se adequam ao trabalho do quotidiano. Este facto representa uma intencionalidade e simbolismo atribuído, não só ao artefacto, mas igualmente à matéria-prima em que este foi elaborado (Cardoso, 2014, p. 194)

A menor dureza de rochas sedimentares, meta sedimentares, ou meta vulcânicas, reflecte uma percepção e conhecimento da natureza dos materiais e dos recursos disponíveis, além da intencionalidade da sua escolha. O único sítio onde se conhece de facto o recurso a este tipo de rochas é em Leceia. Contudo, rapidamente se percebe o abandono do uso deste tipo de matéria em prol do anfíbolito, levando à sua importação directamente do Alto Alentejo (Cardoso, 2014, p. 194). A aparente escolha de outro tipo de matéria-prima, que não o anfíbolito, para a realização específica de enxós, merece destaque. No Poço Velho a divergência na matéria-prima entre machados e enxós é significativa: “ (...) das 49 enxós, 20 são de basalto filoniano alterado e 4 de anfíbolito (...) ”, nos machados “ (...) dos 41 (...), 2 são de basalto filoniano alterado e 27 são de anfíbolito.” (Gonçalves, 2008, p. 499).

Neste sentido entende-se a preferência de rochas mais duras e resistentes associadas aos machados e à sua funcionalidade no abate de árvores. Victor S. Gonçalves questiona se no Poço Velho esta disparidade reflecte no mundo funerário, uma divisão do mundo quotidiano dos vivos (Gonçalves, 2008, p. 508). Contudo, este reflexo presente na gruta natural mencionada, não se faz sentir em todos os contextos funerários, seja porque não existem estudos petrográficos concretos ou porque de facto não existem diferenças petrográficas na elaboração de ambos os artefactos.

Como diz Victor S. Gonçalves “ (...) os complexos mágico-religiosos podem ter que ver com o simbólico, mas isso não os impede de serem extremamente funcionais.” (Gonçalves, 2008, p. 499).

Das Lapas, chegaram até nós seis enxós. Numa análise mais formal ao conjunto, apenas três, apresentam todas as medidas e três o gume e área mesial. Os bordos, de orientação similar apresentam-se metade convergentes e metade paralelos. A nível da geometria são maioritariamente convexos (apenas um caso rectilíneo).

O bisel é maioritariamente convexo dissimétrico (cinco casos) e com ligeiros vestígios de uso (quatro casos). Em apenas um caso os vestígios são mais intensos e os restantes encontram-se intactos. Todas as enxós apresentam faces plano-convexas e secção maioritariamente rectangular (quatro casos). O gume é geralmente pontiagudo e convexo (quatro casos) ou rectilíneo (dois casos). Optou-se por caracterizar o golpe de enxó de acordo com os parâmetros estabelecidos por Victor S. Gonçalves (2008b, p. 94). Neste sentido, duas peças não apresentam golpe de enxó, e as restantes, uma linha inferior convexa irregular, rectilínea assimétrica, rectilínea oblíqua e convexa assimétrica. Comparativamente a Porto Covo, apenas se encontram duas correspondências (convexo assimétrico e rectilíneo assimétrico). De forma geral, a geometria do gume das enxós encontra correspondência com o golpe de enxó demonstrando uma intencionalidade do artesão.

A área do talão encontra-se ou arredondada (dois casos) ou truncada (um caso). As dimensões das peças inteiras variam entre 8,3 cm de comprimento mínimo e 14,2 cm

de comprimento máximo, não constituindo como já referido, também para os machados, elementos de grandes dimensões.

O peso das enxós é ligeiramente menor que o dos machados. Contudo, é possível afirmar que existe uma sequência contínua, sem grandes disparidades, o mesmo constatado para a espessura.

### 7.2.3. Goiva

A goiva destaca-se no conjunto artefactual das Lapas, pela sua raridade e pelas reduzidas dimensões e excelentes acabamentos por polimento. Quanto ao gume, este não apresenta quaisquer vestígios de uso, sugerindo que esta tenha sido elaborada propositadamente para representar uma oferta funerária. O paralelo mais directo para esta peça, refira-se a nível dimensional, provém de uma gruta bem próxima, geograficamente: a Lapa da Galinha (Sá, 1959). Existe um outro paralelo um pouco mais distante na gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) cujo exemplar mais pequeno detém 7 cm de comprimento (Belo *et al*, 1961, p. 403).

Ambas apresentam grande semelhança a nível dimensional (4,7 cm comprimento por 1,5 cm de largo e 3,7 cm comprimento por 1,3 cm de largo, Lapa da Galinha e Lapas respectivamente). Relativamente ao gume também este “quase nunca” usado (Sá, 1959, p. 123). A autora, atrás referenciada, menciona ainda a semelhança destas às goivas do “Castelo” em Pavia e povoado de Vila Nova de São Pedro. A presença de goivas em contexto de povoado é mais espectável pela sua funcionalidade. Contudo mais escassa no Calcolítico, do que propriamente em área de necrópole. Embora nos monumentos megalíticos alentejanos a sua aparição também esteja documentada, como é o caso: anta 1 do Poço da Gateira, anta 2 das Vidigueiras, anta 3 de Gorginos, anta 1 e 2 do Passo, Barrocal 3 e 4, Poço Velho (IGM -198) e anta do Cabeço da Forca, e anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Stam-2) e Duque 1 (Cardoso, 2003, p. 206; Gonçalves, 2001, p. 147,159; Gonçalves, 2003, p. 229; Gonçalves, 2008; Leisner e Leisner, 1951, p. 51).

Na Estremadura, da gruta da Casa da Moura (Óbidos) (Almeida e Ferreira, 1966, p. 220), hipogeu 2 da Quinta do Anjo (Palmela) (Soares, 2003, p. 82), gruta II de São Pedro do Estoril (Cascais) (Gonçalves, 2003, p. 142), Cabeço da Ministra (Alcobaça) (Natividade, 1899/1903, p. 467), Pragais (Porto-de-Mós) (Sousa, 2004), Cova da Moura (Torres Vedras) (Belo *et al*, 1961, p. 403) e Lapa do Bugio (Sesimbra) (Cardoso *et al*, 1992, p. 106) provêm, também, goivas, embora estas não possuam as mesmas dimensões que os exemplares encontrados no hipogeu das Lapas e Lapa da Galinha. Ainda assim, está longe de atingir as dimensões das goivas recuperadas nos monumentos megalíticos alentejanos, com dimensões médias de cerca de 15 cm. Os investigadores Georg e Vera Leisner consideravam que os exemplares encontrados no litoral ocidental, se diferenciavam das congéneres alentejanas, justamente por apresentarem dimensões mais reduzidas (Leisner e Leisner, 1951, p. 52).

No povoado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) a ocorrência de goivas apresenta igualmente uma diminuição dimensional (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p.

257). Já no Penedo do Lexim não se registam goivas (Sousa, 2010) e em Leceia, apenas um exemplar. Em termos teóricos, é expectável a presença deste artefacto para a realização de tarefas como escavamento e perfuração de madeira. A inexistência das mesmas anuncia a sua substituição precoce por outro artefacto de pedra polida, capacitado de realizar as mesmas funções, não sendo a goiva um elemento imprescindível (Cardoso, 1999/2000, p. 259).

Especula-se, contudo, qual a razão da reduzida existência de goivas em contextos de necrópole? Ou até mesmo qual a razão para não existirem? Se outros instrumentos de pedra polida como os machados e as enxós se incluem, frequentemente, tanto em contextos habitacionais como sepulcrais, qual o motivo para as goivas, não ingressarem ofertas votivas? Teriam as goivas encontradas em sepulcros, diferente significado do que aquele que se refere ao seu uso funcional? Com base na sua substituição funcional por outro objecto, anteriormente referida, atrevo-me a especular que as goivas foram rapidamente esquecidas, tornando-se assim artefactos ditos arcaicos, que, contudo, se mostram inexistentes no Neolítico final e Calcolítico inicial de Leceia, mas ingressando camadas do Calcolítico pleno.

Deste modo a interpretação desta como o próprio admite, possivelmente goiva, poderá ser errónea tendo em conta as características apresentadas (Cardoso, 1999/2000, p. 245). Se assim for, na realidade as goivas não ingressam no povoado de Leceia, demonstrando o seu arcaísmo. Caso seja esta a situação, então talvez as goivas passem a ser vistas com um outro significado como havia mencionado, passando a integrar assim o mundo mágico-religioso. Para além da cronologia, “a goiva é um artefacto votivo contextualmente raro (comparado com o número de machados e enxós de pedra polida), e algo enigmático, certamente pela ausência de qualquer informação sobre o seu uso específico (...)” (Gonçalves, 2001, p. 162) e sobre as quais residem dúvidas quanto à sua inserção cronológica neolítica e duração enquanto artefacto votivo.

Em forma de resumo, sabe-se portanto que as goivas aparecem individualmente em monumentos onde existem igualmente machados e enxós, mas só algumas, em contextos de placas de xisto gravadas (Lapas, Lapa do Bugio, Casal do Pardo 2, Poço da Gateira 1, anta do Poço Novo, Passo 1, e Lapas); algumas aparecem igualmente em contextos detentores de geométricos (Duque 1, Passo 1, Poço da Gateira 1, STAM 2, Vidigueira 2, Eira Cavada, Palmeira, Lapa do Bugio, Quinta do Anjo e Lapas) (Gonçalves, 2001, p. 159-165).

#### **7.2.4. Escopro e formão**

A separação de machados estreitos e escopros é problemática (Cardoso, 1999/2000, p. 242). Contudo, a peça em pedra polida interpretada como formão, apresenta bordo simétrico e gume em ambas as extremidades. A sua superfície encontra-se completamente polida e bem trabalhada. Reforçando o carácter votivo da peça, não existem quaisquer vestígios de uso nos gumes da peça. Na área de Ervidel existe um

escopro semelhante embora a sua parte distal seja mais arredondada (Andrade, 2014, p. 98).

Segundo Marco Andrade, os escopros traduzem influências extrapeninsulares, já que a principal área de existência destes artefactos se localiza ao longo da área atlântica entre a Bretanha e a Galiza, com pouca expressividade no sudoeste peninsular. Constatam ainda, outros exemplares para além do das Lapas, em Montargil, Óbidos, Vale de Rodrigo 3 e Leceia (Andrade, 2014, p. 102; Cardoso, 1999/2000).

O escopro (MMTN 244), mesmo não sendo de grandes dimensões, apresenta uma superfície polida. De corpo e secção rectangular, ostenta no gume e talão, vestígios de utilização intensa. A área do gume encontra-se muito bem polida, com tendência à diminuição do mesmo em direcção ao talão, área onde o corpo se apresenta bastante picotado. Os bordos são paralelos e rectilíneos e as faces ligeiramente convexas. O bisel é duplo e arredondado, muito boleado como mencionado.

Em Leceia, existem cerca de 28 peças de pedra polida classificadas como formões e escopros, a maioria do Calcolítico pleno (Cardoso, 1999/2000).

Se utilizarmos os critérios de classificação da secção para um enquadramento cronológico, pela secção quadrada de ambos, podemos inseri-los no Calcolítico ainda que possam existir alguns desvios cronológicos.

Relativamente ao formão (MMTN 281), também se apresenta inteiro. Se o escopro apresenta alguns vestígios de utilização, o formão não deixa margem para dúvidas que de facto constitui apenas e só uma peça com fins rituais. Qualquer lado da sua superfície se encontra excelentemente polido, e o gume sem qualquer vestígio de uso. Os bordos são paralelos e rectilíneos. A peça apresenta dois gumes, e qualquer um dos dois se apresenta convexo simétrico. É a peça de pedra polida de maiores dimensões do conjunto detendo 23 cm de comprimento. É, no entanto, uma peça muito estreita de secção quadrada.

#### **7.2.5. Matéria-prima: utilização e proveniência**

O estudo das matérias-primas usadas no fabrico de instrumentos de pedra polida, encontra-se ainda pouco desenvolvido no actual território português. Contudo, começam a dar-se os primeiros passos, na adopção de estudos fundamentados com base em análises petrográficas, capacitadas para a verdadeira identificação das matérias-primas, e da sua respectiva proveniência. Júlio Pereira indica que o facto de serem artefactos que existiram num espaço de tempo diminuto, quando comparados com artefactos elaborados sobre sílex, fez com que os estudos sobre os mesmos fossem deixados para segundo plano (Pereira, 2000).

Os instrumentos de pedra polida elaborados geralmente sobre rochas de origem metamórfica ou magmática, de textura fina, microgranular ou fibrosa apresentam propriedades físico-químicas específicas e singulares, que só a análise mineralógica permite distinguir com segurança.

Foi analisado um fragmento de machado, que se encontra depositado no Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas), para a determinação da matéria-prima. O procedimento foi feito com base na extracção de lâminas delgadas que possibilitassem a análise dos componentes mineralógicos, permitindo a identificação do tipo de rocha usada e a comparação com outras (Pereira, 2000).

A análise da rocha, definida pela natureza dos minerais que a compõem e pela maneira como estes se organizam, indicaram, que, no caso das Lapas, o machado analisado se tratava de xisto anfíbolito. O xisto anfíbolito parece ter um uso recorrente na região em causa, tal como o recurso a matéria-prima regional, tendo sido também detectada a sua presença na Lapa da Bugalheira. O autor salienta a importância e distinção entre análises macro e microscópicas em prol do resultado final, ou seja, enquanto numa análise macroscópica comparativa entre instrumentos de pedra polida das Lapas e Lapa da Bugalheira, estes apresentaram uma cor e texturas tão díspares, a análise microscópica confirmou que na realidade a composição mineralógica era idêntica (Cardoso, 2014, p. 193; Pereira, 2012, p. 8). O machado em questão foi detectado como sendo xisto actinolítico, também conhecido como xisto anfibólico. A diferença principal reside no facto de o anfíbolito deter na sua composição apenas dois minerais (hornblenda e plagioclase), e o exemplar analisado das Lapas conter ainda clorite, epidoto e actinolite, sendo estes os principais caracterizadores do xisto verdes (Pereira, 2012, p. 8). De facto, o autor salienta as semelhanças base entre os materiais estudados da Alta Estremadura e os de Leceia (Cardoso e Carvalhosa, 1995), contendo, os exemplares de Leceia uma composição mineral mais variada. A variação mineral actua conforme a sujeição da rocha à elevada temperatura e pressão existentes abaixo da superfície terrestre, devido a processos de movimentação tectónica como a colisões continentais capazes de provocar uma grande pressão sobre estas rochas ou por contacto entre a rocha no estado sólido com a rocha em estado líquido (magma). Existem no país sete áreas mais próximas da Alta Estremadura e neste caso das Lapas, que poderiam fornecer à primeira vista rocha anfibólica, para a concretização dos artefactos em pedra polida. A área de aprovisionamento mais próxima das Lapas é Abrantes, sendo de admitir a forte probabilidade de ser esta a sua proveniência. Contudo, as características não se assemelham, já que os xistos anfíbolitos de Abrantes apresentam um elevado grau de metamorfismo e o das Lapas corresponde a um baixo grau de metamorfismo (Pereira, 2012, p. 10). Os anfíboloxistos que afloram próximos da cidade de Abrantes correspondem “ (...) a bandas intercaladas nos xistos da Série Negra (Pré-Câmbrico Superior), atravessadas pelo rio Tejo.” (Cardoso, 1999/2000, p. 266). Apesar de alguns dos materiais encontrados em Leceia poderem ter sido elaborados sobre a matéria daqui proveniente, no caso das Lapas, esta hipótese exclui-se, pelos factores acima indicados.

As áreas de aprovisionamento que apresentam maior semelhança mineralógica com o machado analisado são as de Ponte de Sor, Montargil e Montemor-o-Novo (Arronches e Évora).

Porto de Sor, com anfíbolitos de metamorfismo de grau médio ou baixo provenientes do Complexo Vulcano-Sedimentar de Santo António (Câmbrico) (perto da

barragem do Maranhão), apresentam génese metamórfica e mineralógica idêntica aos das Lapas e Leceia (Cardoso, 1999/2000, p. 266 ; Pereira, 2012, p. 11). Também de Montargil, junto da barragem, onde se encontram anfiboloxistos sob a forma de xistos maciços ou xistos verdes, poderia provir a matéria-prima base para a execução dos artefactos de pedra polida, de Avis, nas passagens de rochas anfibolíticas do Maranhão, ou de Montemor-o-Novo (Arronches e Évora) nos chamados “xistos verdes de Silveiras”, que, apesar das diferenças texturais apresentam grande similaridade com o exemplar das Lapas e Leceia igualmente (Cardoso, 1999/2000, p. 266; Pereira, 2012, p. 12).

Como referido, a composição mineralógica do fragmento de machado das Lapas apresenta grande semelhança à composição dos artefactos de pedra polida de Leceia, podendo perceber-se a grande probabilidade de compartilhamento das áreas de aprovisionamento do Alto Alentejo. Estes locais (fontes de matéria-prima), curiosamente localizados nas proximidades de linhas de água principais ou cursos secundários do Tejo, constituíam assim locais de fácil acesso por via fluvial, sendo efectuadas decerto trocas entre sílex (presente na área do Maciço Estremenho e Leceia) e anfibolitos. No caso de Leceia a existência de lingotes em bruto e lascas de anfibolito intramuros, indicou, que, pelo menos parte da utensilagem era ali fabricada (Cardoso, 1999/2000, p. 267-269).

Quanto às análises petrográficas das Lapas, os artefactos foram divididos em duas categorias segundo o tipo de matéria-prima. Neste caso, anfiboloxistos e rochas negras.

A designação de rochas negras foi assim adoptada por não existirem estudos concretos capacitados de identificar a matéria-prima, principalmente no que toca aos materiais sob a guarda do Museu Nacional de Arqueologia. Os materiais do Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas) foram identificados como sendo na totalidade anfibolitos. Contudo, e perante a parecença da matéria-prima presente em artefactos localizados em ambos os museus, será possível admitir que os artefactos de pedra polida depositados no MNA se tratam igualmente de anfibolitos, mas como mencionado anteriormente, a distinção entre anfibolito e anfiboloxisto não pode ser realizada macroscopicamente. Esta interpretação foi igualmente sugerida pelo geólogo Fernando Real que acompanhou e apoiou o estudo geológico e de proveniência dos materiais das Lapas. Deste modo não se evidencia separação artefactual por tipologia material, correspondendo tanto machados como enxós a anfibolitos, ou rochas de índole anfibólica.

### **7.3. Cerâmicas**

O conjunto cerâmico das Lapas apesar de particular, não apresenta grande expressividade numerica. A presença diminuta de elementos cerâmicos pode levantar questões sobre os seus motivos. Não é caso único em grutas artificiais, surgindo nos hipogeus de Igreja Nova (Veiga, 2005), Barrada (Barradas *et al*, 2013), Sobreira de Cima (Valera, 2013) e Cadavais (Anexo 8, Estampa 27 n°38), em suma, esta ausência (ou pouca frequência) faz-se sentir principalmente nos hipogeus alentejanos e algarvios. No caso dos hipogeus alentejanos é possível identificar dois momentos diferentes: alguns

hipogeus do Neolítico final não apresentam cerâmica, enquanto outros, já calcolíticos foram precisamente datados de forma relativa pela presença de cerâmica. A área da Estremadura, por ser uma região de múltiplos contactos, apresenta características distintas onde abundam formas cerâmicas, principalmente o vaso campaniforme. A observação das presenças/ausências atesta a existência de diferentes ritmos e regionalismos próprios de cada região. O hipogeu das Lapas apresenta no entanto, tanto características da área estremenha, como Alentejanas/Algarvias. O conjunto cerâmico apenas abarca quatro vasos relativamente bem conservados. Existem dois vasos hemisféricos e dois vasos elípticos cujo nível de fragmentação é baixo. A pasta dos vasos é extremamente depurada e semelhante entre exemplares. A superfície bem cuidada e lisa indicia a finalidade com que os mesmos foram executados: para oferta funerária.

### 7.3.1. Vasos em calote

Algumas tipologias cerâmicas levantam questões difíceis de solucionar, particularmente os vasos em calote e globulares, que impossibilitam a atribuição de uma cronologia mais específica. No caso das Lapas, a problemática atribui-se aos vasos em calote. Se os sítios funerários são utilizados por um largo período de tempo, a sua atribuição a determinada deposição funerária, torna-se praticamente impossível, senão, veja-se o caso específico do hipogeu 2 de Cadavais. Uma deposição funerária acompanhada de dois vasos globulares, que por não haver mais nenhum outro indicador cronológico, podem ser interpretados em ampla cronologia ou seja, desde o Neolítico final até à idade do Bronze (Anexo 8, Estampa 27, nº38). Como disse Victor S. Gonçalves “não é fácil estabelecer um conjunto «mais antigo» (...)” (Gonçalves, 2005b, p. 120), principalmente em ambientes com múltiplas utilizações. Rui Boaventura apontou a necessidade de seriação mais específica destes recipientes, com larga diacronia de utilização, através de parâmetros descritivos mais fechados, como a análise de pastas de forma a obter algum indicador mais específico (Boaventura, 2009, p. 259). Se a análise de cerâmica campaniforme, considerada como fósil director, já é difícil pela existência de múltiplos estilos impressos, no caso da cerâmica lisa, a situação não tende a melhorar. Os vasos em calote ingressam no pacote denominado de «cerâmica dolménica», presentes igualmente na anta de Carcavelos, Casaínhos, Monte Abrão Escoural, anta 1 do Poço da Gateira (Boaventura, 2009, p. 259), Poço Velho (Gonçalves, 2008), *tholos* da Tituarria (Cardoso *et al*, 1996, fig. 47, nº3). Outra questão a registar é a ausência cerâmica. Tem vindo a ser cada vez mais evidente a ausência cerâmica em contextos mais antigos. Alguns sítios, com datações fiáveis como as grutas do Escoural, Algar do Barrão, Algar do Bom Santo, Sobreira de Cima e STAM 2 (Boaventura, 2009, p. 161; Valera, 2013), constata este facto. No caso da Sobreira de Cima a cerâmica está ausente, enquanto nos outros existe em número bastante baixo, como acontece nas Lapas e no hipogeu da Barrada (Aljezur). Apenas aí, foram recolhidos 10 fragmentos inclassificáveis de cerâmica (Barradas *et al*, 2013, p. 410). Contudo, as datações da Sobreira de Cima classificam o sítio como sendo do Neolítico final (2866-2489 - 2 sigmas Cal BC–

Valera,2013). Ainda assim, todo o espólio remete para um arcaísmo local, não encontrando correspondência possível entre os dois (Valera, 2013). Datações diferentes inserem estes recipientes cerâmicos no final do Neolítico (Boaventura, 2009, p. 261).

No caso do hipogeu 1 de Monte Canelas, também este interpretado como detentor de espólio mais arcaico, não apresenta qualquer recipiente cerâmico (Parreira e Serpa, 1995, p. 237). A datação para Monte Canelas inseriu a necrópole no último quartel do 4º milénio a.n.e. (Boaventura, 2009, p. 262), reforçando a teoria da escassez cerâmica no Neolítico final. Pode a inclusão dos mesmos remeter para uma utilização prolongada do espaço funerário, já no início do 3º milénio. Para além dos dados concretos que existem, é possível ainda remeter esta ausência, para o convívio de várias práticas funerárias distintas, como detectado no M.C.E., que já haviam sido mencionadas, anteriormente.

Morfologicamente os dois vasos em calote apresentam dimensões semelhantes, cerca de 10 cm de diâmetro cada, uma superfície bem polida e regular. A coloração é mais oxidante, contudo, algumas partes encontram-se ligeiramente enegrecidas. É sabido que, não foi efectuada nenhuma limpeza à superfície da peça, portanto, é interessante o facto da sua superfície externa, não se encontrar muito concrecionada. No entanto e não conhecendo a situação anterior em que se encontravam as peças, não é possível determinar a sua posição no sepulcro. Contudo, as concreções apresentam-se também no interior da peça. A nível da pasta, ambas se assemelham, com o mesmo tipo de inclusões, neste caso, de palhetas de calcite, algo que também os vasos elípticos apresentam. Não é possível determinar se foram executados ao mesmo tempo. Pelo menos, um dos vasos elípticos apresenta uma pasta bastante semelhante à dos vasos hemisféricos (em barro vermelho). Outro, mais enegrecido, aparenta ser um pouco mais grosseiro. O vaso MMTN 272 oferece um bordo extremamente uniforme, com excelentes acabamentos.

### **7.3.2. Vasos de boca elíptica**

Em 1959, D. Fernando de Almeida e Octávio da Veiga Ferreira publicaram sobre os dois vasos de boca elíptica, provenientes das Lapas (Almeida e Ferreira, 1959). À data do artigo, apenas eram conhecidos vasos das furnas do Poço Velho (Cascais), Casa da Moura (Óbidos), anta da Ordem (Avis), Lapa da Galinha (Alcanena) e Salvé Rainha (Montejunto) (Almeida e Ferreira, 1959, p. 233). O número de exemplares elípticos lisos aumentou perante esta primeira apresentação. Contudo ainda assim, não se pode afirmar que seja um número muito elevado. Está registada a presença de vasos ovais na gruta de Salvé Rainha (dois), Casa da Moura (um), Lapa da Galinha (três), Poço Velho (um), gruta do Escoural (dois), anta grande da Ordem (um), anta 1 do Couto Biscaia (três), Covão de Almeida (quatro), Folha do Ranjão (um), gruta dos Penedos (um), Lapas (dois) e um da colecção pessoal de Manuel Heleno, sem indicação de proveniência (Pereira, 1976/1977, p. 72-73).

Os dois vasos elípticos das Lapas apresentam uma superfície cuidada, a meu ver. Talvez não tão aperfeiçoada quanto a das taças hemisféricas ali encontrados, mas ainda

assim, é perceptível uma intencionalidade e preparação dos mesmos, para efeitos votivos.

A análise geral sobre a superfície destes vasos, feita por Pereira (1976/1977), conota a maioria deles como sendo rudes ou grosseiros.

Os mesmos afirmam que “é mais fácil fazer um vaso redondo em vez de elíptico”, Almeida e Ferreira, 1959, p. 232). Contudo, a conformação de um vaso elíptico talvez não fosse tão difícil, quanto os autores preconizam.

Praticamente, metade dos vinte e dois vasos foi elaborado sobre barro vermelho, ou castanho-avermelhado (Pereira, 1976/1977, p. 70). Alguns apresentam coloração negra, como acontece com o exemplar elíptico (MMTN 271), mais bem conservado das Lapas. Apesar de serem visíveis algumas inclusões de palhetas de calcite, a composição da pasta encontra-se muito cuidada e bastante limpa, descartando a utilização desta peça em contexto doméstico. Neste contexto, as mesmas têm uma aparência mais grosseira e bastantes inclusões. Antes de ser cozida, a peça foi devidamente polida e alisada, resultando daí uma textura cuidada. A coloração enegrecida foi adquirida através da cozedura redutora, a que o mesmo esteve sujeito. Não é possível determinar se foi cozida de boca para cima ou para baixo, já que a coloração enegrecida, se apresenta de uma relativa uniformidade. O bordo da peça encontra-se ligeiramente fragmentado ao longo da sua extensão. De forma geral, os vasos elípticos apresentam-se bastante concrecionados, principalmente o exemplar elíptico em barro vermelho, que será adiante descrito. A existência de uma camada de concreção atesta facilmente a sua posição original no sepulcro. Um troço do bordo total da peça apresenta-se ligeiramente fragmentado. No entanto, ambas as superfícies internas e externa, não se encontram muito concrecionados, não tendo sido restauradas nem limpas em laboratório.

O segundo vaso elíptico (MMTN 273), elaborado em barro vermelho e de coloração igualmente avermelhada, apresenta uma superfície cuidada e uma menor espessura das paredes e bordo. Cerca de 1/3 do vaso encontra-se fragmentado. Como mencionado, este vaso apresenta muita concreção na superfície externa. O excessivo aglomerado na área de fractura leva a supor que o mesmo tenha sido depositado já fracturado, ou fracturado no sepulcro. Percebe-se, no entanto, que também as suas faces foram polidas e afeiçoadas, proporcionando um melhor acabamento a esta oferta votiva.

Para D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira (1959) não existem dúvidas que os vasos elípticos se relacionam com os recipientes de forma alongada, muitas vezes representativos de animais: “Como dissemos, a forma alongada ou elíptica das vasilhas encontradas em Torres Novas e noutras localidades adiante mencionadas deve ter afinidades, quanto à forma, com os vasos de tipo zoomórfico.” (Almeida e Ferreira, 1959, p. 232). Mas não, quanto à simbologia ainda que, muitas vezes, a morfologia se associe à simbologia tornando-se a afirmação dos autores anteriormente referenciados um pouco contraditória. No caso dos vasos zoomórficos de Olelas e gruta do Carvalhal, a morfologia alongada/elíptica (correspondente à parte destinada à contenção), corresponde ao corpo do animal, tendo estes a devida representação tridimensional da cabeça e patas, o que não

acontece com os vasos ditos elípticos, idênticos aos das Lapas (Cardoso, 1996, p. 102).

A forma alongada dos vasos elípticos das Lapas faz lembrar duas das calotes cranianas ali encontradas, principalmente o vaso fragmentado, embora a calote seja de dimensões maiores que as do vaso. Poderiam ser representações cranianas? Se assim fosse, acredito que características existentes nos crânios seriam representadas nos vasos, o que não acontece. No entanto, podem ser baseados ou inspirados nos mesmos. Não se pode negar a existência de um significado inculcado naqueles artefactos. Se existe todo o interesse em fornecer artefactos bem polidos, bem manufacturados, com bom sílex, aos defuntos, não vejo porque não ofertar vasos também de morfologia singular, neste caso, de forma elíptica.

Para além do estreito de Gibraltar, no Norte de África, parecem existir igualmente vasos elípticos. Contudo, estes foram elaborados em pedra polida. A existência de exemplares semelhantes poderá induzir à presença de contactos entre estas duas áreas, em época neolítica, como também atestam os vasos campaniformes e artefactos em marfim (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 265). A elaboração dos exemplares africanos em pedra polida confere uma intencionalidade mais explícita, ou pelo menos mais facilmente identificada, que propriamente os vasos em barro. Havendo contactos confirmados entre as duas áreas regionais, se os mesmos foram manufacturados sobre barro e não sobre pedra polida ou outro tipo de matéria-prima, podem induzir à atribuição de uma diferente simbologia, aos vasos de boca elíptica em barro, encontrados em Portugal.

## **7.4. Indústria óssea utilitária**

### **7.4.1. Furador**

No conjunto, apenas se regista a presença de um único furador, obtido através do seccionamento longitudinal de um osso longo. O facto, da sua superfície se encontrar polida e não apresentar realmente uma extremidade aguçada, poderá induzir a que a peça terá tido uma função utilitária. Além de que, a pequena porção de osso que o constitui e a ausência de elementos anatómicos, incapacitam a diagnose tanto do osso usado, como do animal.

De facto, existem duas formas de se elaborar um furador, seja pelo seccionamento relativo oblíquo da diáfise do osso, seja pelo seu seccionamento longitudinal, como acontece nas Lapas. A análise dos dados disponíveis parece indicar que os furadores executados sobre seccionamento longitudinal são diminutos em contexto arqueológico do Neolítico final, e ainda mais escassos em contextos do Calcolítico. Acontece, que os exemplares como o das Lapas foram rapidamente substituídos, pelos anteriormente mencionados, ou seja, os de seccionamento oblíquo. Desta forma é possível observar na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992; Fig. 6, nº 26 e Fig. 11, nº 7), nas grutas de Alcobaça (Natividade, 1899/1903, Fig. 17, nº 131) e gruta do Escoural (Araújo e Lejeune, 1995, Fig. 27), a coexistência de furadores semelhantes ao das Lapas, com seccionamento

oblíquo (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 276). O furador das Lapas parece indicar ser de uma tipologia mais antiga, caracterizante de contextos do Neolítico final.

## **7.5. Elementos de adorno**

### **7.5.1. Contas de colar**

As contas de colar em xisto negro (209) foram reunida artificialmente num colar no Museu Nacional de Arqueologia. Esta reunião posterior ao seu achado não é desconhecida para outros sepulcros, e já havia sido mencionada por Rui Boaventura (2009, p. 226) e Victor S. Gonçalves (2008, p. 354), idealizando aquela que seria a sua possível utilização. Algumas contas recolhidas em antas em Carcavelos foram aglomeradas, demonstrando a existência de uma sequência (Boaventura, 2009, p. 267). No caso das Lapas, apesar de não existir este tipo de registo, é interessante verificar a existência de oito contas de colar da mesma tipologia e material, que se encontram “coladas” aos pares, pela concreção já mencionada, tão presente neste contexto. Existe apenas um único caso de três contas coladas entre si. De facto, indo mais longe, durante os trabalhos de limpeza enquadrados no estudo antropológico por mim realizados, com o apoio da Dr<sup>a</sup> Teresa Ferreira, ao retirar sedimento agregado aos restos osteológicos, surgiu num pequeno aglomerado de ossos, junto a um fragmento de escápula, uma pequena conta discoidal em xisto negro, idêntica às existentes no conjunto. Na gruta do Poço Velho (Gonçalves, 2008), Lapa do Bugio (Cardoso, 1992, p. 110), grutas da Senhora da Luz (Cardoso *et al*, 1996, p. 236 e Fig. n.º 34) e Buraca da Moura da Rexaldia e antas do Paço (anta A) (informação retirada do Matriznet) foram também encontradas contas de colar, em xisto, semelhantes às das Lapas.

A existência de contas de colar coladas entre si, que atestam a sua posição conjunta originalmente, é conhecida também nas grutas da Senhora da Luz (Rio Maior), onde nesse caso específico, contas discóides em xisto se intercalavam com contas *Dentalium* sp. (Cardoso *et al*, 1996, p. 236). Na realidade, no conjunto, foram apenas analisadas segundo os parâmetros descritivos, 225 contas discóides em xisto. Contudo, contabilizando apenas numericamente e englobando as ditas contas agregadas pela concreção, existem na realidade 235. Por respeito a informações e análises futuras que dali possam advir, optou-se por se manter as mesmas em conexão. O diâmetro da totalidade das contas em xisto encontra-se entre os 4,04 e os 5,06 mm, e o seu peso entre os 0,02 e os 0,09 gramas. A totalidade das contas apresenta uma morfologia discóide. Contudo, as perfurações variam apresentando-se troncocónicas, bitroncocónicas e ainda cilíndricas, representando as últimas, a maioria dos casos. Este tipo de contas é integrado por Victor S. Gonçalves, nos dois últimos séculos do 4º milénio e inícios do 3º, associando-as com as placas de xisto com base na inexistente componente de adorno pessoal, da área Alentejana para o 4º milénio (Gonçalves, 2008, p. 519).

Destaca-se ainda o uso de matéria animal para a elaboração e/ou reaproveitamento, de/para contas, neste caso, osso, concha e vértebras de peixe. Havendo apenas cinco exemplares em concha nas Lapas, não é possível distinguir a que espécies pertencem. Contudo, a existência das mesmas em zonas longínquas (de interior) e igualmente presentes na Buraca da Moura da Rexaldia, atesta a existência de trocas com a costa litoral, de onde estas provêm.

Existem três contas elaboradas sobre osso (inventário 2003.168.159/ 2003.168.148 e 2003.168.143). O recurso à utilização de osso para a elaboração de contas de colar é recorrente, estando estas presentes em vários contextos. Também em osso, existem duas contas hiperbolóides (inventário 2003.168.158 A e B) que correspondem ao reaproveitamento de duas vértebras de peixe e respectivo canal medular, para possível utilização, enquanto contas de colar. De facto, não existem provas que comprovem esta teoria, mas, no entanto, é uma hipótese plausível. Haveria, contudo, necessidade de identificar a espécie e perceber se constitui o aproveitamento de uma espécie proveniente de rio, ou de mar, podendo induzir a outro tipo de trocas com a área litoral.

Em osso existe ainda uma conta de grandes dimensões, já anteriormente estudada por Maria Clara Salvado (2004:170-173, Est.XI, nº20). A respectiva conta (inventário 2003.168.143) corresponde ao aproveitamento de um osso longo e do seu canal medular para a elaboração da mesma. Neste sentido, a peça apresenta uma forma barrilóide de secção ligeiramente triangular. Existe ainda uma linha incisa em cada extremidade da conta. Apesar de se distinguir do restante conjunto, esta peça não é única, existindo semelhantes no hipogeu de Carenque e Furadouro da Rocha Forte (Salvado, 2004, p. 173, nº 17 e 18), gruta da Furninha (Peniche) e Casa da Moura (Óbidos) (Cardoso e Carvalho, 2010/2011, p. 378,381, Fig. 32, nº 3). Esta conta tem 29,48 mm de altura e 22,64 mm de comprimento, constituindo o exemplar de maiores dimensões do conjunto das Lapas.

Existem ainda quatro outras contas de dimensões médias elaboradas sobre matérias-primas, que, apesar de presentes no meio ambiente em que a necrópole se insere, nem por isso marcam presença frequente nestes e noutros contextos funerários, como a calcite, aragonite, calcário detrítico e azeviche. Curiosamente, o grupo de contas de colar elaboradas em matérias que podem ser classificadas como mais exóticas (no sentido em que são menos comuns), são as que apresentam maiores dimensões, relativamente às elaboradas em concha ou xisto negro. A conta em calcite (inventário 2003.168.147) apresenta uma morfologia bitroncocónica e perfuração cilíndrica, bem como o exemplar em calcário detrítico (inventário 2003.168.149). Estas duas correspondem às contas de maior dimensão, exceptuando a conta barrilóide, com 14,50 e 19,32 mm de diâmetro (as contas de calcite e calcário detrítico respectivamente). A conta em aragonite (inventário 2003.168.150), de coloração rosada, apresenta uma morfologia discóide e perfuração bitroncocónica.

Numa análise conjunta, é verificável, que nas contas de dimensões pequenas em osso e xisto predomina a morfologia discóide, com a excepção das duas vértebras de peixe. Relativamente, às peças de matéria-prima menos comum, é nestas que encontramos uma maior variabilidade morfológica, apresentando formas totalmente

diferentes, como a registada no exemplar em azeviche (inventário 2003.168.152). Das grutas da Senhora da Luz provém também um exemplar em calcite (Cardoso *et al*, 1996, p. 236).

Foram também encontradas noutros sítios arqueológicos portugueses, contas elaboradas sobre azeviche, como na Lapa do Bugio (Sesimbra), Cova da Moura (Torres Vedras), Lapa da Galinha (Alcanena), Casa da Moura (Óbidos), anta A do Paço (informação retirada do Matriznet), grutas artificiais de São Pedro do Estoril e Quinta do Anjo (Cascais e Palmela respectivamente) (Cardoso *et al*, 2003, p. 241). Em Espanha são conhecidas inúmeras contas de colar elaboradas sobre carvão mineral fossilizado (Pascual Benito, 1998, p. 154).

O lignito é descrito como possuindo uma coloração parda e pouco brilhante, por vezes com estrutura fibrosa. O azeviche, variante do carvão fossilizado, apresenta uma coloração negra e brilhante, capaz de ser afeiçoada e polida sem que se danifique, ao contrário do que acontece com o lignito. O azeviche está menos presente, bem como a antracite (Pascual Benito, 1998, p. 155). É referido no estudo espanhol, de mais de 1000 contas analisadas, que todas as que foram elaboradas sobre azeviche correspondem a contas discóides e bitroncocónicas de grandes dimensões (em contextos funerários).

Em Portugal, as bitroncocónicas assumem um lugar de destaque em contextos fúnebres (Cardoso *et al*, 2003, p. 241). Também o uso de carvão mineral fossilizado para a confecção de adornos em Espanha se multiplica em áreas costeiras, principalmente nas inúmeras necrópoles presentes no País Valenciano. Os autores assinalam que nesta área geográfica, os adornos de tipologia bitroncocónica e esférica, tendem a ingressar contextos do campaniforme, enquanto, as de tipologia discóide predominam em contextos do Neolítico. Desta forma, o uso de carvão mineral, sob forma de lignito, azeviche ou antracite, tende a impor-se em áreas costeiras da Península Ibérica, presentes no Norte e centro Português (Cardoso, 1992, p. 111; Cardoso *et al*, 2001/2002, p. 241; Oliveira Jorge, 1984, p. 40), noroeste da Catalunha, e noroeste valenciano (Pascual Benito, 1998, p. 156-157).

A presença de azeviche encontra-se também documentada em Los Millares, estando o local de abastecimento mais próximo, localizado na Serra Morena. Atribuiu-se desta forma ao azeviche uma valoração semelhante à dada ao marfim e casca de ovo de avestruz (provenientes de África), âmbar e pedra verde (Chapman, 1991, p. 260; Pascual Benito, 1998, p. 158).

O exemplar em azeviche (inventário 2003.168.152), como mencionado anteriormente, apresenta uma forma distinta do conjunto. De morfologia de tendência triangular, a peça apresenta 13 sulcos incisivos, horizontalmente, em torno da superfície da peça e perfuração bitroncocónica.

### 7.5.2. Alfinetes de cabelo e cabos de instrumento

Crê-se que os alfinetes de cabeça postiça serviriam para segurar o cabelo, contudo, existem outras propostas funcionais como para a decoração de roupa, substituição de botões ou para justapor abas de tecidos (Salvado, 2004, p. 81-82). Apesar de tudo, são maioritariamente interpretados como elementos de adorno pessoal.

Estão presentes no hipogeu das Lapas três exemplares de alfinetes de cabelo executados sobre osso, um canelado e dois lisos. Nos três é visível ainda inserido na cabeça do alfinete, parte do cabo onde estes encaixavam (canal medular do osso reaproveitado). No MNA estão presentes os dois casos, ou seja, um alfinete canelado e um liso. Os exemplares encontram-se ligeiramente fragmentados e apresentam dimensões semelhantes.

O alfinete de cabeça postiça canelada (estrias horizontais circulares) (inventário nº 2003.168.141) apresenta semelhanças com outros encontrados na área da Estremadura, como os exemplares proveniente do Furadouro da Rocha Forte (Cadaval) (Salvado, 2003: Estampa IV, nº12), Alapraia (gruta II) (Gonçalves, 2003, p. 130), Lapa da Galinha (Sá, 1959, p. 123), dólmen de Casaínhos (Leisner, 1965, Tf.23, nº84), câmara ocidental da Praia das Maçãs (Leisner, 1965, Tf.38, nº100,103,104 e 105), Samarra (Leisner, 1965, Tf.50, nº43) e Lapa do Suão (Furtado, 1969, p. 66).

Esta cabeça de alfinete apresenta 10,91 mm e 26,62 mm, de largura e comprimento, respectivamente, salientando que o comprimento mencionado não exhibe a totalidade da peça, já que esta se encontra fragmentada na área proximal.

O exemplar liso (inventário nº 2003.168.140) apresenta similitudes ao alfinete proveniente do Forno da Telha (Rio Maior) (Salvado, 2004, Estampa IV, nº2). Cabeço da Arruda 1 e 2 (Leisner, 1965, TF. 5, nº 44; Tf. 9, nº 43), hipogeu 3 e 4 da Quinta do Anjo (Leisner, 1965, Tf.102, nº141, Tf.108, nº24) e hipogeu da Igreja Nova (Aljezur) (Leisner, 1965 :Tf.131 ,nº37 e 38). A cabeça de alfinete lisa apresenta 12,75 mm e 38,74 mm, de largura e comprimento, respectivamente. Salienta-se também que se encontra fragmentada na área proximal.

No MMCR o alfinete (inventário MMTN nº 250) apresenta ainda grande parte do cabo inserido na peça, apesar de estar colado na zona de inserção do mesmo com a cabeça do alfinete. Desta forma foram retiradas as medidas à cabeça do alfinete e cabo separadamente. Assim a cabeça de alfinete apresenta 11,34 mm e 24,11 mm, de largura e comprimento, e o cabo, 5,27 mm e 72,46 mm também de largura e comprimento. Este não traduz o comprimento total do cabo que se encontra fragmentado na área proximal. Por vezes, estas peças podem ser confundidas com contas tubulares (quando lisas), como acontece com um dos exemplares provenientes da gruta II da Senhora da Luz (Cardoso et al, 1996, p. 230-233 e Fig. 22, nº 9). O facto de a perfuração ser ligeiramente cónica com o intuito de travar o cabo, contrasta com a perfuração notoriamente mais regular das contas de colar. Contudo, não é regra que a perfuração dos alfinetes seja cónica, já que existem casos onde tal não acontece (Salvado, 2004, p. 56-57).

J. L. Cardoso e A. Monge Soares efectuaram um conjunto de datações sobre alfinetes de cabelo (1995) que visava obter dados cronológicos sobre as grutas artificiais da Estremadura. O estudo datou alfinetes de cabelo da gruta da Furninha, Casa da Moura, Lapa do Bugio, Quinta do Anjo (hipogeu 3) e câmara ocidental da Praia das Maçãs. Foi possível concluir que estes artefactos apresentam maior incidência de uso no Neolítico final com longevidade de utilização prolongável até ao Calcolítico, como demonstra a datação do hipogeu 3 da Quinta do Anjo e *tholos* do Olival da Pega -2b (Gonçalves, 2003, p. 162). Os dois exemplares datados da câmara ocidental da Praia das Maçãs indicam que a única ocupação daquela estrutura – tipo hipogeu – foi do Neolítico final de acordo com a homogeneidade cronológica do espólio (3338-2903 2 sigmas Cal BC – Cardoso e Soares, 1995). As datações dos exemplares da gruta da Furninha, Casa da Moura e câmara ocidental da Praia das Maçãs, em concordância, indicam que o uso destes monumentos se iniciou no Neolítico final. As três datações anteriores, semelhantes às obtidas para o hipogeu do Monte do Castelo, sugerem que também este foi construído e utilizado no final do 4º milénio a.n.e. (Cardoso e Soares, 1995, p. 10-13).

No que respeita aos alfinetes, ingressam no conjunto dois alfinetes distintos. Um deles (inventário nº 2003.168.142) corresponde a um elemento pontiagudo e o segundo (inventário nº 2003.168.139) de acordo com os parâmetros classificatórios de Maria Clara Salvado (2004), à parte proximal de um alfinete. Este exemplar apresenta a característica distinta de ter sido realizado sob o aproveitamento da epífise de um osso, e polida na base até que esta ficasse plana. Denota-se afeiçoamento por polimento em toda a superfície desta peça.

### 7.5.3. Pendente

O pendente executado sobre dente (inventário 2003.168.138), canino de *canis familiaris* apresenta na zona da perfuração, executada na área da raiz, sinais de abrasão, como forma de facilitar a perfuração, que este contém. A perfuração apresenta um diâmetro amplo (3,74 mm) abrangendo grande parte da raiz do dente, deixando uma margem muito reduzida. O dente apresenta 34,58 mm de comprimento e 10,18 mm de largura. Verifica-se ainda a execução de polimento sobre a área da raiz e perfuração, como forma de finalização do trabalho executado (Salvado, 2004, p. 39)

A existência de dentes de canídeo em sítios arqueológicos é conhecida. Contudo, apesar de marcar presença em diversos sepulcros não pode ser considerado um artefacto de adorno pessoal de presença assídua, não só em contextos do Neolítico final, mas também em contextos do Neolítico antigo.

De contextos do Neolítico antigo, são ainda conhecidos exemplares perfurados de raposa, como os encontrados na Galeria da cisterna da gruta do Almonda (Torres Novas) e Carrascal (Oeiras) (Carreira e Cardoso, 2001/2002). Em contextos de larga ocupação cronológica, como os da Casa da Moura (Óbidos), Gruta da Furninha (Peniche) e Cova da Moura (Torres Novas) é possível, ainda, encontrar o recurso à utilização e perfuração de dentes de cão ou lobo (Cardoso e Carvalho, 2010-2011, p. 374). Desta forma é possível

encontrar dentes de cão perfurados na gruta da Cova da Moura (Spindler, 1981), grutas de Alcobaça: Calatras V e Ervideira (Natividade, 1898/1903, p. 449,453) Poço Velho (PAÇO, 1941) Cabeço da Arruda 1 (Leisner, 1965, Tf.5/53), Samarra (Leisner, 1965, Tf. 49/7) e Anta da Capela (Leisner, 1965, Tf.15, nº 70). Existem ainda exemplares perfurados e não perfurados, provenientes da gruta II da Senhora da Luz (Salvado, 2004, p. 177). O maior número de pendentes desta tipologia provém do hipogeu do Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras), de onde foram recuperados dezanove dentes perfurados de cão associados a dentes perfurados de suídeo e linco (Cardoso e Carvalho, 2010/2011, p. 374). Conhece-se também a existência de um canino de raposa perfurado, proveniente da gruta da Malgasta ou Lapa Furada (planalto das Cesaredas - Óbidos) (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 280), e três igualmente perfurados da Folha da Amendoeira, provavelmente também de *canis familiaris* (Viana, 1953, p. 243) O facto de se conhecer a utilização de dentes de animais de pequeno porte para a realização de pendentes, sugere um aproveitamento da matéria-prima disponível, não sendo esta restritiva aos grandes predadores.

A utilização e reaproveitamento simbólico de determinado animal, pode ser entendida como forma de protecção, ou como forma de desejo de adquirir as características do animal (inteligência, agressividade, capacidade de caça, etc.). Se diversos artefactos ou matérias-primas podem ser facilmente associados a divindades ou materiais preciosos, também a reutilização da dentição animal para outros fins, que não os primários (serem utilizados pelo próprio animal), pode ser tida em consideração.

De facto, os dentes de cão podem ser interpretados de acordo com a importância inegável deste animal para o ser humano. A ligação do homem ao cão surge assinalada no registo arqueológico na área da Estremadura e Alentejo (Valera, 2010, p. 1-17). É dada especial atenção aos enterramentos de cães, estando o mais antigo em Portugal assinalado nos Concheiros de Muge (Mesolítico) através de um enterramento identificado como sendo intencional (Detry e Cardoso, 2010). A prática de enterramento de cães é quase tão antiga como a sua domesticação, sendo conhecidos no próximo oriente a associação destes a enterramentos humanos. Contudo, estes enterramentos podem surgir de forma variada, com a associação ou não, deste a outros animais, ou a deposição de apenas algumas partes do esqueleto. Em Portugal, a presença de cão em contexto arqueológico faz-se notar em pelo menos mais cinco sítios arqueológicos (Valera *et al*, 2010, p. 13), um deles inédito também em Torre Velha 3 (Serpa), estudado pela signatária que ainda se encontra em fase de preparação.

#### **7.5.4. Matéria-prima: utilização e proveniência**

O aproveitamento oportunista do homem em relação às matérias-primas de fácil obtenção, não é do desconhecimento arqueológico. Como tal, a aquisição de matéria óssea para a realização de contas de colar, furadores, cabos de instrumentos e pendentes não é novidade (Salvado, 2004). Assim, do esqueleto animal, são usados preferencialmente

partes dos ossos longos dos membros superiores e inferiores (cúbito, tíbia e metápodo), bem como a dentição.

Facto comprovado é que a utilização do osso recua ao Paleolítico inferior. Para além do aproveitamento do tutano para alimentação, a elasticidade do osso associado à sua solidez, mesmo depois de seco, permitia a sua gravação e afeiçoamento (Salvado, 2004, p. 35-36). A conta em osso (inventário 2003.168.148) apresenta elementos decorativos elaborados através da incisão, possuindo ainda polimento final. Nesta peça em particular, a perfuração central possivelmente reaproveitada para inserção do fio, aproveita o canal medular da diáfise. O polimento constitui uma acção intencional de finalização da peça (Salvado, 2004, p. 47-48).

A presença de solos calcários, ricos em carbonato de cálcio, como acontece na área do Maciço Calcário, capacita a preservação deste tipo de artefactos, registando-se nestes lugares uma maior variedade de artefactos executados sobre calcário.

Também os ossos serviram para transformar outras matérias-primas, e eles próprios modificados para suprirem determinadas necessidades. Não só os restos osteológicos do animal podiam ser reaproveitados. No registo arqueológico, também, a dentição dos mesmos surge preferencialmente como artefacto de adorno. As peças executadas sob dentes são raras e integram maioritariamente os elementos de adorno pessoal. São caso disso, os pingentes de animais selvagens (javali, leopardo, lobo) ou domesticados (como é o caso do cão, cavalo, gato) (Salvado, 2004, p. 49).

Outro tipo de matéria-prima usada no conjunto artefactual das Lapas são as conchas. Apenas cinco contas de colar se encontram sob esta matéria. Estas apresentam o mesmo tipo de características que os elementos ósseos, embora a sua utilização seja mais recente que a do osso (Paleolítico superior). De facto, alguns sítios arqueológicos consideravelmente distantes do mar apresentam artefactos executados sobre concha. Este é um indicativo de maior valorização dos artefactos elaborados sob esta matéria-prima, sendo interpretados como elementos de troca entre comunidades (Salvado, 2004, p.37) Existem ainda contas elaboradas sobre calcário detrítico, calcite e aragonite.

A conta com o inventário 2003.168.149, de grandes dimensões, foi elaborada em calcário detrítico. Este é um material que existe na natureza, principalmente perto de áreas calcárias, mesmo que a sua aparência não se assemelhe à do calcário. Apresenta coloração escura, sendo observável na sua formação inclusões rochosas.

A conta discóide em calcite (inventário 2003.168.147), exhibe uma coloração castanho amarelado. Sendo igualmente de origem sedimentar, a calcite tende a ocorrer também perto de áreas calcárias.

Uma outra conta, elaborada em aragonite (inventário 2003.168.150), exhibe uma coloração entre o rosa e o roxo. Sendo também um mineral sedimentar, tal como a calcite, resultam da acumulação de carbonato de cálcio, também frequentemente presente em áreas calcárias. Deste modo, é possível afirmar que, se tratam de matérias-primas nativas, recuperadas muito possivelmente das proximidades do sepulcro.

Destaca-se a presença de uma conta de morfologia invulgar em azeviche (inventário 2003.168.152). O azeviche enquanto rocha orgânica resulta da transformação de restos orgânicos vegetais terrestres carbonizados, que se acumularam ao longo do tempo em áreas de ambiente pantanoso ou lagunar. A decomposição dos mesmos através da acção de bactérias anaeróbicas faz com que estes acumulem em si o carbono resultante dessa mesma decomposição. De forma geral, por pertencerem a ambientes de formação calmos, tendem a dispor-se em camadas (Pascual Benito, 1998, p. 158-159). Em Portugal este tipo de matéria-prima tende a ser mais fácil de obter em formações do Pliocénico Superior, de forma especial na área de Rio Maior, mas também em depósitos mesozóicos existentes ao longo das arribas litorais (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 279). O lignito, azeviche e antracite, tratam-se fundamentalmente da mesma matéria. Adquirem diferentes designações conforme o estágio de fossilização em que se encontram.

## **7.6. Artefactos e objectos votivos**

O conjunto dos artefactos relacionados com o sagrado inclui três placas de xisto gravadas, uma placa de grés lisa e a representação de uma enxó encabada em calcário. No caso das placas de xisto, apesar de não estarem presentes em grande número, a análise dos motivos gravados permitiu criar ligações com a área Sul do país, tal como a enxó encabada em calcário, ligações com a área da Estremadura. A análise dos materiais do sagrado permite a recriação da mentalidade simbólica dos vivos, em relação aos mortos e aos deuses.

A interpretação das placas de xisto seguiu as metodologias criadas por Victor S. Gonçalves e usadas no seu projecto *Placa Nostra* (Gonçalves, 2004), que tantas placas votivas já analisou, e neste caso incluem-se também as placas de grés, também abordadas pelo mesmo autor.

### **7.6.1. Placas de xisto e grés**

As placas de xisto permitem evidenciar paralelos entre as comunidades alentejanas (as primeiras utilizadoras destes artefactos do mundo mágico-religioso), e as comunidades dos finais do 4º e inícios do 3º milénio na Estremadura. Deste modo, as placas gravadas fornecem dados sobre um mundo simbólico, partilhado por comunidades de ambientes regionais diferenciados.

As características particulares de cada um destes artefactos possibilitam o seu estudo individual. O facto de existirem placas ditas “especiais”, cujo conteúdo não é tão frequente, como as “clássicas” placas de xisto gravadas com motivos triangulares, torna alguns casos bastante particulares.

É neste sentido que as placas oculadas da Buraca da Moura da Rexaldia, do hipogeu das Lapas e placa antropomórfica do Cabeço da Ministra, se distinguem. Não

apenas das congéneres da área alentejana, mas, também, das vizinhas no Maciço Calcário Estremenho.

O significado presente nestes enigmáticos artefactos liga-os a uma ou mais divindades, de acordo com as características gerais e particulares que estes ostentam (Gonçalves, 1989, p. 290). O facto de se associarem a artefactos votivos que acompanham inumações e enterramentos, dos finais do Neolítico e inícios do Calcolítico, dá-nos a indicação da ligação destas placas, ao conceito de morte e regeneração. Provavelmente, da relação entre estes dois conceitos “ (...) o acto religioso tem obviamente que ver com a experiência individual e com a relação do indivíduo com o mundo.” (Gonçalves, 2004, p. 166)

A relevância destes artefactos para compreensão destas comunidades complexas e do seu sistema do mágico-religioso e do simbólico levou desde os inícios do século passado à criação de propostas tipológicas para a definição, análise e interpretação das placas votivas gravadas. Dentro, como é óbvio, das limitações a que estamos sujeitos, estas propostas poderiam ser uma forma de perceber o seu significado (Andrade *et al.*, 2010, p. 251-252). As placas de xisto devem ser interpretadas com algum cuidado, existindo uma grande variabilidade. As peças podem ser, de facto, semelhantes, mas nunca iguais, existindo por vezes variantes de um mesmo motivo. Este facto, sugere que os parâmetros de classificação exigem alguma elasticidade.

De entre cerca de trinta e quatro contextos funerários inseríveis no Neolítico final e Calcolítico inicial, presentes na área do Maciço Calcário Estremenho, as placas de xisto apenas marcam presença no conjunto artefactual de catorze contextos (Andrade, 2015, p. 308). A sua introdução na área do Maciço Estremenho poderá ser justificada ou pela presença de comunidades alentejanas na Alta Estremadura (que transmitiram ideias do seu mundo mágico-religioso ensinando as comunidades autóctones), ou pela presença de comunidades Estremenhas nas regiões do Alentejo (que observaram e adquiriram conhecimentos que os capacitava de reproduzirem de forma semelhante, os motivos gravados nas placas). Salienta-se no entanto, seja qual tenha sido a situação inerente à introdução das placas de xisto gravadas no Maciço Calcário Estremenho, a inalteração da codificação simbólica gravada nas mesmas, durável, demonstrando respeito pelo significado que lhes foi inculcido (Andrade, 2010, p. 253; Gonçalves, 1989, p. 293; Gonçalves, 1992, p. 82).

A vasta aceitação destes artefactos ideotécnicos, só pode ser entendida através das redes de troca, áreas de influência cultural, fundos comuns e simbólico partilhado (Gonçalves, 1989, p. 293). Como foi anteriormente referido, na área do Maciço registam-se dois momentos funerários culturalmente distintos, mas que parecem ter coexistido paralelamente; um, com materiais considerados mais arcaicos, e outro onde ingressam as placas de xisto gravadas. Inserem-se neste tipo de contexto as catorze necrópoles referidas: Cova das Lapas, Pragais, Redondas IX, Cabeço da Ministra, Vale do Touro, Calatras IV, grutas da Senhora da Luz I e II, Lapa da Bugalheira, Lapa da Galinha, Fonte Moreira, gruta da Marmota, Buraca da Moura da Rexaldia, Bezelga e hipogeu das Lapas.

Neste sentido específico, do hipogeu das Lapas, foram recolhidas três placas de xisto gravadas e quatro fragmentos, dois deles igualmente decorados.

Morfologicamente, as placas de xisto apresentam uma superfície segmentada através da separação das áreas concretas da cabeça e corpo, sugestionando o antropomorfismo inerente às placas, quer estejam recortadas ou não. Os suportes são geralmente preenchidos com motivos triangulares, linhas ou faixas ziguezagueantes, quadrados e rectângulos. São várias as temáticas, mas como disse Victor S. Gonçalves acerca do explícito e do implícito presente nestas placas, “Podemos ainda ver uma coisa sem a vermos realmente (isto é: sem a entendermos)” (2004a, p. 172). Quero com isto dizer que, a representação destas simbologias diversificadas pode ser interpretada, mas nunca entendida na totalidade da sua execução. “O implícito exige um contexto para ser entendível” (Gonçalves, 2004a, p. 172) e de facto, nunca nos será possível alcançar o real contexto em que estas foram elaboradas. Algumas apresentam ainda figurações de Olhos, radiais ou oculares, como é o caso das Lapas. A perfuração que as mesmas ostentam, destinava-se à sua utilização, enquanto colar, para colocar ao peito do morto. (Gonçalves, 2004a, p. 181; Gonçalves, 2004b, p. 49).

No Museu Municipal Carlos Reis (Torres Novas) encontram-se duas placas de xisto gravadas.

A placa MMTN 275 gravada, sob serpentinito, apresenta uma coloração esverdeada, de características comuns dentro do mundo das placas votivas. Contudo, o suporte usado, serpentinito (também denominado de xisto avinhado ou esverdeado) é pouco usual (Gonçalves, 2004b, p. 50). A peça, de 107,92 mm de altura apresenta-se fragmentada na zona da representação da cabeça, estando presente apenas o corpo. Este, gravado com o que parece ser os restíceos de uma faixa semelhante às restantes e mais duas faixas horizontais ziguezagueantes sem linhas guia. A quarta e última faixa apresentam-se compostas por três triângulos e a metade de um quarto triângulo.

As faixas ziguezagueantes encontram-se preenchidas por padrões criados através do cruzamento de linhas diagonais, em vários sentidos. As faixas ziguezagueantes apresentam linhas guia internas verticais, que evidenciam a sequência de construção do motivo final (Gonçalves, 2005, p. 91). Os triângulos da última faixa apresentam igualmente preenchimento elaborado, através da incisão de linhas diagonais cruzadas, formando uma malha. O motivo registado, não se afasta dos conhecidos nas placas de xisto da área alentejana. O mesmo motivo regista-se igualmente na gruta da Marmota, sendo apenas a representante deste motivo na área da Estremadura (Andrade, 2015, p. 310, Gonçalves e Pereira, 1979). Existe em Aljezur uma placa muito semelhante, embora o padrão do preenchimento não seja exactamente o mesmo (Gonçalves, 2005, p. 55 – Placa 985.39.53).

Quanto à placa MMTN 276, esta apresenta distinção entre a cabeça e o corpo, através de uma faixa de separação linear. A cabeça, moldurada, apresenta um triângulo sem vértice centrado, ladeado por 3+3 bandas ligeiramente oblíquas, também designada,

por Victor S. Gonçalves, como “cabeça dentro da cabeça” (Gonçalves, 2004b, p. 56). O topo esquerdo apresenta um acabamento triangulóide, e o direito um rectangular. Apresenta uma única perfuração localizada no triângulo da cabeça. Não existe nenhum separador entre a cabeça e o corpo. Relativamente à constituição do corpo, este encontra-se compartimentado em seis faixas, compostas por triângulos preenchidos com o vértice para cima, respeitando a seguinte fórmula: IIB + 3 TPVC + IFB. Efectivamente, a fórmula repete-se ao longo do comprimento da peça. Quanto ao verso da placa, este apresenta seis compartimentos divididos com linhas guia.

Trata-se apenas da paginação da peça, que ainda viria a ser gravada. Desconhecem-se, no entanto, os motivos da sua não gravação. No verso da placa existem ainda no quarto compartimento, duas linhas oblíquas verticais preenchidas com riscos. Talvez um ensaio que correu mal, sobre o que viriam a ser os motivos gravados, já que as duas linhas incisivas oblíquas verticais a que me referi, parecem apresentar uma forma ligeiramente trapezoidal, possivelmente a sugestão de um triângulo.

Salienta-se ainda, na face, nomeadamente no canto inferior esquerdo, um ligeiro polimento para correcção do contorno inferior, que acabou por “eliminar” o primeiro triângulo da última banda, restando dele apenas um breve apontamento. Este polimento sem causa aparente poderia ter como causa, um retoque na forma final do artefacto, que efectivamente ocorreu em demasia, tendo em conta a forma pouco suave da terminação da peça. Este acontece no canto inferior direito da peça, ou como forma de remediar algum lascamento ocorrido na sua gravação. Esta placa de xisto encontra um paralelo de forma bastante semelhante, caso não fosse a segunda apresentar mais triangulações no corpo, no hipogeu do Cabeço da Arruda 1 (Gonçalves, 2011, p. 111, nº 60). Constitui paralelos igualmente com a anta Caeira 6, Vale Rodrigo, Matalote, Cebolinho 1, Passo 1 em Évora (Rodrigues, 1986b, p. 89-90, 94), Horta Velha do Reguengo em Portalegre (Rodrigues, 1986b, p. 103). Detém igualmente paralelos em Aljezur (Gonçalves, 2005, p. 56, 58) e necrópole das Baútas (Gonçalves, 2004, p. 143 MNA - 0589). As placas de xisto com gravação geométrica são constituintes em números, que ascendem às muitas centenas, do Ocidente Peninsular (Gonçalves, 1992, p. 73).

A terceira placa de xisto, depositada no MNA, com o código de inventário 2003.168.162, apresenta um motivo pouco comum, que a torna “especial”. Na face, é possível verificar um motivo oculado realizado através da representação de dois segmentos de círculo preenchidos com linhas e a perfuração para suspensão. Supostamente, este motivo corresponderia à cabeça da placa. O motivo gravado no corpo permanece desconhecido devido ao lascamento imediato, abaixo do motivo oculado.

Sendo o xisto uma matéria-prima laminada, este tipo de acção tende a ocorrer frequentemente. É notória, ainda, uma fractura oblíqua que atravessa a peça do topo esquerdo para a base direita. Quanto ao verso da placa, este apresenta três bandas preenchidas por triângulos com o verso para cima. Na primeira banda, é possível aferir que os triângulos se encontram dispostos verticalmente. Já na segunda e terceira bandas, os triângulos apresentam uma ligeira inclinação para o lado direito. A segunda banda

encontra-se gravada sobre uma linha guia, também ela inclinada, seguindo estes a sua inclinação. Desta forma o verso detém a seguinte fórmula: Banda 1: IIB + 2 TPVC +IFB / Banda 2: IIB + 3 TPVC + IFB e Banda 3: IIB + 3 TPCV + IFP.

Esta placa, de inegável importância, apenas encontra paralelos directos com a placa da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia (Andrade *et al*, 2010), povoado de Vila Nova de São Pedro (Jalhay e Paço, 1945, p. 220) e anta de Brissos 6 (Correia, 1921, p. 42). Existem contudo dois exemplares, um deles proveniente da gruta da Marmota (Gonçalves *et al*, 2014, p. 133) e outro da anta 1 do Passo (Leisner e Leisner, 1951: Estampa XXI)(Anexo 9, figura 2), que apesar do motivo ser o mesmo, constitui uma variante. Enquanto nas Lapas, a representação do *globo ocular descontínuo* é referenciada por dois segmentos de círculo opostos entre si, na gruta da Marmota, apenas se encontra a arcada superior, também ela representada por um segmento de círculo (Rodrigues, 1986a, p. 25). Já no caso do exemplar da anta 1 do Passo, o motivo oculado, ou parte dele (visto o estado de fragmentação da placa), estaria representado pelo círculo completo e preenchido com linhas incisas que formam uma rede, tal como sugere o exemplar da anta de Brissos 6, no motivo oculado do lado direito (Correia, 1921, p. 42).

Existem mais quatro fragmentos de placa de xisto, mas, apenas dois deles gravados.

Os motivos que estes ostentam não ingressam a tipologia decorativa conhecida e executada sobre as placas de xisto. O fragmento 2003.168.163/40.314 B, apresenta um formato que faz lembrar a bordadura superior das placas de xisto. Apresenta motivos lineares rectos, contendo em si duas linhas horizontais não paralelas, já que se cruzariam num ponto não presente neste fragmento. Estas linhas horizontais são atravessadas por quatro e seis linhas perpendiculares paralelas, igualmente rectas. O verso apresenta algumas incisões, que julgo acidentais, não tendo sido representadas propositadamente. O fragmento 2003.168.163/40.314 C apresenta uma linha recta horizontal, igualmente cortado por outras quatro, perpendiculares, igualmente rectas. O verso não apresenta quaisquer incisões, que, não apenas pequenos riscos acidentais.

O motivo decorativo nada comum patente nestes exemplares poderá ser efectivamente de origem recente, muito possivelmente executadas no momento de escavação, já que se sabe, que placas de grés e por vezes placas de xisto serviam para afiar as navalhas.

Relativamente ao único exemplar de placa de grés, este liso, apresenta o mesmo significado simbólico que as placas de xisto gravadas. A Deusa, traduz a existência de contactos entre o Alto Alentejo, onde estas são bastante frequentes, e a Estremadura. Nas placas de grés encontra-se mais frequente as representações antropomórficas explícitas (com representação de nariz, braços, olhos e ventre), embora os exemplares lisos integrem igualmente os contextos arqueológicos (Gonçalves, 2004a, p. 181). Esta tipologia artefactual insere-se cronologicamente como correspondendo à transição do 4º para o 3º milénio a.n.e. Surgem associadas a placas de xisto gravadas, pontas de seta de retoque

bifacial, lâminas, pedra polida e alfinetes de cabeça canelada (Andrade, 2014, p. 55), correspondendo à terceira fase de utilização do monumento megalítico da Horta (Oliveira Jorge, 1984). Apesar de, como referido, serem característicos da região Alto alentejana, ou pelo menos muito frequentes no grupo Crato-Nisa, integram os contextos arqueológicos sepulcrais estremenhos. Para além destes contactos estarem igualmente evidenciados pela presença de outros artefactos, como no caso da Buraca da Moura da Rexaldia, o vaso bi-mamilado, ou mesmo as anteriormente referidas placas de xisto gravadas com motivos geométricos, encontradas na Lapa da Galinha, Pragais, Cabeço da Ministra, Senhora da Luz I e II, também as placas de grés atestam, ou neste caso, reforçam os contactos entre regiões. Na gruta da Marmota, destaca-se a presença de uma placa de grés hiperbolóide, semelhante a uma encontrada na anta da Ferranha (pertencente ao grupo Crato-Nisa) (Andrade, 2014, p. 82) e outra com linhas ziguezagueantes horizontais, motivo aliás, característico das placas de grés alto-alentejanas, detentoras de figuração antropomórfica, presente no verso da placa da anta do Espadanal (Évora) (Andrade, 2015, p. 310). Para Victor S. Gonçalves, as placas de grés, detêm uma carga antropomórfica explícita, como bem demonstra o exemplar da anta de Cabacinheiros, que aliás, demonstra estruturalmente semelhanças com duas placas de grés da anta da Ferranha (Andrade, 2014, p. 82, Gonçalves *et al*, 2005, p. 66).

Encontramos a representação de motivos antropomorfos, neste caso, de olhos, cavidade ocular, tatuagens faciais, presentes no exemplar da Tapada dos Canchos (Isidoro, 1967/1968, Est. VIII) e de braços no exemplar de Couto dos Andreiros 2 (Isidoro, 1967/196: Est. V). Em certos aspectos, é possível encontrar semelhanças entre a placa de grés de Andreiros 2 e as placas de xisto fenestradas de contorno antropomórfico de Idanha-a-Nova (Leisner, 1998: Taf. 75) e Ferreirinhos (Leisner, 1998, Taf. 74). A representação de braços e olhos nas placas de Ferreirinhos permite estabelecer um mesmo fundo cultural, entre placas de xisto gravadas e placas de grés. Os motivos oculados, muitas vezes, incutidos através da realização de duas perfurações, como nas placas anteriormente mencionadas, podem ser realizadas, também, através da criação de uma depressão circular, como é o caso da placa de grés encontrada na gruta natural do Cabeço da Ministra (Alcobaça) (Gonçalves, 1978: Est. XXIII).

A origem provável das placas de grés foi indicada, como sendo, da região da Estremadura espanhola ou do distrito de Portalegre (Rocha, 2012, p. 49). A mesma autora indica, ainda, que enquanto as placas de xisto gravadas parecem eclodir no Norte alentejano, as placas de grés parecem desaparecer no Alentejo central, onde apenas se conhece um fragmento na anta do Xarez 1 (Gonçalves, 2013) vindo de forma mais complexa a existência destes artefactos, do que uma simples gestão de matérias-primas (Gonçalves, 1999, p. 134; Rocha, 2012, p. 50). Em *resumen*, as placas de grés apesar de semelhantes às placas de xisto, divergem das mesmas por diversas características, quer morfológicamente, pela forma e tamanhos (principalmente espessura) quer iconicamente. Se placas de xisto não decoradas são raras, já as placas de grés aparecem lisas em elevado número, possivelmente, mais elevado do que as decoradas. Os motivos gravados são

essencialmente antropomorfos, contudo, ao contrário do que acontece nas placas de xisto, aqui não se conhece nenhuma representação de olhos solares (Gonçalves, 1999, p. 134).

### 7.6.2. Enxó de calcário

Provém das Lapas, um artefacto afeiçoado em calcário, em forma cruciforme com apenas dois braços (perpendiculares entre si) (inventário MMTN 256). Este artefacto em calcário de 47,10 mm de comprimento e 70,65 mm de largo apresenta uma espessura de 21,63 mm no eixo horizontal (secção circular) e 26,41 mm no eixo vertical (secção sub-circular).

Algumas hipóteses sobre o seu significado, já foram levantadas por outros investigadores. D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira (1959, p. 502) denominaram-no como sendo uma enxó. Júlio Carreira e Marco Andrade (1996 e 2015, respectivamente) interpretaram o referido artefactos como um báculo, comparando o artefacto das Lapas ao báculo da Lapa da Galinha (Gonçalves *et al.*, 2014). Considero, contudo, que se trata de uma enxó, apesar de apresentar uma morfologia distinta das conhecidas para a área da Estremadura. Possivelmente, poderá tratar-se de uma fase inicial ou pré-forma do que se viria a assemelhar às enxós conhecidas para a gruta de Poço Velho (Gonçalves, 2008) ou Samarra (França e Ferreira, 1958).

Durante a análise da peça, reparei numa pequena incisão na extremidade do eixo horizontal, que se parece repetir na face oposta com o mesmo formato. Esta incisão certamente não foi efectuada em âmbito da escavação do sítio arqueológico, já que a mesma, apresenta a concreção típica do conjunto arqueológico, exumado do hipogeu das Lapas. A incisão apresenta a forma de “L” invertido, e como mencionado, parece repetir-se no mesmo local, na face oposta. Por esta se encontrar bastante concrecionada não é possível afirmar com certeza; contudo, mesmo debaixo da concreção nota-se uma ligeira depressão em “V”, compatível com a existência de uma incisão no calcário. Destaco, ainda, a existência de veios de coloração mais escura, na superfície do artefacto. Sabemos que poderiam ser utilizados, por vezes, materiais perecíveis que não resistiriam até aos nossos dias. Só uma análise especializada à superfície da peça, poderia confirmar esta teoria. Contudo, é uma hipótese possível. Muitas enxós votivas de calcário encontram-se gravadas, algumas delas evidenciando incisivamente o que seria o elo de junção, entre o cabo de madeira e a enxó em pedra polida, ou seja, as cordas. Constituindo uma representação de uma enxó funcional, nada invalida, que, para além das incisões observáveis nas enxós votivas, representativas de cordas, de facto estas não as possuíssem, tornando assim o artefacto mais composto e complexo.

Sem dúvida, que a enxó encabada em calcário proveniente do *tholos* de S. Martinho de Sintra (Leisner, 1965, Tf 30, nº16) constitui não só um dos mais bonitos exemplares, mas também possivelmente o mais interessante de todos. Para além das comuns incisões junto da extremidade da peça, existentes nos exemplares de Poço Velho (Gonçalves, 2008, p. 434-438), Carenque (Leisner, 1965, p. 59, nº1), Casal do Pardo

(Leisner, 1965, Tf. 94, nº5) e anta da Estria (Leisner, 1965, Tf. 58, nº1), o artefacto apresenta ainda triângulos com o vértice para cima, preenchidos por linhas incisas cruzadas, remetendo instantaneamente para os motivos gravados presentes nas placas de xisto. Neste sentido, é a única enxó encabada com este tipo de decoração. Contrasta com as peças decoradas, igualmente com a não decorada da Samarra (Leisner, 1965, Tf. 49, nº3), monumento da Praia das Maçãs (Leisner, 1965, Tf. 40, nº11) e em certo aspecto, também, com o artefacto das Lapas. A incisão, mais visível, no exemplar das Lapas, passa facilmente despercebido, não constituindo um elemento marcante na superfície da peça, pelo que se encontra a quase totalidade da mesma, desprovida de qualquer outra decoração, incisa ou não.

Fazendo uma leitura sobre os artefactos votivos de calcário, rapidamente nos apercebemos que as enxós, apesar de existirem em número reduzido, não constituem exemplares raros, apenas menos frequentes. O maior e mais excepcional conjunto até hoje encontrado, continua a pertencer ao *tholos* de Paimogo (Lourinhã), onde de um universo de onze artefactos calcários considerados raros e até mesmo únicos (como a «insígnia de chefia» e o peitoral), seis estão ali presentes (Gonçalves, 2003, p. 202). Também a gruta de Correio-Mor, em Loures, forneceu um conjunto pouco comum, pelo menos no que se relaciona com a forma como foi identificado (Cardoso *et al*, 1995). O conjunto de artefactos ideotécnicos calcários formava um eixo maior (mais de 70 cm) e um menor (com cerca de 40 cm), delimitados pelas peças localizadas nos seus extremos. Os artefactos restringiam-se a uma área da cavidade, tendo sido interpretados como elementos pertencentes a um altar, situação que aliás, se verificou igualmente em Los Millares (Cardoso *et al*, 1995, p. 100, 112). Sendo este um achado único, pelo menos, que se tenha registo explícito em Portugal, surge na Lapa da Bugalheira (Torres Novas) uma situação que se poderia aproximar da encontrada em Correio-Mor. Contudo, o facto de se tratar de uma escavação antiga e com poucos registos, impossibilita qualquer conclusão que não apenas especulações (Cardoso *et al*, 1995, p. 111-112).

Também da gruta de Correio-Mor, provém uma réplica de enxó em calcário, que se diferencia das restantes conhecidas, já que se tratam de enxós encabadas, constituindo réplicas funcionais e não apenas réplicas da enxó, enquanto artefacto singular (Cardoso *et al*, 2003, p. 248). As formas mais frequentes compreendem ídolos cilindros (decorados ou não), ídolos fálicos, ídolos de gola e ídolos afuselados (Gonçalves, 2003, p. 171-172). As formas mais raras ou únicas, compreendem um par de sandálias, peso de balança, cabeça de maça, tentáculo de polvo, placas encurvadas, esferas, vasos canelados de pequenas dimensões e lúnulas. Victor S. Gonçalves havia assinalado que “à medida que nos afastamos da Península de Lisboa, a diversidade das formas se reduz significativamente” (Gonçalves, 2003, p. 172).

De facto e apesar de se tratarem de artefactos ideotécnicos, é possível criar dois grupos: os artefactos relacionados com o sagrado e os que se relacionam com o quotidiano e mundo dos vivos. Neste sentido, artefactos como as lúnulas, sandálias, placas perfuradas enxós encabadas, enxós em calcário, copos, vasos e almofarizes, traduzem utilizações quotidianas, ou representações de artefactos com utilizações conhecidas no quotidiano.

Já artefactos como os ídolos cilindro lisos ou com motivos gravados (olhos, sobrancelhas, cabeleira ou representação sexual), ídolos pinha e ídolos de gola, podem gerar discussões acerca do seu uso. Contudo, a única questão sobre a qual não restam dúvidas, é a atribuição de um significado relacionado com o mundo do sagrado (Gonçalves, 2003, p. 174-175).

### 7.6.3. Esfera calcária

O esferóide calcário das Lapas tem cerca de 60 mm de diâmetro, assemelhando-se aos cinco exemplares encontrados em Leceia, entre os 64 mm e os 72 mm, considerados de dimensões medianas (Cardoso, 2001/2002, p. 78-79).

Foram criadas categorias por João Luís Cardoso, de acordo com as dimensões dos esferóides de Leceia: esferóides de tamanho pequeno, médio ou grande. Os esferóides pequenos apresentam dimensões até cerca de 45 mm, os médios até cerca de 75 mm e os de grandes dimensões acima dos 75 mm (Cardoso, 2001/2002, p. 78).

Do povoado calcolítico de Leceia (Oeiras) foram recuperados treze esferóides de calcário, evidenciando-se o maior número com dimensões médias na camada 2 (cerca de três peças), pertencente ao Calcólítico pleno, e na camada 2 (Calcólítico inicial), apenas, duas peças.

A esfera calcária do hipogeu das Lapas apresenta uma superfície muito regular e bastante bem polida. Uma parte da superfície encontra-se muito polida, o que origina uma superfície ligeiramente aplanada, que impede a esfera de rolar. O excelente acabamento, afasta a possibilidade deste artefacto se tratar de uma bala de funda. Trata-se possivelmente de uma oferta votiva, com significado desconhecido. Também Victor S. Gonçalves (2008, p. 433) interpreta estes artefactos como AVC's, ou seja, artefactos votivos de calcário.

As cinco peças do povoado de Leceia não apresentam uma superfície tão bem polida como o das Lapas, já que a maioria se apresenta afeiçãoada por picotagem (três dos casos) e apenas dois por polimento (Cardoso, 2001/2002, p. 78-79). É também conhecida a existência de outros esferóides em calcário na área da Estremadura.

No *tholos* de S. Martinho (Sintra) surgiu um esferóide de pequenas dimensões e dois de médias dimensões, evidenciando acabamento por picotagem e polimento da superfície (Leisner, 1965, Tf. 30, nº17).

Do monumento da Praia das Maças, recolheu-se uma esfera e uma meia esfera, consideradas de grandes dimensões (acima dos 75 mm) (Cardoso, 2001/2002, p. 80). Também na gruta da Casa da Moura (Olho Marinho/Óbidos) surgiram quatro peças desta categoria três delas consideradas de pequenas dimensões (29 mm (duas) e 38 mm) e a quarta de médias dimensões, apresentando uma superfície polida (Carreira e Cardoso, 2001/2002, p. 282). Curiosamente, na Casa da Moura surgiu um dormente com concavidade em calote esférica, correspondente ao negativo de um dos esféricos de menores dimensões. A associação destas duas peças pode sugerir uma funcionalidade ligada à moagem de matérias macias (Cardoso, 2001/2002, p. 80-81; Carreira e Cardoso,

2001/2002, p. 282). Na gruta do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça) registam-se dois exemplares de dimensões médias, cuja superfície se apresenta bastante corroída e da gruta da Cova da Moura (Torres Vedras) e Poço Velho (Cascais), duas e uma peça respectivamente, com superfícies bastante regulares e bem polidas (Gonçalves, 2008, p. 433; Spindler, 1981, Tf. 10, nº 102 e 103). Regista-se o mesmo em Alapraia II (Leisner, 1965, Tf. 69, nº2).

Destaca-se no grupo dos esferóides calcários, a existência de exemplares que apresentam uma depressão no eixo central da peça, como no monumento de Bolores (Torres Vedras), onde foi recuperado um esférico de grandes dimensões (6,5 cm), de quartzito, em associação a uma inumação. O artefacto foi interpretado como tendo uma função percutora (Lillios *et al*, 2014, p. 297). No hipogeu 2 da Quinta do Anjo, Cabeço da Arruda 1 e Pedrão, surgiu um artefacto idêntico ao de Bolores (Leisner, 1965, Tf.8, nº8 e Soares, 2003, p. 89). Contudo, em Leceia surgem artefactos semelhantes, que são na verdade pesos de pesca (Cardoso, 1996b).

Este tipo de artefacto não é exclusivo da área da Estremadura, tendo sido também identificados em sepulcros alentejanos. Contudo, a matéria-prima em que foram executados apresenta uma maior diversidade. Do dólmen de Vendas e dólmen da Sobreira 1, provém um exemplar em mármore e mármore branco, respectivamente. A esfera do dólmen de Vendas apresenta excelente polimento quando comparada com o da Sobreira 1, que apesar de bem polida, apresenta um acabamento mais grosseiro. A nível de diâmetros, ambos se aproximam dimensionalmente, tendo o do dólmen das Vendas, 40 mm e o do dólmen da Sobreira 1, 45 mm (Cardoso, 2001/2001, p. 80).

Do dólmen de Entreáguas foi recuperada também uma esfera em mármore com 45 mm de diâmetro, semelhante ao do dólmen da Sobreira 1, tanto a nível dimensional como a nível de acabamento (Leisner e Leisner, 1959, Tf. 23, 4,16: Cardoso, 2001/2001, p. 80). Conhecem-se igualmente os esferóides do dólmen de Adua 2 (Leisner, 1965, Tf. 19, nº4), anta de Brissos 1 (Leisner, 1965, Tf.21, nº1) e *tholos* do Monte Velho (Leisner, 1965, Tf. 10, nº32). Estes constituem igualmente o espólio da Anta 2 da Comenda (um de granito), *tholos* da Comenda (um de quartzito) e anta 10 do Barrocal (um de quartzite), de pequenas dimensões (4 a 6 cm). O exemplar de quartzito encontrado na anta 1 da Quinta parece assemelhar-se a um ovo e segundo os Leisner, aproxima-se de uma conta de colar em quartzito, da anta grande do Olival da Pega (Leisner, 1951, p. 119).

Assim, de forma geral, esta tipologia de artefactos aparenta possuir as mesmas características. O esferóide de Bolores apresenta particularidades distintas, que correspondem à sugestão da funcionalidade dos esferóides da Casa da Moura. O desgaste existente no eixo central da peça é compatível com a actividade de moagem, traduzindo-se esse polimento num movimento regular e constante, facilmente conciliável com esta acção. Os esferóides da Casa da Moura não apresentam vestígios de utilização, podendo simplesmente tratar-se de oferendas votivas, cuja finalidade seria a anteriormente referida. Parece ainda ser possível aferir, que de certa forma, a ocorrência destes artefactos é verificada maioritariamente em contexto de necrópole. Enquanto oferta votiva, marca presença em sepulcros apresentando superfície cuidada. No caso do

povoado de Leceia, a presença destes artefactos e a condição física em que se encontram, testemunha a sua finalidade enquanto objectos para farinação.

#### 7.6.4. Lagomorfos

As figuras zoomórficas representativas de lagomorfos fazem parte do universo mágico-religioso do Centro e Sul de Portugal, constituindo parte integrante de contextos funerários. Mesmo não marcando presença assídua em todos os contextos funerários, são já indicadores de sepulcros com cronologias de transição entre o Neolítico final e Calcolítico inicial (Silva *et al*, 2014, p. 166). A sua denominação provém da semelhança entre estas peças e os mamíferos herbívoros (família *lagomorpha*), de onde fazem parte coelho e lebre.

Em Portugal, a presença de figuras zoomórficas em ambiente arqueológico é relativamente frequente. Existem pequenas figuras em osso, pedra ou cerâmica, representativas de quadrúpedes, suínos, cervídeos, equídeos, aves e raposas. Estes totalizam trinta e uma peças integradas em nove sítios arqueológicos portugueses, não sendo, porém, desconhecidos em Espanha (Valera *et al*, 2014, p. 19-21). Este inventário encontra-se incompleto constituindo uma listagem até à data do artigo, quanto mais não seja pela quantidade de sítios arqueológicos, que são escavados sem publicação e que permanecem no anonimato.

Os lagomorfos também conhecidos como coelhos na literatura arqueológica fazem parte da realidade de vinte e oito sítios arqueológicos contabilizando o total de cinquenta e uma peças, conhecidas até hoje. A maior parte foi recolhida nos inícios da actividade arqueológica em Portugal, não havendo, portanto, registos concretos dos níveis arqueológicos a que pertencem. A descoberta de dois novos exemplares em osso provenientes da anta do Rego da Murta II e da Gruta do Morgado Superior, na região de Tomar, revelaram um novo panorama. Estes artefactos conotados como estando cronologicamente inseridos em contextos do Neolítico final, aparecem num monumento ortostático e gruta natural, em contextos datados do Calcolítico, embora muitos dos artefactos presentes no mesmo contexto possam ser inseridos no Neolítico final. Por ainda serem informações inéditas, a publicar pelos responsáveis das escavações (Ana Rosa Cruz), apenas se pode adiantar que o lagomorfo apareceu associado a ídolos antropomorfos. O sítio arqueológico em questão, inicialmente composto por inumações primárias, rapidamente se converteu num sepulcro de enterramentos colectivos, não sendo, portanto, possível aferir a ligação do lagomorfo a um indivíduo do sexo feminino ou masculino, como desejável (informação pessoal de Ana Rosa Cruz, a quem se agradece).

No caso da anta da Tapada de Matos, apesar de ser uma escavação recente não existem dados que indiquem a área de proveniência do lagomorfo (Oliveira, 1999/2000). Na gruta da Marmota (Alcanena) existem artefactos de adorno pessoal e pedra verde (tal como os coelhos das Lapas), em contextos datados da segunda metade do 4º milénio.

Contudo, a gruta da Cova das Lapas, datada da mesma cronologia, não apresenta sequer adorno pessoal (Gonçalves, 2008, p. 519). Este facto demonstra mais uma vez a coexistência de dois rituais distintos, como já havia sido mencionado anteriormente.

Como já referido, algumas das peças da gruta artificial das Lapas (Torres Novas) foram inadvertidamente aglomeradas à colecção arqueológica da Quinta das Lapas (Torres Vedras). Desta forma e durante muito tempo, os lagomorfos desta gruta artificial foram conhecidos por pertencerem à Quinta das Lapas, mesmo depois do erro ter sido detectado. Actualmente, nas listagens de figuras zoomorfas ainda aparecem duas figuras de lagomorfos associadas à Quinta das Lapas (Ferreira, 1970b, Est. III, nº6 e nº13; Thomas e Waterman, 2013, p. 118; Cruz *et al*, 2013, p. 164; Valera *et al*, 2014, p. 20). Este erro foi corrigido com base nos cadernos de campo de Manuel Heleno, que, são bastante claros quanto à proveniência destes “ dois quadrúpedes de rocha verde (...) ” (Heleno, 1935b, p. 5).

Os dois exemplares das Lapas diferem bastante um do outro, tanto formalmente como cromaticamente. Mesmo sendo ambos em pedra verde, um deles, o exemplar simples (inventário 2003.168.151/40.312), apresenta uma coloração mais carregada, assemelhando-se a um verde-esmeralda. Apesar de ser perceptível a existência de uma cabeça e cauda, não existem quaisquer representações de olhos, boca ou parte sexual do animal, como existem em alguns exemplares do Cabeço da Arruda 1 e Cova da Moura em Torres Vedras, Poço Velho (Cascais) e S. Paulo 2 (Almada).

É possível observar marcas na superfície da peça, que resultaram da sua abrasão (técnica usada com o intuito de dar forma à peça segundo Salvado (2004, p. 46,48) e consequente polimento, sendo estas marcas bastante visíveis na parte traseira do lagomorfo. Este exemplar apresenta duas perfurações bicónicas nas patas, para a sua suspensão muito possivelmente enquanto colar, como já foi apontado por outros investigadores (Gonçalves, 1992, p. 70; Silva *et al*, 2014, p. 166).

O segundo lagomorfo, geminado (inventário nº 2003.168.153/40.311), apresenta também coloração verde, embora mais claro que o atrás mencionado. Na sua superfície lateral e em baixo são notórios também vestígios da abrasão e polimento da peça, tal como acontecia com o anterior, embora se distinga a superfície ligeiramente concrecionada o que aliás acontece com a maioria das peças, provenientes da gruta artificial das Lapas. Esta peça representa dois lagomorfos unidos pelas patas traseiras com as cabeças opostas entre si. Cada um, individualmente, apresenta a pata dianteira perfurada, enquanto a traseira sem perfuração ou indícios de perfuração, apresenta aquilo que se assemelha a um entalhe. Semelhantemente ao que acontece com o exemplar simples, também dali proveniente, o lagomorfo geminado não apresenta representações de olhos, boca ou sexo do animal.

Os lagomorfos conhecidos no país podem ser facilmente agrupados segundo a matéria-prima em que foram elaborados. Percentualmente é possível afirmar que o

suporte com maior popularidade para a realização destas figuras zoomorfas é o osso (80% dos casos), não só pela facilidade na sua obtenção, mas, também, pela elasticidade do mesmo no momento de esculpimento da peça (Salvado, 2004).

Relativamente à caracterização petrográfica dos dois coelhos, a observação macroscópica indica tratar-se de um mineral verde, com brilho de seda e ligeiramente fluorescente.

Da análise macroscópica dos lagomorfos, apoiada pelo geólogo Dr. Fernando Real, chegou-se a uma conclusão, que, contudo, se opta por não se discriminar visto já ter sido efectuada uma análise química aos artefactos em questão, cujo resultado, ainda se desconhece.

Deste modo os nove lagomorfos (um geminado e oito simples) executados em pedra verde representam 18% do conjunto total, e apenas 2% relativo a um outro mineral. Relativamente ao primeiro achado desta tipologia, os registos não são fáceis de interpretar. Konrad Spindler na sua monografia sobre a gruta da Cova da Moura, em Torres Vedras (1981), apresenta desenhos de todos os lagomorfos conhecidos à época. Menciona porém, a existência de um exemplar proveniente da Casa da Moura (Óbidos), mas sem apresentar qualquer tipo de desenho, antagonicamente ao que havia feito para com os outros coelhos. Desta forma, e sabendo que algum do material desta gruta natural foi levado para o Ashmolean Museum de Cambridge, nunca poderemos afirmar com certeza, se alguma vez, de facto, dali foi recuperada uma estatueta zoomorfa de coelho.

Considerando que de facto este lagomorfo foi o primeiro a surgir no nosso país, depreende-se que o mesmo terá provindo de escavações realizadas entre 1879 e 1880, altura em que Nery Delgado realizou investigações, mais profundas, na cavidade (Carreira, 2001/2002, p. 252-253). Salienta-se, ainda, uma nota de rodapé presente na monografia relativa às Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz (Leisner, 1951, p. 146) que corrobora a afirmação de Spindler (1981), indiciando que o lagomorfo da Casa da Moura integraria a colecção pessoal, ou não, (não é explícito) de Ricardo Belo (investigador na área de Torres Vedras).

O segundo lagomorfo identificado, ou pelo menos se o considerarmos inserível nesta tipologia, foi o exemplar de Elvas. Já o casal Leisner em 1951 considerou que o coelho “da região de Elvas, mal se inclui nesta série (...)”. Curiosamente o exemplar de Elvas parece ser resultado de uma aquisição do Museu Municipal de Elvas, proveniente de Elvas e adquirido pelo Museu, ou comprado a uma entidade Espanhola, não especificada (Vasconcellos, 1896, p. 10-13).

A primeira publicação onde é dada a conhecer visualmente a morfologia dos lagomorfos, é a publicação de 1951 dos Leisner. Contudo, nesta, já aparecem mencionados os achados do mesmo género da Cova da Moura, Cabeço da Arruda, anta grande do Olival da Pega, Poço Velho, Carrasca, anta da Capela (denominada como Portalegre) e Lapa da Galinha (Leisner e Leisner, 1951, p. 145). Numa tentativa de recuar até à aparição do terceiro exemplar, rapidamente nos apercebemos que a única publicação data dos anos 30, do século XX. Desta forma é-nos dado a conhecer por Manuel Heleno

que dos seus trabalhos arqueológicos, na necrópole de Carenque, resultou a identificação de um coelho (Heleno, 1933, p. 21). É neste momento, que se obteve a denominação concreta da interpretação dos mesmos, enquanto coelhos, tendo sido Manuel Heleno a baptizá-los da mesma forma como hoje os conhecemos. Ainda assim, ressalta-se o facto deste, não ter sido o terceiro exemplar identificado no país. Manuel Heleno salienta que este se assemelha ao da anta grande da Comenda da Igreja, dólmen das Conchadas (Ada-Beja) (escavado em 1926 por Francisco Ribeiro) e Cova da Moura (escavada em 1932) (Belo *et al*, 1961; Ferreira *et al*, 1961, p. 301). Ainda assim, provavelmente, o terceiro exemplar provém da Lapa da Galinha, escavada nos inícios do século XX (1908) (Sá, 1959). Tendo conhecimento da existência destas peças e tendo-as interpretado como coelhos, estranha-se pessoalmente, que nos cadernos de campo relativos às escavações do hipogeu das Lapas, Manuel Heleno os tenha denominado de suínos “dois quadrúpedes de rocha verde, talvez porcos.” Heleno, 1935b, p. 5).

Até aos finais do século XX surgiram os restantes exemplares que hoje conhecemos, como a gruta da Pedra Furada 1 (Parreira, 1987/1988) povoado da Ota (Barbosa, 1956), Lapa do Fumo (Serrão, 1968), Lapa do Bugio (Isidoro, 1963), Lapa do Suão (Furtado *et al*, 1969, p. 67), anta da Tapada de Matos (Marvão; Jorge, 1999/2000) gruta artificial de S. Paulo 2 (Barros, 1997).

Alguns erros de proveniência foram detectados, como é o caso do coelho da gruta da Pedra Furada 1, designado durante muitos anos como pertencente à Quinta da Marquesa (Silva *et al*, 2014).

Relativamente ao lagomorfo proveniente do povoado dos Perdigões (Lago *et al*, 1998), este apresenta características completamente distintas do restante grupo. Dimensionalmente é muito superior e morfologicamente as características são muito mais realistas. O restante grupo apresenta as orelhas direccionadas para cima, enquanto este, apresenta-as para trás. Tal como referi, apresenta características muito realistas, enquanto os restantes se assemelham a simples esboços, que, no entanto, são capazes de nos remeter para a figuração de um animal, neste caso o coelho. O lagomorfo dos Perdigões, cuja cronologia apontará para o Calcolítico, não é o único que consta como tendo aparecido num povoado (para além de ser um povoado com características bastante diferentes das dos povoados ditos habitacionais). Também o lagomorfo de Ota provém de contexto de povoado. Contudo, recentemente, sob alçada de um projecto de valorização e qualificação do Canhão Cársico da Ota, onde se desenvolveram actividades de geologia, botânica, zoologia e arqueologia, surgiu a forte hipótese de existência de uma estrutura pétrea, que poderá corresponder a uma estrutura tipo hipogeu ou até mesmo tipo *tholos*, praticamente justaposta ao povoado da Ota (Lopes, 2016).

Quanto ao significado dos mesmos, Vera Leisner supõe tratem-se de amuletos ligados à fertilidade (Paço *et al*, 1959, p. 158-159). Victor Gonçalves propõe o oposto, neste caso tratar-se-iam de amuletos contra a infertilidade, de uso exclusivo feminino (Gonçalves, 2008, p. 534). Reforça ainda que seriam colocados ao pescoço do defunto,

num fio, sendo esta uma forte hipótese já que não apresentam sinais de atrito nas perfurações (Gonçalves, 1992, p. 70).

## PARTE 2

### AS LAPAS E O HIPOGEÍSMO NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL

#### 8. Práticas funerárias hipogeicas do 4º e 3º milénio a.n.e.

##### 8.1. Os hipogeus no actual território português: tipologia sepulcral

Com o aumento do número de trabalhos arqueológicos, propiciados pelas obras de grande envergadura, principalmente no Alentejo, existe um grande número de arquitecturas hipogeicas dos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e., praticamente inéditos. Muitos deles serão aqui analisados. Neste sentido as tabelas abaixo, servem para facilitar uma visão global sobre este tipo de estruturas, desde a Estremadura até ao Algarve.

**Tabela 3, 4 e 5** – Tabelas discriminatórias das características presentes em cada arquitectura hipogeica por área geográfica. (# - número do monumento; Nº - número de estruturas hipogeicas que o sítio arqueológico contém; **AntC.** – Antecâmara; **C**- Câmara **s.i.** – sem indicação (ou por não existirem dados que os refiram ou já por destruição da estrutura)); + - inédito; \* - sem datação.

Estremadura								
#	Sítio Arqueológico	Concelho	Nº	AntC.	Corredor	C	Nichos	Ref.
1	Cemitério	Cantanhede	1	s.i.	s.i.	1	s.i.	Simões,2003
			2	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	+
			3	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	* +
2	Convento do Carmo	Torres Novas	1	s.i.	s.i.	1	s.i.	* +
3	Ribeira Branca	Torres Novas	1	s.i.	s.i.	2	s.i.	Leisner e Leisner,1959
		Novas	2	s.i.	s.i.	1	sim	*
4	Ribeira de Crastos	Caldas da Rainha	1	não	não	1	não	Jordão e Mendes,2006/2007
5	Ermegeira	Torres Vedras	1	s.i.	não	1	não	Heleno,1942
6	Quinta das Lapas	Torres Vedras	1	não	não	1	não	Jordão e Mendes,2006/2007
			2	não	não	1	sim	*
7	Casal da Lapa	Torres Vedras	1	não	não	1	não	Jordão e Mendes,2006/2007
8	Cabeço da Arruda 1	Torres Vedras	1	não	não	1	não	Ferreira e Trindade,1956
9	Samarra	Sintra	1	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	França e Ferreira,1956
10	Folha das Barradas	Sintra	1	não	sim	1	s.i.	Ribeiro,1880
11	Praia das Maças	Sintra	1	sim	sim	1	não	Leisner <i>et al.</i> 1969
12	Carenque	Amadora	1	não	sim	1	não	Heleno,1932
			2	não	sim	1	não	*
			3	não	sim	1	não	
			4	não	sim	1	não	
13	Baútas	Amadora	1	s.i.	sim	1	s.i.	Heleno,1932
14	Monte do Castelo	Oeiras	1	s.i.	s.i.	1	s.i.	Cardoso <i>et al.</i> ,1996
15	Murtal	Cascais	1	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Cardoso,1991
			2	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	+ *
16	Alapraia	Cascais	1	não	sim	1	não	Gonçalves,2003
			2	não	sim	1	não	*

			3	não	sim	1	não	
			4	não	sim	1	não	
17	S. Pedro do Estoril	Cascais	1	s.i.	s.i.	1	não	Gonçalves,2003 *
			2	s.i.	sim	1	não	
18	São Paulo 2	Almada	1	não	sim	1	não	Barros e Espírito Santo,1997
19			1	sim	sim	1	não	Soares,2003
	Quinta do Anjo	Palmela	2	sim	sim	1	não	
			3	sim	sim	1	não	
			4	sim	sim	1	sim	
20	Aires II	Palmela	1	não	não	1	não	Fernandes <i>et al.</i> ,2012 + *
21	Capuchos 2	Palmela	1	não	não	1	não	Jordã e Mendes,2006/2007 *

Alentejo									
	#	Sítio Arqueológico	Concelho	Nº	AntC.	Corredor	C	Nichos	Ref.
Margem Direita do rio Guadiana	22			1	não	sim	1	não	Valera,2013
				2	não	sim	1	não	
				3	não	sim	1	não	
				4	não	sim	1	não	
		Sobreira de Cima	Vidigueira	5	não	sim	1	não	
				6	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
				7	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
	23	Monte do Malheiro 2	Vidigueira	1	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Barreiras,2013 + *
				2	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
	24	Monte das Covas 3	Beja	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Fernandes,2013 + *
	25	Bela Vista 4	Beja	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Fernandes,2013 + *
	26	Poço da Gontinha 1	Ferreira do Alentejo	1	não	não	2	não	Figueiredo,2011
	27	Pedreira de Trigaches 2	Beja	1	não	não	1	não	Baptista e gomes,2010 + *
	28	Horta de Baixo 1	Aljustrel	1	não	não	1	não	Baptista <i>et al.</i> ,2014 + *
	29			1	não	sim	1	não	Bargão e Monge,2015 *
		Pisões 5	Beja	2	não	não	1	não	
	30			1	não	sim	1	não	
				2	não	não	1	não	Valera e Brazuna,2010 *
		Monte do Carrascal 2	Ferreira do Alentejo	3	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
				4	s.i.	s.i.	1	não	
	31			1	não	sim	1	não	
				2	não	sim	1	não	
		Vale de Barrancas 1	Beja	3	não	dois	1	não	
				4	não	s.i.	1	não	Fernandes,2013 *
				5	não	sim	1	não	
				6	não	não	1	não	
				7	não	não	1	não	
Margem Esquerda do rio Guadiana	32	Monte da Magoita 1	Serpa	1	não	não	1	não	Calvo,2011 + *
	33	Monte Gargantas 1	Serpa	1	não	não	1	não	Miguel,2011a + *
	34	Zambujeira 1	Serpa	1	sim	não	1	não	Miguel,2011b + *
	35	Monte de Cortes 2	Serpa	1	não	não	1	não	Calvo,2009
	36	Ourém 7	Serpa	1	sim	não	1	não	Filipe,2011a + *
	37			1	não	sim	1	não	Borges,2011 *
		Outeiro Alto 2	Serpa	2	não	sim	1	não	
				3	não	sim	1	não	
	38	Ribeira de Pias 2	Serpa	1	não	não	2	não	Barrequero,2011 + *
	39			1	não	não	1	não	Filipe,2011b + *
		Cadavais	Serpa	2	s.i.	s.i.	1	s.i.	
	40			1	não	não	1	não	Baptista e gomes,2011 + *
				2	sim	não	1	não	
			3	não	não	1	não		
			4	não	não	1	não		
			5	não	não	1	não		
			6	não	não	2	não		
			7	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.		

	Montinhos 6	Serpa	8	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
			9	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
			10	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
			11	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.
			12	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.

Algarve								
#	Sítio Arqueológico	Concelho	Nº	AntC.	Corredor	C	Nichos	Ref.
41	Igreja Nova	Aljezur	1	s.i.	s.i.	1	sim	Veiga,2005 *
42	Barrada	Aljezur	1	sim	não	1	sim	Barradas <i>et al.</i> ,2014 *
43			1	não	sim	1	não	Veiga,2005 *
	Torre de Frades	Vila Real de Santo António	2	não	sim	1	não	
			3	não	sim	2	sim	
44			1	não	não	1	não	Veiga,2005 *
	Torre	Faro	2	não	não	1	não	
45			1	não	sim	2	sim	
			2	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Parreira,2010
	Monte Canelas 1	Portimão	3	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
			4	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	
46	Pêra	Silves	1	s.i.	s.i.	s.i.	s.i.	Cardoso,1991 *

### 8.1.1. Estremadura

Como já referido, as primeiras estruturas de tipologia hipogeica foram identificadas em Portugal, precisamente na área do estuário do Tejo, tendo por isso, de certa forma, sofrido as consequências do desconhecimento associado à existência das mesmas. Ainda que, escavadas nos inícios do desenvolvimento da arqueologia Portuguesa. Se em maior ou menor quantidade algum espólio acabou por chegar à actualidade, infelizmente o conhecimento sobre a arquitectura de algumas e deposições funerárias de outras, perderam-se irremediavelmente.

Na área da Estremadura existem cerca de 24 sítios arqueológicos com grutas artificiais, uma delas alvo desta tese (Lapas), e duas outras, alvo de dúvida arquitectónica (Samarra e Bolores). A diversidade arquitectónica, dentro do que são as grutas artificiais da Estremadura, existe, sendo mesmo possível criar ou tentar criar grupos pelas semelhanças, existindo contudo alguns casos únicos.

São conhecidas algumas estruturas que oferecem dúvidas quanto à sua verdadeira índole e outras que se sabem ser hipogeus, mas que se encontraram já destruídas, não sendo por isso, possível recriar a sua arquitectura.

Aproveita-se aqui a oportunidade para referenciar três possíveis hipogeus localizados na área de Coimbra, designados de Cemitério (Anexo 8, Estampa 27, nº1). Ao que parece ficou apenas o registo de dois deles, que teriam sido destruídos no início do século XX, havendo notícia do aparecimento de ossadas humanas. As cavidades talhadas numa área calcária encontravam-se na área de acesso ao cemitério de Cantanhede. Em 2002 perante a acção de obras de saneamento, foram postos a descoberto materiais arqueológicos e osteológicos, que, como frequentemente acontece no nosso país, foram tapados a mando do responsável da obra. Contudo a informação consta no

projecto para a Carta Arqueológica de Cantanhede, existindo forte possibilidade, confirmada por prospecção geofísica, deste hipogeu ainda se encontrar em parte intacto, passível de futuros estudos.

Em Torres Novas, na Alta Estremadura, temos duas estruturas deste tipo. Uma em Ribeira Branca, muito próxima das Lapas e outra recentemente encontrada no Convento do Carmo em Torres Novas. Relativamente à de Ribeira Branca, a gruta II já estava destruída à data da descoberta em 1940, sendo apenas referenciada a notória existência de uma parte abobadada, correspondente à cúpula do sepulcro (Jalhay *et al*, 1941, p. 112). A gruta I detentora de duas câmaras, como referido anteriormente, havia sido referenciada por outros autores, mas foi através de Vera Leisner que foi revelada a verdadeira tipologia arquitectónica do sepulcro (Leisner, 1965, p. 276). Nas proximidades, surgiu um outro hipogeu na zona de Convento do Carmo. Numa análise espacial, a distância entre o hipogeu das Lapas e o do Convento do Carmo é reduzida e sem grandes obstáculos geográficos. Embora, pareçam pertencer a cronologias distintas, poderia ter havido contacto entre os grupos distintos e utilizadores das necrópoles. Quanto à arquitectura deste sepulcro, a mesma não foi possível de determinar. Quando foram realizadas escavações, recentemente, apenas foram identificadas as deposições e rituais funerários. A estrutura já se encontrava completamente destruída, no entanto, não restam dúvidas de que o monumento se trata de uma estrutura hipogeica (informação pessoal de António Faustino Carvalho).

Um pouco acima de Torres Vedras, nas Caldas da Rainha, foram também detectados dois sepulcros cavados na rocha, os hipogeus da Ribeira de Crastos. As grutas em questão, localizadas numa área arenítica, como as vizinhas de Torres Vedras, resultaram do aproveitamento de falhas existentes na rocha base. No caso da gruta I, a existência de um corredor estreito, natural, serviu para a elaboração da mesma. Já no caso da gruta II, existiria uma gruta natural, bastante irregular, que teria sido finalizada pelo homem. Os indícios que levaram a esta interpretação foram fornecidos pela área do tecto, visto ser bastante irregular e não apresentar sinais de afeiçoamento (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 55). A gruta I, de planta ovalada e a gruta II de planta irregular, não apresentam corredor ou indícios da sua existência. A tipologia destas grutas assemelha-se à da zona Oeste, salientando-se, no entanto, curiosamente, a existência de um nicho cavado na gruta 2. Este nicho de tendência quadrangular e fundo côncavo forneceu um vaso, uma lâmina fragmentada e uma ponta de seta. Este tipo de estrutura em bancada não é frequente nos monumentos hipogeicos portugueses, apenas nos italianos e espanhóis. Contudo, uma estrutura semelhante é conhecida no hipogeu 4 das grutas do Casal do Pardo (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 55).

O concelho de Torres Vedras apresenta grande densidade de ocupações do 4º e 3º milénios. Só no concelho são conhecidos quatro sítios arqueológicos, detentores de hipogeus e sabe-se da possível existência de pelo menos mais dois ou três, ainda por escavar, que não constam no Portal do Arqueólogo, por terem sido descobertos por grupos de espeleologia (Informação pessoal de João Figueiredo – Espeleólogo).

Foram já amplamente referenciados os estragos causados pelas escavações rápidas e com escasso registo, nos inícios da arqueologia portuguesa. No caso da Quinta das Lapas, um complexo composto por dois hipogeus de câmara circular, apesar de também estes terem sido escavados por Manuel Heleno e de o maior interesse se ter debruçado sobre o material arqueológico dele retirado, teve a sorte das arquitecturas não terem sido danificadas. Pela zona remota onde se encontram (inseridos num pequeno cabeço arenítico, no centro de uma área de plantio vinícola), mantiveram-se intactos até aos dias de hoje. Escavado precocemente, nos anos 30, só nos anos 70 é que foi de facto estudado. Quanto à arquitectura dos mesmos, foi negligenciada até 2006/2007, anos em que foi publicado o já mencionado artigo de Patrícia Jordão e Pedro Mendes, sobre as grutas artificiais estremenhas, onde os autores publicam plantas actualizadas e descrevem pormenorizadamente as estruturas, algo, que até à data não tinha sido feito (2006/2007, p. 56-57).

A gruta 1, de menores dimensões, apresenta-se cavada numa bancada dos conhecidos “grés de Torres”. O facto de se apresentar a uma cota elevada, relativamente ao nível do solo, dificulta um pouco o acesso à mesma. Tanto a gruta 1 como a 2 apresentam câmaras tendencialmente circulares, e ambas desprovidas de corredor, não existindo sequer indícios de que o tivessem tido. Contudo, a ideia de que estes dois hipogeus poderão constituir o afeiçoamento de uma cavidade natural, persiste e nunca poderá ser respondida. A gruta 2, de maiores dimensões, apresenta um desnível, entre o nível do solo e o chão do sepulcro, inversamente ao que acontece com a gruta 1. Este rebaixamento foi interpretado pelos autores, como intencional (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 56).

O mesmo sepulcro, o hipogeu 2, de câmara com tendência circular, embora bastante irregular, apresenta duas cavidades laterais que aparentam ser de origem natural. Contudo, não se sabem ter sido aproveitadas para a colocação de ossários ou oferendas. Pode assumir-se possivelmente, que sim, já que existem outros sepulcros como Monte Canelas, também detentor de nichos laterais, onde foram criados ossários. Deste modo a gruta 1 é assumidamente artificial, criada de raiz, enquanto a gruta 2, aproveita uma cavidade natural, posterior e artificialmente alterada pela mão do homem (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 57-58).

A cerca de 3,5km, em linha recta, existe um outro hipogeu. A gruta da Ermegeira, é particularmente curiosa. Tendo sido escavada também por Manuel Heleno, praticamente pouco depois, das congéneres da Quinta das Lapas, após a descoberta de um par de brincos de ouro e outros objectos igualmente em ouro, o sítio foi vandalizado, resultando esses actos na queda da abóbada do monumento (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 59).

Também cavada em arenitos, tal como as da Quinta das Lapas, a gruta da Ermegeira, na altura da sua escavação já só conservava meia estrutura. A planta seria perfeitamente circular e sem corredor, tal como parecem ser os restantes hipogeus da região. Na região de Torres Vedras, os hipogeus não parecem possuir clarabóia, ou pelo menos os que se encontram intactos, não a possuem. No caso do hipogeu da Ermegeira,

também não se encontraram vestígios da existência deste elemento arquitectónico. Contudo, Manuel Heleno refere a presença de uma laje, a que atribui como pertencente à clarabóia. No entanto, esta informação foi insuficientemente documentada e não existe qualquer elemento que a possa confirmar, não sendo plausível afirmar que o hipogeu em questão, de facto, a possuísse.

O hipogeu do Cabeço da Arruda I, localizado num pequeno cabeço, foi também identificado depois dos anos 30 do século passado, por Leonel Trindade. Durante o decurso de trabalhos surgiram alguns ossos e placas de xisto que indicaram a presença de um sepulcro, que não se encontra isolado. Nas proximidades existem ainda um *tholos* e uma sepultura de tipologia indeterminada (Ferreira e Trindade, 1955, p. 5-6). Pode-se afirmar que este monumento é um dos mais curiosos e menos comuns, arquitectonicamente. Apesar de já se encontrar muito destruído à data da sua descoberta não foram encontradas pedras, induzindo que não teria existido o abate de uma cúpula, nem seria um monumento misto, composto também por esteios, já que não existiam buracos que comprovassem esta teoria. No caso deste hipogeu, poderia ter sido adoptada uma solução semelhante à de alguns hipogeus no Alentejo, ou seja, a cobertura da abertura superior com algum tipo de matéria perecível. O monumento apresenta uma planta em “U” bastante regular com pouco mais de 2 m de diâmetro (Ferreira e Trindade, 1955, p. 7-9). As datações efectuadas ao espólio osteológico do hipogeu e do *tholos* vieram lançar algumas dúvidas quanto ao que realmente aconteceu nestes sepulcros.

Aparentemente, sugere-se que a estrutura 2, o *tholos*, poderá anteriormente ter sido uma anta que sofreu reestruturação arquitectónica. Contudo, por já não existirem, são questões a que dificilmente se poderá dar uma resposta concreta (Silva, 1999, p. 359). Na zona da baixa Estremadura, o número de sepulcros de tipologia indeterminada aumenta.

Ainda em Torres Vedras, existe um sítio escavado recentemente, entre 2010 e 2012, que no entanto levanta algumas interrogações. A equipa americana que o escavou interpreta-o como sendo de facto uma gruta artificial aberta (Lillios, 2014). Os responsáveis supõem que uma das paredes da gruta (a nível do comprimento) não existia, tendo sido adoptada a solução da colocação de pilares, em madeira, para vedar o espaço sepulcral, hipótese que contudo não encontra vestígios que a sustentem (Lillios, 2014, p. 288-289). Esta estrutura apresenta uma morfologia alongada onde os enterramentos se dispõem em três áreas distintas, dentro de subdivisões criadas artificialmente (Lillios, 2014, p. 288-290). No entanto, não pode ser classificado como hipogeu, pois não reúne as mesmas características dos restantes, além de ser uma estrutura aberta, tipo abrigo.

Uma das últimas grutas conhecidas é a do Casal da Lapa, também executada sobre os arenitos característicos da área de Torres Vedras. A planta do hipogeu encontrava-se praticamente inexistente até aos trabalhos de P. Jordão e P. Mendes, onde foi revelada pela primeira vez. Como os restantes hipogeus da área, este apresenta igualmente uma câmara tendencialmente circular, desprovida de clarabóia. Apresenta um orifício que poderia ser, facilmente, confundido como clarabóia não fossem as suas reduzidas dimensões (Idem, 2006/2007, p. 55). Não existem, no entanto, quaisquer vestígios

registados de utilização através de espólio osteológico ou arqueológico. Existem referências a um segundo hipogeu no Casal da Lapa, estando o achado registado pelos espeleólogos, mas como referido anteriormente, não consta no portal do arqueólogo e os mesmos parecem não conhecer a sua real localização (Idem, 2006/2007, p. 55 e informação de João Figueiredo – espeleólogo). Na zona de Torres Vedras é apontada a existência de outras grutas artificiais no Casal da Lapa e na zona da freguesia do Paul, apresentando-se a segunda por escavar (informação de João Figueiredo – Espeleólogo).

O grupo mais estudado e provavelmente mencionado são as grutas denominadas por Victor Gonçalves de «tipo coelheira» (Gonçalves, 1992, p. 175). Este grupo, composto sempre por mais que uma gruta, até agora conhecidas em grupos de quatro no nosso país, estão representadas pelos complexos de Alapraia (Cascais), Carenque (Amadora) e Quinta do Anjo (Palmela). Os três complexos são compostos por grutas de câmara circular e clarabóia com corredor, longo e sinuoso, geralmente composto por um estrangulamento à entrada da câmara, antecedido de um átrio. A destruída gruta de Folha das Barradas (Sintra) apresenta igualmente câmara circular e átrio com entrada afunilada para a câmara, bastante semelhante às de Alapraia, Carenque e Palmela. No entanto não apresenta clarabóia. Mesmo constituindo um caso isolado, existe forte possibilidade de esta ser uma versão simplificada das restantes (Ribeiro, 1880, p. 78).

No caso da gruta I de Carenque, salienta-se, ainda, a particularidade do espaço do corredor ser antecedido por um átrio, cujo chão se encontrava coberto por duas lajes, uma delas fracturada. No caso da gruta II, esta apresenta dois degraus afeiçoados na rocha calcária (Gonçalves *et al*, 2004, p. 122-123 e Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 63-64).

Relativamente perto do complexo hipogeico de Carenque, existiu outrora uma possível gruta artificial, a das Baútas. Manuel Heleno, o seu escavador, refere que a mesma já se encontrava muito destruída à sua chegada. No entanto, refere, que a referida gruta parece apresentar «forma de palmatória», isto é, uma parte circular como se fosse um poço e uma galeria anexa e fechada. Este tipo de arquitectura, se pudesse ser confirmado e partindo do princípio que de facto a sua descrição corresponde à realidade, seria distinta dos restantes hipogeus da Estremadura e mais semelhante às estruturas do Alentejo, tipo Sobreira de Cima (Vidigueira) (Valera, 2013).

Foi efectuada por P. Jordão e P. Mendes uma categorização de acordo com as características arquitectónicas dos hipogeus: tipo 1 – estruturas de câmara com clarabóia e corredor; tipo 2 – estruturas de câmara única; tipo 3 – estruturas de câmara única e corredor; tipo 4 – estruturas de duas câmaras (2006/2007, p. 75-76). Apesar de ser uma leitura um pouco redutora e inflexível do tipo de estruturas existentes, constitui uma tentativa de agrupamento tipológico, de valor, abordando apenas a Estremadura.

Mais próximos do Tejo, na zona de S. Pedro do Estoril (Cascais) existem dois outros hipogeus. De facto e sendo notória a proximidade destes, aos hipogeus de Alapraia, é de salientar a diferença arquitectónica adoptada entre ambos os núcleos. Os hipogeus estão localizados numa área de falésia, sobranceira ao mar, que sofreu claramente

alterações com o tempo, incluindo os monumentos. A gruta I, de câmara tendencialmente poligonal e entrada a Sudeste, estava delimitada pela escarpa e por um desnível do talude calcário. O talude serviu de aproveitamento para o encosto de uma muralha realizada em blocos empilhados. Esta poderia ser uma segunda entrada, criada para resolver a questão da provável inutilização da entrada original, virada a Nordeste, pela desestruturação da falésia. A entrada original estaria disposta de forma idêntica à gruta II, mas no caso da segunda, a erosão apenas terá destruído o que se interpreta ser parte de um corredor idêntico às grutas tipo coelheira, com um ligeiro estrangulamento entre a passagem do corredor para a câmara (Gonçalves, 2003, p. 138 e Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 67). Este estrangulamento poderia sugerir estarmos na presença de uma gruta dita “clássica”, tipo as de Alapraia, Carenque ou Casal do Pardo. No entanto, não é possível determinar a existência ou não de clarabóia. Haveria possibilidade de existir uma ligação entre S. Pedro do Estoril 2 e Folha das Barradas? A destruição inerente à estrutura é difícil de contornar, e conseqüentemente difícil de interpretar, não sendo correcto afirmar ou especular sobre a sua verdadeira tipologia arquitectónica. O sepulcro 1, de planta um pouco irregular, poderá indicar destruições antigas, que, contudo, não puderam ser comprovadas. O sepulcro 2 apresenta uma câmara tendencialmente circular bem regularizada, assim como a gruta da Ermegeira (Torres Vedras).

Em Sintra, surgiu uma outra estrutura de tipologia indeterminada, a sepultura da Samarra. A sepultura localizada numa zona sobranceira ao mar encontrava-se geologicamente inserida numa área calcária em processo de formação de lapiaz. É referido que a base da estrutura era de origem natural, contudo o restante da mesma não é conhecido (França e Ferreira, 1958, p. 63). De facto, a estrutura poderia tratar-se de um *tholos* ou de uma gruta artificial, já que na área envolvente existia calcário para a construção de qualquer uma destas tipologias sepulcrais. Por outro lado, ainda que se tentasse uma triagem a nível material como ensaio de identificação da tipologia sepulcral, a mesma não é fiável, nem praticável, já que o tipo de espólio presente no conjunto existe tanto, em grutas naturais e artificiais, como em antas e *tholos*.

Na área da Amadora, em Carenque, apesar de serem bem conhecidos os três hipogeus já mencionados, parece ter existido um quarto monumento. O mesmo foi mencionado por Manuel Heleno nos seus cadernos de campo e apresentada uma planta da mesma, num artigo publicado por Heleno sobre a gruta artificial da Ermegeira em Torres Vedras (1942). Contudo, P. Jordão e P. Mendes assumem que a câmara de reduzidas dimensões associada a uma outra estrutura bastante irregular, igualmente de reduzidas dimensões e o facto desta gruta estar tão distanciada do restante complexo, talvez, se trate de uma estrutura diferente das restantes (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 63). De facto, estas informações e suspeitas são difíceis de confirmar. Partindo do princípio de que se trataria de uma estrutura cavada na rocha, só poderia ser um hipogeu. Relativamente à solução arquitectónica encontrada esta diferenciava-se das restantes conhecidas. A mesma pode ser interpretada por algum tipo de dificuldade encontrada, que só os construtores da mesma saberiam explicar.

Um outro sepulcro mal conhecido é do Monte do Castelo em Oeiras, muito próximo do povoado pré-histórico de Leceia. A primeira publicação sobre o local, de 1969, já indicava a destruição de parte deste monumento, pela acção de uma pedreira de extracção de calcário, restando apenas parte da câmara do monumento. Do mesmo não existe nenhuma planta. Apesar de ter sido escavado nos anos 90 e dele ter sido recuperado espólio osteológico datado, bem como arqueológico, a sua tipologia arquitectónica perdeu-se irremediavelmente (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 68-69). Contudo, através do material recolhido foi permitido perceber, que o monumento conheceu uma utilização inicial do Neolítico final e outra do Calcolítico (Cardoso, Norton e Carreira, 1996, p. 287-290).

Consta nos registos escritos sobre a carta arqueológica do concelho de Cascais, elaborada por Guilherme Cardoso (1991), que na freguesia do Murtal existiam também duas grutas artificiais. No entanto, este é o único registo ou conhecimento que existe sobre as mesmas, não constituindo neste caso, um elemento fidedigno de análise, pela pobre informação existente (Cardoso, 1991).

Na margem esquerda do rio Tejo, existem dois hipogeus que levantam questões diferentes. Um deles, S. Paulo 2, associado a questões como muitos dos acima descritos, por se encontrar destruído já no momento da sua descoberta, e o segundo, Aires II, praticamente desconhecido na bibliografia arqueológica, por se tratar de um hipogeu descoberto muito recentemente por funcionários do IPA (Anexo 8 –Estampa 19 ). A informação disponível no relatório do sítio não é explícita para a interpretação do mesmo. Aparentemente, o sítio já se encontrava bastante destruído tendo sido apenas identificada a câmara circular e antecâmara. Quanto ao corredor não está visível, existindo forte possibilidade de não ter possuído um, reportando o monumento para a hipótese de se tratar de uma estrutura semelhante às da Quinta das Lapas (Torres Vedras). Numa situação semelhante encontra-se o hipogeu 2 de S. Paulo (Almada). Identificado e escavado na segunda metade do século XX, a gruta já se encontrava bastante destruída, sendo apenas aludido que a mesma se trataria de um “afeiçoamento de uma cavidade natural” (Barros, 1998, p. 20). Infelizmente esta é toda a informação que possuímos sobre esta cavidade.

Também de forma semelhante ao hipogeu do Casal da Lapa, se encontrava o hipogeu dos Capuchos (Setúbal). A planta do mesmo foi pela primeira vez apresentada no artigo de Jordão e Mendes (2006/2007, p. 73, Fig. 39). No local existe uma gruta natural e uma artificial a poucos metros de distância, a meio da encosta da Serra dos Gaiteiros. Sobre a gruta natural desconhecem-se vestígios de ocupação, contudo, decerto terá tido algum tipo de funcionalidade nas comunidades, explicando talvez, a necessidade de construção de uma gruta artificial. A cavidade artificial (gruta II) ainda existente, apresenta uma câmara sub-circular bem regularizada e relativamente espaçosa (cerca de 4,5m de diâmetro), mas de altura diminuta, constituindo na área da Estremadura uma das mais baixas. Quanto ao corredor é pouco provável que tenha sequer existido, assemelhando-se aos hipogeus da zona oeste Estremenha, de câmara única e sem corredor (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 73).

As grutas do Casal do Pardo foram as primeiras a ser identificadas. A arquitectura destas assemelha-se às de Alapraia e Carenque. As quatro grutas possuíam corredor e câmara circular com clarabóia (Soares,2003).

### **8.1.2. Alentejo**

No panorama hipogeico da área Alentejana destaca-se a existência de dois pólos distintos localizados relativamente próximos do rio Guadiana.

Um deles, localizado na margem direita composto por dez sítios arqueológicos (Sobreira de Cima, Monte do Malheiro 2, Pedreira de Trigaches 2, Monte do Carrascal 2, Pisões 5, Horta de Baixo 1, Poço da Gontinha 1, Monte das Covas 3, Bela Vista 4 e Vale de Barrancas 1), e o outro, na margem esquerda, composto por nove sítios arqueológicos detentores de hipogeus (Monte da Magoita 1, Zambujeira 1, Monte de Cortes 2, Outeiro Alto 2, Cadavais, Ribeira de Pias 2, Monte Gargantas, Montinhos 6 e Ourém 7).

Analisando o lado direito da margem, as arquitecturas dos hipogeus destes dez sítios arqueológicos são distintas entre si. Algumas destas estruturas apresentam corredor (Monte do Carrascal, Pisões 5 e Sobreira de Cima), no entanto, os corredores de três dos hipogeus são efectivamente diferentes dos que conhecemos para a área da Estremadura. Os hipogeus de Monte do Carrascal (Ferreira do Alentejo) detinham numa primeira fase um corredor sinuoso de pequenas dimensões, cuja entrada se fazia pelo fosso/corredor de passagem existente no local (Valera e Brazuna, 2010, p. 125) similarmente ao que acontece em Vale de Barrancas 1 (hipogeu 1) (Beja). Contudo, esse pequeno corredor de entrada no sepulcro deixou de estar activo, passando os defuntos a ser colocados pela abertura superior existente no hipogeu. Os restantes dois, localizados na Sobreira de Cima, apresentam características bem particulares. A entrada para o hipogeu 1, possivelmente também o 2, 3 e 4, far-se-ia por um corredor em poço vertical, enquanto o hipogeu 5, detinha um corredor ladeado por lajes de xisto anfíbolito, criando uma passagem algo monumental e certamente de grande interesse visual à época (Valera e Coelho, 2013, p. 14, 26).

Existe um outro hipogeu detentor de corredor, no entanto sendo um corredor horizontal parecido com os de Lisboa, embora curto, não apresenta grandes particularidades (Pisões 5) (Beja) (Bergão e Monge Soares, 2015, p. 67). Em Vale de Barrancas 1, o hipogeu 1 apresenta um corredor sinuoso com um degrau na entrada para a câmara, tal como os hipogeus 2,5, 6 e 7. Grande parte do corredor, no entanto, estava já destruído por estruturas de época romana (Fernandes, 2013, p. 9-22).

As câmaras dos hipogeus são tendencialmente circulares, à excepção de Pedreira de Trigaches 2 (Beja) e Horta de Baixo 1 (Aljustrel), cujas câmaras são ovaladas. Salienta-se o caso particular do hipogeu do Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo), cujo átrio, se apresenta imediatamente adjacente à câmara. Ambas as estruturas eram circulares (Figueiredo, 2011, p. 14-15). Em Pedreira de Trigaches 2, a pequena câmara ovalada foi ainda cortada em parte por um silo de combustão do século II a.C (Baptista *et al*, 2010, p. 45-46).

Existem sítios arqueológicos com hipogeus que, no entanto, não será possível categorizar e descrever por não existirem informações disponíveis sobre eles: Monte do Malheiro 2 (Vidigueira), Monte das Covas 3 (Beja) e Bela Vista 4 (Beja).

Particularmente, o complexo de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira) apresenta uma arquitetura bastante curiosa. O corredor em poço vertical encontra paralelos com hipogeus de Vale de Barrancas 1 (hipogeu 3) (Beja) (Fernandes, 2013, p. 12) e na margem esquerda do Guadiana, com Outeiro Alto 2 (Serpa) (Valera *et al*, 2014, p. 63). O hipogeu 1 de Vale de Barrancas apresenta ainda um estrangulamento na passagem para a câmara e o acesso a esta, seria feito através de uma rampa na qual foi conformado um degrau (Valera e Coelho, 2013, p. 14). Também a maior parte dos hipogeus de Vale de Barrancas 1 possuíam um degrau na área de confluência entre o corredor e a câmara, constituindo o degrau acesso à mesma.

Os sítios de Sobreira de Cima, Monte do Carrascal 2 e Vale de Barrancas, constituem os únicos pólos com mais de um hipogeu, que apresentam semelhanças arquitectónicas entre si. Neste aspecto a margem esquerda parece ser mais coesa arquitectonicamente. As estruturas são maioritariamente circulares e sem corredor (excepto Outeiro Alto 2). O sítio com maior ocorrência de estruturas hipogeicas é Montinhos 6 (Serpa) e também este núcleo mostra coesão interna; as estruturas apresentam na generalidade uma forma circular de câmara única, exceptuando os hipogeus 4 e 6, com duas câmaras, e o hipogeu 2, com nicho lateral (Baptista e Gomes, 2011).

Na margem esquerda, surgem, no entanto, dois casos que levantam dúvidas quanto à sua origem: Monte da Magoita 1 (Serpa) e Cadavais (Serpa).

Um deles, Monte da Magoita 1, apesar de apresentar uma câmara rectangular com uma das paredes laterais arredondada, é uma estrutura de pequenas dimensões com um único enterramento. Sem qualquer material associado, que indique uma cronologia mais específica e morfologia estranha aos hipogeus da região, fica na dúvida a verdadeira índole deste sepulcro, se um hipogeu ou fossa (Calvo, 2011b).

O segundo sítio que levanta igualmente algumas questões é Cadavais. Uma das estruturas foi denominada como “covacho” pelos arqueólogos responsáveis. No entanto, optam também por denomina-la de fossa. Em Espanha, em Valle de las Higueras (Ramírez, 2005) existe um núcleo hipogeico bastante interessante, que apresenta também enterramentos em estruturas idênticas denominadas, então, por hipogeus. No caso desta estrutura de Cadavais (o covacho), optou-se aqui também por designa-la como hipogeu. Em Cadavais existe também uma outra estrutura interpretada como hipogeu, mas que apenas apresenta uma pequena parte semi-circular correspondente à câmara do sepulcro. A julgar pela área de posicionamento dos defuntos, poderia ser uma câmara de grandes dimensões. No caso desta segunda sepultura as dúvidas são maioritariamente cronológicas (Filipe, 2011b). Zambujeira 1 (Serpa) e Ourém 7 (Serpa) embora não estejam nas imediações um do outro apresentam grandes semelhanças. Ambos apresentam antecâmara maior que a câmara.

Em Ourém 7 a câmara encontrava-se selada com duas lajes sobrepostas na vertical (Filipe, 2011a, p. 10-12). Apesar de serem estruturas semelhantes arquitectonicamente, em Zambujeira 1, não se conhece uma utilização funerária (Miguel, 2011b, p. 10-12).

O hipogeu de Monte Gargantas foi amplamente danificado pela acção das máquinas, tendo apenas uma pequena parte, ficado preservada. No entanto não existem dúvidas de que este era efectivamente um hipogeu (Miguel, 2011a, p. 11-12).

Como já referido, no caso, dos três hipogeus de Outeiro Alto 2 (Serpa) as arquitecturas são bastante semelhantes ao núcleo da Sobreira de Cima.

Como adiante se verá, no Algarve existem também alguns hipogeus com entrada em poço vertical, que poderão ser interpretados como existência de contactos e influências entre regiões. Contudo, esta é uma questão de difícil verificação, tendo em conta o já desaparecimento de muitas das estruturas Algarvias.

Em Monte de Cortes 2 (Serpa), o hipogeu de câmara única sem corredor, apresenta grandes dimensões. Neste caso concreto não deixa de ser um pouco estranho as dimensões do mesmo comparativamente ao número de enterramentos, tendo sido abandonado precocemente sem que se perceba o seu motivo (Valera *et al*, 2014). Não deixa de ser interessante o possível relacionamento deste hipogeu com uma área próxima interpretada como um possível santuário, no qual se recolheram dois menires, um *in situ* e outro à superfície, tombado (Valera *et al*, 2014, p. 61-62).

Por último, na margem esquerda do Guadiana, o hipogeu de Ribeira de Pias 2 (Serpa), apresenta duas câmaras, tal como os hipogeus 4 e 6 de Montinhos 6. Não era uma estrutura de grandes dimensões, principalmente a câmara funerária. Uma delas apenas detinha material (Oeste) e outra a inumação funerária (Este). A ligação entre câmaras era feita através de uma estrangulação.

É possível estabelecer ligações entre a margem direita e esquerda do rio Guadiana. Os hipogeus 4 e 6 de Montinhos 6 e Ribeira de Pias 2, detentores de duas câmaras, encontram paralelo com Poço da Gontinha 1. Outeiro Alto 2 com corredor em poço vertical encontra também paralelos com Vale de Barrancas e Sobreira de Cima, para além da correspondência entre sepulcros sem corredor e câmaras circulares ou ovais entre ambas as margens. Parece existir, sem sombra de dúvidas, contactos entre áreas, não constituindo a presença de um meio fluvial, impedimento.

### **8.1.3. Algarve**

Nos hipogeus algarvios existe de certa forma, alguma semelhança com os Estremenhos, neste caso, a nível da variedade arquitectónica.

Os hipogeus alentejanos, apesar de possuírem características muito específicas e regionais, como o corredor em poço da Sobreira de Cima e Outeiro Alto 2, não apresentam grande variedade a nível estrutural da câmara. Neste sentido e apesar de serem mais frequentes os hipogeus com corredor em poço na área alentejana, poderá ser possível

inquirir a questão das influências geográficas, pela proximidade de áreas, como adiante se verá.

Aparentemente, a nível material existe uma semelhança entre os hipogeus da Barrada e Igreja Nova (ambos em Aljezur). No entanto esta ligação parece existir também a nível arquitectónico. São estruturas pouco comuns em termos arquitecturais.

O hipogeu da Barrada apresenta uma planta polilobada com três hemiciclos, antecâmara e uma estreita passagem entre estes dois, em rampa (Barradas *et al*, 2013, p. 408).

O hipogeu localizado na área envolvente à igreja de Nossa Senhora de Alva (hipogeu da Igreja Nova), apresentava, também, uma câmara composta por seis hemiciclos e três patamares desnivelados, pelo menos. Infelizmente o hipogeu foi destruído e apenas é possível reconstituir contextos através dos textos de Estácio da Veiga sobre as *Antiguidades Monumentaes do Algarve* (de 1886-1891). Os textos descrevem intensivamente os materiais recuperados. Quanto à arquitectura, Estácio da Veiga refere que não existiam vestígios da galeria de entrada, quer fosse em corredor ou antecâmara, nem vestígios do tecto (Veiga, 2005, p. 147). Desta forma, não é possível atestar se o monumento possuía clarabóia como os monumentos de Alapraia ou Carenque. No caso do corredor, com base na morfologia do terreno provavelmente este não teria existido. Contudo, esta ideia não é possível verificar, pois o terreno já se encontrava amplamente destruído, pelos cortes efectuados por maquinaria pesada.

No hipogeu da Barrada, o corredor que dava acesso à antecâmara fazia-se em rampa, tal como em Monte Canelas 1. A responsável pela escavação do sítio sugere que a presença de blocos calcários nas camadas superiores parece indicar, não um abatimento do tecto do sepulcro, mas a existência de uma possível mamoa ou construção. Esta mamoa poderia sinalizar a necrópole geograficamente, algo que, já havia sido sugerido por Rui Parreira, em relação ao hipogeu de Monte Canelas (Barradas *et al*, 2013, p. 409 e Parreira, 2010, p. 404).

Em Portimão, perto do núcleo arqueológico de Alcalar, surgiu também um complexo de hipogeus, composto por quatro monumentos. Apenas um deles foi integralmente escavado (denominado como Monte Canelas I), constituindo na altura, uma novidade na arqueologia portuguesa, a existência de um hipogeu com duas câmaras, tendo em conta que, exceptuando o hipogeu da Ribeira Branca, até à data (1995), não existiam monumentos com estas características tipológicas.

O sepulcro apresenta entrada em rampa abrindo-se em semicírculo para Sueste (cripta Norte) com planta subrectangular e justaposta a esta, a cripta sul, de planta em forma de “óvulo alargado”, mais achatado do lado de passagem (pequeno corredor entre criptas). No interior da mesma foi encontrada uma laje sub-paralelepípedica de grés vermelho interpretada como sendo a laje de fecho da clarabóia. No entanto pelo abatimento da cripta não é possível afirmar se realmente teria ou não. (Parreira e Serpa, 1995, p. 237). Neste sentido a intencionalidade da clarabóia já foi amplamente discutida. No entanto, parece fazer mais sentido que seja apenas para facilitar a colocação de mais indivíduos, dentro

do sepulcro. No caso de Monte Canelas I, é sugerido por Rui Parreira, como já mencionado, que o hipogeu seria detentor de uma mamoa, semelhantemente ao que acontece nas antas, como forma de marcar/indicar no território, a presença de um sepulcro ou no caso de Monte Canelas, um complexo sepulcral de hipogeu (2010, p. 404). Este tipo de situação está igualmente atestada na Sobreira de Cima, pela presença dum curto corredor de 2m formado por estelas de xisto anfibólico, onde se detecta exactamente presença de calços, que parecem demonstrar a existência de uma espécie de entrada para o sepulcro 5 (2013, p. 27-29). Também no hipogeu 2 do Monte do Carrascal (Anexo 8 Estampa 29) foi verificada a presença de um buraco de poste, com a inserção de um calço de pedra calcária, muito provavelmente destinado à marcação do lugar.

Relativamente perto deste complexo de hipogeu, a cerca de 4,5km terão existido dois hipogeu escavados no início do século XX, por Bernardo de Sá: os hipogeu da Torre. Actualmente, estariam na área de produção vinícola da Quinta do Morgado da Torre, na altura designada como Herdade da Torre. A entrada para o hipogeu I, segundo a planta e descrições de Berdichewsky (1964), far-se-ia por um corredor tipo poço com entrada directa para a câmara. É visível na planta, a presença de uma estrutura alongada que poderia vir a ser um corredor de acesso entre o interior e o exterior, de acesso horizontal. Contudo, sobre o mesmo, surgem apenas indicações de que este não teria efectivamente contacto com o exterior. Apesar de ter 1,30 m de comprimento e 80 cm de largura, era uma estrutura muito baixa (apenas 15 cm) (Berdichewsky, 1964, p. 60). A câmara apresentava uma subdivisão sensivelmente a meio, efectuada por uma pequena elevação arredondada de apenas 15 cm de altura que se estendia desde a lateral esquerda do falso corredor, até à zona central da parede do sepulcro. Bernardo de Sá identificou a presença de algumas pedras calcárias, que interpretou como sendo provenientes do poço, para fecho do sepulcro (Berdichewsky, 1964, p. 60-61). As paredes do sepulcro possuíam ainda nichos, contudo, não se sabe qual a sua funcionalidade (Berdichewsky, 1964, p. 61-62). De certa forma este hipogeu poderá indicar uma corrente arquitectónica partilhada, com a área Alentejana da Sobreira de Cima e Outeiro Alto 2 (Valera e Coelho, 2013, Valera e Filipe, 2012), através da existência de uma entrada em poço. Além de que, efectivamente com base nos materiais recolhidos nos dois anteriores, esta tipologia sepulcral parece ser mais antiga. No entanto, em Malta, o mesmo tipo de hipogeu (embora bem mais complexos) com entrada em poço, inserem-se cronologicamente em momentos mais recentes (Soares, 2003, p. 73).

O segundo hipogeu da Torre apresenta uma arquitectura mais simples. À primeira vista a distinção entre corredor e câmara não é clara. As dimensões entre ambos são muito semelhantes, contudo a zona classificada como corredor pelos autores é efectivamente mais estreita que a câmara. Toda a estrutura apresenta um formato ovalado e na área da câmara surge um empedrado constituído por pedras de pequenas e médias dimensões. Não é possível aferir se este empedrado se trataria da cúpula da estrutura ou de algum elemento externo, tipo mamoa, que cobriria o sepulcro, bem como também não se recuperou nenhuma informação sobre o corredor, esse possivelmente também em poço (Berdichewsky, 1964, p. 62).

Existem ainda dois núcleos hipogeicos no extremo Sul. O de Pêra, sobre o qual praticamente não existe informação e o de Torre de Frades.

Mais distante dos restantes, em Vila Nova de Cacela, próximo de Tavira, existiram outrora dois hipogeus de corredor longo, semelhantes até aos da Estremadura e um terceiro com duas câmaras. Os hipogeus de Torre de Frades, como assim é conhecida a vila, estariam praticamente localizados ao lado de onde se erguia a torre do Convento dos Paulistas de Tavira. Os dois hipogeus eram arquitectonicamente semelhantes, com câmara circular e corredor longo. Apesar de existirem plantas e esquemas da localização dos sepulcros, não existem indicações se possuíam clarabóia (Berdichewsky, 1964, p. 64-65). O terceiro hipogeu, denominado como Torre de Frades B, apresentava uma estrutura completamente distinta e mais próxima dos hipogeus da Torre. A entrada para este hipogeu far-se-ia através de entrada vertical, em poço, que daria acesso a duas câmaras distintas. A câmara para onde se entrada directamente vindo do exterior, comunicava com a segunda através de uma passagem mais elevada. Esta passagem comunicava directamente com a segunda câmara e já nesta, havia uma abside ao mesmo nível desta passagem. Tanto a passagem como a abside encontravam-se a cerca de 50 cm do chão de qualquer uma das duas câmaras. Era portanto uma estrutura algo complexa e interessante, que não apresentava semelhanças aos dois hipogeus próximos (Berdichewsky, 1964, p. 66).

Apesar de em Portugal até hoje não terem sido encontrados hipogeus semelhantes aos de Itália ou Malta, cuja complexificação pode chegar aos três pisos e dezenas de câmaras ligadas por corredores e passagens (Soares, 2003, p. 73), é possível afirmar que existe alguma diversidade. Existem, no entanto, linhas comuns tanto na Estremadura como no Alentejo ou Algarve. Cada monumento não tem mais do que duas câmaras. Quanto ao corredor, a sua presença ou não parece variar consoante a zona onde o monumento é cavado, no entanto, existem provas de que mesmo na falta (ou não) de rocha base para criar um corredor, estes poderiam existir, como se viu no caso específico do hipogeu 5 da Sobreira de Cima. A ideia de que os hipogeus passariam despercebidos na paisagem pode no entanto não corresponder a uma realidade, ou pelo menos não à realidade de quem os construiu para os seus entes.

Os hipogeus Portugueses são relativamente simples. No entanto, não deixa de ser interessante observar a queda de algumas teorias sobre regionalismos, criadas pelo desconhecimento global do terreno. As grutas tipo coelheira de Alapraia, Carenque e Quinta do Anjo, que se julgavam apenas existir na área estremenha, existem no Alentejo (embora em reduzido número). No caso dos hipogeus com entradas em poço, estes, restringem-se exclusivamente no Alentejo e Algarve. Aparentemente também a nível do espólio arqueológico existem regionalismos e diferenças cronológicas.

## 8.2. Deposições funerárias

### 8.2.1. Estremadura

A identificação da forma como os mortos foram colocados no sepulcro é importante, tanto quanto o estudo sobre os restos osteológicos. Neste sentido têm vindo a ser desenvolvidos estudos antropológicos de escavações antigas, com o intuito de recuperar alguma da informação perdida. Em alguns casos em que esta informação se perdeu, como nas grutas do Casal do Pardo (Palmela) apenas se pode supor que os mortos estariam, possivelmente, depositados como os do hipogeu 2 de S. Pedro do Estoril (encostados à parede em posição fetal, acompanhados das ofertas que os honravam) (Soares, 2003, p. 43). O que é certo é que a atenção dada aos restos osteológicos e a sua distribuição no sepulcro era muito pouca, salvo algumas excepções como no caso do hipogeu de S. Pedro de Estoril. Aí, as deposições funerárias foram registadas em desenho juntamente com o material arqueológico associado.

Desta forma é possível para a área da Estremadura criar três grupos distintos de análise da informação disponível: 1– os sítios cujas deposições funerárias se perderam irremediavelmente; 2 – sítios em que a recuperação de alguma informação foi/pode ser possível; 3 – hipogeus recentemente escavados, de onde é efectivamente possível retirar diversa informação.

Relativamente aos sítios cuja informação se perdeu estes constituem infelizmente o maior número de hipogeus estremenhos. De um total de 23 hipogeus Estremenhos, 13 perderam irrecuperavelmente informações sobre as suas deposições funerárias. Dos restantes dez, apenas em cinco existe a possibilidade de reconstituir algumas deposições e informação, através da observação de fotografias, que existem e estudos antropológicos. Dos restantes cinco, só dois, o hipogeu do Convento do Carmo (Torres Novas) e monumento de Bolores (Torres Vedras), escavados recentemente, é que permitem a reconstituição de contextos e rituais.

Em relação ao hipogeu do Convento do Carmo, os dados ainda se encontram em estudo e não publicados, constituindo Bolores a primeira estrutura, possivelmente hipogeica Estremenha, sobre a qual foram recuperados os rituais de forma integral.

A gruta artificial do Cabeço da Arruda 1 foi interpretada, inicialmente, pelos seus escavadores como sendo um local criado para colocação dos restos osteológicos retirados do *tholos* existente nas imediações do mesmo. Por diversas razões, sabe-se que tal não seria possível. Ainda assim, é de ter em conta as indicações de que “ (...) todos os ossos estavam fracturados e não havia disposição ordenada em quaisquer peças ósseas. À primeira vista dava a impressão de que todo aquele amontoado de ossos e diversos materiais arqueológicos tinham sido vazados a esmo, para dentro da cova aberta no terreno.”, além de que “ (...) pela contagem dos fémures verificou-se a existência de pelo menos 41 indivíduos (...)” (Ferreira e Trindade, 1955, p. 9).

Um estudo recente da antropóloga Ana Maria Silva revelou que na realidade, se tratavam apenas de 19 indivíduos (14 adultos e 5 não adultos). Relativamente à sua

posição no sepulcro, esta não é possível de ser interpretada. Contudo, importa mencionar que os crânios não se encontravam no sepulcro. Segundo A.M.Silva, embora esta não sendo uma atitude conhecida para os sepulcros portugueses, em algumas necrópoles francesas está identificada (Silva, 1999, p. 356-359). Aparentemente as ossadas do monumento 2 (o *tholos*) são cerca de 1000 anos mais antigas, que as da gruta artificial. Se a nível arqueológico as coisas encaixariam no conhecimento adquirido ao longo do tempo, estas datações confundem o panorama de interpretação deste local. Não sendo as grutas artificiais posteriores aos monumentos construídos em pedra seca, não fará sentido que o que ali se encontra depositado seja mais antigo, a menos que existam utilizações posteriores.

Nas grutas artificiais portuguesas o número de inumados não se apresenta muito elevado, no entanto as discrepâncias numéricas atingem grandes proporções. Existem hipogeus com cerca de 150 deposições enquanto outros, como as Lapas, ou alguns no Alentejo, apresentam menos de 10 indivíduos (Baptista e Gomes, 2011).

Uma parte do espólio osteológico encontrado durante as escavações do monumento pré-histórico da Praia das Maçãs, não foi recolhido. Curiosamente, a única análise antropológica efectuada sobre ossos humanos provenientes deste monumento centra-se exactamente neste grupo de ossos, que, tendo sido negligenciados por parte da equipa dos antigos Serviços Geológicos, foram cuidadosamente reunidos pelo proprietário do terreno, que os encaixotou e colocou dentro do monumento. Estes ossos viriam a ser recuperados por Cardim Ribeiro na década de 60 do século passado. O restante espólio osteológico recolhido parece encontrar-se dividido entre o Museu do Instituto Geológico e Mineiro e Museu Nacional de Arqueologia (Silva e Ferreira, 2007, p. 8-9). Portanto, os restos antropológicos encaixotados revelaram a existência de pelo menos 44 indivíduos (38 adultos e 6 não adultos). Um número relativamente pequeno permitiu a diagnose sexual, constatando-se que em 44 indivíduos, sete eram do sexo feminino e três do sexo masculino, constituindo, no entanto, uma leitura pouco fiável dado o fraco número de diagnoses sexuais possíveis de determinar. Relativamente à idade à morte, existem diversas faixas etárias representadas, desde os 30 até a idades mais avançadas (entre os 40 e os 50 anos). Foram ainda identificados seis indivíduos entre os 2 e os 12 anos. Importa salientar que o conjunto estudado se encontrava bastante fragmentado e o mesmo constitui apenas uma pequena parte do conjunto exumado (Silva e Ferreira, 2007, p. 11, 14-15,22). Com base na grande quantidade de falanges recuperadas e presentes, as antropológicas que estudaram o conjunto interpretaram a possível existência de várias deposições primárias, já que estes ossos de pequenas dimensões, tendem a perder-se aquando a movimentação dos ossos (Silva e Ferreira, 2007, p. 12). Num desenho de Vera Leisner *et al*, as ossadas aparecem retratadas quase exclusivamente na área central da câmara (Leisner *et al*, 1969, p. 21, Pl.B).

Os hipogeus de Carenque apresentam apenas estudo antropológico sobre o hipogeu 3, embora este se remeta essencialmente à análise dos crânios recuperados e à interpretação e à atribuição aos mesmos de características raciais (Bubner, 1986, p. 91-95). O mesmo havia já sido feito para outras jazidas como Eira Pedrinha ou Lapa do

Bugio. No entanto, não constitui o tipo de análise antropológica indicador de patologias, indicadores sexuais, alguns ritos que possam ser reconstituídos ou até mesmo do número mínimo de indivíduos presentes naquele sepulcro (Bubner, 1986, p. 290-291). Está actualmente em curso um estudo antropológico sob alçada das antropólogas Ana Maria Silva e Teresa Ferreira, coordenado por Rui Boaventura.

Em São Pedro do Estoril, a gruta I apresenta dois períodos distintos de utilização. Um correspondente ao Neolítico final onde os defuntos se apresentavam junto às paredes (essencialmente reduções), acompanhados de espólio característico da mesma época. Essas reduções provavelmente realizadas posteriormente dão lugar a deposições de época calcolítica, acompanhadas de espólio que a corrobora. Foram ainda detectados cerca de 51 crânios, contudo poderão existir na realidade mais de 100 indivíduos. É relatado por V. Leisner, A. Paço e L. Ribeiro que os mortos estavam colocados em posição fetal ou dispostos em deposições secundárias (1964). Alguns detinham pedras sobre a cabeça ou encostadas ao peito e junto do crânio alguns betilos e possivelmente ofertas cárnicas de aves. Estes seriam enterramentos associados ao Neolítico final. O enterramento do guerreiro detinha ofertas votivas de vasos campaniformes e um braçal de arqueiro. Nesta gruta salienta-se a existência do famoso “enterramento do casaco”, onde foi detectado um carreiro de botões alinhados, que se mantiveram intactos após a deterioração da roupa. Outro caso interessante é o da associação de um anel de ouro, em espiral, inserido numa falange. Foram detectados três níveis de inumações, um do Neolítico final e dois Calcolíticos. (Gonçalves, 2003, p. 144-145).

Na gruta II, foi apenas detectado espólio do Neolítico final, indicando que as deposições funerárias poderiam apenas enquadrar-se neste período cronológico. Existe um desenho representativo das deposições funerárias no sepulcro 2, que demonstra a existência indivíduos de cócoras (posição fetal) junto das paredes (Gonçalves, 2003, p. 141, 144 e Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 67).

Embora estudos antigos sobre os sepulcros tenham detectado um número de indivíduos distinto, um estudo de Ana Maria Silva apresentado na monografia *Cascais há 5000 anos* (2005) revelou um número mínimo de 29 indivíduos para o hipogeu 1 e 51 indivíduos para o hipogeu 2 (Silva, 2005, p. 29-30). Números que aliás são mais reduzidos que os inicialmente propostos por Leisner e Paço em 1964. Relativamente a Alapraia apenas existem dados que indicam a presença de quatro indivíduos, o que não deverá corresponder à realidade. No entanto os ossos encontravam-se muito fragmentados impossibilitando a leitura e obtenção de mais dados (Silva, 2005, p. 29).

Em relação ao hipogeu 2 de S. Paulo, em Almada, o número mínimo de indivíduos parece rondar os 180. Sabe-se apenas de uma inumação correspondente ao momento de construção da gruta, cujo indivíduo se encontrava “ (...) de frente, com as pernas flectidas e o crânio orientado sensivelmente a Norte.” e da trepanação de pelo menos um crânio (Barros e Espírito Santo, 1997, p. 218-219).

Existe um grupo de sepulcros hipogeicos Estremenhos sobre os quais se desconhece a existência de ossadas humanas, ou a forma como foram depositados

Os sítios Ribeira Branca, Quinta das Lapas, Ermegeira, Casal da Lapa, Folha das Barradas, Samarra, Baútas e Aires II, não possuem qualquer indicação sobre o espólio osteológico. Nos casos de Ribeira Branca, Casal da Lapa, Quinta das Lapas, Baútas e Quinta das Lapas não existem mesmo dados que indiquem a presença de ossadas ao contrário do que sucede com o hipogeu da Ermegeira. Sobre este, é confirmada a presença de restos osteológicos, e pela indicação, até em elevado número, que teriam sido danificados pelos caçadores de tesouros como resultado da sua acção no sepulcro (Heleno, 1942, p. 7). Sobre Ribeira de Crastos infelizmente, não existe nenhuma nota acerca do espólio antropológico.

No caso de Folha das Barradas se conhece a deposição de ossadas, embora completamente desfeitas (Ribeiro, 1880, p. 78-79), tal como também na sepultura da Samarra (França e Ferreira, 1958, p. 64). Em relação a Aires II, embora seja uma estrutura descoberta recentemente e sem escavação efectuada, a recolha de superfície não forneceu restos osteológicos

Sobre Monte do Castelo (Oeiras) não existem quaisquer dados sobre o espólio antropológico ali recuperado, apenas uma datação demonstrativa de uma utilização inicial do Neolítico final (Cardoso, Norton e Carreira, 1996, p. 287).

Relativamente à gruta artificial (gruta II) dos Capuchos (Setúbal), nunca foi escrito ou mencionado nada acerca da existência ou não de restos osteológicos ali encontrados, desconhecendo-se qualquer ritual deposicional (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 73).

A acção do homem sobre estes sepulcros causou danos irreversíveis, não só a nível do conhecimento das estruturas arquitectónicas, como também da observação de rituais funerários. Os hipogeus acima mencionados são bons exemplos disso mesmo. Apesar das áreas da Estremadura e Algarve terem sido as mais afectadas, nota-se uma acção mais marcada na área Estremenha, já que nos sepulcros algarvios são recorrentes descrições/ou alusões aos restos osteológicos, tanto humanos como faunísticos.

### **8.2.2. Alentejo**

Sobre as deposições funerárias na área alentejana, da margem direita do Guadiana, no caso do hipogeu 1, de Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo), foi identificada uma utilização sucessiva para inumações colectivas, condição que aliás, dificultou em grande parte a interpretação dos ritos funerários e distinção de períodos entre as inumações.

A análise antropológica sobre o sepulcro 1 detectou existência de inumações em posição primária, com os cadáveres colocados em diversas posições, sem padrão específico. Contudo, os corpos encontravam-se amontoados. Os crânios por acção gravítica acabariam por se deslocar da sua posição original. No entanto, existiam alguns ossos em falta, evidenciando possível deslocação dos corpos (Neves, 2010, p. 18-20). A

idade à morte é variada, no entanto salienta-se a existência de dois crânios pertencentes a elementos do sexo feminino que continham ossadas infantis no seu interior (Valera e Brazuna, 2010, p. 133, 138).

O hipogeu 2 conheceu vários momentos de utilização e conseqüentemente recorrência a reduções. No entanto existiam indivíduos em posição primária colocados na última fase de utilização do sepulcro após a sua remodelação (Neves, 2010, p. 28). Nos hipogeu 3 e 4 surgiam várias reduções induzindo à possível reorganização do espaço e mesmo esvaziamento, no caso do hipogeu 4 (Valera e Brazuna, 2010, p. 118, 142-143). Em Pisões 5 (Beja), o hipogeu 1 apresentava um ossário com apenas dois indivíduos e o hipogeu 2, restos osteológicos de três indivíduos em posição secundária (Bargão e Monge, 2016, p. 69). No entanto, apesar das inumações terem sido deslocadas do seu local original, destaca-se a presença de três metatarsos colocados em paralelo (Fernandes, 2011). Também em Pedreira de Trigaches 2 (Beja), os ossos se encontravam desarticulados, envoltos em ocre, estando presentes no sepulcro pelo menos dois indivíduos (Baptista *et al*, 2010, p. 45-46). Os casos mais interessantes ocorrem nos hipogeu de Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo), Horta de Baixo 1 (Aljustrel), Vale de Barrancas 1 (Beja) e Sobreira de Cima (Vidigueira).

No Poço da Gontinha 1, o defunto encontrava-se em posição fetal sobre a lateral direita, à entrada da câmara, virado para o átrio (Figueiredo, 2011, p. 18).

No hipogeu de Horta de Baixo 1, o primeiro momento de utilização do sepulcro forneceu inumações primárias e ossários, num número mínimo de indivíduos de seis elementos e ossário com dois adultos. As duas inumações em estado primário foram determinadas pela presença dos membros inferiores ainda em conexão (correspondentes a indivíduos jovens) e uma terceira (indivíduo do sexo feminino), completa, em decúbito lateral direito apresentava as mãos junto ao rosto e ossos dos membros inferiores depositados sobre os pés (Baptista *et al*, 2014, p. 25). Este nível de inumações encontrava-se selado pelo abatimento parcial da laje que selava o topo do sepulcro. O segundo momento trata-se de deposições de animais sobre o abatimento. No entanto é interessante verificar que até mesmo algumas deposições faunísticas se apresentavam em conexão anatómica, como é o caso de um crânio de bovívdeo e equívdeo. Estavam ainda presentes restos de cervívdeo e pequenos mamíferos (Baptista *et al*, 2014, p. 21,23).

Relativamente a Monte do Malheiro (Vidigueira) não existem informações suficientes sobre a posição dos defuntos ou rituais associados aos mesmos. Os hipogeu da Sobreira de Cima (Vidigueira) e Vale de Barrancas (Beja) forneceram deposições funerárias mais complexas.

No caso dos hipogeu da Sobreira de Cima, mais especificamente o hipogeu 1, os defuntos surgiam associados uns aos outros através de uma ligação física como “ (...) o crânio do esqueleto 4, [de] uma criança de cerca de cinco anos, se encontrar sobre a mão do esqueleto 3 e, da mesma forma, o esqueleto 5 apresentar o coxal do esqueleto 6 e sobre o crânio do esqueleto 7.” (Valera e Coelho, 2013, p. 16). Neste sepulcro foram recuperados pelo menos oito indivíduos, sendo a idade à morte bastante variável, desde os 3 até aos 60 anos (Valera e Coelho, 2013, p. 20). O hipogeu 5 apresentava uma divisão

do espaço, demonstrando organização do mesmo. A área central do espaço estava ocupada por um indivíduo em posição fetal. Um ossário junto da entrada do sepulcro apresentava uma organização específica. Na área central deste ossário, estavam depositadas maioritariamente ossadas de sub-adultos e do lado esquerdo, falanges humanas, associadas a falanges de ovicaprinos. Este ossário estava delimitado por crânios colocados em forma intencional, a dividir as áreas. O estudo antropológico revelou a presença de deposições primárias em decúbito lateral. Durante o período de utilização do sepulcro, as ossadas teriam sofrido sobreposições e reduções, consequentemente empurradas contra as paredes, abrindo espaço para a colocação de mais corpos. A última deposição primária realizada localizou-se na área central da câmara. Foram determinados apenas três indivíduos do sexo masculino e três do feminino, além da já referida deposição primária na área central da câmara, correspondente a um indivíduo do sexo masculino. Foram pelo menos recuperados 16 indivíduos deste sepulcro (Valera e Coelho, 2013, p. 25, 35).

Em Vale de Barrancas 1, os sete hipogeus neolíticos e dois da idade do Bronze deram origem a uma tese de mestrado (Fernandes, 2013). Os hipogeus neolíticos apresentam grande similitude funerária. Em todos os sepulcros existem ossários sem aparente organização interna, ou seja, correspondendo mesmo a reduções para arrumação do espaço funerário. Também em todos os sepulcros se manifesta a presença de um indivíduo não adulto. No caso do hipogeu 1 e 2, a presença de sub-adultos faz-se sentir na metade direita do sepulcro e a de adultos na esquerda (Fernandes, 2013, p. 10,12). A questão da existência de conexões anatómicas não é recorrente, existindo alguns sepulcros que não as possuem. No entanto, em todos foi notada a presença de ocre (Fernandes, 2013, p. 12, 13, 15, 17, 19, 21). No caso do hipogeu 1 foram identificadas quatro conexões anatómicas para além do ossário e no hipogeu 2 apenas uma, constatada pela presença de membros inferiores (Fernandes, 2013, p. 9, 12). O maior número de conexões anatómicas provém do hipogeu 3, alguns deles, provenientes da área de entrada do sepulcro, de sub-adultos (Fernandes, 2013, p. 14). Os hipogeus 4 e 5 apenas com duas e uma conexões anatómicas, respectivamente (Fernandes, 2013, p. 16-17). No entanto, o hipogeu 5 encontrava-se muito perturbado pela intrusão de pequenos roedores na área sepulcral e algumas ossadas com fracturas *post mortem* (Fernandes, 2013, p. 17). No hipogeu 7, apenas três conexões anatómicas e dois ossários, além de um sub-adulto em decúbito lateral direito (Fernandes, 2013, p. 19-20). Não foi detectada nenhuma conexão no hipogeu 8, no entanto, a presença de tarsos e falanges no sepulcro, demonstrou que aquele foi o local de depósito original dos ossos, já que são os ossos pequenos que tendem a perder-se mais facilmente durante a transladação dos corpos (Fernandes, 2013, p. 21).

Na margem esquerda do Guadiana os hipogeus não se apresentam muito populacionados.

Em Zambujeira 1 (Serpa) não foram recolhidos restos osteológicos (Miguel, 2011b, p. 14-16).

Em Monte Gargantas 1, Ribeira de Pias 2, Ourém 7 e Monte da Magoita 1 (todos no concelho de Serpa), foi apenas recuperado um indivíduo (Miguel, 2011, p. 14-16; Berraquero, 2011, p. 18-23; Filipe, 2011a, p. 13; Calvo, 2011, p. 15).

Em Ourém 7 o indivíduo em posição primária estava depositado em posição fetal sobre o lado esquerdo, de costas para a entrada da câmara (Filipe, 2011a, p. 13).

Em Monte da Magoita 1, apesar de ser uma estrutura dúbia, o indivíduo encontrava-se em decúbito dorsal, no entanto, salienta-se a possibilidade de terem existido rituais de cremação pela existência de uma grande quantidade de carvões presentes na base do sepulcro (Calvo, 2011, p. 15).

Em Ribeira de Pias 2 (Serpa) a única deposição primária, corresponde a um indivíduo em decúbito dorsal com os membros inferiores flectidos à direita, enquanto os membros superiores estavam estendidos ao lado do tronco (Berraquero, 2011, p. 18-23).

Monte de Cortes 2 (Serpa) apesar de ser um hipogeu de dimensões consideráveis apresentava poucas inumações. Neste sepulcro foi apenas recuperado um indivíduo em estado primário, em posição fetal sobre o lado esquerdo. No entanto, foi ainda recuperado um crânio de sub-adulto e um aglomerado de ossos, em posição secundária (Valera *et al*, 2014, p. 61-62).

No hipogeu de Cadavais (Serpa), foi notada a presença de um covacho, de pequenas dimensões, que, forneceu uma inumação individual de um indivíduo ainda jovem em decúbito lateral esquerdo com as pernas flectidas. O jovem encontrava-se de frente para a entrada do sepulcro. Ainda em Cadavais, havia uma segunda estrutura hipogeica onde se encontrava um indivíduo adulto, em decúbito dorsal com pernas flectidas e um braço e antebraço em conexão. Contudo não é possível aferir se correspondem ao mesmo indivíduo (Filipe, 2011b, p. 30-32).

Em Montinhos 6 (Serpa) parece existir um padrão de inumações, neste caso, a colocação de indivíduos em decúbito dorsal esquerdo. Não é a única forma de colocação de indivíduos no sepulcro, porém é a mais recorrente. No hipogeu 6, as duas únicas deposições são exclusivamente em decúbito lateral direito, correspondentes a dois indivíduos do sexo feminino. Este hipogeu parece apenas ter conhecido uma utilização calcolítica. Contudo, também o hipogeu 1 e 3 oferecem cronologias aparentemente claras, também do Calcólítico, e os inumados tanto se apresentam em decúbito lateral esquerdo como direito. No caso específico do hipogeu 3 existia ainda um ossário (Baptista e Gomes, 2011, p. 23-25).

Nos hipogeus de Outeiro Alto 2 (Serpa), do Neolítico final, nos hipogeus 1 e 2 existem ossários, embora não detenham grande número de indivíduos no seu interior. No hipogeu 1, estava ainda um indivíduo em posição fetal e duas conexões anatómicas, embora parciais (Borges, 2011, p. 21-22). No ossário do hipogeu 2 estavam depositados apenas três indivíduos. A última inumação foi realizada junto da entrada da câmara, com o indivíduo de costas para a entrada (Borges, 2011, p. 36). O hipogeu 3 detinha três inumados em posição fetal e um quarto em posição secundária, sem os membros inferiores e os superiores flectidos, podendo indicar que estaria também em posição fetal (Borges, 2011, p. 42).

### 8.2.3. Algarve

Nos hipogeus algarvios, os dados sobre a população inumada não são muitos, excepto os casos das escavações recentes do hipogeu da Barrada e Monte Canelas I e de certa forma, Igreja Nova.

Em Igreja Nova, os dados que possuímos parecem indicar a existência de cerca de 30 indivíduos sepultados. Estácio da Veiga relatou que os corpos estavam em posição primária, como que sentados, ou seja, em posição fetal. No entanto, é possível que tenham existido reduções, pois Estácio da Veiga descreve a presença de amontoados de ossos (Veiga, 2005, p. 148). A nível ritualístico, não existem mais informações, como a possibilidade da presença de ocre.

No hipogeu vizinho da Barrada os dados antropológicos ainda não são muito concretos, pelos trabalhos arqueológicos ainda estarem no início. No entanto, sabe-se que o número de sepultados não é elevado, havendo pelo menos quatro indivíduos. As ossadas estavam muito fragmentadas, mas no entanto foi possível recuperar duas conexões anatómicas em posição primária, através da presença de membros inferiores e superiores (Barradas *et al*, 2013, p. 411).

Quanto aos hipogeus da Torre e Torre de Frades os escassos restos osteológicos humanos recuperados não permitiram aferir conclusões, pelo elevado nível de fragmentação.

No entanto, na Torre (hipogeu 1) sabe-se que os ossos humanos estavam misturados com os de animais, conchas e algum material arqueológico (Berdichewski, 1964, p. 61-62). Do hipogeu 2 da Torre não há relatos da recolha de ossadas, não se sabendo se não existiram ou se foram levadas por saqueadores.

Quanto aos hipogeus da Torre de Frades, existe alguma informação disponível para o hipogeu 2. Sobre este, é dito que foram recuperados sete crânios dispostos perifericamente, enquanto as restantes ossadas se misturavam com fragmentos cerâmicos. Este tipo de descrição leva a concluir a possibilidade da prática de reduções ou até mesmo a criação de ossários. No entanto, Estácio da Veiga interpreta a posição dos crânios, junto das paredes, como tendo sido os cadáveres colocados em posição fetal (Veiga, 2005, p. 282).

A escavação do hipogeu de Monte Canelas 1 constituiu um grande avanço, já que foi a primeira gruta artificial a ser escavada com recurso a elementos interdisciplinares. A escavação deste hipogeu veio revelar (Boaventura, 2014, p. 191) um monumento cronologicamente inserido nos finais do Neolítico final e inícios do Calcolítico. A primeira fase de deposições (correspondente à base do sepulcro), intensa, de mais de 147 indivíduos (97 adultos e 50 não adultos) encontrava-se selada pelo abatimento do tecto. A segunda fase, efectuada sobre esse mesmo abatimento regista um número mais reduzido, apenas de 24 indivíduos (12 adultos e 12 não adultos) (Silva, 1997, p. 243). Neste sentido, a abordagem antropológica de campo, que inicialmente apontava para a existência de inumações secundárias, com base na desordem sepulcral, detectou enterramentos em posição primária com várias conexões anatómicas.

É descrito para Monte Canelas o mesmo tipo de situação registada para o Monte do Carrascal 2, que após o desaparecimento dos tecidos moles dos corpos, amontoados uns sobre os outros, principalmente os crânios, mas também outros ossos, tendem a deslocar-se e separar-se do restante esqueleto. Registaram-se, portanto, cinco enterramentos primários dos quais apenas três se mantiveram *in situ*. A importância de um bom acompanhamento antropológico de campo é demonstrada pelos dados que se seguem, através da existência de um padrão nos enterramentos ou seja, é referido que todos os indivíduos adultos, sexo feminino ou masculino, foram depositados em posição fetal sobre o lado direito com os braços flectidos junto ao peito e com a cabeça virada para a entrada do túmulo (sentido NE-SO). Também se registaram alguns padrões a nível artefactual entre elementos femininos e masculinos. Foram registadas cerca de 30 conexões anatómicas em posição primária e a existência de um nicho lateral, na câmara Norte, apenas com conexões secundárias (Silva, 1997, p. 243-245, 246). Quanto às crianças, existe uma maior deposição das mesmas na cripta Norte. A cripta Sul, com maior número de inumados e menor remeximento, evidenciou o maior número de conexões anatómicas em posição primária, cerca de 20, e duas na estreita passagem entre criptas. Numa leitura sepulcral mais genérica, verifica-se que as áreas de passagem dos vivos, desde a rampa de entrada para o sepulcro, passando pela cripta Norte até à cripta Sul, densamente populada, são as que se apresentam “limpas” de deposições para facilitar a colocação de novos cadáveres. Assim podiam exercer os ritos associados às mesmas, exceptuando a área de passagem entre criptas com um inumado e duas conexões anatómicas (Silva, 1997, p. 244-245). Foram ainda registadas reduções resultantes do agrupamento de ossos junto das paredes do sepulcro, como forma de obtenção de espaço. Salienta-se o uso de ocre no sepulcro, principalmente na base do mesmo, ao qual é atribuído para além de um fim simbólico, propriedades anti-sépticas e desodorizantes.

Sobre o possível hipogeu de Pêra não existem quaisquer informações (Cardoso, 2002).

A nível cronológico não se distinguem grandes diferenças na forma de inumar os defuntos. Tanto no Neolítico final como no Calcolítico inicial, a forma de depositar os mortos é semelhante e variada. Os defuntos tanto são depositados em posição fetal, como em decúbito dorsal. Para além de reduções, existiam elementos em conexão anatómica constituídos essencialmente ou pelos membros inferiores ou pelos membros superiores. Não existem grandes diferenças entre as três áreas analisadas. O Alentejo é efectivamente a área que mais forneceu informações sobre o tipo de rituais associados às inumações, por ser uma área recentemente escavada. Já a Estremadura e Algarve acabam por apresentar o maior número de sepulcros, cujas técnicas de sepultamento são praticamente desconhecidas, devido às precoces investigações efectuadas nos locais. Informações como a posição da colocação dos corpos e associação dos mesmos a outros e artefactos, são impossíveis de recuperar. No entanto existem outras informações, como o número mínimo de indivíduos, idades à morte, patologias e até mesmo análises específicas capazes de datar e indicar a origem de proveniência de cada um daqueles indivíduos, que

são igualmente importantes. Estas são capazes de ser efectuadas e fornecerem alguns dados sobre a população inumada, assim como dar uma pequena ideia do que poderia ser o mundo dos vivos.

### **8.3. Espólio funerário**

Existem grandes diferenças a nível artefactual, entre áreas, sendo a Estremadura a zona com maior diversidade. Em certa parte, os hipogeus algarvios apresentam alguma variação, mas sem comparação possível ao espólio simples e reduzido recuperado dos hipogeus alentejanos, onde é claramente visível uma divisão entre o Neolítico final e o Calcolítico.

#### **8.3.1. Estremadura**

Na Estremadura a variedade e quantidade de artefactos é elevada quando comparada com os sepulcros hipogeicos Alentejanos. Resta ainda perceber de que forma é que a tipologia sepulcral se relaciona com a abundância artefactual, ou se essa relação alguma vez será ou foi intencional. No entanto, na área Estremenha, de todas as variantes hipogeicas que existem na área de Santarém, Torres Vedras e Almada, são os hipogeus de Carenque, Alapraia e Quinta do Anjo que possuem o maior número de artefactos recolhidos. Sem dúvida que o hipogeu da Quinta do Anjo detém o estudo mais completo, dentro desta tipologia sepulcral (Soares, 2003). No entanto, estão em curso novos estudos sobre Alapraia, sob direcção de Victor S. Gonçalves. A respeito da análise do material de Alapraia optou-se por não aprofundar a abordagem ao mesmo, visto que, se poderia recorrer à listagem efectuada por Rivero Galan (1988), mas esta contém alguns erros. Tendo em conta que o material se encontra igualmente em estudo, espera-se uma leitura renovada dos materiais segundo parâmetros mais recentes. Neste sentido, atenta-se que o hipogeu I de Alapraia é o que apresenta maior quantidade de material, principalmente a nível da indústria óssea e cerâmica (Galan, 1988, p. 111-1159). As vizinhas grutas I e II de S. Pedro do Estoril forneceram muito espólio votivo (Gonçalves, 2003, p. 138-143). Os materiais provenientes da gruta II são muito poucos, registando-se apenas uma lâmina de sílex, machados, enxós e goivas, furadores e sovelas. Objectos do mundo sagrado ou de adorno não estão registados, contrariamente no que acontece na gruta. No sepulcro I, o espólio lá recuperado é bastante diversificado, desde lâminas, lamelas, machados e martelos, furadores, alfinetes de cabeça maciça, copos, taças caneladas, taças incisadas, ídolos calcários, representantes de cronologias do Neolítico final e também elementos de adorno em pedra verde, uma plaquinha gravada com linhas oblíquas, botões em osso, recipientes de colo estrangulado, vasos de perfil campaniforme, taças tipo Palmela (incluindo as fruteiras), entre outros relacionados com a metalurgia do cobre e ouro, do Calcolítico (Gonçalves, 2003, p. 139).

Os hipogeus da Quinta do Anjo apresentam como referido uma grande variedade artefactual. Todos os hipogeus apresentam grande quantidade de material que corrobora

uma primeira utilização no Neolítico final com uma continuação prolongada para o Calcolítico campaniforme, onde surgem também pontas metálicas tipo Palmela, botões em osso, ídolos cilindro e placas em ouro (Soares, 2003, p. 56-62). Entre os elementos caracterizadores do Neolítico final estão as placas de xisto gravadas, cujos motivos gravados atestam sem sombra de dúvida relações entre a Península de Setúbal e o Alto Alentejo (Soares, 2003, p. 77).

O material recuperado do hipogeu das Baútas encontrava-se a ser estudado por Rui Boaventura. Espera-se que este possa vir a ser publicado, atendendo à especificidade do espólio, que não encontra paralelos, como é exemplo o “tentáculo de polvo”, já referido. Sob alçada do projecto *Placa Nostra*, dirigido por Victor S. Gonçalves foi efectuado o estudo das placas de xisto gravadas, provenientes das Baútas e de Carenque, sendo impossível distinguir o seu sítio de proveniência, já que os materiais de ambos os sítios arqueológicos se encontravam agrupados (Gonçalves *et al*, 2004). Assim, falar das Baútas implica necessariamente falar de Carenque (ou tojal de Vila Chã). A nível cerâmico, os cadernos de Manuel Heleno indicam a presença de vasos campaniformes, vasos lucerna e copos canelados (grutas 1 e 3). Em pedra lascada recuperaram-se alguns punhais, alabardas, lâminas e pontas de seta (base recta, côncava e pedunculada) e em pedra polida, pelo menos três machados. Relativamente aos artefactos votivos em calcário, foram recolhidas enxós votivas, ídolos cilindro, ídolos afuselados, um «tentáculo de polvo» e lúnulas (Gonçalves *et al*, 2004, p. 129). Foram também recolhidas sete placas de xisto, neste caso com indicação de proveniência (Gonçalves *et al*, 2004, p. 113). Certamente que o conjunto artefactual poderá ser maior, no entanto, o sítio arqueológico necessita de um estudo e inventariação actualizados.

Sobre Monte do Castelo, não se conhecem materiais que sejam indicativos de uma utilização do sepulcro no Neolítico final. Contudo, a sua utilização neste período, foi atestada pela realização de uma datação radiocarbono. A maioria do espólio pertencente ao Calcolítico está em conformidade com o tipo de material detectado em Carenque, Alapraia ou mesmo Casal do Pardo, como os copos canelados, vasos campaniformes, taças tipo Palmela e mesmo raras formas, como uma garrafa campaniforme. Apenas foi detectado um instrumento de pedra polida, uma enxó e duas lâminas ovóides, também presentes no geograficamente próximo, povoado de Leceia (Cardoso, Norton e Carreira, 1996, p. 287-299).

O monumento da Praia das Maças, neste caso, a câmara ocidental, forneceu um largo conjunto de pontas de seta, lâminas, contas de colar, 12 placas de xisto gravadas, dentes perfurados, dois vasos cerâmicos e um pente em osso (Gonçalves, 2003, p. 155). Os alfinetes em osso foram datados, inserindo este sepulcro no Neolítico final. O espólio daqui exumado apresenta grande similitude ao do Cabeço da Arruda 1, quanto mais não seja pela simplicidade e relativo arcaísmo. Ainda nas proximidades da Praia das Maças, um pouco mais a Norte e Este, os sepulcros da Samarra e Folha de Barradas, respectivamente.

No caso da Samarra, como referido, a informação sobre a tipologia do sepulcro é escassa e atendendo ao carácter transversal das práticas do 4º e 3º milénios, o espólio não

é um indicador específico. A presença de enxós encabadas em calcário tanto está atestada para grutas artificiais, antas, grutas naturais como *tholos*, e também na Samarra (França e Ferreira, 1958, p. 66-67). Em Carenque e Quinta do Anjo, recuperaram-se ídolos cilindros, ídolos de gola e vasos em osso com decoração incisa axadrezada (França e Ferreira, 1958, p. 69). Fazem parte do sepulcro também diversos fragmentos de cerâmica tipo dolménico, fragmento de pente e um dente de animal polido (França e Ferreira, 1958, p. 70-71). De Folha de Barradas foram igualmente recuperados ídolos cilindros (lisos e decorados), pontas de seta, lâminas, punhais, uma alabarda e quatro pequenos vasos cerâmicos (Ribeiro, 1880, p. 80-84).

No hipogeu 2 de S. Paulo em Almada, salienta-se a presença de um pequeno vaso em forma de suídeo, muito semelhante a outro encontrado nas grutas do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça). O material recolhido ingressa tanto o Neolítico final como o Calcolítico inicial/pleno. Os elementos de adorno, como as contas de colar, surgem em grande quantidade, contudo em número reduzido se tivermos em consideração o número de sepultados (Barros e Espírito Santo, 1997, p. 219). As quatro placas de xisto recuperadas foram estudadas no âmbito do projecto *Placa Nostra*, demonstrando também aqui paralelos com as placas recuperadas nas antas Alentejanas e Quinta do Anjo (Palmela). Foram recuperados copos e taças com decoração canelada e em xadrez, tal como na Quinta do Anjo (Soares, 2003, p. 90-93) e de igual modo elementos do Neolítico final, como geométricos, pontas de seta, machados, enxós de secção circular e uma goiva e elementos nos inícios do Calcolítico, como ídolos cilíndricos e ídolos de gola. Salienta-se a presença de um lagomorfo em osso (Barros e Espírito Santo, 1997, p. 219).

Embora mais próximo dos hipogeus da Quinta do Anjo e Aires II, a gruta artificial II dos Capuchos (Setúbal) forneceu pouco espólio. Apenas foi recuperado um bordo de taça campaniforme tipo Palmela, alguns fragmentos de cerâmica lisa, uma lâmina e duas pontas de seta (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 73). Apesar de escasso, é suficiente para atribuir uma utilização Calcolítica ao sepulcro.

Em relação aos hipogeus de Ribeira de Crastos, todo o material proveniente destes dois sepulcros foi encontrado numa gaveta no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia Doutor Leite de Vasconcelos, fazendo-se acompanhar de um papel desbotado de onde foi possível determinar a proveniência do espólio. O material recuperado sugere uma possível construção e utilização dos sepulcros no Neolítico final, potencialmente determinado pela presença de vasos hemisféricos, embora estes tenham uma longa diacronia de utilização e também uma utilização do mesmo no Calcolítico, atestada pela presença de diversos vasos campaniformes e outros fragmentos. É sabido que deste complexo hipogeico fazem parte duas grutas, no entanto, não é especificada a proveniência específica dos materiais. A fraca quantidade de material poderia indicar possivelmente a construção de um segundo sepulcro que nunca viria a ser usado (Ferreira *et al*, 1977, p. 6).

Em Torres Vedras o hipogeu da Ermegeira forneceu algum espólio lítico compatível com uma construção e utilização inicial do Neolítico final. A maior parte do material corresponde a uma utilização calcolítica, estando presentes vasos

campaniformes, uma sovela em cobre, cinco tubos em folha de ouro enrolada e dois brincos também em ouro (Heleno, 1942, p. 9-13). Nas proximidades, nos hipogeus da Quinta das Lapas surgiu também espólio de ambas as épocas mencionadas. A gruta II foi a que forneceu mais artefactos e a maioria deles calcolíticos, como vasos campaniformes (Marques, 1992, p. 248-258).

Em Cabeço da Arruda 1, é interessante verificar a quantidade de material que proveio de um sepulcro relativamente pequeno. A maior parte do espólio é do Neolítico final. Foram recuperadas enxós, furadores, um micrólito, placas de xisto gravadas, dentes de animal, com e sem perfuração e contas de colar. Apesar de existirem muitos mais, também artefactos calcolíticos foram recuperados, como ídolos em calcário e ídolo em mármore (Ferreira e Trindade, 1954, p. 11-12).

Sobre os hipogeus de Casal da Lapa, Murtal e Aires II, não se conhecem materiais arqueológicos recolhidos, contrastando com o hipogeu do Convento do Carmo, que se sabe terem sido recolhidos materiais, mas cuja publicação ainda se encontra em processo de elaboração.

Ainda em Torres Novas, a gruta de Ribeira Branca apenas forneceu um betilo em calcário (Jordão e Mendes, 2006/2007, p. 53). Certo é que a área do Maciço Calcário Estremenho apresenta grande quantidade de sepulcros que, lamentavelmente se encontram pouco estudados. No entanto seria interessante efectuar uma leitura a nível da utilização de hipogeus, tanto geograficamente como cronologicamente, no caso específico dos hipogeus de Torres Novas.

### **8.3.2. Alentejo**

De forma geral os hipogeus Alentejanos não possuem muito material. A resposta para esta questão parece ainda estar longe de se obter. Há anos atrás, apenas se conhecia a existência de antas no Alentejo e actualmente, sabe-se que existe muito mais sepulturas. Algumas delas, realidades até bem complexas. Embora se faça aqui uma análise dos núcleos hipogeicos formados em cada margem, certo é, que a nível material a diferença não é muita.

Em Pedreira de Trigaches 2 (Beja), na margem direita do Guadiana, apenas foram recuperados dois micrólitos e um machado perfurado, associados às inumações (Baptista *et al*, 2010, p. 11).

Monte do Malheiro 2 continha apenas uma lâmina, um machado e uma enxó (Barreiras, 2013).

Em Pisões 5 (Beja) foram também recuperados apenas três artefactos: uma lamela, uma enxó e um fragmento de bracelete esculpida em *glycimeris* (Santos, 2012, p. 19). O espólio é diminuto e nota-se a ausência cerâmica.

No caso de Horta de Baixo 1 (Aljustrel), junto das inumações humanas estavam depositados dois bordos cerâmicos, um elemento de moagem e três elementos líticos. A segunda utilização do sepulcro, após o abatimento da laje, usado para inumação de

animais, parece ter tido uma acção ritualística. Junto dos animais foram recuperados 17 fragmentos cerâmicos, embora em mau estado de conservação (Baptista *et al*, 2014, p. 21-22).

Poço da Gontinha 1 (Ferreira do Alentejo) forneceu apenas um peso de tear, bordos espessados e bordos simples (Figueiredo, 2011, p. 14-15). Os hipogeus, que detêm cerâmica, parecem ser de período Calcolítico.

No caso da Sobreira de Cima (Vidigueira) esta situação é bem visível. Não existe qualquer fragmento cerâmico nos cinco hipogeus. O material recuperado é essencialmente composto por lâminas, geométricos, machados, enxós, seixos, núcleos, um pente e pulseira em marfim (Valera e Coelho, 2013).

Em oposição ao que acontece na Sobreira de Cima, no Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo), existem efectivamente elementos cerâmicos. É um complexo hipogeico de transição do Neolítico final para o Calcolítico. Do hipogeu 1 provieram contas de colar (algumas elaboradas sobre concha), agulhas em osso, taças em calote, um seixo rolado, três lamelas e grandes lâminas (Neves, 2010, p. 18). O hipogeu 2 apresentou taças mamiladas, carenadas, pratos, um machado de secção quadrangular, lâminas e pontas de seta (Neves, 2010, p. 75-77). O hipogeu 4 forneceu apenas uma lâmina e fragmentos de cerâmica calcolítica (Valera e Brazuna, 2010, p. 152).

Na área Alentejana é visível que, onde existem geométricos, não existem pontas de seta e vice-versa. Situação que, aliás apresenta algumas similitudes com o Maciço Calcário Estremenho, mas não especificamente com a gruta artificial das Lapas. Por último, Vale de Barrancas 1 acaba por contrastar com os complexos mais numerosos da margem direita do Guadiana, Sobreira de Cima e Monte do Carrascal 2. O material recolhido por sepulcro (sendo um complexo constituído por sete hipogeus neolíticos e dois da idade do Bronze) é muito reduzido. Aparecem sobretudo elementos em pedra polida, micrólitos e lâminas (Fernandes, 2013).

Relativamente à margem esquerda do rio Guadiana, apenas quatro sítios arqueológicos não continham cerâmica. Em Zambujeira 1, Monte Gargantas e Monte da Magoita 1 (todos no concelho de Serpa) não foram recuperados materiais (Calvo, 2011; Miguel, 2011a e 2011b) e em Ribeira de Pias 2, apenas um dormente decorado com concavidades (Berraquero, 2011, p. 18-23).

Em Cadavais, Outeiro Alto 2, Ourém 7 e Monte de Cortes 2, o elemento cerâmico estava presente, em contraste com a margem direita. Em Outeiro Alto 2 (hipogeu 1) foram recuperados alguns bojos e bordos de recipientes hemisféricos, embora também estivessem presentes geométricos, lâminas, lascas e uma pulseira em *glycimeris*. No hipogeu 2, estavam presentes, um dormente em granito, uma lâmina, geométricos, uma enxó e um machado. O hipogeu 3 forneceu dez geométricos, uma conta de colar, machados, enxós, lâminas e um dormente (Borges, 2011, p. 21,36,42).

Em Monte de Cortes 2 (Serpa), apesar das grandes dimensões do sepulcro apenas foram recuperados três indivíduos. Neste caso também o espólio é reduzido, tendo sido apenas recuperado um percutor e uma taça carenada junto do inumado, que se encontrava

em posição fetal (Calvo, 2009, p. 47). Se, a maioria da cerâmica registada em hipogeus Alentejanos reflecte uma cronologia calcolítica, em Monte de Cortes 2, sugere apenas, utilização dos finais do 4º milénio a.n.e..

A cronologia de Ourém 7 (Serpa) levanta algumas dúvidas. A utilização do sepulcro foi interpretada pelos responsáveis da escavação, como tendo ocorrido nos finais do 4º e inícios do 3º milénio a.n.e.. Junto de lascas, seixos, um núcleo em sílex, um elemento de mó em granito e um possível bordo de recipiente esférico, surgiu um fragmento de minério em ferro, este, claramente intrusivo (Filipe, 2011a, p. 13).

No sítio de Cadavais (Serpa) uma das estruturas, a de covacho, forneceu alguns bojos cerâmicos, no entanto estes, não se associavam ao indivíduo (Filipe, 2011b, p. 18). A segunda estrutura e as suas inumações foram identificadas através do aparecimento de duas taças globulares, bem conservadas (Filipe, 2011b, p. 32).

Montinhos 6 distancia-se dos restantes hipogeus mencionados para a margem esquerda. Os hipogeus 1, 3 e 6, possuíam punções em cobre junto dos inumados. O hipogeu 4 apenas detinha um oferta cárnica e o sepulcro 2 e 5, apenas um elemento cerâmico. Ainda no hipogeu 6, a segunda inumação em decúbito lateral direito, correspondente a um indivíduo do sexo feminino, possuía ainda um pote cerâmico, oferta cárnica junto ao crânio e um punhal de rebites em cobre junto dos pés (Baptista e Gomes, 2011).

Torna-se curioso verificar as diferenças entre áreas, mesmo que estas sejam próximas umas às outras, como é o caso destes dois núcleos acima descritos, das margens esquerda e direita do rio Guadiana. A margem direita, praticamente acerâmica, apenas regista elementos cerâmicos em três sepulcros. Na margem esquerda, ocorre o inverso, dado que dos nove hipogeus, apenas quatro não apresentam qualquer registo cerâmico.

### 8.3.3. Algarve

Na região Algarvia, a relação existente entre os hipogeus da Barrada e Igreja Nova em Aljezur, está presente arquitectonicamente, mas não a nível de material arqueológico.

O material recolhido no hipogeu da Barrada, para além de ser reduzido, apresenta características bastante arcaizantes. Foram recolhidos elementos de pedra polida e lascada. A cerâmica apesar de presente estava apenas representada por dois fragmentos. Foi ainda recolhida uma pulseira em concha *glycimeris*. A pedra lascada estava presente em número diminuto. Existem apenas 13 geométricos e três lâminas não retocadas. Um elemento de enxó foi recolhido perto de uma das deposições primárias, no entanto, não existem mais dados da associação de artefactos a inumações (Barradas *et al*, 2013, p. 410).

O hipogeu da Igreja Nova parece ser artefactualmente um prolongamento cronológico deste tipo de sepulcros. Se os materiais da Barrada parecem ser mais arcaicos, no caso do de Igreja Nova, estes correspondem ao espólio conhecido para as necrópoles neo-calcolíticas.

Enquanto na Barrada apenas estão presentes geométricos, neste destaca-se a presença de pontas de seta, lâminas e ainda três pontas foliáceas bifaciais. A pedra polida aparece representada num número considerável, constituída pela trilogia machados, enxós e goiva. Embora também aqui a cerâmica não seja frequente, aparece sob formas interessantes: um vaso lucernas e um vaso globular. Do conjunto foi recolhido um importante número de placas de xisto gravadas. Artefactos votivos que não estavam presentes na Barrada, mas sim em Monte Canelas.

Aparentemente os hipogeus algarvios não fornecem grande número de espólio e Monte Canelas segue a tendência, tendo sido recolhidos alfinetes, contas de colar, elementos de pedra polida e lascada. Regista-se aqui um padrão artefactual em deposições de indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino, em três casos. As duas mulheres, uma com menos de 60 anos e outra com mais de 30, detinham uma lâmina de sílex e dois alfinetes de cabelo junto ao crânio. A primeira detinha uma conta discoidal junto do úmero direito e a segunda, uma enxó junto da região dorsal. Para o elemento masculino, foi detectada apenas uma lâmina de sílex junto às mãos (Silva, 1997, p. 246)

O hipogeu 1 da Torre forneceu algum material, mesmo depois de ter sido espoliado. Foi possível recuperar um fragmento de mó e seixo rolado, quatro pontas de seta, um fragmento de lâmina, um furador em osso e duas contas em xisto. O elemento mais interessante é efectivamente, um vaso de pequenas dimensões com vestígios de ocre no seu interior (Berdichewsky, 1964, p. 61-62). Quanto ao hipogeu 2 não foram recolhidos materiais.

Nos hipogeus de Torre de Frades, Estácio da Veiga encontrou ainda artefactos em pedra polida, que se encontravam na área central do sepulcro 1, fragmentos cerâmicos, lascas, pontas de seta, lâminas e placas. Salienta-se a presença de um esferóide calcário. Foi, no entanto, a chegada de um vaso de suspensão ao Museu do Algarve vindo deste sepulcro, que levou Estácio da Veiga à procura do sepulcro (Berdichewsky, 1964, p. 64-65, Veiga, 2005, p. 282-283). Sobre o hipogeu de Pêra, apenas existe a indicação da recolha de ídolos betilos (Cardoso, 2002).

Apesar de cada vez existirem dados mais concretos sobre as diversas tipologias sepulcrais, as repostas parecem ser mais difíceis de obter. Durante o 4º e 3º milénios a.n.e. são usadas antas, grutas naturais, grutas artificiais e *tholoi* para depositar os mortos. As antas detém uma curta utilização no tempo, ao contrário das grutas naturais, que são os locais onde em todos os períodos cronológicos se conhecem deposições (Gonçalves, 2009). Se nos monumentos ortostáticos (numa primeira fase) estes são de reduzidas dimensões e contêm poucos inumados, nos hipogeus alentejanos acontece o mesmo. No entanto, são locais que ainda não possuem datações e algum material parece indicar cronologias calcolíticas. Poderia no caso dos hipogeus ter funcionado de forma inversa às antas? Poderiam os hipogeus do Neolítico-final ter dado continuidade às antas, no sentido em que foram bem aceites? Se os hipogeus construídos numa fase inicial da sua adopção ,enquanto monumento funerário, detém maior número de inumados, a fraca quantidade de inumados (aparentemente calcolíticos) do Alentejo corresponde ao

abandono destas estruturas? Será a cronologia de construção destes sepulcros ainda mais curta do que se julga? Quando foram efectivamente deixados de construir? Por serem estruturas bastante populacionadas a percepção desta ideia é difícil. Teriam de se datar todos os indivíduos presentes em cada hipogeu para analisar o decréscimo de utilização do sepulcro. Ainda assim, talvez esta não seja a solução, pois os intervalos de tempo fornecidos pelas datações rádio-carbono são muito longos.

## **9. Regresso ao passado: Conclusões sobre o hipogeu das Lapas**

Estudar um sítio arqueológico não é unicamente contar e medir. É interpretar as comunidades nas suas actividades quotidianas. É recuperar e traduzir gestos físicos, que provém de crenças espirituais. Nos casos funerários, como bem se sabe, e já tantas vezes foi repetido, trata-se de interpretar mais os vivos que propriamente os mortos. No entanto, também esses vivos se tornaram mortos, possivelmente sujeitos a rituais diferentes, daqueles que eles outrora exerceram com os seus entes queridos. É esta evolução que mais que a arqueologia, nós, desejamos entender. O desconhecimento praticamente total, de povoados do Neolítico e Calcolítico na área do Maciço Calcário Estremenho, não deixa de ser estranho. O número de sepulcros naturais e artificiais reunidos numa área tão restrita, é bastante elevado. Não deixa de ser difícil perceber a necessidade de construção de sepulcros artificiais, quando na região as grutas naturais abundam em larga escala.

Através das fotografias que Manuel Heleno tirou do sepulcro e algumas estruturas agregadas (como o corredor), é possível, de certo modo, reconstituir a provável arquitectura do monumento.

Como tal, seria uma estrutura circular escavada no tufo calcário. Não seria muito alta, já que, pelas fotografias é possível reconhecer o arranque da cúpula. O corredor, estreito, de pequenas dimensões, conduziria ao interior do sepulcro. O hipogeu estaria associado a silos. No entanto, ficou por perceber se seriam silos de época neolítica ou islâmica. Importa mencionar que no hipogeu das Lapas, apareceram sete contas em osso polido características de época islâmica e ainda um botão em ferro. É óbvio que o sepulcro sofreu intrusões, embora não seja possível perceber de que modo ou como se processaram. Aparecem ainda de época Romana, duas contas em vidro e uma pedra de anel. O restante conjunto artefactual é bastante homogéneo traduzindo uma utilização do sepulcro desde o Neolítico final, até inícios do Calcolítico inicial.

Embora a presença de geométricos pudesse sugerir um certo arcaísmo, a verdade é que, este tipo de surgimento, ainda em sepulcros do Neolítico final, não é raro. A análise das lâminas procurou novas abordagens. Nas Lapas existe uma maior execução de lâminas por percussão. No entanto, em várias delas, foi possível observar uma proximidade das características à técnica de pressão, neste caso, desmascaradas pelo talão. Seria fácil de pensar que lâminas elaboradas sobre pressão seriam de maiores dimensões, justamente com o intuito de constituírem ofertas funerárias. No entanto, a

realidade é que o mundo quotidiano e o funerário acabam por se misturar. Já longe está a ideia de que apenas constituem ofertas votivas artefactos nunca utilizados. A análise traceológica realizada às lâminas das Lapas, comprova isso mesmo. Uma delas demonstrou uso em matérias vegetais macias e outra em corte de osso/haste. Apesar de, nenhuma destas ter sido elaborada por pressão (o que provaria que, também lâminas deste tipo seriam utilizadas em contexto habitacional), estes vestígios testemunham uma oferta votiva, com um percurso anterior.

Também em pedra lascada, a maioria das pontas de seta aponta para cronologias do Neolítico final. No entanto, salienta-se a presença de duas já mencionadas, pontas de seta de pequenas dimensões (sem retoques na área central). A realidade é que pela fina espessura das mesmas, o artesão poderia ter optado por não retocar a totalidade da peça, mas, poderá também corroborar uma cronologia mais antiga. É uma questão de difícil resposta, neste caso específico. No entanto, fica a questão. Interessante é também a presença de duas pontas de seta em osso. Inicialmente confundidas como calcário, pelo seu estado de má preservação pós deposicional, certo é, que, constituem um interessante reaproveitamento de matéria óssea, reforçando o significado atribuído às mesmas.

Em relação à pedra polida a presença maioritária de machados de secções quadrangulares e rectangulares, testemunha uma utilização do sepulcro a partir do Neolítico final. Destaca-se a presença de uma goiva de pequenas dimensões. Este tipo de artefacto ainda não fornece certezas cronológicas, contudo, sabe-se que, têm de facto maior representatividade em contextos sepulcrais que em habitacionais. O paralelo mais directo para este artefacto é também o idêntico encontrado na Lapa da Galinha (Alcanena).

O hipogeu das Lapas segue uma tendência amplamente verificada nos hipogeus Alentejanos. A escassez cerâmica necessita de ser compreendida. Não há dúvidas que se trata de uma preferência de quem sepulta. No entanto, qual a razão? Na área, existem diversos sepulcros com abundante cerâmica. No entanto, apesar de não conter muitos elementos cerâmicos, o sepulcro forneceu dois vasos elípticos que mereceram especial atenção desde que foram descobertos. Assinala-se assim que nas Lapas, existem pelo menos quatro tipologias de artefactos, pouco comuns: uma placa de xisto gravada com motivo oculado, enxó encabada em calcário, dois lagomorfos em pedra verde e dois vasos elípticos.

As placas de xisto gravadas, presentes nas Lapas, atestam a aparente facilidade de comunicação entre os diversos grupos populacionais, quer fosse através da movimentação de grupos ou de um indivíduo. Neste caso, estas evidenciam bem o acolhimento da crença inerente às placas de xisto, demonstrando a relação com o complexo mágico-religioso do Alentejo.

No entanto, o mundo do sagrado presente nas Lapas, mostra não só conexão exterior com a área Alentejana, mas também se insere no universo mágico-religioso da Estremadura. Esta ligação encontra-se atestada pela presença de uma enxó encabada em calcário, tipo de artefacto votivo de calcário, que apenas surge no território da

Estremadura Portuguesa. Apesar de não se assemelhar muito às restantes, não deixa de ser interessante a tentativa de criação de um artefacto dentro dos moldes conhecidos. Atitude que demonstra mais uma vez as ligações existentes

Estes artefactos parecem demonstrar uma ligação directa do homem à natureza envolvente. Embora alguns não se pareçam efectivamente com coelhos, como o exemplar geminado das Lapas, sobre o qual partilho da opinião de Manuel Heleno (parece mais um suíno, neste caso dois). Nas Lapas, os dois são em pedra verde, o que acentua o valor atribuído aos artefactos, sendo o único local onde os dois coelhos são elaborados em pedra verde. Sobre o real significado destes e a sua relação com a roupagem, ainda não existem certezas. Certo é que na área envolvente não existem mais coelhos, conferindo ao sepulcro um simbolismo acrescido.

Nos elementos de adorno destaca-se um conjunto de contas sobre materiais distintos. Uma conta de forma pouco comum, elaborada sobre azeviche reforça o valor atribuído às matérias-primas na hora de oferecer. Sendo uma matéria que não abunda, e que é específica de ambientes marítimos costeiros, revela só por si, ser um possível elemento de troca. O mesmo acontece com uma série de cerca de cinco contas elaboradas sobre concha. Tanto as conchas como o azeviche implicariam contactos com a zona costeira, da área de Torres Vedras. O mais curioso é que na região do Maciço Calcário Estremenho diversos sepulcros têm contas de colar elaboradas sobre concha. Isto demonstra não só frequentes contactos entre a área costeira e o Maciço Estremenho, bem como o valor atribuído a esta matéria-prima.

O sepulcro localiza-se numa área próxima de fontes de aprovisionamento de matéria, como sílex, quartzo, calcite e calcário, pelo que, será fácil supor que as trocas efectuadas tinham estes materiais como base. Nas Lapas encontram-se também contas em calcite.

Relativamente ao dente de *canis*, é interessante verificar que se trata efectivamente de uma crença comum, presente um pouco por todas as necrópoles neo-calcolíticas do país.

Ao mesmo tempo que o hipogeu das Lapas apresenta semelhanças com sepulcros desta cronologia, é possível afirmar que, também apresenta particularidades, como já se mencionou. É extremamente interessante e necessário, observar e criar relações entre os diversos hipogeus distribuídos pelo país.

Se a arqueologia exercida em contexto de obras de grande envergadura nos traz grandes vantagens, também grandes são as desvantagens. A maior parte dos sítios acaba por ficar inédito e sem publicação. É possível observar, que nas fichas de sítio elaboradas sobre todos os locais com hipogeus, a maior parte (hipogeus Alentejanos), apresenta bibliografia referente a relatórios de escavação. Procurou-se junto da empresa EDIA uma listagem destes locais. No entanto, muitos deles que efectivamente existem, não foram mencionados. As descrições no *Portal do Arqueólogo* são completas, mas a filtragem do conteúdo por vezes não revela o verdadeiro sítio arqueológico, sendo impraticável a observação de sítio a sítio. Neste sentido foram aqui mencionados todos os locais que foram passíveis de serem “redescobertos”.

A segunda parte tenta relacionar arquitecturas, deposições funerárias e espólio, dentro de cada área geográfica e áreas entre si.

É com esta análise global que nos apercebemos da dimensão do hipogeísmo no nosso país e da existência de uma relação de proximidade/distância entre áreas. Mesmo mal conhecida, a área Alentejana não deixa de ser um elo entre a Estremadura e Algarve, que apresenta as suas próprias particularidades. Sobre o futuro das estruturas hipogeicas portuguesas espera-se que muitos dos responsáveis publiquem efectivamente sobre os sítios escavados de forma a preservar informação. Lamentável é também o facto de muitas serem destruídas perante as obras de grande envergadura. Estruturas como as do Casal do Pardo, Alapraia ou Carenque, preservadas ao longo do tempo, fornecem ainda informação a quem a procura. Informação que ainda se pode obter ao contrário das já destruídas. A evolução da sociedade tem de passar pela necessidade de preservação imediata do nosso património, independentemente do período cronológico a que este se reporta. Para uma melhor percepção do enquadramento arqueológico do hipogeu das Lapas é necessário um estudo dos sítios arqueológicos, já conhecidos, envolventes, algo que actualmente ainda não existe. Espera-se que a evolução da ciência possa também trazer novos contributos para o conhecimento do hipogeu das Lapas.

## 10. Referências Bibliográficas e Cartografia

ALMEIDA, F. de e FERREIRA, O. da V. (1959a) – Antiguidades de Torres Novas: II Parte – Estação pré-histórica das Lapas. *Guimarães*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. Vol.69, p.501-510.

ALMEIDA, F. de e FERREIRA, O. da V. (1959b) – Os vasos de boca elíptica do Museu de Torres Novas. *Actas do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. 1, p. 231-234.

ALMEIDA, F. de e FERREIRA, O. da V. (1966) – Estação pré-histórica de Pragais – Alcaria (Porto de Mós). *Lucerna*. Porto: Secretaria de Estado da Cultura. Série 2, vol.I, p. 219-226.

ANDRADE, M. A. (2014) – Pequenos sítios, objectos perdidos, artefactos sem contexto. 2. Antas inéditas do grupo megalítico Crato-Niza (anta das Romeiras e Anta da Ferranha). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Património Cultural. Vol.17, p. 61-94.

ANDRADE, M. A. (2014b) – Sobre os conjuntos de artefactos de Pedra Polida das áreas de Benavila e Ervedal (Avis, Portalegre). *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2ª Série, nº19 (Tomo I),p. 92-105.

ANDRADE, M. A. (2015) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 2: As placas votivas da “necrópole megalítica” das Lapas (Torres Novas) e o hipogeísmo na Alta Estremadura. *Nova Augusta*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. 27,p.293-322.

ANDRADE, M. A.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (2010) – Contributo para a definição das práticas funerárias neolíticas e calcolíticas no Maciço Calcário Estremenho. 1: Estudo morfo-tipológico de duas placas de xisto gravadas provenientes da gruta da Buraca da Moura da Rexaldia

(Chancelaria, Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas: Câmara Municipal de Torres Novas. 2ª Série, 22,p.239-259.

BARBOSA, E. (1956) – O Castro de Ota (Alenquer) .*O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos. Série,2, Vol. 3,p.117-124.

BARGÃO,P.; MONGE SOARES, A. (2015) – Pisões 5: um sítio de fossas nos barros de Beja. *VII Encuentro de arqueologia del Suroeste Peninsular*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche,p.65-87.

BARRADAS, E. ; SILVÉRIO, S.; SILVA, M. J. D.; SANTOS, C. (2013) – O hipogeu da Barrada: um monumento funerário do neolítico final/ calcolítico inicial em Aljezur. *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses,p.407-415.

BARROS, L.; ESPÍRITO SANTO, P. (1997) – Gruta artificial de S.Paulo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. Vol.11-12, p. 217-220

BELO, R., TRINDADE, L. e FERREIRA, O. da V. (1961) – Gruta da Cova da Moura (Torres Vedras). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. p. 391-418.

BERDICHEWSKY, B. (1964) – *Los enterramientos en cuevas artificiales del Bronce Hispánico*. Madrid: Biblioteca Praehistorica Hispana. Vol. VI.

BOAVENTURA. R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Vol. I,II

BUBNER, T. (1979) – Restos humanos dos hipogeus do Casal do Pardo (Palmela). *Ethnos*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia. Vol.8, p.87-105.

BUBNER, T. (1986) – Restos humanos de Carenque. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia . Série 4, nº4,p.91-148.

GAGO, A. B.; MARTINHO, C. ; RAPOSO, L. (2013) – *Manuel Heleno: fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Câmara Municipal de Cascais. Departamento de Planeamento e Participações e Divisão de Ordenamento e Planeamento do Território (2015) - *Plano Diretor Municipal [Revisão] – Regulamento*. [Consultado a 15 Março de 2016]. Disponível em [www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/new/1\\_regulamento\\_0.pdf](http://www.cascais.pt/sites/default/files/anexos/gerais/new/1_regulamento_0.pdf).

CARDOSO, G. (1991) - *Carta Arqueológica do concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

CARDOSO,J.L. (1995) -Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) .*Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Nº5,p.233-241.

CARDOSO, J. L (1996) – Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.6, p.91-106.

- CARDOSO, J. L. (1996b) – Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (oeiras) : Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Cascais. Nº 6,p.107-119.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) – Os artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Nº8,p.241-324.
- CARDOSO, J. L (2001/2002) – Os esferóides de calcário do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e suas possíveis finalidades. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.10, p.77-88.
- CARDOSO, J. L (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do Calcolítico do sul Peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, Nº.20, p.61-76.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Polishes stone tools. CARVALHO,A. F. (eds) – Bom Santo Cave (Lisbon) and the middle Neolithic Societies of Southern Portugal. *Promontória Monográfica*. Faro: Universidade do Algarve. Nº 17,p.185-194.
- CARDOSO, J. L.; MONTEIRO, R.; FERREIRA, O. Da V.; COELHO, A. V. P. ; GUERRA, F.; GIL, F. B. ; PAIS, J.. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.9-10, p.89-226.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1995) – Cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura Portuguesa. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 2ª Série, nº4, p.10-13
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. Da, V.; NORTH, C. T. (1995) – O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Nº 5,p.97-122.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. Da V.; CARREIRA, J. R. (1996) – O espólio das grutas naturais da Senhora da Luz (Rio Maior). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.6, p.195-256.
- CARDOSO, J. L.; NORTON, J.;CARREIRA, J.R. (1996) – Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.,nº6,p.287-299.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. Da, V.; NORTH, C. T. ; NORTON, J.; MEDEIROS, J.; FIALHO de SOUSA, P. (1996b) – o Monumento pré-histórico de titularia, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.6, p.135-193.
- CARDOSO, J. L.; CANINAS, J. C.; HENRIQUES, F. (2003) – Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova) . *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº 21,p.151-207.
- CARDOSO, J. L.; FERREIRA, O. Da, V.; ZBYSZEWSKI, G. ; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; BERGER. F. (2003) – A gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Nº 11,p.229-321.
- CARDOSO, J. L.; CARREIRA. J. R. (2003) – O Povoado calcolítico do Outeiro de São Mamede (Bombarral): estudo do espólio das escavações de Bernardo de Sá (1903/1905). *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara municipal de Oeiras. Vol.11,p.97-228.

CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. (2008) – A gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do neolítico no território português. *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara municipal de Oeiras. Vol.16,p.269-300.

CARDOSO, J. L.; CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A gruta da Furninha (Peniche): estudo das necrópoles neolíticas. *Estudos arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.18,p.333-392.

CARREIRA, J. R. (1996) – A necrópole megalítica das Lapas (Torres Novas). *Nova Augusta*. Torres Novas: Biblioteca Municipal de Torres Novas. Série 2,nº.10, p. 51-90.

CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L (1990) – O espólio arqueológico da Lapa do Saldanha - Pernes. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.10, p.163-166.

CARREIRA, J. R.; CARDOSO, J. L (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Óbidos) e a sua ocupação pós-paleolítica. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. Tomo 76, p.249-362.

CARVALHO, A. (2005) – A Arqueologia Pré-Histórica do Concelho de Cascais: Breve enquadramento histórico. (coord. GONÇALVES, V. S.) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara municipal de Cascais,p.197-207.

CARVALHO, A. F. (1998) – *Talhe da pedra no Neolítico antigo do Maciço Calcário das Serras d’Aire e candeeiros (Estremadura Portuguesa). Um primeiro modelo tecnológico e tipológico*. Lisboa: Colibri.

CARVALHO, A. F. (2003) – O Neolítico Antigo no Arrife da Serra d’Aire: um case-study da neolitização da média e alta Estremadura. GONÇALVES, V. S. (ed.) – *Muita gente, poucas antas?*.Lisboa:Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia,25),p.135-154.

CARVALHO, A. F. (2008) – A Neolitização do Portugal Meridional. Os exemplos do Maciço Calcário Estremenho e do Algarve Ocidental. *Promontória Monográfica*. Faro: universidade do Algarve. Nº12.

CARVALHO, A. F. (2013) – Estudo do espólio funerário em pedra lascada da necrópole de Hipogeus neolíticos de Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja). António Valera (Coord.) – *Sobreira de Cima: Necrópole de Hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja). Era Monográfica*. 1,p.71-86.

CARVALHO, A. F.; GIBAJA, J. F. (2005) – Talhe da pedra no Neolítico Antigo do Maciço Calcário Estremenho (Portugal) : matérias-primas, tecnologia e análise funcional. *III congresso del Neolitico en la Península Ibérica*. Santander: Universidade da Cantabria. p.373-381.

CARVALHO, A.F.; ANTUNES-FERREIRA, N.; VALENTE, M. J. (2013) – A gruta-necrópole neolítica do Algar do Barrão (Monsanto, Alcanena). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia e Ministério da Cultura. Vol.6,nº.1,p.101-119.

CARVALHO, A. F. ; CARDOSO, J. L. (2010/2011) – A cronologia absoluta das ocupações funerárias da Gruta da Casa da Moura (Óbidos). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Vol.18, p.333-392.

CARVALHO, A. F.; GIBAJA, J. F. (2014) –Knaped stone tools. CARVALHO, A. F. (eds.) – *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal. Promontória Monográfica*.Faro: Universidade do Algarve. Nº17,p.173-184.

- CARVALHO, A. M. (2005) – *Geologia Sedimentar. Volume II – Sedimentologia*. Lisboa: Âncora.
- CONTU, E. (2000) – L'ipogeismo dela Sardegna Pré e Protohistorica. *Actas do Congresso L' ipogeismo nel Mediterraneo. Origini, Sviluppo, quadri Culturali (Sassari, 1994)*. Sassari. Vol. 1, p.313-368.
- CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavía (Alentejo – Portugal)*. Edições Colibri.
- CRUZ, A.; GRAÇA, A.; OOSTERBEEK, L.; ALMEIDA, F.; DELFINO, D. (2013) – Gruta do Morgado Superior. Um estudo de caso funerário no Alto Ribatejo (Tomar, Portugal). *Vínculos de História*. Nº.2 ,p.143-168.
- CHAPMAN, R. (1991) – *La formación de las sociedades complejas: El sureste de la península ibérica en em marco del Mediterráneo occidental*. Barcelona: Crítica.
- DETRY e CARDOSO, (2010) – On some remains of dog (canis familiaris) from the Mesolithic shell-middens of Muge, Portugal. *Journal of Archaeological Science*. Vol. 37 ,p. 2762-27774.
- DINIZ, M. (2007) – O sítio da Valada do Mato (Évora): aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa: IPA. Nº.48.
- FERNANDES, J. P. (2012) – *Tufos Calcários associados aos terraços quaternários do Almonda: Lapas e abrigos escavados no tufo. Caso particular das Grutas de Lapas*. Torres Novas. Não Publicado.
- FERNANDES, P. Q. (2013) – *Os hipogeus de Vale de Barrancas 1 (Beringel, Beja). Práticas funerárias e análise dos restos ósseos humanos exumados*. Coimbra. Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Coimbra.
- FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T. (2012) – Carta Arqueologica do Concelho de Palmela. *Palmela Arqueológica no contexto da região interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Município de Palmela, p.11-24.
- FERNANDES, I. C. F e SANTOS, M. F. (2014) – Trabalho Arqueológicos (Prospecção) na região de Palmela e Setúbal. Relatório Final. Município de Palmela, p.288.
- FERREIRA, O. da, V. (1966) – *La culture du vase campaniforme au Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal. Nova Série, nº12.
- FERREIRA, O. da, V. (1970a) – As grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*. 3ª série, nº.73-74, p.177-187.
- FERREIRA, O. da, V. (1970b) – Alguns objectos inéditos, bastante raros, da colecção do Professor Manuel Heleno. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 3, nº.4, p.163-174.
- FERREIRA, O. Da, V. ; NORTH, C.T.; LEITÃO, M. (1977) - O espólio arqueológico das grutas da ribeira dos Crastos (Caldas da Rainha) . Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Tomo 61, p.5-11

FERREIRA, A.R.; LEISNER, V.; FERREIRA, O. Da, V. (1961) – Monumentos megalíticos de Trigache e de A-da-Beja. *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos. Tomo XLV, p.297-337.

FURTADO, A. ; MAURICIO, A. Da S.; CORTES, V.; MONTEIRO, J. De A. (1969) – A Lapa do Suão (Bombarral). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série3, vol.3, p.63-69.

FRANÇA, J. C.; FERREIRA, O. Da V. F. (1958) – Estação pré-histórica da Samarra (Sintra) . *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa: Serviços Geológicos. Tomo 39, fasc.3-4, p.61-86

GALAN, R. E. (1988) – Análisis de las Cuevas Artificiales en Andalucía y Portugal. Sevilla: Colegio Universitario de la Rábida.

GIBAJA, J. F. (2009) – La reutilización de los instrumentos de sílex. Algunos ejemplos documentados en yacimientos neolíticos de la Península Ibérica. *Saldvie*. Estudios de Prehistoria y arqueología. Zaragoza: Departamento de Ciencias de La Antigüedad Universidad de Zaragoza. N°9, p.23-35

GIBAJA, J. F. ; TERRADAS, X. (2008) – Los restos líticos tallados de la necrópolis de Can Gambús 1 (Sabadell, Barcelona): primeros resultados del análisis tecnológico y funcional. *IV Congreso del Neolítico Peninsular*. Alicante: MARQ. Tomo II, p.178-183.

GONÇALVES, V.S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaça*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.

GONÇALVES, V.S. (1989) – Manifestações do Sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular: 1. Deusa(s)- Mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*. Portalegre: Câmara Municipal de Montemor-o-Novo. Vol. 7., p.289-303.

GONÇALVES, J. L. (1992) – Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Monte Redondo – Torres Vedras). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 247-276.

GONÇALVES, V.S. (1992) – Revendo as Antas de Reguengos de Monsaraz. *Cadernos da Uniarq*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Vol. 2.

GONÇALVES, V. S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Lisboa: IPA.

GONÇALVES, V. S. (2001) – A Anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa IPA. Vol.4, n°2, p.115-206.

GONÇALVES, V. S. (2003) – Sítios, «Horizontes» e Artefactos: Estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. Cascais: Câmara Municipal de Cascais

GONÇALVES, V. S. (2004a) – Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente peninsular. 5. O Explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e.. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. Vol.7, n°1, p.165-183.

GONÇALVES, V. S. (2004b) – As deusas da noite: o projecto «Placa Nostra» e as placas de xisto gravadas da região de Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. IPA. Vol.7, n°2, p.49-72.

GONÇALVES, V. S. (2005) – *As placas de xisto gravadas dos sepulcros colectivos de Aljezur (3º milénio a.n.e.)*. Aljezur: Câmara Municipal de Aljezur.

GONÇALVES, V. S. (2005b) – Cascais há 5000 mil anos. Tempos, símbolos e espaços da morte das antigas sociedades camponesas. (coord. GONÇALVES, V. S.) – *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara municipal de Cascais, p.63-195.

GONÇALVES, V. S. (2008) – *As ocupações pré-históricas das furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, Uniarq.

GONÇALVES, V. S. (2008b) – *A utilização pré-histórica da gruta de Porto Covo (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S. (2009) – Construir para os mortos. Grutas artificiais e antas na Península de Lisboa. Algumas leituras prévias. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Vol.17, p. 237-260

GONÇALVES, V. S. (2013) – No limite oriental do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. *Memórias D'Oriana. Estudos arqueológicos do Alqueva*. 2ª Série. Évora: EDIA.

GONÇALVES, V. S.; MARTINS, A. R. (1974/77) – Considerações sobre o espólio neolítico da Gruta dos Carrascos (Monsanto, Alcanena). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. Série III, Vol.7-9, p.49-87.

GONÇALVES, V.S.; TREINEN-CLAUSTRE, F.; ARRUDA, A. M. (1981) – Anta dos Penedos de S. Miguel (Crato). Campanha 1 (81). *CLIO*. Lisboa: Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa. Vol.3, p.153-164.

GONÇALVES, V. S. ; PEREIRA, A.; ANDRADE, M. (2003) – A propósito do reaproveitamento de algumas placas de xisto gravadas da região de Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº 21, p.209-244.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. ; PEREIRA, A. (2004) – As placas de xisto gravadas das grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque) e da necrópole das Baútas (Mina, Amadora). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série IV, nº22, p.113-162.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M.; PEREIRA, A. (2004a) – As placas de xisto gravadas da gruta artificial S. Paulo 2 (Almada). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPPAR. Vol. 7, nº2, pp.73-96. e *Arqueologia*, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.

GONÇALVES, V. S., ANDRADE, M.A.; PEREIRA, A. (2005) – As notáveis placas votivas da anta de Cabacinheiros (Évora). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IPA. Vol.8, nº1, p.43-110.

GONÇALVES, V. S.; ANDRADE, M. ; PEREIRA, A. (2014) – As placas votivas (e o báculo) da Lapa da Galinha, no 3º milénio a.n.e. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.21, p.129-158.

HELENO, M. (1933) – *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa, p.5-25.

HELENO, M. (1935a) – *Relatório da primeira visita à necrópole das Lapas (Torres Novas) [Manuscrito]*. Acessível na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. – *Escavações em Carenque. Gruta IV*. [Manuscrito]. 1935. Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. (1935b) – *Necrópole das Lapas (Torres Novas)* [Manuscrito]. Acessível na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.

HELENO, M. (1939) – *Gruta artificial de Ermegeira e outras antiguidades da região de Torres Vedras (lapas). Grutas da Quinta das Lapas*. [Manuscrito]. Acessível na biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa. Arquivo Manuel Heleno.

ISIDORO, A. F. (1963) – A Lapa do Bugio (necrópole pré-histórica da Azóia). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Vol.19, fasc. 1,p.69-71.

JALHAY, E. (1947) – A alabarda de sílex do Casal da Barba Pouca (Mação) e a expansão das lanças e alabardas líticas em Portugal. *Brotéria*.Lisboa.Vol.44, fasc.1,p. 36-56.

JALHAY, E.; PAÇO.A. (1941) – A gruta II da Necrópole de Alapraia. *Anais* .Lisboa: Academia Portuguesa da História. Vol. 4,p.107-140.

JALHAY, E.; PAÇO.A. (1945) – El Castro de VilaNova de San Pedro. *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço (1929-1968)*.Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. II,p.183-266.

JORDÃO, P.; MENDES, P. (2006-2007) – As grutas artificiais da Estremadura Portuguesa: uma leitura crítica das arquitecturas. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Série 12,Vol.58-59,p.43-78.

KATINA, T. L. ; ARTZ, J. A. ; WATERMAN, A. J. ; MACK , J.; THOMAS, J. T.; TRINDADE, L.; LUNA, I. (2014) – The rock-cut tombo f bolors (Torres Vedras): na interdisciplinar approach to understanding the social landscape of the Late Neolithic/Coper Age of the Iberian Peninsula. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Cientificas. Vol.71, nº2, p.282-304.

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A. C. ; ALBERGARIA, J.; ALMEIRDA, F. ; CARVALHO, A. F. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): Dados preliminares dos trabalhos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Vol.1,no1,p.45-152.

LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) – *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz: materiais para o estudo da cultura megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, G. ; LEISNER, V. (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschugen Band 1/3. Berlin.

LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter (Madrider Forschugen Band 1/3. Berlin.

LEISNER, V; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da, V. (1969) – *Les Monumentos préhistoriques de Praia das Maças et de Casainhos*. Lisboa: serviços Geológicos de Portugal. Memória nº16, Nova Série.

- LOPES, A. T. (2016) – *O 4º e o 3º milénio a.n.e. no sítio da Ota (Alenquer). Perscrutando por entre colecções antigas e projectos recentes*. Lisboa. Tese orientada pela Prof. Drª Ana Catarina Sousa, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MACHADO, J. L.S. (1964) – Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Série 2, Vol.5, p.51-446.
- NATIVIDADE, M. V. (1093) – Grutas de Alcobaça: materiais para o estudo do homem. *Portvgália*. Porto: Instituto de Arqueologia. Tomo I, fasc.3, p.434-474.
- OLIVEIRA JORGE, V. (1984) – Problemática do Megalitismo do Norte de Portugal. *Actas de la Mesa Redonda sobre Megalitismo Peninsular*. Madrid: Dirección General de Bellas Artes, p.33-44.
- OLIVEIRA, J. (1999/2000) – A anta da Tapada de Matos – Castelo de Vide: Intervenção Arqueológica no corredor. *IBN Maruan*. Marvão: Câmara Municipal de Marvão. Edições Colibri. Nº 9-10, p. 239-260.
- PAÇO, A. (1954) – Padre Eugénio Jalhay. *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol.5, p.31-66.
- PAÇO, A.; JALHAY, E. (1935) – As grutas de Alapraia: escavações de 1932 e 1934. *Brotéria*. Cascais: Junta de educação Nacional e Câmara Municipal de Cascais. Vol.21, fasc.2.
- PAÇO, A. do, BARTHOLO, M. de L.; BRANDÃO, A. (1959) – Novos achados arqueológicos das grutas de Cascais. *Actas e memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia ( Lisboa, 1958)*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol. 1, p.147-159.
- PARREIRA, R. (1987/1988) – Inventário do património arqueológico e construído do concelho de Vila Franca de Xira, Notícia da parcela 390-6. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira*. Nº 3, p.95-105.
- PARREIRA, R. (2010) – As placas de xisto gravadas do Hipogeu I de Monte Canelas (Alcalar). GONÇALVES, V. e SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p.399-240.
- PARREIRA, R.; SILVA, A. M. (2010) – Hipogeu I de Monte Canelas: caracterização antropológica dos enterramentos *in situ* e das conexões anatómicas. GONÇALVES, V. e SOUSA, A. C. (eds.) – *Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e.* Cascais: Câmara Municipal de Cascais, p.421-432.
- PARREIRA, R. ; SERPA, F. (1995) - Novos dados sobre o povoamento da região de alcalar (Portimão) no IV e III milénios a.C. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia. 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnologia. Nº35, fasc. 3, p.233-256.
- PASCUAL BENITO, J. L. (1998) – Las fuentes de matéria prima de los adornos de lignito prehistóricos de la vertiente mediterránea peninsular entre o Ebro y el Segura. *Rubricatum*. Gavà: Museu de Gavà. Nº,2, p.153-160.

- PELEGRIN, J. (1988) - Débitage experimental par pression: du plus petit au plus grand. *Technologie Préhistorique*. Notes et Monographies techniques. Paris: Éditions du CNRS. N°25,p.37-53.
- PELEGRIN, J. ; TIXIER,P. J. (2004) – Les techniques de taille de la pierre préhistorique. *La Tribologie*. França:Faton. N° 290,p.26-33 .
- PEREIRA, J. (2012) – Estudo Petrográfico de algumas rochas presentes em artefactos de pedra polida do Alto Ribatejo. *Comunicação apresentada ao congresso Arqueológico da Bacia Hidrográfica do Tejo*. Loures,p.1-28.
- RIBEIRO, C. (1880) – *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*. Lisboa: Typographia da Academia.
- ROCHA, A. dos S. (1908) – Silo Pré-histórico da Redinha. *Boletim da Sociedade Archeológica Santos Rocha*, TI, nº 7, p. 196-198.
- RAMÍREZ, P. B. ; BERMEJO, R. B. ; BEHRMANN, R. B. (2005) – Ritual campaniforme, ritual colectivo: la necrópolis de cuevas artificiales del Valle de las Higueras, Huecas, Toledo. *Trabajos de PreHistoria* .Madrid: Superior de Investigaciones Científicas. Departamento de Prehistoria. Instituto Español de Prehistoria. Vol. 62, nº 2,p. 67-90.
- RODRIGUES, M. Da C. M. (1986a) – *Código para a análise das placas de xisto gravadas do alto Alentejo. Nova estratégia para o tratamento de dados em Arqueologia*. Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide. Vol. II.
- RODRIGUES, M. Da C. M. (1986b) – *Estudo ideológico-simbólico das placas de xisto gravadas*. Alto Alentejo. Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide. Vol. II.
- SERRÃO, E. C. (1968) – A Lapa do Fumo: gruta na costa entre Sesimbra e o Cabo Espichel, onde os homens tumularam e habitaram durante milhares de anos. *Geographica*. Lisboa: Sociedade de Geografia de Lisboa. N°15,p.69-92.
- SILVA, A. M. (1997) – O hipogeu de Monte Canelas I. Contribuição da Antropologia de Campo e da Paleobiologia na interpretação dos gestos funerários do IV e III milénios a.C. *II Congresso de Arqueología Peninsular. Neolítico, Calcolítico y Bronce*. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques.Tomo II,p.241-248.
- SILVA, A. M. (1999) – A necrópole neolítica do Cabeço da Arruda (Torres Vedras, Portugal): os dados paleobiológicos. *Actes del II Congrès del Neolithic a la Península Ibérica*. Valencia: Department de Prehistoria de la Facultat de Geografia i Historia, p. 355-360.
- SILVA, A. M. (2002) – *Antropologia funerária e paleobiologia das populações portuguesas (litorais) do Neolítico final/Calcolítico*. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra (policopiada).
- SILVA, A. M. ; FERREIRA, M. T. (2007) – Os ossos humanos “esquecidos” da Praia das Maças. Análise antropológica da amostra óssea do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. *Conimbriga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Vol.46,p.5-26.
- SILVA, A.M.; BOAVENTURA,R.;PIMENTA, J.;DETRY, C.; CARDOSO,J.L. (2014) – Perscrutando espólios antigos: a gruta de Pedra Furada 1 (vila Franca de Xira). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. Vol.21,p.159-182.

- SIMÕES, C. M. (2003) – Carta Arqueológica do concelho de Cantanhede. 2º Relatório de Progresso. Relatório não publicado
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal / Assembleia Distrital de Setúbal.
- SOUSA, A. C. (2004) – A necrópole do Neolítico final de Pragais, Porto de Mós: velhos dados, novas leituras. *Arqueologia: Coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*. Catálogo. Instituto Português de Museus, p. 90-111.
- SPINDLER, K. (1971) – Eine kupferzeitliche siedlung vom Pico Agudo /Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg: Deutsches Archäologisches Institut Abteilung Madrid. Nº12,p. 51-71.
- SPINDLER, K. (1981) – *Cova da Moura*. Verlag Philip von Zabern (Madriider Beiträge,7). Mainz am Rhein.
- SÁ, M. C. M. (1959) – A Lapa da Galinha. *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Vol.1,p.117-128.
- THOMAS,J.T.; WATERMAN,A.J. (2013) – Down the rabbit hole: The significance of late Neolithic lagomorph figurines in anthropological perspective. *Archaeological Review from Cambridge*. Vol.28(2),p.113-131.
- URQUIJO, J. E. G.; ESTÉVEZ,J. J. I. (1994) – *Metodología de análisis funcional de instrumentos tallados en sílex*. Bilbao: Universidade de Deusto.
- VALERA, A. C. (2013) – *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus Beja) do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (ERA Monográfica, 1).
- VALERA, A. C. (2013a) – Aspectos do ritual funerário na necrópole da Sobreira de Cima (Vidigueira,Beja). *Sobreira de Cima. Necrópole de hipogeus Beja) do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. Lisboa: Núcleo de Investigação Arqueológica (ERA Monográfica, 1),p.47-62.
- VALERA, A.; NUNES, T.; COSTA, C. (2010) – Enterramento de canídeos no neolítico: a fossa 5 de Corça 1 (Brinches, Serpa). *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: NIA. Nº 5,p.1-17.
- VALERA, A. C.; COELHO, M. D. (2013) – A necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja): enquadramento, arquitecturas e contextos.*Sobreira de Cima: Necrópole de Hipogeus do Neolítico (Vidigueira, Beja)*. *Era Monográfica* . Lisboa:NIA. Nº.1,p.11-40.
- VALERA, A. C.; GODINHO, R.; CALVO, E.; BERRAQUERO,F. J. M; FILIPE, V.; SANTOS, H. (2014) – Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus. *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva. O Plano de Rega (2002-2010)*. Memórias d’Oriana. Évora: EDIA.
- VALERA,A.C; EVANGELISTA,L.;CASTANHEIRA,P.(2014a) – Zoomorphic figurines and the problema of human-animal relationship in the Neolithic and chalcolithic Southwest Iberia. *Menga*. Andaluzia: Consejera de Educación Cultura y Deporte Vol.5, p.15-41.

VALERA, A. C.; SANTOS, H.; FIGUEIREDO, M.; GRANJA, R. (2014) – Contextos funerários na periferia do Porto Torrão: Cardim 6 e Carrascal 2. *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva: O plano de rega (2002-2010)*. Memórias d’Oriana. Évora: EDIA. 2ª Série, p.83-95.

VASCONCELOS, J. L. De (1896) – Aquisições do Museu Municipal de Elvas. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Imprensa Nacional. Vol.2, nº.1,p.2-5.

VEIGA, S. F. M E. da, (2005) – *Antiguidades monumentais do Algarve. Paleoetnologia.Tempos pré-históricos*. Faro: Universidade do Algarve. Vol.1.

ZBYZEWSKI, G.; MANUPELLA, G. e FERREIRA, O. da V. (1974) - *Notícia explicativa da Folha 27-A. Vila Nova de Ourém*. Lisboa: Direção-Geral de Minas e Serviços geológicos/ Serviços geológicos de Portugal.

ZILHÃO, J. ; CARVALHO, A. F. (1996)- O neolítico do Maciço Calcário Estremenho: cronoestratigrafia e povoamento. *Rubricatum*. Gavà: Museo de Gavà. Nº.1, Vol.2,p.659-671.

ZILHÃO, J.; MAURÍCIO, J.; SOUTO, P. (1991) – A arqueologia da Gruta do Almonda (Torres Novas). Resultados das escavações de 1988-1989. *IV Jornadas arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p.161-181.

## **Relatórios**

BAPTISTA, L.; CUNHA, L. ; GOMES, S. (2010) – *Bloco de Rega do Pisão. Intervenção Arqueológica em Pedreira de Trigaches 2. Relatório Final*. Beja Arqueologia e Património.

BAPTISTA, L.; GOMES, S. (2011) – *Relatório Final – Bloco de rega Brinches – Enxoé. Intervenção arqueológica em Montinhos 6*.

BARREIRAS, N. T. (2013) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de rega de Pedrogão. Monte do Malheiro 2*.

BERRAQUERO, F. (2011) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de rega de Brinches (Fase de Obra , sub-bloco da Magoita) , C4. Ribeira de Pias 2*.

BORGES, N. (2011) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de rega de Brinches (Fase de Obra) Reservatório de Brinches Sul. Outeiro Alto 2 – Fase 2 , Núcleo A*.

CALVO, E. (2009) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do bloco de rega de Brinches (Fase de Obra), Sub-bloco da Magoita, C4. Monte de Cortes 2. Relatório dos trabalhos arqueológicos. [Não publicado]*.

CALVO, E. (2011) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de rega de Brinches (Fase de Obra , sub-bloco da Magoita) , C3/CP. Monte da Magoita 1*.

CARVALHO, A. F (2014) – *Convento do Carmo: Relatório Preliminar. Não Publicado*

FERNANDES, D. (2011) – Relatório de campo. Análise antropológica de uma amostra proveniente de Pisões 5, Beja. Relatório não publicado.

FIGUEIREDO, M. (2011) – *Minimização de Impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom (Fase de Obra). Sub-Bloco de Valbom, C3. Poço da Gontinha 1.*

FILIPE, V. (2011a) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Minimização de impactes sobre o património cultural decorrente da execução do Bloco de Brinches (Fase de Obra), Sub-bloco Cangueiros CP. Ourém 7.* Não publicado.

FILIPE, V. (2011b) – *Minimização de Impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra). Sub-bloco da Magoita, C7. Cadavais.*

MIGUEL, L. (2011a) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra). Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Sub-Bloco das Navegadas, C1. Monte Gargantas. Relatório não publicado.*

MIGUEL, L. (2011b) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de rega de Brinches (Fase de Obra , sub-bloco da Magoita) , C3. Zambujeira 1.*

MORÁ, E. (2002) – *Sondagens diagnóstico. Relatório dos trabalhos de terreno. Monte Canelas Lote 338. Relatório não publicado.*

NEVES, M. J. (2010) – Monte do Carrascal 2 – Trabalhos arqueológicos e antropológicos de minimização de impactes decorrentes do bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom – Fase de Obra. Não publicado.

NEVES, M. J. (2010a) – Monte do Carrascal 2 – Trabalhos arqueológicos e antropológicos de minimização de impactes decorrentes do bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom – Fase de Obra. Relatório final. Não publicado.

VALERA, A. C. ; BRAZUNA, S. (2010) – *Minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do bloco de rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom (Fase de Obra). Sub-bloco Ferreira, C3. Monte do Carrascal 2. Relatório dos trabalhos arqueológicos e antropológicos. Não publicado.*

SANTOS, P. (2012) – *Empreitada de Construção do adutor de Cinco Reis. Relatório das intervenções arqueológicas. Pisões 5. Arqueologia Empresarial. Relatório não publicado.*

NEVES, M. J. (2010) – *Monte do Carrascal 2 – Trabalhos arqueológicos e antropológicos de minimização de impactes decorrentes do bloco de Rega de Ferreira, Figueirinha e Valbom – Fase de Obra. Não publicado.*

FERNANDES, D. (2011) – *Relatório de campo. Análise antropológica de uma amostra proveniente de Pisões 5, Beja. Relatório não publicado.*

BAPTISTA, L. GOMES, S.; RODRIGUES, Z; VALE, N.; GRIOLO, J. ; MENDONÇA, R.; LUIS,L.; SARAIVA, A.; COSTA,R.;FERNANDES,S. E BAPTISTA,H. (2014) – *Trabalhos de minimização de impactes sobre o património cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Ervidel – Fase de Obra. Intervenção Arqueológica – Horta de Baixo. Relatório Final. Arqueologia e Património. Beja.*

## **Cartografia**

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2014) – Carta Militar de Portugal, folha nº329, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 374, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 401A, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 402, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 430, 1:25.000. 6º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 431, 1:25.000. 6º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2009) – Carta Militar de Portugal, folha 454, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2012) – Carta Militar de Portugal, folha 500, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2012) – Carta Militar de Portugal, folha 501, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2010) – Carta Militar de Portugal, folha 509, 1:25.000. 4º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2012) – Carta Militar de Portugal, folha 511, 1:25.000. 4º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2012) – Carta Militar de Portugal, folha 512, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2010) – Carta Militar de Portugal, folha 520, 1:25.000. 4º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2011) – Carta Militar de Portugal, folha 522, 1:25.000. 4º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2010) – Carta Militar de Portugal, folha 523, 1:25.000. 5º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) – Carta Militar de Portugal, folha 583A, 1:25.000. 3º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) – Carta Militar de Portugal, folha 585, 1:25.000. 3º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) – Carta Militar de Portugal, folha 594, 1:25.000. 3º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) – Carta Militar de Portugal, folha 600, 1:25.000. 3º Edição.

SCE – Serviço Cartográfico do Exército (2005) – Carta Militar de Portugal, folha 604, 1:25.000. 3º Edição.